

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Adriano da Silva Costa

A relação entre emoção e religião: Um estudo comparativo dos estados afetivos e das estratégias de regulação emocional utilizadas por religiosos e não religiosos.

São Paulo - 2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Adriano da Silva Costa

A relação entre emoção e religião: Um estudo comparativo dos estados afetivos e das estratégias de regulação emocional utilizadas por religiosos e não religiosos.

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social do Trabalho

Orientador: Prof. Dr. Wellington Zangari

São Paulo - 2023

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

da Silva Costa, Adriano

A relação entre emoção e religião: Um estudo comparativo dos estados afetivos e das estratégias de regulação emocional utilizadas por religiosos e não religiosos. / Adriano da Silva Costa; orientador Wellington Zangari. -- São Paulo, 2023.

337 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Emoções. 2. Regulação emocional. 3. Religiosidade. 4. Identidade Religiosa. I. Zangari, Wellington, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Adriano da Silva Costa

Título: A relação entre emoção e religião: Um estudo comparativo dos estados afetivos e das estratégias de regulação emocional utilizadas por religiosos e não religiosos.

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social do Trabalho

Orientador: Prof. Dr. Wellington Zangari

Aprovado em: ____/____/____

Orientador

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Banca examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

COSTA, A. de S. *A relação entre emoção e religião: Um estudo comparativo dos estados afetivos e das estratégias de regulação emocional utilizadas por religiosos e não religiosos*. 2023, 337 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia Universidade de São Paulo.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi comparar a frequência relatada de estados afetivos e estratégias de regulação emocional utilizadas por participantes religiosos e não religiosos e verificar um possível efeito mediador desses componentes afetivos em relação à satisfação com a vida. Baseado em estudos anteriores, a cultura religiosa pode ser uma fonte para a variação das estratégias de regulação emocional e dos estados afetivos. Sendo que dois estudos foram realizados para o desenvolvimento de instrumentos mais precisos: 1) tradução, adaptação e validação do Questionário de Regulação de Sistemas Emocionais (RESS); 2) Desenvolvimento de um *codebook* inclusivo sobre afiliação religiosa. Outros dois estudos foram realizados para responder o objetivo geral da pesquisa, incluindo: 3) um levantamento quantitativo e transversal, respondido por 940 participantes por meio de um formulário online com instrumentos validados para medir religiosidade, estados afetivos, estratégias de regulação emocional e outras variáveis como afiliação religiosa e dados sociodemográficos; 4) Um experimento conduzido em laboratório sobre regulação emocional em que os 68 participantes religiosos e não religiosos foram instruídos sobre duas técnicas de regulação emocional (distração e reavaliação cognitiva) e, logo em seguida, expostos a um conjunto de imagens de valência negativa de alta e baixa intensidade continuamente em que tiveram que escolher entre uma das duas estratégias ensinadas para diminuir o efeito emocional da imagem. Por meio das diferentes hipóteses testadas, foi possível perceber evidências de: Uma relação positiva entre a religiosidade e frequência de afetos positivos reportados pelos participantes; Um efeito mediador dos afetos positivos na relação entre religiosidade e satisfação com a vida; A existência de uma diferença entre participantes religiosos e não religiosos na frequência reportada da utilização da reavaliação cognitiva; A religiosidade parece afetar a frequência de reavaliação cognitiva e os afetos positivos, que, por consequência, afetam a satisfação com a vida, explicando o papel da reavaliação cognitiva na relação entre religiosidade e satisfação com a vida; Um possível efeito negativo da mudança de identidade religiosa na satisfação com a vida. Por fim, esse estudo pode possibilitar reflexões sobre um possível papel da religião na forma como os indivíduos vivenciam e regulam as emoções.

Palavras-Chaves: Emoções, Regulação emocional, Religiosidade, Identidade Religiosa.

COSTA, A. de S. *The relationship between emotion and religion: A comparative study of Affective states and emotional regulation strategies used by religious and non-religious people*. 2023, 337 p. Thesis (Doctorate) - Institute of Psychology, University of São Paulo

ABSTRACT

The aim of this research is to compare the reported frequency of affective states and emotion regulation strategies used by religious and non-religious participants and to verify a possible mediating effect of these affective components in relation to life satisfaction. Based on previous studies, religious culture may be a source of variation in emotion regulation strategies and affective states. Two studies were carried out to develop more accurate instruments: 1) Translation, adaptation and validation of the Regulation of Emotion Systems Survey (RESS); 2) the development of an inclusive codebook about religious affiliation. The other two studies were carried out to answer the general goal of this research: 3) One of them is a quantitative and cross-sectional survey answered by 940 participants through an online form with validated instruments to measure religiosity, affective states, emotional regulation strategies and other variables such as religious affiliation and sociodemographic data; 4) The other one is a experiment about emotion regulation in which 68 religious and non-religious participants were instructed on two emotion regulation techniques (distraction and cognitive reappraisal) and then exposed to a set of high and low negative valence images continuously in which they had to choose between one of the two strategies taught to decrease the emotional effect of the image. Through the different hypotheses tested, it was possible to perceive evidence of: A positive relationship between religiosity and the frequency of positive affects reported by the participants; A mediating effect of positive affects on the relationship between religiosity and life satisfaction; The existence of a difference between religious and non-religious participants in the reported frequency of cognitive reappraisal use; Religiosity seems to affect the frequency of cognitive reappraisal and positive affects, which, consequently, affect life satisfaction, explaining the role of cognitive reappraisal in the relationship between religiosity and life satisfaction; A possible negative effect of changing religious identity on life satisfaction. Finally, this study may allow reflections on a possible role of religion in the way individuals experience and regulate emotions.

Keywords: Emotions, Emotional regulation, Religiosity, Religious Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ilustração do modelo de processo componente de emoção.	44
Figura 2 - Modelo circunflexo Russell & Barrett.	47
Figura 3 - Determinantes do processo de regulação emocional em termos de intenção e escolha.	62
Figura 4 - Relação das estratégias de RE e os componentes da emoção.	65
Figura 5 - Gráfico referente a percepção dos participantes sobre a instrução original.	72
Figura 6 - Gráfico referente a percepção dos participantes sobre a escala de resposta.	73
Figura 7 - Gráfico referente a percepção dos participantes sobre o item 6.	74
Figura 8 - Gráfico referente a percepção dos participantes sobre o item 12.	75
Figura 9 - <i>Print Screen</i> do modelo de questão <i>autocomplete</i> utilizando o <i>codebook</i> .	120
Figura 10 - <i>Print Screen</i> do funcionamento do mecanismo de busca da questão utilizando o <i>codebook</i> .	120
Figura 11 - Estrutura do desenvolvimento do <i>codebook</i> no formato <i>xlsx</i> .	129
Figura 12 - Gráfico de barras sobre quantidade de participantes por instrumento.	166
Figura 13 - Projeção dos valores previstos para os afetos positivos de acordo com a religiosidade considerando a afiliação religiosa como fator aleatório.	170
Figura 14 - QQ plot dos resíduos do modelo hierárquico ($\text{panas_pa} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} \text{religious_community_crs})$).	171
Figura 15 - Projeção dos valores previstos para a reavaliação cognitiva de acordo com a religiosidade considerando a afiliação religiosa como fator aleatório.	176
Figura 16 - QQ plot dos resíduos do modelo hierárquico ($\text{ress_reappraisal} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} \text{religious_community_crs})$).	176
Figura 17 - QQ plot dos resíduos do modelo hierárquico ($\text{ERQ_reappraisal} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} \text{religious_community_crs})$).	177
Figura 18 - Diagrama representativo da relação estrutural entre as principais variáveis da H6.1, com <i>path</i> -coeficientes.	202
Figura 19 - Gráfico das diferenças de médias, mediana e intervalo de confiança e mudança de identidade religiosa nos afetos positivos.	205
Figura 20 - Diagrama representativo da relação estrutural entre as principais variáveis da H6.1, com <i>path</i> -coeficientes.	208
Figura 21 – Protocolo de escolha da estratégia de regulação emocional.	214
Figura 22 – Foto do laboratório onde os dados foram coletados.	216

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diferenças entre estados de espírito e emoções.	35
Quadro 2 - Pressupostos de cada perspectiva teórica	36
Quadro 3 - Características que diferenciam emoções básicas de outros fenômenos afetivos.	38
Quadro 4 - Subsistemas organísmicos, componentes e funções emocionais.	42
Quadro 5 - Exemplos de regulação emocional.	53
Quadro 6 - Classificação das estratégias de regulação emocional.	55
Quadro 7 - Equipe envolvida na tradução do instrumento original para o idioma-alvo.	67
Quadro 8 - Equipe responsável pela síntese das traduções.	68
Quadro 9 - Equipe responsável pela avaliação da síntese da tradução pelo comitê de especialistas.	69
Quadro 10 - Modificações ocorridas no item 6.	74
Quadro 11 - Versões inicial e modificada do item 12.	75
Quadro 12 - Equipe responsável pela entrevista de validação do conteúdo.	76
Quadro 13 - Equipe responsável pela <i>Backtranslation</i> - Brasileiro residente no Canadá.	76
Quadro 14 - Equipe responsável pela <i>Backtranslation review</i> e decisão final.	76
Quadro 15 - versões do <i>Backtranslation</i> .	77
Quadro 16 - Equipe responsável pela análise fatorial.	80
Quadro 17 - Apresentação dos objetivos, hipóteses e método adotado.	152
Quadro 18 - Notação do <i>Lavaan</i> das hipóteses 6.1 e 6.2.	165

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estatística descritiva da afiliação religiosa (estudo de validação).	82
Tabela 2 - Estatística descritiva da ocupação dos participantes (estudo de validação).	83
Tabela 3 - Resultados do Teste de Normalidade (Shapiro-Wilk) para os itens do RESS.	84
Tabela 4 - Resultados do teste de Esfericidade de Bartlett.	85
Tabela 5 - Pesos fatoriais dos itens da RESS - 24.	86
Tabela 6 - Correlações inter-fatores AFE.	87
Tabela 7 - Medidas de Ajustamento do Modelo AFE.	88
Tabela 8 - Índices de ajustamento antes de inserir covariância dos resíduos - RESS 24.	89
Tabela 9 - Índices de ajustamento depois de inserir covariância dos resíduos - RESS 24.	89
Tabela 10 - Pesos fatoriais RESS 24.	90
Tabela 11 - Medidas de Ajustamento RESS - 18.	91
Tabela 12 - Pesos fatoriais - RESS 18.	91
Tabela 13 - Validade convergente e discriminante RESS-ERQ.	93
Tabela 14 - População brasileira, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião -2010.	102
Tabela 15 - Resumo do processo de exclusão - <i>Religions of the World Encyclopedia</i> .	123
Tabela 16 - Sistematização dos dados para a criação do <i>CodeBook</i> .	125
Tabela 17 - Exemplo de nível de organização hierárquico de categorias <i>Australian Standard Classification of Religious Groups (ASCRG)</i> .	128
Tabela 18 - Frequências de afiliações selecionadas pelos participantes no estudo 4.	136
Tabela 19 - Frequências e porcentagem de participantes de acordo com a identidade religiosa.	167
Tabela 20 - Matriz de correlações das principais variáveis do estudo 3 .	168
Tabela 21 - Efeitos fixos do modelo hierárquico (H1).	169
Tabela 22 - Efeitos aleatórios do modelo hierárquico (H1).	170

Tabela 23 - Coeficientes do modelo de regressão linear para os estados afetivos positivos.	172
Tabela 24 - Coeficientes do modelo hierárquico ($\text{panas_na} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} \text{religious_community_crs})$).	172
Tabela 25 - Estimadores do processo de mediação (H2).	173
Tabela 26 - Coeficientes das variáveis no modelo de mediação (H2).	173
Tabela 27 - Matriz de Correlações entre satisfação com a vida, estados afetivos e dimensões da religiosidade.	174
Tabela 28 - Coeficientes do modelo hierárquico $\text{ress_reappraisal} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} \text{religious_community_crs})$.	175
Tabela 29 - Efeitos aleatórios do modelo hierárquico (H3.1).	175
Tabela 30 - Coeficientes do modelo hierárquico $\text{ress_suppression} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} \text{religious_community_crs})$.	178
Tabela 31 - Resultado do TOST-test for Practical Equivalence (H3.2).	178
Tabela 32 - Coeficientes do modelo hierárquico $\text{ress_engagement} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} \text{religious_community_crs})$.	179
Tabela 33 - Resultado TOST-test for Practical Equivalence (H3.3).	180
Tabela 34 - Coeficientes do modelo hierárquico $\text{ress_rumination} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} \text{religious_community_crs})$.	180
Tabela 35 - Resultado TOST-test for Practical Equivalence (H3.4).	181
Tabela 36 - Coeficientes do modelo hierárquico $\text{ess_distraction} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} \text{religious_community_crs})$.	181
Tabela 37 - Resultado TOST-test for Practical Equivalence (H3.5).	182
Tabela 38 - Comparação de afetos positivos entre cristãos, outros grupos religiosos e não religiosos.	185
Tabela 39 - Comparação de afetos negativos entre cristãos, outros grupos religiosos e não religiosos.	186
Tabela 40 - Média da quantidade de vezes que cada opção sobre como regular os estados afetivos positivos foram escolhidas pelos participantes.	193
Tabela 41 - Matriz de Correlações sobre o ensino religioso para estados afetivos positivos e dimensões do PANAS.	193
Tabela 42 - Média da quantidade de vezes que cada opção sobre como regular os estados afetivos negativos foram escolhidas pelos participantes.	198
Tabela 43 - Matriz de correlações sobre o ensino religioso para afetos negativos e dimensões do PANAS.	199

Tabela 44 - Índices de ajustamento do modelo (H6.1).	200
Tabela 45 - Variáveis do modelo (H6.1).	201
Tabela 46 - Índices de ajustamento do modelo (H6.2).	202
Tabela 47 - Variáveis do modelo H6.2.	203
Tabela 48 - Estatísticas Descritivas de Grupo (mudou de identidade religiosa) H7.1.	204
Tabela 49 - Frequências de afiliação religiosa dos participantes do estudo experimental.	218
Tabela 50 - Comparações <i>Post Hoc</i> do perfil religioso de acordo com a CRS.	219
Tabela 51 - Matriz de Correlações entre religiosidade, idade e padrão de escolha dos participantes.	220
Tabela 52 -Estatística descritiva da frequência escolhida de acordo com a intensidade das imagens.	221

LISTA DE SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ARDA	<i>Association of Religion Data Archives</i>
LAP	<i>Low Arousal Positive states</i> (estados positivos de baixa excitação)
HAP	<i>High Arousal Positive states</i> (estados afetivos positivos de alta excitação)
OR	<i>Odds Ratio</i> (Razão de possibilidades)
RE	Regulação Emocional
RESS	<i>Regulation of Emotion Systems Survey</i> (Questionário de Regulação de Sistemas Emocionais)
GEMA	Grupo de Estudos de Psicologia da Crença: Epistemologia e Metodologia de Pesquisa da Crença.
InterPsi	Laboratório de Estudos Psicossociais: crença, subjetividade
AFE	Análise Fatorial Exploratória
AFC	Análise Fatorial Confirmatória
KMO	Kaiser- Meyer-Olkin (índice de adequação da amostra)
RMSEA	<i>Root Mean Square Error of Approximation</i> (erro médio quadrado de aproximação)
SRMR	<i>Standard Root-Mean-Square Residual</i> (raiz quadrada média dos resíduos padronizada)
CFI	<i>Comparative Fit index</i>
TLI	<i>Tucker--Lewis Index</i>
AIC	<i>Akaike information criterion</i> (Critério de informação de Akaike)
BIC	<i>Bayesian Information Criterion</i> (Critério Bayesiano de Schwarz)
AR	Afiliações religiosas
ESS	<i>European Social Survey</i> (Inquérito Social Europeu)
PLN	Processamento de Linguagem Natural
ASCRG	<i>Australian Standard Classification of Religious Groups</i> (Classificação Padrão Australiana de Grupos Religiosos)
DP	Desvio Padrão
SWB	<i>Subjective well-being</i> (bem-estar subjetivo)

PANAS	Positive and Negative Affect Schedule (Escala de Afetos Positivos e Negativos)
ERQ	<i>Emotion Regulation Questionnaire</i> (Questionário de Regulação Emocional)
CRS	<i>Centrality of Religiosity Scale</i> (Escala de Centralidade da Religiosidade)
SWLS	<i>Satisfaction with Life Scale</i> (Escala de Satisfação com a Vida)
REDCap	<i>Research Electronic Data Capture</i> (plataforma para coleta, gerenciamento e disseminação de dados de pesquisas)
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
TOST	<i>Two One-Sided Test</i> (teste de equivalência)
SESOI	<i>Smallest Effect Size of Interest</i> (menor tamanho de efeito de interesse)

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	18
INTRODUÇÃO.....	18
JUSTIFICATIVA.....	22
OBJETIVOS DA PESQUISA.....	23
MÉTODO.....	24
HIPÓTESES.....	25
ESTRUTURA GERAL DA TESE.....	29
CAPÍTULO 1 – EMOÇÕES E REGULAÇÃO EMOCIONAL (REFERENCIAL TEÓRICO).....	32
1.1 EMOÇÕES.....	33
1.1.1 Histórico.....	33
1.1.2 Afeto, emoção, estado de espírito e temperamento.....	35
1.1.3 Principais teorias sobre emoções.....	37
1.1.3.1 Emoções Básicas.....	38
1.1.3.2 Modelo Avaliativo (<i>Appraisal</i>).....	41
1.1.3.3 Construtivismo Psicológico.....	47
1.1.3.4 Construcionismo Social.....	49
1.2 REGULAÇÃO EMOCIONAL.....	51
1.2.1 Efeitos das estratégias de regulação emocional.....	56
CAPÍTULO 2 – TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DE REGULAÇÃO DE SISTEMAS EMOCIONAIS (Estudo 1).....	65
2.1 INTRODUÇÃO.....	66
2.1.2 Objetivo.....	68
2.2 METODOLOGIA DE TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO.....	68
2.2.1 - Tradução do instrumento original para o idioma-alvo:.....	69
2.2.2 - Síntese das versões traduzidas:.....	70
2.2.3 - Avaliação da síntese por juízes experts:.....	71
2.2.4 - Avaliação pelo público-alvo:.....	72
2.2.5 - Tradução reversa:.....	79
2.2.6 - Estudo-piloto:.....	83
2.2.7 - Avaliação da estrutura fatorial do instrumento:.....	84
2.3 RESULTADOS.....	85
2.3.1 Caracterização da amostra.....	85

2.3.2 Análise Fatorial Exploratória(AFE).....	86
2.3.3 Análise Fatorial confirmatória(AFC).....	92
2.3.4 Validade convergente e divergente.....	96
2.4 CONCLUSÃO.....	99
CAPÍTULO 3 – AFILIAÇÃO E IDENTIDADE RELIGIOSA (REFERENCIAL TEÓRICO).....	101
3.1 AFILIAÇÃO RELIGIOSA (INTRODUÇÃO).....	102
3.1.2 Conceito de religiosidade.....	104
3.1.3 Afiliação religiosa no Brasil.....	105
3.2 DEFINIÇÕES E MENSURAÇÃO DA AFILIAÇÃO RELIGIOSA.....	109
3.2.1 Medindo a afiliação dos “não religiosos”.....	112
3.2.2 Afiliação religiosa e a teoria da IDENTIDADE SOCIAL da escola de Bristol.....	113
3.2.3 Estudos sobre identidade religiosa realizados no Brasil.....	117
CAPÍTULO 4 - DESENVOLVIMENTO DE UM CODEBOOK INCLUSIVO SOBRE AFILIAÇÃO RELIGIOSA (ESTUDO 2).....	121
4.1 INTRODUÇÃO.....	121
4.2 METODOLOGIA.....	125
4.2.1 Processo de agrupamento dos termos e criação de categorias de análise.....	130
4.2.1.1 Categoria ampla (categorização 1).....	131
4.2.1.2 Categoria Estreita (categorização 1 - subgrupo).....	132
4.2.1.3 Afiliação religiosa.....	132
4.2.1.4 Organização dos termos em lista definitiva.....	132
4.3 RESULTADOS.....	134
4.3.1 Aplicação do <i>codebook</i> em pesquisa sobre religiosidade e emoções.....	134
4.3.2 Avaliação da percepção dos participantes sobre o instrumento.....	140
4.4 CONCLUSÃO.....	143
CAPÍTULO 5 – EMOÇÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA (REFERENCIAL TEÓRICO).....	145
5 EMOÇÕES NAS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS.....	146
CAPÍTULO 6 – UM LEVANTAMENTO QUANTITATIVO E TRANSVERSAL SOBRE RELIGIÃO, ESTADOS AFETIVOS E REGULAÇÃO EMOCIONAL (ESTUDO 4).....	155
6.1 INTRODUÇÃO.....	156
6.2 MÉTODO.....	164
6.2.1 Descrição dos participantes e critérios de recrutamento.....	164
6.2.2 Procedimentos.....	164

6.2.3 Instrumentos.....	164
6.2.4 Coleta de dados.....	166
6.2.5 Considerações éticas.....	167
6.2.6 Plano de amostragem.....	167
6.2.7 Plano de Análise de dados.....	168
6.3 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÃO.....	171
6.3 Descrição da amostra.....	171
6.3.1. Hipótese 1 - Diferença entre participantes religiosos e não religiosos na frequência relatada de estados afetivos positivos.....	174
6.3.2 Hipótese 2 - O afeto positivo terá um efeito mediador na relação entre religiosidade e satisfação com a vida.....	178
6.3.3 Hipótese 3.1 - Participantes religiosos tenderão a usar mais a reavaliação cognitiva em comparação aos participantes não religiosos.....	179
6.3.3.2 Hipótese 3.2 - Participantes religiosos tenderão a usar mais a supressão expressiva em comparação aos participantes não religiosos.....	182
6.3.3.3 Hipótese 3.3 - Participantes religiosos tenderão a usar mais a estratégia de engajamento expressivo em comparação com participantes não religiosos.....	184
6.3.3.4 Hipótese 3.4 - Participantes religiosos tenderão a usar menos a ruminação em comparação com participantes não religiosos.....	185
6.3.3.5 Hipótese 3.5 - Participantes religiosos tenderão a usar mais distração em comparação com participantes não religiosos.....	186
6.3.4 Hipótese 4 - Participantes de diferentes grupos religiosos apresentarão diferenças significativas nas experiências de estados afetivos relatados.....	188
6.3.5 Hipótese 5 - Participantes de diferentes grupos religiosos apresentarão diferenças significativas na percepção de como os estados afetivos devem ser regulados de acordo com a identidade religiosa.....	189
6.3.6.1 Hipótese 6.1 - A estratégia de regulação emocional, reavaliação cognitiva, e os estados afetivos exercerão um efeito mediador na relação entre religiosidade e satisfação com a vida.....	205
6.3.6.2 Hipótese 6.2 - A estratégia de regulação emocional, supressão expressiva e os estados afetivos exercerão um efeito mediador na relação entre religiosidade e satisfação com a vida.....	207
6.3.7.1 Hipótese 7.1 - Participantes que afirmam não ter mudado sua identidade religiosa relatarão ter mais estados afetivos positivos do que negativos em comparação com os participantes que afirmam ter mudado sua identidade religiosa.....	208

6.3.7.2 Hipótese 7.2 - Participantes que afirmam não ter mudado de identidade religiosa relatarão maior satisfação com a vida em comparação com os participantes que afirmam ter mudado de identidade religiosa.....	210
6.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	211
CAPÍTULO 7 – UM EXPERIMENTO SOBRE REGULAÇÃO EMOCIONAL E RELIGIOSIDADE (ESTUDO 4).....	216
7.1 DESENHO DO ESTUDO.....	217
7.1.2 Descrição dos participantes e critérios de recrutamento.....	217
7.1.3 considerações éticas.....	217
7.1.4 instrumentos e procedimentos.....	218
7.1.5 Coleta de dados.....	221
7.1.6 Plano de análise.....	222
7.1.7 Resultados esperados.....	222
7.2 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÃO.....	223
7.2.1. Descrição da amostra.....	223
7.2.2 Comparação entre religiosos e não religiosos.....	224
7.2.3 Efeito da intensidade emocional das imagens.....	226
7.3 DISCUSSÃO GERAL DO ESTUDO 4.....	227
CAPÍTULO 8 - DISCUSSÃO GERAL.....	229
8.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	230
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	235
APÊNDICES.....	259
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO E QUESTIONÁRIO ONLINE (Estudo 3).....	259
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO EXPERIMENTO (Estudo 4).....	272
ANEXO C - VERSÃO FINAL DO RESS - 38 (PORTUGUÊS).....	275
ANEXO D - VERSÃO FINAL DO RESS - 24 (PORTUGUÊS).....	277
ANEXO E - VERSÃO FINAL DO RESS - 18 (PORTUGUÊS).....	279
ANEXO F - VERSÃO ORIGINAL DO RESS - 38 (INGLÊS).....	280
ANEXO G - VERSÃO ORIGINAL DO RESS - 24 (INGLÊS).....	282
ANEXO H - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	283
ANEXO I - CODEBOOK.....	301

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

A relação entre religiosidade, saúde mental e bem-estar tem sido amplamente estudada na literatura científica. Em revisões sistemáticas, a maioria dos estudos mostra associações positivas entre envolvimento religioso e saúde/bem-estar mental (Garssen et al., 2021; Yaden et al., 2022; Braam & Koenig, 2019, Oman & Syme, 2018; Koenig, 2009; Dew et al. 2008; Moreira-Almeida et al., 2006), embora seja possível encontrar poucas associações negativas (Oman & Syme, 2018; Koenig, 2009;). Essa relação positiva é observada principalmente em casos de depressão, dependência, ansiedade, suicídio e bem-estar (Braam & Koenig, 2019; Dew et al. 2008; Koenig, 2009; Moreira-Almeida et al., 2006). Resultados controversos são encontrados principalmente em casos de transtornos psicóticos, como transtorno bipolar e esquizofrenia, e ainda não se sabe exatamente como as práticas religiosas afetam os delírios religiosos nesses casos. (Koenig, 2009; Bonelli & Koenig, 2013). Em uma extensa meta-análise realizada por Yaden et al. (2022) ($k = 256$, $N = 666.085$), a relação entre religião/espiritualidade e satisfação com a vida demonstrou um efeito positivo ($r = 0,18$; IC 95% 0,16–0,19; $p < 0,01$). Esse efeito positivo também esteve presente em algumas das dimensões religiosas específicas, como religiosidade ($r = 0,16$), frequência de participação ($r = 0,11$), práticas religiosas ($r = 0,14$) e experiências religiosas ($r = 0,29$). A satisfação com a vida pode ser entendida como uma avaliação da própria vida com base nos fatores que alguém considera mais importantes para si (Diener et al., 1985) e tem sido associada a alguns resultados de saúde física, comportamentos de saúde e fatores sociais (Nakamura et al., 2022).

Embora muitos estudos tenham mostrado a relação entre religião e saúde mental, poucos exploram os potenciais mediadores dessa relação. (Dew et al. 2008; Hackney & Sanders. 2003; Moreira-Almeida et al., 2006). Vários mecanismos têm sido propostos para explicar a influência da religião na saúde, como suporte social, estilos de vida mais saudáveis, estratégias de coping, emoções positivas, reavaliação do estresse, etc. (Seybold & Hill, 2001; Moreira-Almeida et al., 2006). Quando olhamos especificamente para o componente emocional nesta relação, podemos encontrar evidências do papel da religião como fonte de variação da experiência emocional (Kim-Prieto & Diener, 2009) e do uso de certas estratégias

de regulação emocional (Vishkin et al. (2016); Wilken & Miyamoto, 2020). Nesse sentido, a religião poderia prescrever ou desencorajar certas emoções ou estratégias de regulação emocional que seriam adequadas para um determinado contexto e seu nível de intensidade (Silberman et al., 2005). Por exemplo, prescrever emoções como alegria ou a crença de que certas estratégias de regulação emocional, como aceitação ou reavaliação cognitiva, seriam úteis após a perda de um ente querido, e desencorajar outras emoções, como tristeza ou raiva. Em um estudo longitudinal, Semplonius et al. (2015) constatou que o envolvimento em atividades religiosas previu menos dificuldades de regulação emocional ao longo do tempo. Van Cappellen et al. (2016) mostrou evidências de emoções positivas como um efeito mediador da relação entre religião, espiritualidade e bem-estar. Kristin et al. (2017), Vishkin et al. (2016) e Vishkin et al. (2019) encontraram associações positivas entre religiosidade e frequência e eficácia em termos da utilização da reavaliação cognitiva.

Com base em estudos anteriores, queremos compreender como a religiosidade está associada à frequência relatada de certos estados afetivos e ao uso de estratégias de regulação emocional e também queremos verificar um possível efeito mediador de afetos positivos e estratégias de regulação emocional na relação entre religiosidade e bem-estar.

A religião geralmente envolve crenças, práticas e rituais compartilhados entre os membros de um grupo, relacionados ao sagrado, incluindo crenças sobre a vida após a morte e normas de conduta que orientam a vida do grupo (Koenig, 2009), enquanto que o conceito de espiritualidade é mais pessoal e geralmente tem a ver com a liberdade em termos de regras e responsabilidades associadas à religião. Os estudos nessa área utilizam diversos instrumentos com características únicas para mensurar religião e espiritualidade. (Herzog et al., 2020; Bonelli & Koenig, 2013; Dew et al. 2008; Seybold & Hill, 2001). As medidas são muito diversificadas, como frequência de participação e orações, uso de certas crenças religiosas, filiação religiosa, etc., o que dificulta a sistematização dos resultados, pois cada instrumento mede características diferentes. Neste trabalho, operacionalizamos dois conceitos para mensurar o aspecto religioso: religiosidade e identidade religiosa. Segundo Demmrich & Huber (2019) e Huber & Huber (2012), a religiosidade é um conceito multidimensional que caracteriza a importância e a relevância da religião na vida de um indivíduo. Esses autores incluíram adaptações nesse conceito que contemplam formas não institucionalizadas de espiritualidade. A identidade religiosa será considerada como um tipo de identificação social,

em que o indivíduo utiliza uma categorização social para si definir e definir os outros. Utilizaremos os estudos sobre afiliação religiosa para fundamentar o conceito de Identidade Religiosa. Liedhegener & Odermatt (2018) afirmam que existem duas formas de conceituar e medir a afiliação religiosa, uma objetiva e outra subjetiva. A forma objetiva está associada a formas institucionais de pertencimento religioso a um grupo, tradição ou organização. A via subjetiva caracteriza-se pelo sentimento de pertencimento/não pertencimento ou autoidentificação subjetiva com um grupo religioso e é mais voltada para o aspecto psicológico.

Neste estudo, mediremos a afiliação religiosa como um sentimento de autoidentificação, considerando seu aspecto psicológico, e usaremos a teoria da autocategorização e identidade social de Tajfel como elemento central. Tajfel (1982) propõe que a percepção que o indivíduo constrói de si e dos outros é estruturada por meio de categorias sociais abstratas e são internalizadas como aspectos de formação de seus autoconceitos. Para ele, os grupos sociais podem ser definidos como dois ou mais indivíduos que compartilham uma identificação social comum ou percebem-se como membros da mesma categoria social. Neste sentido, podemos entender a identidade religiosa como uma categoria social que pode influenciar o comportamento dos indivíduos.

Em termos de como a religião pode influenciar variáveis afetivas, Saroglou et al. (2008) revisam alguns estudos transversais, longitudinais e experimentais e mostram que a religião pode servir como um refúgio de uma série de experiências e emoções psicologicamente negativas, como aumento da religiosidade após sofrimento socioeconômico; A morte de um ente querido pode despertar o interesse pela religião e espiritualidade; Doenças, crises pessoais e eventos negativos da vida, muitas vezes são preditores de conversão e maior envolvimento religioso e espiritual; E, experimentalmente, em condições em que a mortalidade é destacada, os indivíduos apresentam uma crença mais forte em Deus e agentes sobrenaturais em geral. Henrique et al. (2019) realizaram algumas análises que mostram evidências de que um conflito violento como uma guerra, por sua vez, pode aumentar a participação religiosa. De acordo com os resultados da pesquisa realizada por Diener e Clifton (2002) e Diener et al. (2011), indivíduos mais religiosos apresentam maior frequência de afetos positivos. Em diferentes estudos, podemos encontrar essa ligação entre religião, estados afetivos e regulação emocional como uma forma de lidar com diferentes

situações. Portanto, é importante entender o papel da regulação emocional no ambiente religioso.

A regulação emocional pode ser entendida como uma forma de influenciar as nossas próprias emoções e as de outras pessoas (McRae & Gross, 2020). Gross (2015) define a regulação emocional como “alterar uma trajetória emocional que teria ocorrido na ausência dessa estratégia de regulação emocional, e que as diferentes estratégias e táticas de regulação devem alterar a trajetória emocional de maneiras diferentes”. Há uma variedade de estratégias de regulação emocional. Nesta pesquisa, trabalharemos com 6 estratégias de regulação emocional, seguindo o modelo definido por De France & Hollenstein (2017) que incluem: Distração, Ruminação, Reavaliação Cognitiva, Supressão Expressiva, Engajamento Expressivo e Controle Excitatório. A utilização desse modelo se fundamenta porque permite visualizar a associação de diferentes estratégias com a religiosidade, os estados afetivos e a satisfação com a vida. Podemos entender a distração como desviar a atenção da situação emocional para os aspectos não emocionais da situação; Ruminação como direcionar a atenção recorrentemente para as causas e consequências da emoção e reavaliação cognitiva como reinterpretar ou reavaliar a situação emocional (McRae & Gross, 2020); Supressão Expressiva (supressão) como tentativas ativas de eliminar a manifestação comportamental externa de uma experiência emocional; Engajamento expressivo (engagement) está relacionado ao envolvimento ativo de uma emoção, amplificando a dinâmica expressiva para moderar o emocional; e Controle de excitação pode ser entendido como um aumento de controle do componente de ativação autônomo da emoção (De France & Hollenstein, 2017).

A regulação emocional tem sido associada a efeitos na saúde mental (Augustine & Hemenover, 2009; Gross & Munõz, 1995). Aldão et al. (2010) mostram, em uma meta-análise, a associação de certas estratégias de regulação (ruminação, supressão) e psicopatologia e outras estratégias (reavaliação, resolução de problemas) e resiliência, e sugerem que a relação entre estratégias de regulação emocional e psicopatologia pode variar de acordo com a estratégia e tipo de psicopatologia.

Seguindo as evidências encontradas nos estudos anteriores, queremos entender como a religiosidade e a identidade religiosa estão associadas a certos estados afetivos e as estratégias de regulação emocional. Também, pretende-se avaliar um possível efeito mediador dos afetos positivos e das estratégias de regulação emocional na relação entre religiosidade e bem-estar.

Este projeto focaliza métodos e análises numa visão funcionalista, em que importante são as reações associadas a afiliação e/ou práticas religiosas e não o entendimento profundo das raízes fenomenológicas do fenômeno religioso.

JUSTIFICATIVA

Como visto anteriormente, a religião e/ou afiliação religiosa se relacionam com o bem-estar e a saúde mental. Podemos visualizar, ao longo das décadas, como certos pensadores percebiam que o pertencimento a determinadas afiliações religiosas poderiam resultar em prejuízos à saúde mental. Por exemplo: Bastide (1968), em seu livro *Sociologia das Doenças Mentais*, analisa como o pertencimento à certas afiliações religiosas se relacionava com a saúde mental e conclui que a cultura religiosa, por meio de seus valores e normas, atua e contribui na ocorrência das doenças mentais. Numa revisão das pesquisas sobre religião e saúde mental no Brasil, Dalgalarro (2007) conclui que a religião pode auxiliar na forma de construir e vivenciar o sofrimento mental e que a procura por alívio e significação do sofrimento, parece ser recorrente na busca por experiências religiosas, sobretudo para as classes populares.

No Brasil, de acordo com o censo de 2010, 92% da população possui uma afiliação religiosa, dos quais 64,6% se denominam católicos, 22,2% evangélicos, 2% espíritas, 0,3% Umbandistas, 0,3% candomblé e 8,0% declararam não possui religião (IBGE, 2012). No estudo realizado por Moreira-Almeida et al (2010), 95% da população brasileira possui pelo uma afiliação religiosa, 83% consideram a religião um aspecto muito importante e 37% frequentam, pelo menos uma vez por semana serviços religiosos, 10% dos participantes relataram frequentar mais do que uma religião. Esses dados mostram a importância, as diferenças e a prevalência da religião e religiosidade no Brasil. Em paralelo, existe uma discussão na literatura científica sobre o quanto as emoções enquanto área da psicologia, tem sido negligenciada em trabalhos recentes sobre religião (Emmons & Paloutzian, 2003; Vaillant, 2013; Van Cappellen, et al., 2015). Estudos mostram que as estratégias de regulação emocional possuem benefícios para a saúde e que a religião pode ser uma fonte de variação e prescrição de certas emoções e estratégias regulatórias. Pesquisas recentes realizadas no exterior apontam que a religião pode auxiliar as pessoas no desenvolvimento de reavaliação cognitiva, que é uma estratégia de regulação emocional considerada amplamente adaptativa.

Por fim, faltam estudos que aprofundem em como a religião influencia no processo de regulação emocional e nas diferenças entre religiosos (afiliados) e não religiosos, especialmente no Brasil.

OBJETIVOS DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como objetivo comparar a frequência relatada de estados afetivos e estratégias de regulação emocional utilizadas por participantes religiosos e não religiosos e verificar um possível efeito mediador desses componentes afetivos em relação à satisfação com a vida. Decidimos dividir esse objetivo amplo em algumas questões específicas de pesquisa e suas respectivas hipóteses para facilitar a análise pré-registrada. Consequentemente, este projeto tem como objetivos específicos compreender se:

1. Existe uma diferença entre participantes religiosos e não religiosos na frequência relatada de estados afetivos positivos.
2. Existe um efeito mediador do afeto positivo na relação entre religiosidade e satisfação com a vida.
3. Existe uma diferença entre participantes religiosos e não religiosos na forma como certas estratégias de regulação emocional são usadas.
4. Existem diferenças nas frequências médias relativas de cada um dos 20 estados afetivos de acordo com as afiliações religiosas dos participantes.
5. Existe alguma diferença na percepção dos participantes sobre como os estados afetivos devem ser regulados de acordo com os ensinamentos adquiridos por meio da identidade religiosa.
6. Existe um efeito mediador das estratégias de regulação emocional na relação entre religiosidade e satisfação com a vida.
7. Existe alguma diferença entre os participantes que mudaram e não mudaram sua identidade religiosa nas medidas de bem-estar.
8. Avaliar, numa simulação experimental, as diferenças na forma como os participantes religiosos e não religiosos escolhem entre um conjunto de determinadas estratégias de regulação emocional. (Estudo 4)

Devido à escassez de instrumentos em português que realizassem o mapeamento das estratégias de regulação emocional contendo um número variado de estratégias que demonstrariam a preferência regulatória do indivíduo, optamos por incluir também nesse estudo o objetivo de traduzir, adaptar e validar o Questionário de Regulação de Sistemas Emocionais, desenvolvido por De France & Hollenstein (2017), que será utilizado para caracterizar as estratégias utilizadas por religiosos e não religiosos.

Considerando uma perspectiva mais inclusiva sobre identidade religiosa e o desenvolvimento tecnológico, optamos por desenvolver um instrumento mais abrangente para captar a diversidade religiosa existente, e adequando ao processo de automação tecnológica para facilitar os procedimentos de análise estatística. Denominamos esse instrumento de *codebook* de afiliação religiosa.

MÉTODOS

Para responder os questionamentos listados acima, conduzimos 2 estudos: o primeiro será um estudo quantitativo e transversal, divulgado pela internet, e o segundo será um experimento conduzido em laboratório.

O primeiro estudo, refere-se a uma coleta de dados quantitativa e transversal conduzida por meio de um formulário online com instrumentos validados para medir afiliação religiosa, religiosidade, estados afetivos positivos e negativos, estratégias de regulação emocional, dificuldades de regulação emocional e dados sociodemográficos. (capítulo 6)

O segundo estudo foi um experimento em que os participantes foram divididos em dois grupos, religiosos e não religiosos; treinados em duas técnicas de regulação emocional (distração e reavaliação cognitiva); logo em seguida, realizaram uma tarefa em que imagens de valência negativa de alta e baixa intensidade foram expostas continuamente e deveriam escolher uma das 2 técnicas ensinadas para diminuir o impacto emocional da imagem. (capítulo 7)

Para a utilização de instrumentos mais precisos, também foram realizados mais dois estudos: Uma tradução, adaptação e validação de uma escala de regulação emocional e o desenvolvimento de um *codebook* sobre afiliação religiosa.

No primeiro estudo, utilizamos a metodologia de tradução, adaptação e validação proposta por Borsa et al. (2012) que sugerem a realização das seguintes etapas: (1) tradução do instrumento do original para o idioma-alvo; (2) síntese das versões traduzidas, (3) avaliação da síntese por juízes *experts*, (4) avaliação do instrumento pelo público-alvo, (5) tradução reversa, (6) estudo-piloto, e (7) avaliação da estrutura fatorial do instrumento, utilizando procedimentos estatísticos como análises fatoriais exploratórias e confirmatórias. Também foram realizados procedimentos de análise convergentes e divergentes. (capítulo 2)

O segundo estudo foi realizado por meio de uma revisão e categorização utilizando as informações disponibilizadas na base de dados da *Association of Religion Data Archives - ARDA* (2021), da *Encyclopedia Religions of the World* de Melton e Baumann (2010), e fizemos inclusões aleatórias por meio de especialistas e do wikipedia para contemplar uma maior diversidade de termos. O processo foi construído utilizando uma triagem inicial dos materiais que realizaram a composição inicial da base inicial, realizada pelo pesquisador com o suporte de uma aluna de mestrado, exclusão de termos repetidos e criação de um processo macro e micro categorização em grande grupos de afiliação religiosa. (capítulo 4)

HIPÓTESES

No primeiro estudo (capítulo 6), que é um survey quantitativo e transversal, testamos o conjunto de hipóteses listadas abaixo, todas essas hipóteses foram pré-registradas para uma coleta de dados transversal no *Open Science Framework* (<https://osf.io/gczxa>). A seguir ressaltamos cada uma das perguntas que compõem um objetivo específico e relacionarmos com a hipótese e uma breve fundamentação dos resultados esperados.

Q1. Existe uma diferença entre participantes religiosos e não religiosos na frequência relatada de estados afetivos positivos? Van Cappellen et al. (2016) realizaram dois estudos com abordagem quantitativa transversal e constataram que a relação entre religião/espiritualidade e bem-estar é mediada por emoções positivas com tamanho de efeito de $r = 0,24$. Vishkin et al. (2019) conduziram dois estudos com participantes de judeus israelenses ($N = 288$) e cristãos americanos ($N = 277$) e observaram que a religiosidade estava positivamente associada ao afeto positivo ($\beta = 0,224$, $p < 0,05$). Essa é a razão pela qual

levantamos a hipótese de que os **participantes religiosos relatarão experimentar mais estados afetivos positivos do que negativos em comparação com os participantes não religiosos (H1).**

Q2. Existe um efeito mediador do afeto positivo na relação entre religiosidade e satisfação com a vida? Há evidências de que o afeto positivo medeia a relação entre religião e bem-estar com um tamanho de efeito de $r = 0,24$ em Van Cappellen et al. (2016) e também em Vishkin et al. (2019) com um efeito de $\beta = 0,479$. Portanto, levantamos a hipótese de que **o afeto positivo terá um efeito mediador na relação entre religiosidade e satisfação com a vida (H2).**

Q3. Existe uma diferença entre participantes religiosos e não religiosos na forma como certas estratégias de regulação emocional são usadas? Esta questão gerou diferentes hipóteses possíveis. A evidência mais forte diz respeito à associação da estratégia de reavaliação cognitiva e religiosidade, na qual realizaremos uma análise confirmatória. Vamos conduzir análises exploratórias nas outras estratégias de regulação emocional. Vishkin et al. (2019) descobriram que a religiosidade estava positivamente associada à reavaliação cognitiva ($r = 0,16$). Em um estudo anterior, Vishkin et al. (2016) também estabeleceram associações positivas entre religiosidade e frequência de uso de reavaliação cognitiva (amostra muçulmana: $r=0,17$, $p 0,007$; amostra cristã: $r= 0,14$, $p 0,018$). Kristin et al. (2017) realizaram um conjunto de entrevistas com um grupo de Testemunhas de Jeová na Noruega e identificaram que as principais estratégias eram o compartilhamento social e a reavaliação cognitiva. Nossa hipótese é que os **participantes religiosos tenderão a usar mais a reavaliação cognitiva em comparação aos participantes não religiosos (H3).**

Com base em Vishkin et al. (2019), é possível realizar projeções exploratórias para outras hipóteses, como: H3.2 - Os participantes religiosos tenderão a usar mais a supressão expressiva em comparação aos participantes não religiosos (há evidências de que a associação entre religiosidade e supressão tem um tamanho de efeito de $r = 0,07$); H3.3 - Participantes religiosos tenderão a usar mais a estratégia de engajamento expressivo em comparação com participantes não religiosos (a associação entre religiosidade e engajamento expressivo tem um tamanho de efeito de $r = 0,12$); H3.4 - Participantes religiosos tenderão a usar menos a ruminação em comparação com participantes não religiosos (a associação entre religiosidade e ruminação tem um tamanho de efeito de $r = 0,09$); H3.5 - Participantes religiosos tenderão a

usar mais distração em comparação com participantes não religiosos (a associação entre religiosidade e distração tem um tamanho de efeito de $r = 0,18$).

Q4. Existem diferenças nas frequências médias relativas de cada um dos 20 estados afetivos de acordo com as afiliações religiosas dos participantes? Tsai, Miao e Seppala (2007) realizaram uma análise de conteúdo de textos cristãos e budistas, incluindo os evangelhos bíblicos, Dhammapada, o Sutra de Lótus, o Sutra do Diamante e o Sutra do Coração, bem como textos mais atuais, e descobriram que os textos cristãos encorajavam mais estados positivos de alta excitação (HAP) do que estados positivos de baixa excitação (LAP) em comparação com os textos budistas. Os pesquisadores também mediram o afeto ideal e atual de 120 praticantes cristãos e 105 budistas e concluíram que os praticantes budistas valorizavam mais estados positivos de baixa excitação (*low arousal positive states* - LAP), com um tamanho de efeito de Cohen $d = 0,29$, em comparação com participantes cristãos (d de Cohen = $0,44$, $p < 0,001$) que valorizavam mais estados afetivos positivos de alta excitação (*high arousal positive states* - HAP), e não foram encontradas diferenças entre os grupos em termos de afetos atuais. Kim-Prieto & Diener (2009) forneceram suporte para o papel da religião como fonte de variação na experiência das emoções (A de Wilks = $0,90$, $F(4, 6839) = 21,19$, $p < 0,05$, $N2p = 0,027$). Em um conjunto de 3 estudos, Kim-Prieto & Diener (2009) mostram que a própria religião, seja o cristianismo ou outra religião como o budismo, desempenha um papel na experiência de emoções agradáveis e desagradáveis pelos adeptos dessas religiões. Portanto, membros de diferentes religiões apresentam diferentes avaliações subjetivas das frequências que vivenciam determinados estados afetivos na vida cotidiana. Eles também revelam que a crença dos adeptos sobre a desejabilidade dessas emoções pode estar relacionada à experiência das emoções. Levantamos a hipótese de que **participantes de diferentes grupos religiosos apresentarão diferenças significativas nas experiências de estados afetivos relatados (H4)**. Assim, utilizaremos uma abordagem exploratória quanto à direção do efeito encontrado, embora outros estudos já apontassem em certas direções.

Q5. Existe alguma diferença na percepção dos participantes sobre como os estados afetivos devem ser regulados de acordo com os ensinamentos adquiridos por meio da identidade religiosa? Wilken & Miyamoto (2020) realizaram um conjunto de 3 estudos para analisar a diferença entre praticantes protestantes e budistas no uso de estratégias de regulação emocional e descobriram que os budistas eram mais propensos do que os protestantes a relatar

que sua religião os ensina a usar a estratégia de regulação de não influenciar o estado afetivo ($d = 0,71$, IC 95% [0,48, 0,94]). Portanto, levantamos a hipótese de que **participantes de diferentes grupos religiosos apresentarão diferenças significativas na percepção de como os estados afetivos devem ser regulados de acordo com a identidade religiosa (H5)**. Exploraremos a análise post-hoc para identificar quais grupos estão contribuindo para o efeito.

Também vamos testar alguns modelos exploratórios e hipóteses. Q6 - Existe um efeito mediador das estratégias de regulação emocional na relação entre religiosidade e satisfação com a vida? Vishkin et al. (2019) testaram dois modelos em que a regulação emocional (reavaliação cognitiva e supressão) e a experiência afetiva (afeto positivo e negativo) medeiam a relação entre religiosidade e satisfação com a vida. Com base nisso, vamos criar dois modelos semelhantes para verificar se a relação de nossas variáveis mantém os mesmos padrões: **1 - a estratégia de regulação emocional, reavaliação cognitiva, e estados afetivos exercerão um efeito mediador na relação entre religiosidade e satisfação com a vida(H6.1)**; em extensão, **a estratégia de regulação emocional, supressão expressiva e estados afetivos exercerão um efeito mediador na relação entre religiosidade e satisfação com a vida (H6.2)**. Alguns estudos mostraram o impacto da desfiliação religiosa na saúde e no bem-estar (Fenelon & Danielsen, 2016) com um tamanho de efeito pequeno de OR 1,21 ou D de Cohen = 0,105. E, por isso que também estamos perguntando se (Q7) há alguma diferença entre os participantes que mudaram e não mudaram sua identidade religiosa nas medidas de bem-estar. Hipotetizamos que os **participantes que afirmam não ter mudado sua identidade religiosa relatarão ter mais estados afetivos positivos do que negativos em comparação com os participantes que afirmam ter mudado sua identidade religiosa (H7.10)**; e, os **participantes que afirmam não ter mudado de identidade religiosa relatarão maior satisfação com a vida em comparação com os participantes que afirmam ter mudado de identidade religiosa (H7.2)**.

No segundo estudo, tentaremos responder se existem diferenças na forma como os participantes religiosos e não religiosos escolhem entre um conjunto de determinadas estratégias de regulação emocional (reavaliação cognitiva e distração). Este estudo não conta com hipóteses pré-registradas. Entretanto, Vishkin et al. (2019) mostra evidências de que a religiosidade pode estar associada positivamente à reavaliação cognitiva ($r = 0,16$). Desta

forma, hipotetizamos que participantes religiosos tenderão a escolher mais a estratégia de reavaliação cognitiva em detrimento da estratégia de distração em comparação com os não religiosos (H8).

ESTRUTURA GERAL DA TESE

Este trabalho está dividido em quatro partes e oito capítulos ao total, os quais são brevemente apresentados a seguir:

A Parte I, chamada de “EMOÇÕES E REGULAÇÃO EMOCIONAL”, conta com dois capítulos, o primeiro deles introduz múltiplas perspectivas sobre emoção e regulação emocional e apresenta estudos recentes sobre regulação emocional (Capítulo 1). O segundo apresenta o estudo do processo de Tradução, Adaptação e Validação do Questionário de Regulação de Sistemas Emocionais, incluindo a metodologia utilizada, a versão original e a adaptada do questionário para o português do Brasil, os dados da validação do instrumento e a avaliação da estrutura fatorial do instrumento, utilizando procedimentos estatísticos como análises fatoriais exploratórias e confirmatórias (Capítulo 2).

A Parte II, chamada de “AFILIAÇÃO E IDENTIDADE RELIGIOSA” possui dois capítulos. O primeiro, foca referenciais teóricos dos conceitos de religiosidade, afiliação e identidade religiosa (Capítulo 3). O segundo capítulo apresenta o desenvolvido do *codebook* sobre afiliação religiosa, incluindo resultados exploratórios da utilização da ferramenta em duas pesquisas (Capítulo 4).

A Parte III, chamada de “EMOÇÃO E RELIGIÃO”, possui 3 capítulos: 1) Um referencial teórico sobre a relação entre emoções e experiências religiosa (Capítulo 5); 2) Um levantamento quantitativo e transversal sobre religião, estados afetivos e regulação emocional (Capítulo 6), que utiliza vários questionários psicométricos para medir dados quantitativos, comparando os diferentes grupos de participantes por meio da afiliação religiosa e conta com dois capítulos; 3) Estudo experimental com o objetivo de avaliar quais estratégias de regulação emocional os participantes escolhem numa tarefa experimental, descrevendo de forma detalhada a metodologia do experimento, incluindo o desenho do estudo, descrição dos

participantes e critérios de recrutamento, instrumentos e procedimentos, coleta de dados, considerações éticas, métodos estatísticos e resultados encontrados (Capítulo 7).

A Parte IV desta tese foca na discussão geral e possui uma seção relacionada às considerações finais (Capítulo 8), em seguida as referências bibliográficas e, finaliza com os anexos.

PARTE UM – EMOÇÕES E REGULAÇÃO EMOCIONAL

CAPÍTULO 1 – EMOÇÕES E REGULAÇÃO EMOCIONAL
(REFERENCIAL TEÓRICO)

1.1 EMOÇÕES

Neste capítulo, apresentarei algumas definições de afeto e emoções, um breve desenvolvimento histórico do conceito, as principais correntes teóricas e o conceito de regulação emocional e os efeitos de suas estratégias.

1.1.1 Histórico

A psicologia das emoções tem como um dos principais fundadores William James que também é um dos principais fundadores do campo da psicologia da religião. Em seu famoso artigo “*What is an Emotion*”, James (1884), afirma que: “as mudanças corporais se seguem diretamente à percepção do fato existente, e que a sensação causada por essas mudanças no momento em que ocorrem é a emoção” (James, 1884, p.189). Ideias semelhantes foram desenvolvidas, no mesmo período, por Carl Lange em 1885, o que culminou no desenvolvimento do modelo James-Lang. De modo resumido, esse modelo supõe que os estímulos causam mudanças corporais que geram emoções, ou seja, propõe que os estímulos são inicialmente vinculados a respostas físicas, e que somente depois serão decodificados como uma emoção.

Essa teoria foi severamente criticada por Cannon (1927, 1931), que desenvolveu, a primeira teoria neuroanatômica das emoções, sendo elaborada de modo mais profundo por Bard (Bard, 1928; Bard & Rioch, 1937). A teoria chamada de Cannon-Bard, propõe que diante de um evento, que de algum modo afeta o indivíduo, um impulso nervoso atinge primeiramente o tálamo e, então, a mensagem se divide para o córtex cerebral, gerando experiências subjetivas de raiva, alegria, tristeza, medo, etc. E a outra parte do impulso é conduzida, simultaneamente, para o hipotálamo, determinando alterações neurovegetativas periféricas, ou seja, os sintomas. Neste modelo as reações fisiológicas e a experiência emocional ocorrem simultaneamente.

Papez (1937) propõe um modelo em que a emoção não é executada somente por centros cerebrais específicos, e sim por circuitos envolvendo quatro estruturas básicas, interconectadas por feixes nervosos. De modo mais amplo, MacLean (1949, 1952, 1970),

construiu um modelo anatômico das regiões cerebrais envolvidas na emoção, baseando-se nas ideias originais de Papez, Cannon e Bard e nos achados de Kluver e Bucy (Kluver & Bucy, 1937) que mostraram que a remoção bilateral dos lobos temporais em macacos levou a um conjunto característico de comportamentos que incluíram perda de reatividade emocional, hipersexualidade, entre outros. MacLean (1970) desenvolveu um modelo dividindo o cérebro em três sistemas interativos: uma parte que era considerada como evolutivamente antiga, entendida como um centro de emoções primitivas, como agressão e medo; O "velho" cérebro de mamífero que está mais relacionado com emoções sociais; E o "novo" cérebro de mamíferos que consiste especialmente no neocórtex, onde se encontra a interface da emoção e cognição, possibilitando o controle de cima para baixo (top-down) sobre as respostas emocionais originadas dentro de outros sistemas.

Pesquisadores argumentam que James não foi corretamente interpretado em sua teoria das emoções (Myers, 1985; Reisenzein & Stephan, 2014). Entretanto, de acordo com Dalglish et al. (2009), o modelo James-Lang permanece influente no pensamento contemporâneo e está renascendo em virtude da ênfase que ele coloca na incorporação de emoções, que se assenta bem em estruturas mais amplas de cognição incorporada (Niedenthal, 2007). De acordo com Dalglish et al. (2009), a afirmação de que padrões de resposta corporal são suficientes para diferenciar completamente entre estados emocionais já não é amplamente aceito. A visão mais recente aceita, parte de uma posição híbrida, onde o corpo colabora para uma ponderação da intensidade emocional que é então cognitivamente avaliada para induzir a uma experiência emocional. Uma evidência antiga mais importante para esta posição vem dos estudos de Schachter & Singer (1962) que mostraram que padrões similares da excitação corporais poderiam ser vivenciados como raiva ou felicidade dependendo do contexto cognitivo e social.

1.1.2 Afeto, emoção, estado de espírito e temperamento

Alguns pesquisadores afirmam que a definição de estados afetivos ainda gera um debate sobre consensos na literatura do afeto (Frijda, 1986; Lindquist, 2013; Russel, 2009). De maneira geral, o afeto pode ser definido como diferentes tipos de sentimentos, como as

emoções e os estados de espírito, com uma valência específica (positiva ou negativa), tendo como base esse sentimento (Batson et al., 1992; Clore, 1992, Fridja, 1994). Garcia-Marques (2001) define o conceito de sentimento como uma experiência subjetiva que apresenta correlatos fisiológicos e afirma que o afeto pode ser descrito como uma categoria mais ampla que engloba emoções e estados de espírito. Para Storbeck & Clore (2008), o afeto traz informações para julgamentos e decisões, atribuindo valor positivo ou negativo através de reações corporais agradáveis ou desagradáveis.

Para Izard (2007), uma emoção deve apresentar padrões ou processos neurológicos, expressões externas e internas, sentimentos e cognições associadas. Watson & Clark (1994) definem emoções como reações muito estruturadas e organizadas a um determinado evento que geram características a comportamentos adaptativos. De acordo com Ekman (1999), as emoções geram alterações fisiológicas que preparam o indivíduo a responder de forma diferente em diferentes estados emocionais e que as emoções também podem ser observadas em outros primatas. Gray & Watson (2001) sugerem que elas são (1) inatas, um sistema biologicamente muito conectado que (2) promove a sobrevivência do organismo através da (3) facilitação de respostas ou reações adaptativas a mudanças circunstanciais no ambiente. Para Carlson & Hatfield (1992), as emoções são definidas como predisposições motivacionais genéticas e adquiridas para responder de forma experiencial, fisiológica e comportamental a certos estímulos internos e externos. Fridja (1993) considera que as emoções abarcam atribuições, mudanças de crenças, mudanças na atenção e na sensibilização para determinadas classes de estímulos.

Neste trabalho utilizaremos a definição de emoção, abordada na perspectiva do modelo avaliativo: “uma emoção é definida como um episódio de mudanças inter-relacionadas e sincronizadas nos estados de todos ou maioria dos cinco subsistemas orgânicos em resposta a avaliação de um evento de estímulo externo ou interno como relevante para as principais preocupações do organismo”(Sander, Grandjean & Scherer, 2005, p.318, tradução livre). Neste modelo proposto Sander, Grandjean & Scherer (2005) , sugerem cinco subsistemas orgânicos: Processamento de informações, Suporte, Executivo, Ação e Monitoramento. Essa definição será aprofundada quando o modelo avaliativo for apresentado posteriormente em contraste com outros modelos sobre emoções na literatura das ciências afetivas.

Depois de analisar as definições de emoções descritas anteriormente, é importante entender como o conceito de emoção se diferencia de outros conceitos como o temperamento e o estado de espírito, também descrito como humor.

Davidson et al. (1994) conceitua o temperamento como diferenças individuais características na maneira como as emoções básicas são experimentadas e expressas pelos indivíduos, levando em consideração a consistência trans-situacional e a estabilidade temporal. E caracterizando as emoções e estados de espíritos, como eventos transitórios associados à uma tendência para ação. Forgas (2011) define que o estado de espírito se diferencia das emoções porque são experiências afetivas que aparecem e desaparecem de forma mais gradual, são menos intensas, duram mais tempo e não têm uma causa imediata tão evidente, ou pelo menos não se tornam muito acessíveis para a cognição consciente.

Quadro 1 - Diferenças entre estados de espírito e emoções.

Estado de Espírito	Emoções
1. As causas são internas e dificilmente identificáveis	1. As causas são externas e facilmente identificáveis
2. Não tem um objeto - Tem características difusas	2. Dirige-se especificamente a um objeto - É focado
3. Tem uma natureza contínua	3. Tem uma natureza discreta
4. Sempre moderada ou fraca intensidade	4. Varia em intensidade podendo atingir valores extremos
5. Persistência (estamos sempre num estado de espírito)	5. São ativadas pontualmente

Fonte: Garcia-Marques (2001, p.260)

O quadro 1 descreve as diferenças entre estados de espírito e emoções. Gary & Watson (2001) também caracteriza o estado de espírito como um sentimento ou afeto que está em transições episódicas e que são mais “constantes”. De acordo com Garcia-Marques (2001, p.257): “O estado de espírito tem, assim, sido definido como, um sentimento afetivo de maior persistência, com menor intensidade, mais difuso e global do que as emoções”. Para Frijda (1994), a diferença entre estados de espíritos e emoções é que as emoções podem ser entendidas como intencionais, ou seja, elas possuem um objeto que as induz.

1.1.3 Principais teorias sobre emoções

De acordo com Gross & Barrett (2011), podemos classificar as principais perspectivas teóricas sobre emoções em quatro grandes blocos: Emoções básicas, *Appraisal* (modelo avaliativo), construtivismo psicológico e construtivismo social. O quadro 2 apresenta os principais pressupostos de cada perspectiva teórica.

Quadro 2 - Pressupostos de cada perspectiva teórica

	Básicas	Modelo Avaliativo (<i>Appraisal</i>)	Construtivismo psicológico	Construtivismo social
1. As emoções são estados mentais únicos?	Sim	Sim	Não	Varia de acordo com o modelo/autor
2. As emoções são causadas por mecanismos especiais?	Sim (exemplo: programas afetivos)	Varia de acordo com o modelo/autor	Não (os ingredientes básicos variam de acordo com o modelo específico)	Não
3. Cada emoção é causada por um circuito cerebral específico?	Sim (circuito subcortical para cada emoção)	Não	Não (circuito neural distribuído para cada ingrediente)	Não
4. As emoções têm manifestações únicas (no rosto, na voz, no estado do corpo)?	Sim	Varia de acordo com o modelo/autor	Não	Não
5. Cada emoção tem uma tendência de resposta própria?	Sim	Na maioria dos modelos, sim.	Não	Não
6. A experiência é uma característica necessária da emoção?	Varia de acordo com o modelo/auto	Sim	Sim	Não
7. O que é universal?	As emoções são universal	As avaliações (<i>appraisals</i>) são universal	Os ingredientes psicológicos são universal	A influência do contexto social é universal
8. Quão importante é a	Epifenomenal	Varia de acordo	Enfatizada	Presente, mas não

variabilidade nas emoções?		com o modelo/autor		central
9. As emoções são compartilhadas com animais não humanos?	Sim	Algumas avaliações (<i>appraisals</i>) são compartilhadas	O Afeto é compartilhado	Não
10. Como a evolução moldou emoções?	Emoções específicas evoluíram	As avaliações cognitivas evoluíram	Ingredientes básicos evoluíram	A estrutura cultural e social evoluíram

Fonte: Gross & Barrett (2011, p.9, tradução nossa)

Cada uma das abordagens teóricas serão apresentadas em profundidade nos próximos tópicos com o objetivo de ambientar os leitores nos principais debates acerca das emoções.

1.1.3.1 Emoções Básicas

De acordo com Gross & Barrett (2011), a perspectiva teórica das emoções básicas entendem que certas palavras específicas que representam emoções como “alegria”, “medo” e “raiva” possuem um mecanismo próprio que gera um único estado mental com resultados mensuráveis específicos, funcionando como um uma categoria que não pode ser decomposta em outra coisa. Neste sentido, existindo um número limitado de estados biologicamente básicos que são únicos em forma, função e causa de outros estados, como cognição e percepção. Pesquisadores como William McDougall, Jaak Panksepp, Ross Buck, Michael Davis, Joseph E. LeDoux, Silvan Tomkins, Paul Ekman (1972), Carroll E Izard, Robert W. Levenson e Antonio R. Damasio (1999), podem ser englobados nesta perspectiva (Gross & Barrett, 2011).

Keltner et al. (2019) afirmam que as expressões emocionais coordenam as interações sociais, sendo consideradas como uma gramática da vida social que podem ter sido emergido durante o processo de evolução dos mamíferos e que, por isso, deveria haver homologias entre o comportamento humano e não humano.

Ekman (1999) afirma que as emoções básicas possuem características comuns a toda espécie humana, argumentando que, por conta do processo evolutivo, elas, as emoções, passaram a ganhar características específicas para informar a toda espécie sobre o que está

acontecendo internamente dentro do indivíduo, gerando uma função adaptativa. De acordo com Ekman (1999), elas podem ser caracterizadas por sinais, fisiologia, eventos antecedentes, aparência e experiência subjetiva distinta, incluindo avaliação automática, início rápido, uma breve duração, ocorrência não solicitada e pensamentos distintos.

Por meio de uma revisão da literatura, Keltner et al. (2019) encontram 24 emoções com padrões multimodais e dinâmicos de comportamento expressivo próprios. Tanto Levenson (2011) como Ekman (1999) afirmam que existem 6 emoções básicas, que seriam raiva, nojo, tristeza, alegria, medo, surpresa e desprezo. O quadro 3 faz uma comparação entre as características que definem as emoções básicas de acordo com a perspectiva de Ekman (1999) e Levenson (2011) e Izard (1992).

Quadro 3 - Características que diferenciam emoções básicas de outros fenômenos afetivos.

Ekman (1999)	Levenson (2011)	Izard (1992)
1. Sinais universais distintos	1. distinção (em	1. Um substrato neural
2. Fisiologia distinta	antecedentes, sinal e	distinto e inato
3. Avaliação automática (appraisal)	fisiologia),	2. Uma expressão facial
4. Eventos antecedentes universais específicos	2. continuidade (presença	única e universalmente
5. Aparência específica durante o desenvolvimento	em outras espécies de	reconhecida
6. Presença em outros primatas	primatas, mesmos	3. Um estado de
7. Início rápido	antecedentes em todas as	sentimento subjetivo
8. Breve duração	culturas, mesmos sinais em	específico
9. Ocorrência não solicitada	todas as culturas) e	
10. Pensamentos e memórias distintas	3. estrutura/função (início	
11. Experiência subjetiva específica	rápido, breve, espontâneo,	
	coerência entre as	
	respostas, avaliação	
	automática).	

Fonte: Ekman, P. (1999, p.8), Levenson (2011, p.1) e Izard(1992) (tradução nossa)

Levenson (2011) afirma que as características que definem as emoções básicas são: 1) distinção (em antecedentes, sinal e fisiologia); 2) continuidade (presença em outras espécies de primatas, mesmos antecedentes e sinais em todas as culturas); e 3) estrutura/função (início rápido, breve, não solicitado, coerência entre respostas, avaliação automática).

Keltner et al. (2019) afirmam que na Teoria Básica da Emoção, as expressões não-verbais da emoção compartilham cinco propriedades: (1) padrões breves de comportamento

que se associam com experiências subjetivas específicas; (2) sinalizam o estado emocional, intenções e/ou avaliação manifestada na situação eliciadora; (3) similaridade intercultural na sua produção e reconhecimento; (4) apresentam similaridade comportamentos com outros mamíferos em contextos semelhantes; e (5) respostas fisiológicas específicas de acordo com cada emoção.

De acordo com Colombetti (2009), a visão de que há um número limitado de emoções básicas ou “programas afetivos” passou a ser conhecida, na psicologia da emoção, como Teoria da Emoção Discreta. O adjetivo “discreto” significa que as emoções básicas são separadas e distintas, e podem ser distinguidas umas das outras com base em diferentes características. Para Ekman (1999), Identificar emoções discretas específicas não requer necessariamente que se tenha também uma visão evolucionária das emoções e que um pesquisador com a perspectiva construcionista social poderia descrever emoções como “discretas” sem utilizar o significado do adjetivo “básico”.

Existem uma série de categorias de emoções discretas e o nosso intuito aqui não é descrever todas, entretanto, vamos citar alguns tipos existentes de classificações. Por exemplo: Emoções relacionadas com o atingimento de objetivo, como o orgulho, diversão, satisfação, raiva, frustração, decepção, etc (Bagozzi & Pieters, 1998); Emoções morais que expressam um sentido de responsabilidade moral, como a indiferença e orgulho, culpa, vergonha e etc (Haidt, 2003; Menesini et al., 2003); Emoções positivas, como a alegria, interesse, contentamento, orgulho e amor, que embora fenomenologicamente distintas, compartilham a capacidade de expandir os repertórios de ação de pensamento momentânea dos indivíduos e construir seus recursos pessoais duradouros, que vão desde recursos físicos e intelectuais, aos recursos sociais e psicológicos (Fredrickson, 2001).

Kemper (1987) elucida a diferença entre emoções primárias e secundárias, afirmando a existência de quatro emoções primárias fisiologicamente fundamentadas: medo, raiva, depressão e satisfação, que são consideradas importantes evolutivamente, transculturalmente universais, ontogeneticamente precoces para emergir, e ligam-se empiricamente a resultados importantes das relações sociais. Kemper (1987), propõe que as emoções secundárias, tais como a culpa, a vergonha, o orgulho, a gratidão, a nostalgia e o tédio, adquiridas através de agentes socializadores que definem e rotulam tais emoções enquanto as pessoas experimentam as reações autonômicas de uma das "primárias". Deste modo, é argumentado

que a culpa é uma resposta socializada à excitação das condições fisiológicas do medo; orgulho aos de satisfação; e assim por diante.

Para Levenson (2011), a maioria das controvérsias referente à literatura das emoções básicas estão associadas à forma como os dados foram coletados e o rigor utilizado na análise de critérios específicos. Por isso, muitos autores enfatizam a importância de estudar e avaliar cada uma dessas emoções separadamente. Entretanto, um número crescente de pesquisadores tem buscado uma visão alternativa das emoções, para eles a experiência emocional é amplamente inespecífica naturalmente. Essa resposta alternativa é definida como visão construtivista das emoções. (Russell et al., 1990; Tellegen, 1985; Watson & Tellegen, 1985, Gray & Watson, 2001).

1.1.3.2 Modelo Avaliativo (*Appraisal*)

Nessa perspectiva, palavras que caracterizam uma emoção ainda nomeiam estados mentais específicos que possuem forma, função e causa singulares, sendo diferentes de outros estados mentais. Entretanto, “medo”, “alegria”, “raiva” e outras palavras de emoção não nomeiam estados mentais e mecanismos distintos. Alguns dos modelos de avaliação consideram as “avaliações” como antecedentes cognitivos específicos da emoção que dão sentido ao mundo (Gross & Barrett, 2011).

Scherer (2005) afirma que a existência de emoções diferentes ocorre em função dos diferentes padrões de avaliação (*appraisal*). Para Moors et al. (2013), no modelo avaliativo, as emoções são consideradas como respostas adaptativas que refletem avaliações significativas de algumas das características do ambiente. Essa abordagem teórica tenta explicar por que pessoas que presenciam o mesmo evento apresentam respostas emocionais em graus e formas diferentes. Frijda (1993) afirma que as emoções resultam da avaliação de eventos com respeito às suas implicações para o bem-estar ou para a satisfação de objetivos, motivos ou preocupações e que diferentes emoções correspondem a diferentes padrões de avaliação;

Para Sander, Grandjean & Scherer (2005), a principal contribuição do modelo avaliativo das emoções é detalhar um conjunto padrão de critérios, dimensões ou verificações que podem fundamentar o processo de avaliação que constitui uma emoção, ou seja, em

função de um evento ou acontecimento, uma pessoa avaliaria seu significado em função de uma série de critérios como as consequências para o bem-estar, discrepância em relação às expectativas, a obstrução de planos e objetivos e a capacidade para lidar com as consequências.

Moors et al. (2013) afirma que a Avaliação, neste modelo teórico, é o processo de detectar e avaliar a importância de elementos do ambiente para o bem-estar. A importância pode ser conceituada como a satisfação ou obstrução de preocupações que incluem necessidades, apegos, valores, objetivos atuais e crenças do indivíduo, ou seja, tudo com o que um indivíduo se preocupa.

Para Gross & Barrett (2011), as avaliações são como um conjunto de interruptores que, quando configurados em certos padrões, desencadeiam respostas emocionais biologicamente definidas e caracterizadas por saídas estereotipadas ou por uma forte e quase inescapável tendência a interagir com o mundo de uma maneira particular. Em outros modelos, as avaliações são vistas não como causas da emoção, mas como parte constituinte da emoção. Neste sentido, as emoções são entendidas como predisposição para um tipo de resposta ligeiramente coordenada que é sensível ao contexto (Gross & Barrett, 2011). Os pesquisadores que podem ser caracterizados nesta perspectiva: Magda B. Arnold, Ira J. Roseman, Richard S. Lazarus, Nico H. Frijda, Klaus R. Scherer, Craig A. Smith, Phoebe C. Ellsworth, Howard Leventha, Gerald L. Clore e Andrew Ortony (Gross & Barrett, 2011).

Moors et al. (2013) argumenta que pesquisadores como Paul Ekman do modelo teórico das emoções Básicas e James Russell do modelo construtivista utilizam casualmente o termo avaliação e alguns até o descrevem como um componente. Entretanto, Moors et al. (2013) afirma que apenas mencionar o termo avaliação ou incluir um componente de avaliação não é um critério para denominar uma teoria de modelo avaliativo, para isso é preciso que a teoria apresente “(a) a definição de avaliação, em termos de conteúdo e tipo de processo, (b) o papel da avaliação na emoção e previsões sobre a relação entre mudanças na avaliação e mudanças em outros componentes e (c) previsões sobre as diferenças individuais, culturais e de desenvolvimento.” (Moors et al., 2013, p.120)

De acordo com Frijda (1993), o conceito de “avaliação” pode ser visualizado nas pesquisas de duas maneiras: ao se referir ao conteúdo da experiência emocional e ao se referir aos antecedentes cognitivos das emoções. O primeiro caso pode ser visualizado por meio das

informações obtidas dos auto-relatos, apresentando limitações para inferir sobre os antecedentes das emoções, porque a experiência emocional pode conter avaliações que compõem parte da resposta emocional, em vez de pertencerem às suas causas, confundindo na identificação dos antecedentes. Conforme podemos ver no exemplo a seguir: “A maioria das Aracnofóbicos sabem que seus medos são infundados; muitas vezes não há consciência do dano que a aranha pode causar, além de evocar o medo” (Fridja, 1993, p. 361, tradução nossa), isso mostra que muitas vezes não temos consciência sobre o funcionamento dos antecedentes cognitivos das emoções e que para entender o fenômeno da fobia não podemos nos basear na introspecção.

Outro exemplo que é citado por Fridja (1993) sobre a confusão entre as avaliações enquanto elementos antecedentes das emoções pode ser visualizado na seguinte citação “É fácil acreditar que alguém se apaixonou por causa da beleza da pessoa amada, mas seria difícil sustentar que a percepção da beleza da pessoa amada sempre precedeu a emoção e a desencadeou; há, de fato, evidência para o inverso” Fridja, 1993, p. 360, tradução nossa).

Quando pensamos nos antecedentes cognitivos das emoções, Fridja (1993) propõe que o processo que gera a emoção pode ser melhor entendido como regido por uma estrutura que é continuamente modificada pela captação de informações do evento, de estímulo, dos esquemas ativados e do feedback das fases anteriores da resposta emocional, se fundindo com o senso de realidade, senso de iminência, de certeza ou incerteza, agência e todos os componentes básicos de avaliação.

Conforme visto anteriormente, a definição de emoções proposta por Scherer (2005), pode ser entendida como uma definição componencial processual que consiste num “episódio de mudanças inter-relacionadas e sincronizadas nos estados de todos ou maioria dos cinco subsistemas orgânicos em resposta a avaliação de um evento de estímulo externo ou interno como relevante para as principais preocupações do organismo”(Scherer, 2005, p.697, tradução livre). A definição componencial proposta por Scherer associa a emoção a cada um dos cinco subsistemas: processamento da informação (elicitação por meio de avaliação), o suporte (regulação por meio de reações autônomas), o executivo (tendências de ação motivacional), a ação (comportamento expressivo) e o monitoramento (sentimentos) (Sander, Grandjean & Scherer, 2018), como podemos visualizar no quadro 4. Também é importante

contextualizar que, de acordo com Moors et al. (2013), as teorias do modelo avaliativo não são as únicas que tratam das emoções como um processo de mudanças nos componentes.

Quadro 4 - Subsistemas organísmicos, componentes e funções emocionais.

Função emocional	Subsistema organísmico e principais substratos	Subsistemas organísmicos
Avaliação de objetos e eventos	Processando informação (sistema nervoso central - SNC)	Componente cognitivo (avaliação)
Regulação do sistema	Suporte (sistema neuroendócrino, SNC, sistema nervoso autônomo)	Componente neurofisiológico (sintomas corporais)
Preparação e direção de ação	Executivo (sistema nervoso central)	Componente motivacional (tendências de ação)
Comunicação de reação e intenção comportamental	Ação (sistema nervoso somático)	Componente de expressão motora (facial e expressão vocal)
Monitoramento do estado interno e interação organismo-ambiente	Monitor (sistema nervoso central)	Componente de sentimento subjetivo (experiência emocional)

Fonte: Scherer, K. R. (2005, p.698, tradução nossa)

Scherer (2001) propõe quatro tipos de informações abrangentes que o organismo precisa processar e reagir adaptativamente a um evento saliente que vão influenciar o percurso emocional. Essas informações podem ser definidas como relevância, implicações, potencial de enfrentamento e significância normativa. Cada um desses tipos de informações possuem ramificações que serão detalhadas a seguir.

Relevância - Responde a questões como se o evento é relevante para o organismo e se ele afeta diretamente a pessoa ou o grupo social ao qual ela pertence. Os indivíduos examinam constantemente seu ambiente externo e interno para verificar a ocorrência de eventos que requerem processamento adicional de informações, atenção e possivelmente de uma reação adaptativa. Neste bloco, são definidos três macro elementos de avaliação: novidade, agradabilidade e relevância para meta ou necessidade. Em termos de novidade são avaliados o quanto os eventos surgem de modo abruptos, o grau de familiaridade com a situação e a previsibilidade de ocorrência. A agradabilidade é uma dimensão de avaliação que dimensiona o grau de dor e prazer associados ao evento, e a relevância foca em como a meta e/ou necessidade afetam a percepção do evento em termos de valores e hierarquia das necessidades (Scherer, 2001).

Implicações - avalia as consequências do evento para o bem estar e metas de curto, médio e longo prazo, sendo considerados como elementos de avaliação: (a) a atribuição causal do evento (quem ou que é responsável pelo evento); (b) probabilidade esperada que infere a estimativa ou certeza com que certas consequências são esperadas; (c) A discrepância entre a expectativa e realidade; (d) condutividade de meta/necessidade, que está associada aos comportamentos ou eventos facilitam/ajudam ou atrapalham o atingimento da meta; (e) Urgência, que depende da contingência temporal e da significância do evento (Scherer, 2001).

Potencial de enfrentamento - está associado com a possibilidade do indivíduo lidar ou ajustar-se às consequências do evento que pode ser divididos em três aspectos: (a) controle, o grau em que os eventos podem ser controlados ou influenciados por agentes naturais; (b) poder, a capacidade de mudar os resultados de acordo com seus próprios interesses. (c) Potencial de ajuste, a capacidade de acomodar e conviver com os efeitos provocados pelo acontecimento (Scherer, 2001).

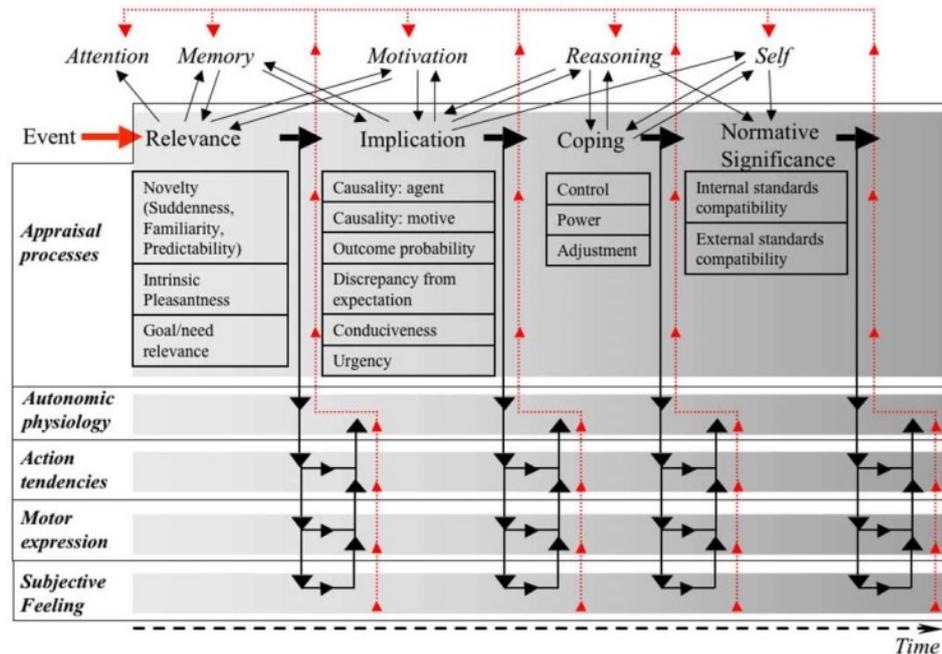
Significância Normativa - Se relaciona com o significado do evento em relação ao autoconceito do indivíduo e às normas e valores sociais, incluindo: (a) padrões internos, relacionado com o eu ideal (atributos desejáveis) ou o código moral internalizado (conduta obrigatória); (b) Padrões externos, avalia o quanto uma ação é congruente com as demandas e normas de condutas desejáveis e/ou obrigatórias de um grupo de referência (Scherer, 2001).

Sander, Grandjean & Scherer (2005) afirmam que os diferentes subsistemas orgânicos são interdependentes e que transformações em um subsistema poderão gerar transformações associadas em outros subsistemas e citam o seguinte exemplo:

“A detecção de um estímulo novo e inesperado pela verificação de novidade produzirá 1) uma resposta de orientação no sistema de suporte (por exemplo, diminuição da frequência cardíaca, aumento da condutância da pele), 2) alterações posturais no sistema de motivação (ou tendência de ação) (foco as áreas de recepção sensorial em direção ao novo estímulo), 3) mudanças na atribuição de prioridade de metas no subsistema executivo (tentativa de lidar com uma emergência potencial) e 4) alterações no estado de alerta e atenção no subsistema monitor. Quando, milissegundos depois, a próxima verificação, a verificação de agradabilidade intrínseca, atinge o fechamento suficiente para determinar que o novo estímulo é desagradável, os efeitos eferentes desse resultado afetarão novamente o estado de todos os outros subsistemas” (Sander, Grandjean & Scherer, 2005, p 322-323, tradução livre)

A figura 1 demonstra a interação entre os diferentes componentes processuais propostos no modelo de emoções definido por Scherer (2001).

Figura 1 - Ilustração do modelo de processo componente de emoção.



Fonte: Sander, Grandjean & Scherer (2005, p. 321)

Moors et al. (2013) comenta que o conteúdo da avaliação pode variar em termos de relevância do objetivo e congruência do objetivo, certeza, agência e potencial de enfrentamento ou controle e cita o seguinte exemplo: “uma pessoa vê seu vizinho como a causa (agência) de sua falta de sono (incongruência de objetivos) e não sabe (certeza) se pode mudar a situação (controle)” (Moors et al., 2013. p120). Moors et al. (2013) apresentam outras dimensões propostas por diversos teóricos como expectativa, novidade, valência intrínseca, urgência, legitimidade ou justiça, intencionalidade e/ou compatibilidade com normas e afirma que a quantidade e variedades de elementos ou conteúdos que compõem o processo de avaliação estão intimamente relacionados com o número e a natureza das emoções que se pode ou deseja explicar. Por exemplo, Smith e Ellsworth (1985) também propõem dimensões variadas para descrever o conteúdo das avaliações como agradabilidade, esforço antecipado, certeza, atividade atencional, auto-responsabilidade/controle e ao controle situacional.

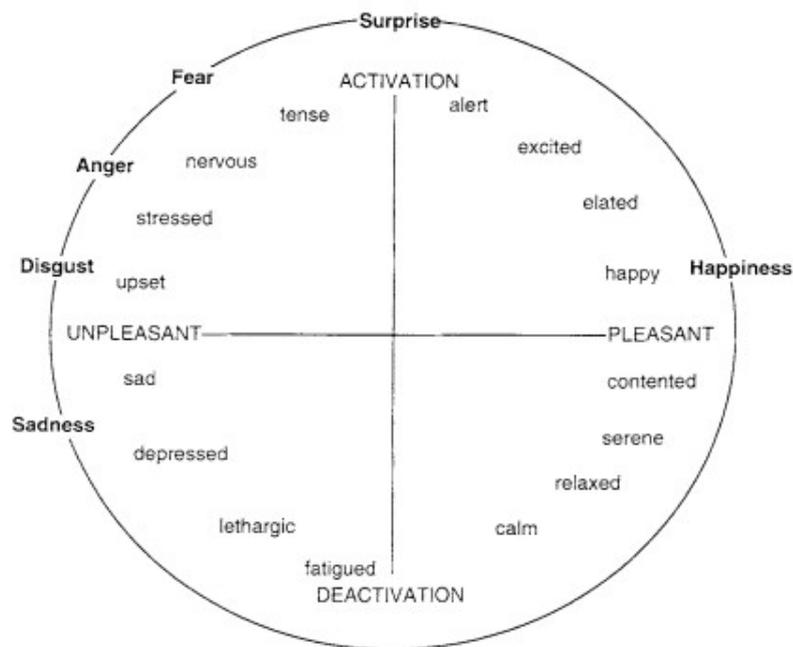
1.1.3.3 Construtivismo Psicológico

De acordo com Lindquist (2013), na abordagem construtivista, as emoções surgem na consciência quando os indivíduos categorizam sensações corporais ambíguas (internas) e externas (visuais, olfativas, auditivas, etc.) como instâncias de categorias de emoção discretas (por exemplo, medo). Nesse sentido, a construção da emoção é fortemente dependente do contexto, e algumas vezes, as emoções são referidas como conceptualizações situadas, o que significa que as experiências são feitas sob medida para interagir com a situação atual. Clore and Ortony's (2008) afirmam que as emoções são mais uma construção emergente do que uma entidade latente. Uma metáfora muito utilizada na visão construtivista das emoções pode ser representada da seguinte forma: “imagine que para preparar croissants, biscoitos, pães e bolos você sempre vai precisar de farinha, água, fermento e sal, e que a quantidade de cada ingrediente definirá o produto final”. Para Lindquist (2013), os dois principais ingredientes psicológicos da experiência emocional é o afeto central (*core affect*) e a conceptualização.

Russel (2009) define o que ele chama de *afeto central*, como um estado neurofisiológico que determina sentimentos positivos ou negativos, com muita energia e pouca energia. Para ele, o conhecimento gerado sobre emoções deve ser questionado da forma mais básica, em seu aspecto fundamental, pois são utilizados muitos termos como emoções básicas, discretas, medo, raiva, alegria, estados de espírito com pouco consenso. De acordo com Lindquist (2013), o *afeto central* pode ser experimentado como um sintoma corporal (por exemplo, um coração batendo), mas é frequentemente experimentado como sentimento de prazer/desprazer com algum grau de excitação, sendo um processo básico que representa as sensações corporais. Este ingrediente tem sido chamado de "central" porque as dimensões de valência e ativação são subjacentes a todas as experiências e percepções emocionais discretas. Lindquist (2013), explica que a conceptualização, que é o segundo ingrediente psicológico da experiência emocional, pode ser definida como o processo através do qual o fluxo e refluxo das sensações a partir do interior do corpo e fora do corpo recebem significados. Posner, Russell & Peterson (2005) afirmam que o modelo circumplexo proposto por Russel define que todos os estados afetivos surgem de interpretações cognitivas de sensações neurais centrais que são o produto de dois sistemas neurofisiológicos independentes a valência e a ativação.

Russell & Barrett (1999), mostram que certas emoções prototípicas variam de acordo com certas dimensões como valência, intensidade ou grau de ativação e que nem toda emoção com o mesmo rótulo possui o mesmo grau de ativação e (des)prazer. Para ilustrar esse exemplo, os pesquisadores ilustram o argumento utilizando a diferença de medo experimentados em passeios de montanha-russa que não são tão desagradáveis como o medo vivenciado ao ser perseguido por um urso. Para Russell & Barrett (1999) a estrutura da emoção é considerada com um circunflexo, visualizado na imagem x em que certos episódios emocionais prototípicos se localizam em certas regiões de acordo com as as dimensões de prazer(valência) e ativação. Para os pesquisadores, os dispositivos de avaliação baseados na abordagem circunflexa dimensional capturam o afeto central, mas perdem os outros componentes de avaliação.

Figura 2 - Modelo circunflexo Russell & Barrett



Fonte: Adaptado de Russell & Barrett (1999, p.808).

Um dos desenvolvimentos mais recentes desta perspectiva, é a teoria das emoções construídas de Barrett. Para Barrett (2017), as emoções são construções do mundo, não reações a ele. O modelo proposto pela pesquisadora considera que o cérebro funciona como sistema que executa um modelo interno que controla geradores de padrões a serviço da homeostase. Neste modelo interno, as experiências passadas são implementadas como conceitos, que podem ser entendidos como uma coleção de representações incorporadas do cérebro que

predizem o que está prestes a acontecer no ambiente, projetando a melhor possibilidade de ação para reagir aos eventos iminentes e suas possíveis consequências. A autora faz muitas contribuições baseadas em evidências para pensar as emoções incorporando um modelo de preditivo ao *afeto central* proposto por Russel (2009). Neste sentido, a predição funcionaria como um dos ingredientes para construir a experiência afetiva.

Barrett (2017) afirma que a teoria do *appraisal* supõem que uma resposta deriva de um estímulo que é avaliado por seu significado e que, contrariamente, para ela, as avaliações como formas de descrições do mundo são produtos gerados da categorização em interação com os conceitos. Ela afirma que previsões são certos tipos de conceitos e que previsões concluídas funcionam como categorizações que mantêm a regulação fisiológica, orientam a ação e constroem a percepção. De modo resumido, na visão do modelo avaliativo, o significado emocional é gerado pela forma como um determinado estímulo é avaliado e em seguida certas respostas são iniciadas; na visão de Barrett, o significado é construído a todos momento juntando avaliação e reação, como se o cérebro estivesse sempre prevendo e corrigindo os erros de previsão em função da alostase. O significado não seria resultado somente de uma avaliação.

Para concluir esse bloco, apresentamos alguns teóricos classificados nesta perspectiva, construtivista das emoções, que são: Wilhelm Wundt, Lisa F. Barrett, Kristen A. Lindquist, Harry F. Harlow, Ross Stagner, George Mandler, Stanley Schachter, Jerome Singer, Elizabeth Duffy; James A. Russell, William James (Gross & Barrett, 2011).

1.1.3.4 Construcionismo Social

Nesta perspectiva, as emoções são vistas como performances prescritas pela cultura ou como artefatos sociais, ao invés de estados mentais internos, sendo constituídas por diversos fatores socioculturais e adaptadas de acordo com os papéis vivenciados pelos participantes (Gross & Barrett, 2011). De acordo com sua função social, os elementos comportamentais e mentais de uma emoção coevoluem de acordo com os significados sociais atribuídos, apresentando padrões que variam de cultura para cultura. Algumas referências neste campo são: Robert C. Solomon, Batja Mesquita, James R. Averill e Rom Harré (Gross & Barrett,

2011). Para Avrill (2005), as crenças e regras compartilhadas (normas sociais) geram os protótipos que possibilitam a construção das emoções. Esses protótipos não servem apenas para que indivíduos as interpretem, mas por meio deles as emoções são construídas; Avrill (2012) afirma que “As pessoas não são livres para inventar suas próprias emoções, assim como não são livres para inventar sua própria linguagem - não se quiserem ser compreendidas” (Avrill, 2012, p. 215).

Boiger & Mesquita. (2012) afirmam que os contextos sociais constituem, moldam e definem emoções, podendo acontecer de três formas: interações momento a momento, nos relacionamentos e nos contextos culturais. Estudos de interações criança-cuidador fornecem evidências da construção da emoção no processo de interação; emoções inseridas no contexto dos relacionamentos, moldam e são moldadas pelas pessoas comprometidas no engajamento relacional; A construção da emoção se desenvolve inserida num ambiente repleto de significados e práticas culturais que caracterizam determinados temas emocionais ou não emocionais, gerando significados ou ações para a construção da identidade individual num aspecto emocional (Boiger & Mesquita, 2012).

Para Averill (1980), as emoções são definidas como papéis sociais transitórios ou síndromes socialmente constituídas. Averill (1980) define um papel como um conjunto socialmente prescrito de respostas a serem seguidas por uma pessoa em uma determinada situação, implicando que o significado funcional das respostas emocionais deve ser encontrado em grande parte dentro do sistema sociocultural. Um exemplo utilizado por Avrill (1980) é que uma pessoa interpreta seu próprio comportamento como emocional semelhante a um ator que interpreta um personagem (papel) "com sentimento". Neste sentido, é necessário que o indivíduo entenda como o papel emocional se encaixa num "drama" maior escrito pela sociedade, estipulado-se a natureza das regras pertinentes; são, a saber, normas sociais ou expectativas compartilhadas em relação ao comportamento apropriado.

O conceito de síndrome pode ser entendido como um conjunto de respostas que co-variam de forma sistemática (Averill, 1980). A noção de conjunto implica que uma síndrome consiste em uma variedade de elementos diferentes. Portanto, uma síndrome não é uma resposta unitária ou invariável. Os elementos que compõem a síndrome devem estar relacionados de tal maneira que formem um sistema coerente. Nesse sentido, as síndromes também podem ser

definidas como sistemas de comportamento, em oposição a reações específicas (Averill, 1980).

Para ilustrar o efeito dos papéis e do script social na construção da experiência emocional, Averill (1980) cita o seguinte exemplo sobre experiências místicas e religiosas:

“Durante um estado místico, as distinções costumeiras entre o eu e o outro, e entre a realidade interna e externa, não são mais reconhecidas; e a experiência é guiada por categorias de pensamento mais abrangentes. Estas últimas categorias são frequentemente baseadas em algum sistema filosófico ou religioso dentro do qual o papel do místico é definido, por assim dizer. Em alguns casos, como no caso do santo ou xamã, o papel místico é bastante explícito e formalmente reconhecido. Mas em outros casos (como o usuário de maconha neófito que tem que aprender quando está "alto"), o papel pode exigir uma quantidade considerável de improvisação por parte do indivíduo. ...Na ausência de uma estrutura de apoio ou sistema de crenças que dê significado à experiência, é mais provável que um colapso na organização cognitiva resulte em angústia do que em nirvana. Isso explica o fato de que a ansiedade é muitas vezes ocasionada pelos mesmos eventos que também desencadeiam experiências místicas (ver Bourque & Back, 1971; Noyes, 1972; Lazarus, 1976). É claro que um colapso das estruturas cognitivas raramente é completo e, portanto, a angústia pode ocorrer em vários graus, desde sentimentos vagos de desconforto e incerteza até as reações catastróficas descritas por Goldstein (1939). As últimas ocorrem quando o indivíduo não é mais capaz de impor significado à realidade e, diante de um colapso iminente de seu próprio senso de individualidade, fica aterrorizado. No entanto, o indivíduo é impotente para agir, pois a fonte da ameaça vem de dentro (um colapso das estruturas cognitivas) e não de qualquer perigo externo bem definido.” (Averill, 1980, p.334, tradução livre)

1.2 REGULAÇÃO EMOCIONAL

Os estados emocionais frequentemente apresentam benefícios para a sobrevivência e bem-estar (Damásio, 1999). Entretanto, também são potencialmente mal-adaptativos, a depender da situação (Aldao, Nolen-Hoeksema & Schweizer, 2010). Muitos estudos mostram que as emoções podem ser reguladas de diferentes formas e que as estratégias de regulação emocional podem ter consequências variadas em diversos contextos e situações.

A Regulação Emocional (RE) pode ser definida com alterações no comportamento ou funcionamento do indivíduo devido a ativação de uma determinada emoção, como se a RE fosse um ajuste de certas ativações que determinariam um comportamento ou modificariam essas ativações (Cole et al., 2004). Existe uma fronteira ténue entre o conceito de emoção e RE, o que, para alguns pesquisadores, dificultaria uma distinção entre os dois conceitos (Eisenberg & Spinrad, 2004; Bridges et al., 2004). Para Campos et.al. (2004), alguns autores não concordam que seja possível diferenciar os dois constructos (emoções e RE).

De acordo com Matsumoto (2006), há duas maneiras de definir a regulação emocional: uma que entende as emoções como mecanismos reguladores de processos intrapessoais e interpessoais, entendendo que elas desempenham um papel na vida cotidiana e nas mudanças ocorridas quando são ativadas; e o outro modo de entendê-las, é como uma capacidade de gerenciar e modificar as reações emocionais para alcançar resultados que são direcionados por objetivos.

Na visão de Zeman et al. (2002), existem três processos centrais para a RE: (a) a consciência das experiências emocionais pessoais e nos outros; (b) estratégias para gerenciar as emoções com o objetivo de gerar desfechos construtivos; (c) gerenciar a forma de expressão das emoções. Morris et al. (2007) afirmam que o estudo da RE analisa os processos internos utilizados para gerenciar as emoções, como cognições emocionais, mudança do foco de atenção, gerenciamento de respostas fisiológicas e o papel que as influências externas, como os pais, exercem no processo de modulação das emoções.

Koole (2009) argumenta que a literatura, muitas vezes, apresenta a regulação da emoção como um processo deliberado em que há um esforço para procurar anular ou modificar as respostas emocionais espontâneas das pessoas e mostra evidências de que certas formas de regulação emocional são relativamente automáticas e sem esforço (Bargh e

Williams, 2007; Koole e Kuhl, 2007; Mauss, Bunge e Gross, 2007, como citado em Koole, 2009). Parkinson & Totterdell (1999) definem a regulação afetiva como qualquer processo destinado a modificar ou manter humores e emoções, cuja operação depende do monitoramento de informações afetivas, podendo acontecer de duas formas básicas: automática e controlada. Na primeira forma, o afeto é registrado sem consciência do sujeito e os ajustes são feitos em um nível não consciente. Na segunda forma, a regulação controlada, os indivíduos exercem uma influência deliberada e intencional sobre seus estados de ânimo e emoções, usando estratégias que são implementadas em função de mudanças conscientemente monitoradas nos estados afetivos.

De acordo com Gross (1999), a regulação emocional envolve muitas vezes mudanças na resposta emocional, podendo ocorrer nos tipos de emoções que as pessoas têm, nas situações e momentos em que elas ocorrem e como experimentam e expressam-as, e por meio dela, os indivíduos podem aumentar, manter ou diminuir emoções positivas e negativas.

Como visto no capítulo anterior, alguns autores afirmam que cada emoção desencadeia um padrão discreto de comportamento, fisiologia, pensamentos e sentimentos. No entanto, há evidência contrária à existência de estados emocionais específicos (Russell, 2003), mostrando que a resposta emocional parece estar organizada em termos de algumas dimensões fundamentais, incluindo a valência, a excitação e a evitação e/ou aproximação. De acordo com Koole (2009) o conceito de regulação emocional se aproxima mais da visão dimensional, ou seja, a regulação emocional pode não estar tão focada em direcionar as pessoas para dentro ou fora de estados emocionais distintos, como raiva, tristeza ou alegria, mas se concentra em alterar os estados emocionais das pessoas ao longo de dimensões como a valência, a excitação e a evitação de aproximação.

De acordo com Grewal et al. (2008), a expressão regulação emocional pode ser identificada como uma das habilidades que contém a inteligência emocional no seu escopo, além disso, o termo também é relacionado com *coping*, regulação de humor, regulação afetiva, mecanismos de defesa. Koole (2009) afirma que alguns construtos como regulação do humor, enfrentamento do estresse e regulação afetiva, estão intimamente relacionados com o conceito de regulação emocional, embora seja possível distinguir semanticamente entre esses construtos, sua sobreposição é considerável. Para Koole (2009), por meio da utilização do conceito de afeto central - *core affect* - (Russell, 2003), podemos englobar todos esses

conceitos, pois as fronteiras empíricas entre esses diferentes construtos de emoção são muito confusas (Russell, 2003) e que pode ser mais produtivo conceber a regulação da emoção de forma ampla, em relação ao gerenciamento de todos os estados emocionalmente carregados, incluindo emoções, humor, estresse e afeto discretos.

Compas et al. (2014) afirma que o conceito de RE e *coping* são construtos teóricos distintos, mas estão estreitamente relacionados. Para Compas et al. (2014), a RE é um conceito mais abrangente do que o *coping*, uma vez que envolve eventos emocionais em curso, enquanto o *coping* é um subconjunto da regulação da emoção que é gerado em resposta a eventos ou circunstâncias estressantes. Entretanto, o *coping* abrange uma gama mais ampla de esforços regulatórios em comparação com a regulação emocional no contexto de situações estressantes e a RE é um subconjunto de respostas ao estresse. Um campo de pesquisa que tem se desenvolvido substancialmente é o *coping* ou o enfrentamento religioso (Harrison et al., 2001; Pargament, 1996; Pargament et al. 1998). A forma com o indivíduo utiliza o enfrentamento religioso pode definir seus impactos na saúde, por exemplo, um padrão de reavaliação em que considera um Deus punitivo ou um Deus que perdoa pode influenciar os resultados do enfrentamento religioso na saúde mental (Pargament et al. 1998). Entretanto, utilizaremos a abordagem conceitual definida por Gross como modelo teórico para definir e operacionalizar o conceito de regulação emocional.

Para Gross (1998, 1999), a RE afeta a forma como os indivíduos influenciam, expressam e vivenciam as próprias emoções, podendo acontecer de duas formas: antecedente à resposta ou focalizada nela. A regulação antecedente à resposta possibilita modificar a forma de futuras trajetórias emocionais, existindo quatro estratégias para evitar que certas emoções aconteçam novamente: (a) seleção da situação, (b) modificação da situação, (c) alocação da atenção e (d) modificação cognitiva. O outro tipo de regulação, centra-se na modificação de respostas comportamentais e fisiológicas após a instalação da emoção e possíveis tendências de resposta. Para Gross (2001) a regulação emocional focalizada no comportamento, defende que após a instalação de uma determinada emoção, podemos inibir ou suprimir sinais de saída das emoções ou respostas emocionais.

Forbes & Dahl (2005) sugerem que a regulação dos afetos positivos e negativos podem operar de modo diferente em medidas relacionadas com saúde e bem estar. Para Gross (2015), o aspecto que vai definir a regulação emocional é um processo de ativação de um

objetivo para influenciar a trajetória da emoção, sendo que, às vezes, esse objetivo final pode ser modificar a própria emoção vivenciada ou a regulação da emoção pode ser um meio para atingir os fins, como por exemplo: “posso estar motivado a parecer mais interessado em uma conversa do que realmente estou para conseguir conversar” (Gross, 2015, p.5, tradução nossa). Quadro 5, mostra alguns exemplos de objetivos para a regulação emocional relacionados com emoções positivas e negativas.

Quadro 5 - Exemplos de regulação emocional.

	Diminuir	Aumentar
Emoção negativa	Tentar se acalmar quando está com raiva (intrínseco).	Aumentar a raiva antes de um grande jogo (intrínseco)
	Ajudar uma criança chorosa a desembaraçar sua pipa (extrínseco)	Reenquadrar a “briguinha” de um amigo com o cônjuge como algo sério (extrínseco)
Emoção positiva	Tirar um sorriso do rosto em um funeral (intrínseco).	Compartilhar ótimas notícias com amigos próximos (intrínseco)
	Ajudar garotas risonhas a se acalmarem na hora de dormir (extrínseco)	Contar uma piada para animar alguém (extrínseco)

Fonte: Gross (2015, p5, tradução nossa)

Para entender a regulação emocional é importante utilizar o conceito de ativação emocional (*emotion arousal*), que sugere que um estímulo é primeiramente avaliado e depois essa avaliação vai gerar uma emoção; depois de ativada, a emoção então produz uma série de pensamentos, sentimentos, comportamentos expressivos e reações fisiológicas.

O modelo de regulação emocional proposto por Gross (2015), se fundamenta na ideia de que as emoções, como outros tipos de afeto, envolvem um processo de avaliação. Visto que uma das suas características definidoras é o afeto que pode ser entendido como uma forma de discriminação do que é “bom para mim” versus “ruim para mim” (Gross, 2015). De acordo com esse modelo, as emoções são geradas por meio de sistemas de avaliação e que a regulação emocional inicia quando um sistema de avaliação entra em contato com outro sistema de avaliação (que gerou a emoção) como alvo e o avalia positivamente ou negativamente, gerando estímulos para a ação com o objetivo de modificar o evento, incluindo ações como: (a) tentar mudar a situação à qual será exposto, (b) modificar aspectos

do mundo externo, (c) influenciar a percepção sobre partes importantes do evento, (d) alterar a representação cognitiva, e (e) modificar as comportamentos associados à emoção. Essa avaliação é ativada quando uma discrepância é percebida entre uma representação do mundo e uma representação de um objetivo/estado alvo. Esse modelo também distingue três estágios em que a regulação emocional pode ocorrer: (a) identificação (envolve discernir se a emoção deve ser regulada), (b) seleção (envolve identificar qual estratégia de regulação pode ser selecionada de acordo com o contexto) e (c) implementação (envolve a implementação da estratégia). Também é sugerido um quarto estágio, denominado de monitoramento, em que a pessoa monitora o resultado da regulação emocional e então decide se deve (i) continuar usando a estratégia de regulação emocional atual, (ii) mudar para outra estratégia ou (iii) interromper o processo de regulação. Esses quatro estágios se estendem ao longo do tempo e estão funcionalmente ligados. O autor também afirma que os sistemas de avaliação vão se sobrepondo e gerando novas demandas de regulação ao longo do tempo (Gross, 2015)

Matsumoto (2006) apresenta algumas evidências indiretas de como a cultura pode influenciar na regulação emocional: por meio das avaliações/interpretações (*appraisals*) que geram à emoção, na expressão emocional; nas regras que governam sua modificação, chamadas regras de exibição, e em termos de enfrentamento, um processo relacionado à reavaliação cognitiva.

Matsumoto et al. (2008) avaliou, por meio de medidas de autorrelato quantitativas, duas estratégias de regulação emocional, supressão expressiva e reavaliação cognitiva, em conjunto com outras medidas em 23 países e encontrou que culturas que valorizam a manutenção da ordem social, que pode ser entendida como um enraizamento e hierarquia orientadas ao longo prazo, tendiam a ter pontuações mais altas na supressão, e havia uma correlação positiva entre a reavaliação e a supressão. Em contraste, culturas que apresentavam baixas pontuações em manutenção da ordem social e que valorizavam a autonomia afetiva individual e o igualitarismo e tendiam a ter pontuações mais baixas em supressão, e havia uma correlação negativa entre reavaliação cognitiva e supressão. Essa dimensão cultural é muito importante para esse estudo, pois as diversas afiliações religiosas compõem sistemas com culturas específicas.

1.2.1 Efeitos das estratégias de regulação emocional

Existem uma variedade de estratégias de regulação emocional. Parkinson & Totterdell (1999) listaram várias estratégias possíveis para regular os estados afetivos, entretanto, não descreveremos todas elas nesse trabalho. O quadro 6 apresenta uma classificação desenvolvida por Koole (2009) dos diferentes tipos estratégias de regulação emocional.

Quadro 6 - Classificação das estratégias de regulação emocional.

Sistema gerador de emoções	Função psicológica		
	Orientada a necessidades	Orientada a objetivos	orientado a pessoas
Atenção	Pensamentos prazerosos ou relaxantes. Evitação atencional.	Distração com esforço; Supressão de pensamento	Contra-regulação atencional; Treinamento de mindfulness.
Conhecimento	Redução da dissonância cognitiva; Raciocínio motivado; Legítima defesa	Reavaliação cognitiva	Escrita expressiva; Especificação da experiência emocional; Ativando redes armazenadas de conhecimento emocional.
Corpo	Alimentação e afiliação induzida por estresse	Supressão expressiva; Exagero da resposta; Ventilação.	Respiração controlada; Relaxamento muscular progressivo

Fonte: Koole (2009, p.140, tradução nossa)

A regulação emocional tem sido associada a efeitos na saúde mental (Gross & Munõz, 1995), saúde física (Sapolsky, 2007), em termos de satisfação nos relacionamentos (Murray, 2005) e até desempenho no trabalho (Diefendorff, Hall, Lord & Streat, 2000). Aldao et al. (2010) mostram, numa metanálise, a associação de certas estratégias de regulação (ruminação, supressão) e psicopatologia e outras estratégias (reavaliação, resolução de problemas) e resiliência, e sugerem que a relação entre as estratégias de regulação da emoção e a psicopatologia pode variar de acordo com a estratégia e o tipo de psicopatologia. Berking & Wupperman (2012) mostram evidências de associações entre regulação emocional e depressão, transtorno de personalidade borderline, transtornos por uso de substâncias, transtornos alimentares, transtornos somatoformes e uma variedade de outros sintomas

psicopatológicos. Gärtner et al. (2022) realizaram 6 experimentos para verificar a associação entre o desempenho em tarefas de controle inibitório e a frequência de utilização de estratégias de regulação emocional e encontraram que o controle inibitório não estava associado ao uso de reavaliação cognitiva e supressão, nem ao sucesso da regulação emocional negativa. Mostrando evidência de que o controle cognitivo e o controle emocional podem não compartilhar os mesmos processos cognitivos. Entretanto, ainda existe um grande debate sobre esse assunto. Nos estudos 3 e 4, estudaremos algumas estratégias de regulação emocional: distração, ruminação, reavaliação, supressão, engajamento e controle de excitação. Por isso, vamos descrevê-las com mais precisão nos próximos parágrafos.

Gross (2001) e Gross e John (2003) focaram os processos de mudança cognitiva e modulação da resposta em seus estudos. Eles chamaram o primeiro processo de "reavaliação cognitiva", caracterizando-a como a forma pela qual os indivíduos reconstróem uma situação que evoca emoções para modificar seu impacto emocional. A reavaliação cognitiva é uma maneira de modificarmos as interpretações sobre eventos emocionais com o objetivo de modificar a forma como nos sentimos diante das situações. A modulação da resposta, possui uma estratégia que é conhecida como supressão expressiva que é a inibição consciente do comportamento emocional expressivo quando o indivíduo é emocionalmente ativado (Gross & Levenson, 1993), podendo ser entendida como a inibição do comportamento expressivo da emoção que estava em curso.

Mauss & Gross (2002) citam vários estudos que associam a supressão emocional ao câncer, asma, doenças cardiovasculares e dores crônicas. Moore et al. (2008) avaliaram a associação entre a reavaliação cognitiva e a supressão expressiva e medidas de psicopatologia relacionadas ao estresse em mulheres de nível universitário e expostas a traumas, e encontraram que a supressão expressiva foi associada a sintomas mais elevados de estresse em comparação com a reavaliação cognitiva. Neste estudo, a supressão expressiva estava relacionada a sintomas de PTSD, ansiedade e depressão na amostra comunitária exposta ao trauma, com a ruminação mediando essa associação parcialmente. Haga et al. (2009) realizaram um estudo com 489 estudantes universitários da Austrália, Estados Unidos e Noruega, avaliando supressão emocional, reavaliação cognitiva e medidas de bem estar como afeto, satisfação com a vida e humor depressivo, e encontraram que um aumento do uso de reavaliação cognitiva predizia um aumento nos níveis de resultados positivos de bem-estar,

enquanto o aumento do uso de supressão expressiva previa aumento nos níveis de resultados negativos relacionados ao bem-estar. A estratégia de reavaliação cognitiva pode mediar os efeitos que a dissociação possui na automutilação em pacientes com transtorno de personalidade limítrofe e distúrbios alimentares (Navarro-Haro et al., 2015). Outro exemplo é o extensivo trabalho de Gross comparando as estratégias de supressão e reavaliação cognitiva, mostrando evidências do efeito desadaptativo de suprimir e os benefícios de utilizar reavaliação do significado em relação à eventos negativos (Gross, 2002; Gross & Thompson, 2007). Kross & Ayduk (2008), realizam um experimento em que os participantes deveriam relembrar uma experiência de depressão e analisar os sentimentos a partir de duas perspectivas, uma de modo imerso e a outra de modo distanciado. Os participantes do grupo de análise distanciado se concentraram menos em contar sua experiência e mais em reconstruí-la (reavaliação cognitiva), o que, por sua vez, levou a níveis mais baixos de afeto deprimido. Também foram realizadas comparações com um grupo de distração que indicaram que a análise de distanciado foi tão eficaz quanto a distração na redução do afeto deprimido em relação ao grupo de análise imerso.

Augustine & Hemenover (2009) numa metanálise, mostram evidências de que a reavaliação cognitiva pode ser um meio efetivo de regulação com benefícios físicos, imunológicos e psicológicos e Webb et al. (2012) indicaram que os diversos tipos de reavaliação possuem efeitos positivos confiáveis nos resultados emocionais. McRae et al. (2011) mostraram que treinar participantes para usar a reavaliação cognitiva em laboratório leva-os a aumentar o afeto positivo e diminuir o afeto negativo, nesse mesmo estudo, os autores desenvolveram um protocolo com oito formas de fazer reavaliação cognitiva: (a) explicitar o positivo, (b) mudar as circunstâncias atuais, (c) desafiar a realidade, (d) alterar consequências futuras, (e) agência, (f) distanciamento, (g) técnico, e (h) aceitação. Não explicaremos em detalhe esses diversos tipos dessa estratégia. De acordo com Kross (2015), é preciso avaliar com calma os efeitos da reavaliação, pois existe uma ampla diversidade de tipos, sendo que algumas são provavelmente mais úteis do que outras, por exemplo: podemos reinterpretar de modo otimista uma situação, adotar uma mentalidade incremental, analisar seus sentimentos para encontrar significado, fingir o que estamos experimentando não é real, assumir uma perspectiva imparcial e etc.

Esparbès et al. (1993), define suporte social como o desejo ou necessidade de ajuda para satisfazer necessidades de escuta, reconhecimento e conforto ou compreensão do ponto de vista cognitivo por meio da solicitação de conselhos para outras pessoas. RIMÉ (2007) define a estratégia de compartilhamento social como falar abertamente com outro indivíduo das circunstâncias e reações emocionais relacionadas a um determinado evento que elicia as emoções. Para Kristin et al. (2017), ela está diretamente associada à reavaliação cognitiva, pois essa atividade envolve a descrição das emoções em uma linguagem socialmente compartilhada (Duprez, Christophe, Rime, Congard, & Antoine, 2015). O compartilhamento social é um aspecto implícito do apoio social e estudos têm demonstrado a associação desse aspecto com a religiosidade (por exemplo, Kvande, Reidunsdatter, Løhre, Nielsen, & Espnes, 2014)

Outra estratégia utilizada em nosso estudo é a ruminação e muitos estudos mostram, de forma recorrente, que a ruminação sobre aspectos negativos de uma determinada experiência pode afetar fortemente o desenvolvimento, manutenção e recorrência de episódios depressivos em comparação com a utilização da estratégia de distração da atenção em relação ao processamento emocional de um determinado estímulo (Nolen-Hoeksema, Wisco e Lyubomirsky, 2008).

De acordo com a teoria dos estilos de resposta (Nolen-Hoeksema, 1991), a ruminação pode ser definida como um modo de responder à angústia que envolve, de maneira repetitiva e passiva, os sintomas de angústia e as possíveis causas e conseqüências desses sintomas. Indivíduos que estão ruminando permanecem fixados nos problemas e em seus sentimentos sobre elas, sem agir, não levando a uma solução ativa de problemas para alterar as circunstâncias que cercam esses sintomas. Nolen-Hoeksema (1991) optou por definir a ruminação como uma resposta mal-adaptativa a situações angustiantes, independentemente das intenções das pessoas em se envolverem na ruminação. Estudos longitudinais prospectivos mostraram que as pessoas que ruminam quando estão em estado de angústia têm períodos mais prolongados de depressão e são mais propensas a desenvolver transtornos depressivos (Nolen-Hoeksema et al.,2008).

Nolen-Hoeksema et al. (2008) revisam a literatura e mostram evidências de que a ruminação exacerba os sintomas de depressão, ansiedade, compulsão alimentar, consumo excessivo de álcool e autoflagelação, aumenta o pensamento negativo, prejudica a resolução

de problemas, interfere no comportamento instrumental e corrói o apoio social, mas também mostra algumas descobertas contraditórias, especificamente, a ruminação parece predizer mais consistentemente o início da depressão do que a duração, também apresentam evidências contrárias.

Van Dillen & Koole (2007) definem a distração como uma estratégia que envolve desvincular a atenção do processamento emocional antes de ser representada na memória operacional, produzindo pensamentos neutros que são independentes e não conflitam com informações emocionais. Sheppes et al. (2014) afirmam que a distração é uma forma de desconectar o processamento da informação emocional de entrada num estágio inicial de processamento de seleção atencional, antes de passar por um processamento elaborado.

Sheppes et al. (2014) mostram evidências de as estratégias de regulação emocional utilizadas têm diferentes consequências em diferentes contextos, e que para acontecer uma adaptação mais saudável é necessário escolher as estratégias de modo flexível para se adaptar às diferentes demandas situacionais (Bonanno, 2005; Kashdan & Rottenberg, 2010). Kashdan e Rottenberg (2010) apresentaram evidências de que uma ruptura na forma flexível da escolha da estratégia de regulação pode caracterizar diversas formas de psicopatologia, e Bonanno (2005) destaca o papel da flexibilidade da regulação em termos de resiliência diante de situações de estresse e trauma.

Neste sentido, a estratégia de ruminação, considerada em muitos estudos desadaptativa, mostra evidências de ser vantajosa em contextos em que é preciso manter um único objetivo diante de distrações (Altamirano, Miyake, & Whitmer, 2010). A estratégia de supressão, também considerada em muitos estudos como desadaptativa, apresentou evidências de ser benéfica em situações extremamente adversas (Bonanno e Keltner, 1997) e menos desadaptativa em culturas orientais (Butler, Lee, & Gross, 2007). Kross & Ayduk (2008) mostram evidências de que a estratégia distração pode ser mal-adaptativa quando é necessário a realização de um ajuste de longo prazo, apesar dessa estratégia apresentar resultados amplamente adaptativos, principalmente em estudos experimentais em que avaliam os efeitos na redução do afeto depressivo a curto prazo.

Altamirano et al. (2010) afirmam que embora muitos estudos sugiram que ruminação pode ter um efeito negativo na depressão, porque os indivíduos tendem a ficar presos em determinados pensamentos, há evidências de que nem sempre essa inflexibilidade mental

pode ser desvantajosa, pois, em alguns casos, pode facilitar a manutenção ativa de um único objetivo da tarefa em face da distração. Com o objetivo de testar esta hipótese, Altamirano et al. (2010) realizaram um estudo com 98 estudantes universitários, medindo tendências ruminativas e níveis de disforia e colocando-os para realizar duas tarefas de controle executivo. Uma das tarefas enfatizava mudanças rápidas entre metas (nomeação de letras) e outra enfatizava a manutenção de metas ativas (Stroop modificado). Os resultados mostraram que tendências ruminativas mais altas previram mais erros na tarefa de mudança de objetivos e menos erros na tarefa de manutenção de metas; Estes resultados demonstraram que as tendências ruminativas podem ter efeitos prejudiciais e benéficos, sugerindo que talvez que a ruminação depressiva reflita uma característica associada mais a estabilidade do que a flexibilidade (mudança de objetivo).

Bonanno et al. (2004) mostraram que a capacidade de alternar de forma flexível entre aumentar a expressão e suprimir a emoção prediz fortemente uma adaptação saudável e, de acordo com Gupta & Bonanno (2011), a regulação flexível pode proteger de padrões complicados de luto. Bonanno et al. (2004) fornece suporte empírico para a suposição de que uma adaptação bem-sucedida pode estar ligada à capacidade de melhorar ou suprimir a expressão emocional de modo flexível utilizando uma tarefa de manipulação onde os sujeitos deveriam aumentar a expressão e supressão de modo alternado e medindo também como variável controle a angústia dos participantes, medindo em dois momentos, após os ataques de 11 de setembro(T1) e um ano depois (T2). Houve uma variabilidade significativa nos escores de estresse de T1 para T2, independentemente do seu nível de ajustamento, participantes que mostraram maior flexibilidade expressiva no teste, apresentaram um sofrimento reduzido medido em T2.

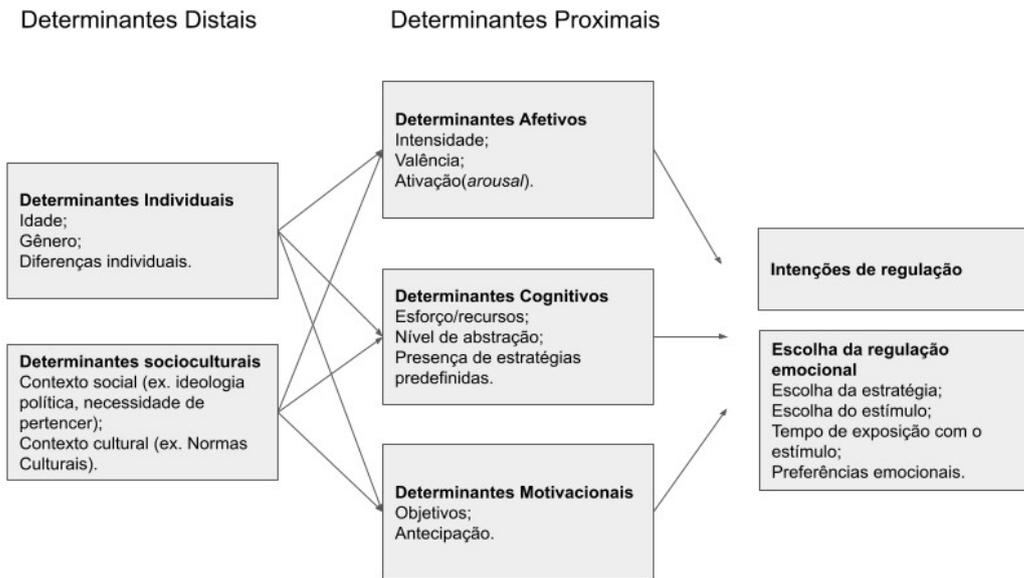
Zeman et al. (2006) afirmam que para uma estratégia de regulação ser considerada adaptativa (ou não) depende das demandas sociais específicas de uma situação. De acordo com Kalokerinos et al. (2016), os custos sociais das estratégias escolhidas são dependentes do contexto, sendo considerado potencialmente um desajuste do contexto emocional. Alguns estudos apresentam evidências de que fatores específicos como idade, gênero, personalidade, raça e recursos cognitivos disponíveis influenciam o processo de escolha de quais estratégias regulatória os indivíduos utilizam (Gross & John, 2003; John & Gross, 2004; Scheibe, Sheppes, & Staudinger, 2015). Por exemplo, a distração exige menos esforço do ponto de

vista cognitivo para ser implementada, sendo mais provável que ela seja escolhida do que reavaliação quando recursos cognitivos estiverem sendo utilizados para outras tarefas (Sheppes et al., 2014).

Sheppes et al. (2014) desenvolveram um modelo para testar quais estratégias de regulação emocional eram escolhidas em diferentes contextos emocionais. Para os autores, o comportamento de escolha é visto como um meio pelo qual indivíduos podem exercer o controle sobre o ambiente e tem sido amplamente estudado em várias áreas da psicologia, especialmente em julgamento e na tomada de decisões. Entretanto, pouco se sabia sobre as escolhas que as pessoas fazem em termos de regulação emocional. Numa série de 6 estudos, Sheppes et al. (2014), testaram como indivíduos escolhem entre duas estratégias de regulação emocional (distração ou reavaliação cognitiva) em diversas situações: No 1º estudo, foi verificado do efeito da intensidade emocional na escolha regulatória, ao constatar que há uma tendência para reavaliar estímulos relativos de baixa intensidade e distrair estímulos relativos de alta intensidade, (Sheppes et al., 2011), isso foi preservado mesmo quando os participantes foram oferecidos dinheiro para escolher de forma diferente; No 2º estudo, a facilitação da geração de estratégias de regulação resultou em uma maior preferência pela reavaliação em comparação com a distração. No Estudo 3, foi demonstrado que a ativação de objetivos de longo prazo aumentou a escolha da reavaliação; os estudos 4, 5, e 6 apresentam os mecanismos subjacentes ao processo de escolha das estratégias de regulação emocional.

Matthews et al. (2021) conduziram uma revisão sistemática e metanálise para avaliar fatores que influenciam a intenção de regular as emoções e quais estratégias de regulação as pessoas escolhem em determinadas situações. Eles categorizam 5 potenciais determinantes: a) afetivos (valência e intensidade do estímulo, ativação ou arousal, natureza do evento e emoção específica abordada); b) cognitivos (oportunidades para usar estratégias específicas inerentes aos estímulos emocionais, esforço cognitivo, presença de uma estratégia padrão); c) motivacionais (por exemplo: metas, antecipação de uma tarefa futura e incentivos como dinheiro); d) individuais/disposicionais (idade, gênero, saúde mental e traços de personalidade, crenças sobre emoções); e) socioculturais (ou seja, relacionados ao contexto mais amplo, como cultura, emoções baseadas em grupo, preferência política e necessidade de pertencimento). A Figura 3 representa os fatores que influenciam o processo de regulação emocional em termos de intenção e escolha.

Figura 3 - Determinantes do processo de regulação emocional em termos de intenção e escolha.



Fonte: Matthews et al. (2021, p.19, tradução nossa)

CAPÍTULO 2 – TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DO
QUESTIONÁRIO DE REGULAÇÃO DE SISTEMAS
EMOCIONAIS (Estudo 1)

2.1 INTRODUÇÃO

Existem vários instrumentos para avaliar a frequência e preferência pela utilização de determinadas estratégias de regulação emocional, como por exemplo: Questionário de regulação emocional – ERQ – (Gross & John, 2003); Questionário de Regulação Emocional Cognitiva – CERQ – (Garnefski, Kraaij & Spinhoven, 2002), Escala Cognitivo Comportamental de Evitação - CBAS (Ottenbreit & Dobson, 2004); Escala de Expressividade Emocional - EES (Kring, Smith, & Neale, 1994). Entretanto, poucos utilizam um conjunto variado de estratégias de regulação e fazem uma distinção entre as estratégias utilizadas de acordo com a valência.

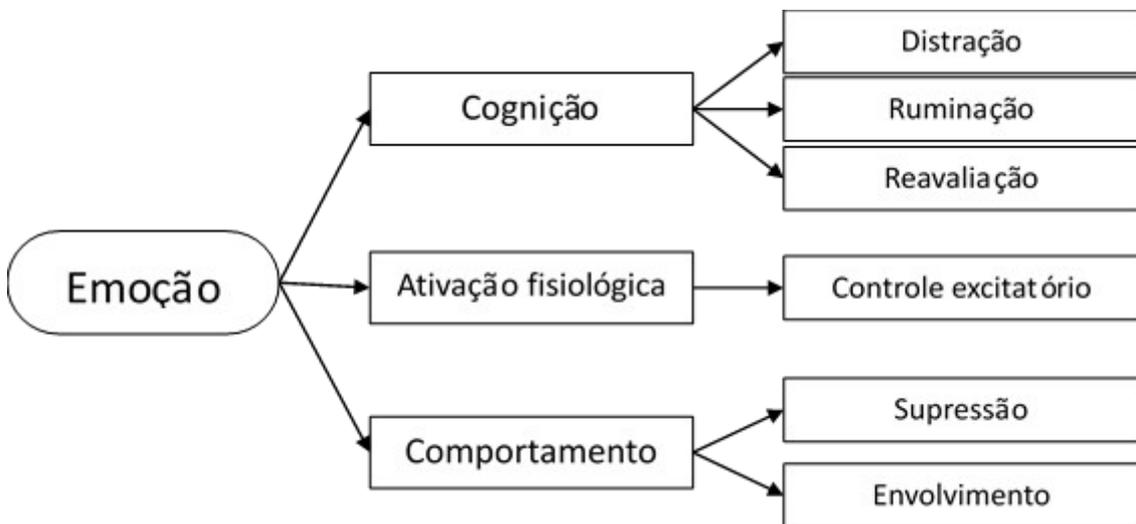
O Questionário de Regulação de Sistemas Emocionais, desenvolvido por De France & Hollenstein (2017) procura mensurar por meio de questões de autorrelato a propensão que um indivíduo possui para utilizar seis estratégias de regulação emocional (distração, ruminação, reavaliação, supressão, engajamento e controle excitatório) com o intuito de diminuir o efeito da experiência de emoções negativas. O questionário possui duas versões: uma com 38 itens e a outra com 24, em que os participantes classificam a utilização de cada estratégia usando uma escala *Likert* de cinco pontos, variando de um (nunca) a cinco (sempre). No processo de decisão referente a quais estratégias seriam incluídas no questionário, os autores seguiram alguns critérios de inclusão das estratégias de regulação emocional:

1. Existência de evidências claras que demonstrassem o impacto da estratégia em uma experiência emocional;
2. Conter um impacto claro em um dos três componentes da emoção (cognição, comportamento ou excitação fisiológica);
3. Ser distintas umas das outras para evitar repetições, excluindo estratégias que pudessem ser conceituadas como uma subclasse de outra ou resultado de combinações;
4. Estratégias que estivessem disponíveis para a cognição consciente foram incluídas, pois essa é uma medida de autorrelato;
5. Estratégias que podem ser empregadas no momento, enquanto uma emoção está sendo vivida, excluindo estratégias de regulação do humor ou de *coping* como o exercício e o uso de substâncias.

De France & Hollenstein (2017) argumentam que a utilização de um pequeno subconjunto de estratégias de regulação emocional pode estar associada a resultados psicossociais ruins, enquanto a tendência de implementar uma variedade de estratégias de ER está associada a um maior funcionamento psicossocial. Para os autores é importante avaliar a variedade e o grau em que se baseiam certas estratégias de RE, pois esse foco possibilita entender de modo mais detalhado os padrões regulatórios individuais e visualizar diferenças individuais no uso da estratégia e nos resultados psicossociais.

De modo resumido, De France & Hollenstein (2017), define cada uma das estratégias de regulação emocional da seguinte forma: Distração: afastar a atenção de uma situação emocional; Ruminação: um foco preservativo em uma experiência emocional e suas causas e consequências; Reavaliação: modificação de uma experiência emocional, alterando a maneira como você pensa sobre ela. Supressão Expressiva (supressão): tentativas ativas de eliminar a manifestação comportamental externa de uma experiência emocional; Engajamento expressivo (envolvimento): está relacionado com o envolvimento ativo de uma emoção, ampliando a dinâmica expressiva para moderar o emocional. Controle de excitação(: aumento do controle do componente de excitação automática da emoção. A figura 4. Ilustra a relação das estratégias de regulação emocional e o impacto no componente da emoção.

Figura 4 - Relação das estratégias de RE e os componentes da emoção.



Fonte: Traduzido e Adaptado de De France & Hollenstein (2017), p 206.

A escala apresentou no estudo original uma confiabilidade interna alta para cada subescala, com níveis de alfa de Cronbach variando de 0,90 a 0,98, conforme descritos a

seguir: distração (0,92), ruminação (0,90), reavaliação (0,95), supressão (0,98), engajamento (0,96) e controle de excitação (0,91) (De France & Hollenstein, 2017).

2.1.2 Objetivo

O objetivo deste estudo é traduzir, adaptar e validar o Questionário de Regulação de Sistemas Emocionais (*The Regulation of Emotion Systems Survey* - RESS) para a população Brasileira. Neste sentido, pretende-se comparar a equivalência semântica e evidências psicométricas do instrumento traduzido e adaptado em comparação com sua versão original.

2.2 METODOLOGIA DE TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO

Eremenco et al. (2005) sugere que uma metodologia de tradução rigorosa deve produzir uma equivalência do instrumento traduzido com a versão original. Neste sentido, os pesquisadores consideram que equivalência está relacionada com o não enviesamento das duas medidas utilizadas entre as duas versões do instrumento, em que qualquer diferença encontrada entre os grupos esteja associada a diferenças relativas à população, e não a questões referentes à forma de mensuração dos resultados. Neste estudo, utilizaremos a metodologia proposta por Borsa et al. (2012) que sugerem as seguintes etapas para realização de um processo de tradução, adaptação e validação rigoroso: (1) tradução do instrumento do original para o idioma-alvo, (2) síntese das versões traduzidas, (3) avaliação da síntese por juízes experts, (4) avaliação do instrumento pelo público-alvo, (5) tradução reversa, (6) estudo-piloto, e (7) avaliação da estrutura fatorial do instrumento, utilizando procedimentos estatísticos como análises fatoriais exploratórias e confirmatórias.

2.2.1 - Tradução do instrumento original para o idioma-alvo:

Beaton et al. (2000) sugere que essa primeira etapa de tradução seja conduzida por no mínimo dois tradutores, sendo que um deles não deve conhecer os objetivos do trabalho e o

segundo deve ter familiaridade com o construto analisado. Devido ao perfil, o primeiro tradutor deve oferecer uma versão que apresente uma linguagem mais apropriada para a população-alvo e menos desvios linguísticos. O segundo tradutor possibilita uma melhor equivalência em termos psicométricos, pois tenderia a considerar semelhanças científicas. Outra indicação para essa etapa salienta que deve-se evitar a tradução literal dos itens, pois é possível gerar frases incoerentes ou incompreensíveis no idioma alvo (Hambleton, 1994, 2005).

Foram realizadas três versões traduzidas independentemente para o português (uma feita por um psicólogo, outra feita por um tradutor profissional e a terceira feita por um pesquisador do campo das emoções, sendo possível visualizá-las nos link (<https://osf.io/792j5/>). O quadro 7 apresenta a formação dos envolvidos nesta etapa.

Quadro 7 - Equipe envolvida na tradução do instrumento original para o idioma-alvo.

Nome	Formação	Data	E-mail
Adriano da Silva Costa	Graduação em Administração pela Universidade Federal da Bahia (2012); Mestrado em Psicologia das emoções pelo Instituto Universitário de Lisboa(2014); Doutorando em Psicologia Social e do Trabalho - USP	12/10/2019	adriano.scosta@usp.br
Alexandre Cunha	Graduação em Psicologia pela PUC-São Paulo (1993), Mestrado em Ciências pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP) e Doutorando em Psicologia Social no Instituto de Psicologia da USP	14/10/2019	alecunhaace@gmail.com
Stephanie pereira greco	Bacharelado em Interpretação e Tradução de idiomas FMU FIAM FAAM (2015)	17/10/2019	steph.greco0394@gmail.com

Fonte: Elaborado pelo autor

2.2.2 - Síntese das versões traduzidas:

Nesta etapa, alguns especialistas na área de construção do instrumento e o pesquisador devem avaliar cada um dos itens das diferentes versões traduzidas para identificar as traduções mais apropriadas e avaliar a equivalência em relação ao instrumento original em quatro aspectos, conforme citado por Borsa et al. (2012):

“(1) equivalência semântica – objetiva avaliar se as palavras apresentam o mesmo significado, se o item apresenta mais de um significado e se existem erros gramaticais na tradução; (2) equivalência idiomática – refere-se a avaliar se os itens de difícil tradução do instrumento original foram adaptados por uma expressão equivalente que não tenha mudado o significado cultural do item; (3) equivalência experiencial – refere-se a observar se determinado item de um instrumento é aplicável na nova cultura e, em caso negativo, substituir por algum item equivalente; (4) equivalência conceitual – busca avaliar se determinado termo ou expressão, mesmo que traduzido adequadamente, avalia o mesmo aspecto em diferentes culturas.” (Borsa et al., 2012, p.425)

Essa etapa foi realizada por um pesquisador psicólogo com doutorado em psicologia social e do trabalho que não esteve envolvido nas etapas anteriores. O pesquisador recebeu por e-mail as 3 versões da escala no formato de word uma planilha do excel contendo em cada coluna uma versão da tradução e o original em inglês para facilitar o processo de escolha. Durante o processo de síntese o pesquisador responsável resolveu reformular a instrução para deixar um pouco mais clara para os participantes:

“Por favor, indique como você reage assim que emoções negativas lhe aparecerem. Não escolha suas respostas em função do que você acha que deveria fazer ou no que acha que desejaria fazer. Ao invés disso, escolha suas respostas cuidadosamente e dê sua resposta a respeito do modo como você realmente reage. Por gentileza, responda todos os itens. Não há respostas "certas" ou "erradas", de modo que você deve dar a resposta o mais precisamente o possível para VOCÊ, e não o que você acha que a "maioria das pessoas" diria ou faria. Para cada um das afirmações apresentadas abaixo, por gentileza, circule o número apropriado para indicar o quão frequentemente você fez a ação apresentada como uma resposta a uma emoção negativa, como raiva, tristeza ou estresse. “

A planilha com a síntese das traduções está disponível no link: <https://osf.io/792j5/>.

Quadro 8 - Equipe responsável pela síntese das traduções.

Nome	Formação	Data	E-mail
Wellington Zangari	Graduação em Psicologia pela Universidade Paulista (1986), mestrado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996), doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (2003) e pós-doutorado em Psicologia Social pela USP (2006) com estágio na Division of Personality Studies - University of Virginia.	26/03/2020	w.z@usp.br

Fonte: Elaborado pelo autor

2.2.3 - Avaliação da síntese por juízes *experts*:

Após a etapa de síntese das traduções, outros especialistas em avaliação psicológica ou que possuam expertise na área do constructo estudado deverão avaliar os seguintes aspectos: 1 - abrangência e adequação das expressões contidas nos itens, verificando a adequação para a população-alvo e possibilidade de generalização para diferentes contextos. Estrutura e layout, levando em consideração aspectos como diagramação, tamanho da fonte, disposição das informações e clareza do *rapport*.

A avaliação da síntese foi realizada por dois psicólogos com experiência em tradução e adaptação de instrumentos psicométricos que não estiveram envolvidos nas etapas anteriores. Os pesquisadores sugeriram algumas mudanças no layout da escala, devido à necessidade de se colocar alguns termos em negrito, outros em itálico e incluir reticências ao invés de dois pontos ao final da sentença seguindo o modelo original da escala. Nos itens 14, 17, 18, 33 e 37, o termo evento emocional foi substituído por acontecimento. No item 2, a palavra “através” foi substituída com o termo “por meio”. Outros detalhes ortográficos foram corrigidos na instrução. A versão proposta pelos pesquisadores se encontra disponível no link: <https://osf.io/792j5/>.

Quadro 9 - Equipe responsável pela avaliação da síntese da tradução pelo comitê de especialistas.

Nome	Formação	Data	E-mail
Camila Torres	Graduação em Psicologia. Universidade Presbiteriana Mackenzie (2009); mestre em Ciências da Religião (2011) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; Doutora em Psicologia Social (2016) pela Universidade de São Paulo (USP);	10/07/2020	camilatorres@usp.br
Mateus Martinez	Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil;	10/07/2020	mdmartinez@usp.br

Fonte: Elaborado pelo autor

2.2.4 - Avaliação pelo público-alvo:

O objetivo desse procedimento é entender se as instruções, itens e escala de respostas estão claros e compreensíveis para o público-alvo. Em outras palavras, esse procedimento visa investigar se as instruções são claras, se os termos presentes nos itens estão adequados, se as expressões correspondem àquelas utilizadas pelo grupo, entre outros aspectos. Caso haja algum aspecto que não esteja claro, o participante pode sugerir expressões que facilitem a compreensão do instrumento. O instrumento pode ser lido em voz alta pelo participante, e em cada um dos itens, o mesmo pode tentar verbalizar com as próprias palavras o que entendeu sobre o item (Borsa et al., 2012). Nesta etapa não é realizado nenhum procedimento estatístico.

Os participantes foram convocados para uma entrevista individual que aconteceu virtualmente no período de **05 e 17 de outubro de 2020**, por meio de **vídeo chamadas** usando o google meet ou o whatsapp (caso o participante tivesse dificuldades na utilização da outra plataforma). A duração média foi de **20 minutos**. Inicialmente, o pesquisador enviou um link com o questionário contendo dados sociodemográficos e solicitava que os participantes simulassem o preenchimento do instrumento. Após o preenchimento, o

pesquisador perguntava se os itens estavam claros, bem redigidos e eram de fácil compreensão. Em caso de dúvidas, também era solicitado que explicassem o que entenderem sobre o significado do item. Caso o item não estivesse claro, eles poderiam sugerir alterações.

Foram entrevistados 34 pessoas, dos quais duas foram excluídas, pois tiveram bastante dificuldade de leitura e utilização da tecnologia, restando 32 participantes. Uma delas possuía 86 anos e a outra, 61, ambas residentes do município do Taboão da Serra - SP e com o perfil de escolaridade ensino médio incompleto. Neste sentido, precisaremos desenvolver estudos posteriores para avaliar as propriedades psicométricas da escala numa população idosa com baixa escolaridade.

A idade média dos participantes foi de 36,25 anos, com um desvio padrão de 11,08, mediana 34, valor mínimo de 19 anos e máximo de 72 anos. Referente ao gênero, 56,25 % das participantes eram do sexo feminino, 43,74% eram do sexo masculino.

Referente à escolaridade dos entrevistados, 75% declararam ter ensino superior completo, 9,4% ensino médio completo, 6,3% ensino superior incompleto, ensino médio profissionalizante completo, ensino fundamental completo e ensino fundamental incompleto cada um com 3,1%.

Os participantes declararam residir nas seguintes cidades: Campo Grande (1), Curitiba (2), Embu das Artes (2), Franca (1), Juiz de Fora (1), Lauro de Freitas (1), Manaus (1), Porto Alegre (1), Praia Grande (1), Salvador (6), Santo André (1), Santo Antônio da Platina (1), São Luís (1), São Paulo (5), Senhor do Bonfim (1), Sinop (1), Taboão da Serra (2) e Trindade (1). Distribuídos geograficamente nas seguintes regiões: Sudestes (37,5%), Nordeste (28,13%), Sul (18,75%), Centro-Oeste (12,50%) e Norte (3,13%)

De uma maneira geral, os entrevistados acharam que os itens estavam bem escritos (88%), claros (90%) e de fácil compreensão (93%). Alguns aspectos demandaram mais modificações, como: 1) A instrução, escala de resposta (Item metade do tempo); 2) O item 6 (“Me concentrando em fazer minha frequência cardíaca e minha respiração diminuir”); e 3) O item 12 (“Certificando-me de que ninguém poderia dizer o que eu estava sentindo”). Muitos participantes alegaram que o instrumento estava longo e repetitivo e que isso influenciou no padrão de respostas. Por exemplo: alguns participantes voltaram algumas vezes para conferir a resposta anterior e outros achavam que deveria existir alguma diferença

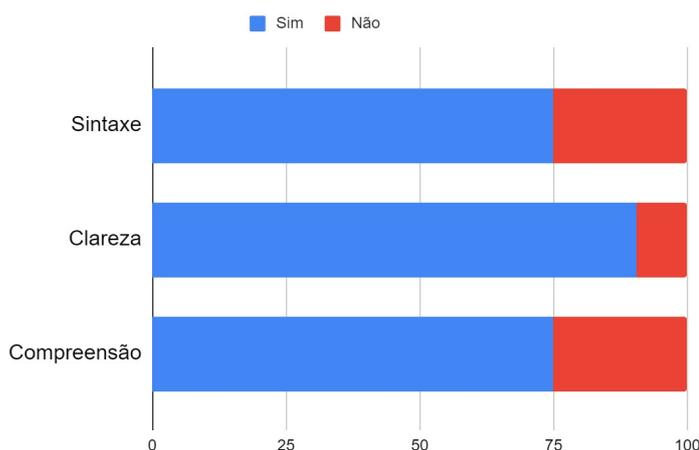
na forma de interpretar itens semelhantes (“voltei várias vezes para rever questões por conta de repetições”).

A seguir serão apresentados os termos originais apresentados aos participantes, os resultados descritivos sobre a percepção referente a sintaxe e clareza e as sugestões de modificação propostas durante esse procedimento. O relatório completo pode ser visualizado no link: <https://osf.io/792j5/>.

Instrução original do instrumento: “Por favor, indique como você **reage assim que emoções negativas lhe aparecem**. Não escolha suas respostas em função do que você acha que deveria fazer ou do que acha que desejaria fazer. Ao invés disso, escolha suas respostas cuidadosamente e dê sua resposta a respeito do modo como você *realmente* reage. Por gentileza, responda todos os itens. Não há respostas "certas" ou "erradas", de modo que você deve dar a resposta mais precisa possível para VOCÊ, e não o que você acha que a "maioria das pessoas" diria ou faria. Para cada uma das afirmações apresentadas abaixo, por gentileza, marque a opção para indicar o quão frequentemente você fez as seguintes ações em consequência de uma emoção negativa, como raiva, tristeza ou estresse.

No momento que sinto uma emoção negativa, normalmente, eu imediatamente respondo:”. Referente a instrução sugerida, a maioria dos participantes (75%) afirmou que estava clara, bem escrita e de fácil compreensão. A figura 5 apresenta os resultados percentuais sobre a percepção dos participantes sobre a instrução original.

Figura 5 - Gráfico referente a percepção dos participantes sobre a instrução original.



Fonte: Elaborado pelo autor

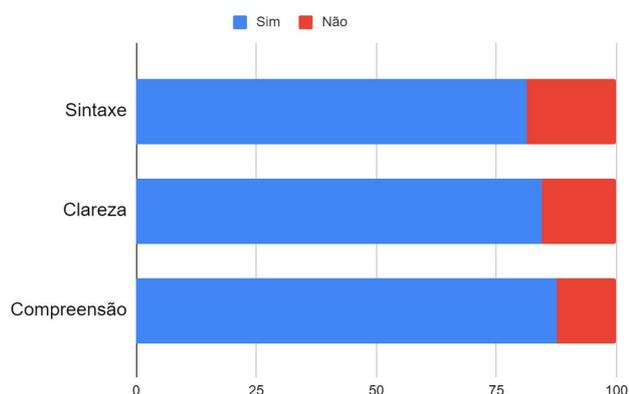
As sugestões de modificação referentes à instrução foram: “Acho que a instrução está repetitiva”; “Achou desnecessário o trecho: “Ao invés disso, escolha suas respostas cuidadosamente e dê sua resposta a respeito do modo como você realmente reage. Por gentileza, responda todos os itens.””; “Está muito grande, mas há pessoas que precisam de muita informação.”; “Acho que a instrução está repetitiva.” ; “está repetindo “por gentileza”, pois aparece duas vezes. Inverter a ordem dessa frase: junto com o por favor. Para cada uma das afirmações apresentadas abaixo, por gentileza, marque a opção para indicar o quão frequentemente você fez as seguintes ações em consequência de uma emoção negativa, como raiva, tristeza ou estresse. Incluir espaço nas instruções”; “Sugiro um texto menor e em forma de tópicos.”; “Trocar: marque a opção para indicar o quão frequentemente por Indique o quanto você”; “Trocar assim por quando. colocar no final: 'por gentileza, responda todos itens””.

Após a leitura das respostas fornecidas, o pesquisador responsável atualizou a instrução para o seguinte parágrafo: “Por favor, indique como você **reage assim que emoções negativas lhe aparecem**. Não escolha suas respostas em função do que você acha que deveria fazer ou do que acha que desejaria fazer. Ao invés disso, escolha suas respostas cuidadosamente e dê sua resposta a respeito do modo como você *realmente* reage. Por gentileza, responda todos os itens. Não há respostas "certas" ou "erradas", de modo que você deve dar a resposta mais precisa possível para VOCÊ, e não o que você acha que a "maioria das pessoas" diria ou faria. Para cada uma das afirmações apresentadas abaixo, por gentileza, marque a opção para indicar o quão frequentemente você fez as seguintes ações em consequência de uma emoção negativa, como raiva, tristeza ou estresse.

No momento que sinto uma emoção negativa, normalmente, eu imediatamente respondo”. Essa modificação possibilitou simplificar e clarificar a instrução de acordo com as sugestões fornecidas.

Referente a escala de resposta, os participantes foram solicitados a avaliar a seguinte sugestão: “No momento que sinto uma emoção negativa, normalmente, eu imediatamente respondo: **Nunca, Às vezes, Metade do tempo, A Maioria das vezes e Sempre**” e a figura 6 apresenta as porcentagens associadas às percepções dos participantes referente a escala de resposta.

Figura 6 - Gráfico referente a percepção dos participantes sobre a escala de resposta.



Fonte: Elaborado pelo autor

Os participantes realizaram os seguintes comentários referente a escala de resposta: Dificuldade de responder em metade do tempo e às vezes ; Incluir de 1 a 5 ; Metade do tempo não ficou claro/ percebeu que não marcou a opção metade do tempo; Metade do tempo ficou confuso. Metade do tempo ficou estranho/ Substituir por 'metade das vezes'; Metade do tempo. (dificuldade de mensurar meta) - a palavra metade deixa confusa; Acha que fica fica melhor metade das vezes; O navegador acabou ocultando. Navegador: Chrome no Tablet/ Usar outra medida quase sempre - maioria das vezes. Após a leitura e análise dos comentários dos entrevistados, a escala de resposta foi modificada para: **Nunca, Às vezes, Metade das vezes, A Maioria das vezes, e Sempre.**

O item 6 foi alterado em função das sugestões recebidas e o quadro 10 sistematiza essas informações, incluindo item original, as propostas de melhoria e o item modificado.

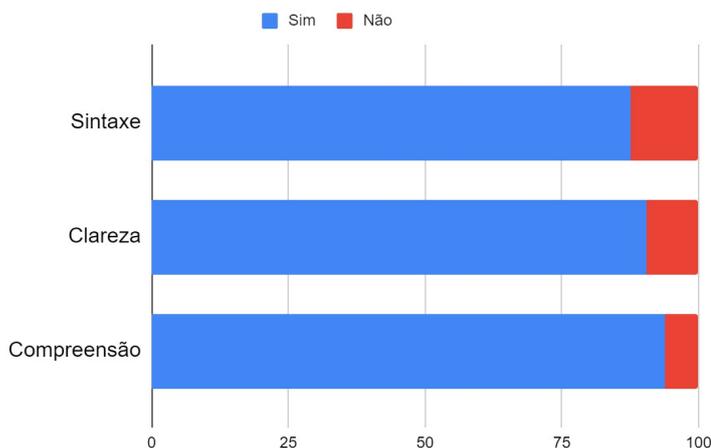
Quadro 10 - modificações ocorridas no item 6.

Item 6	Conteúdo
Versão original	Me concentrando em fazer minha frequência cardíaca e minha respiração diminuírem. Foram sugeridas algumas correções ortográficas
Sugestões de melhoria	Revisar a estrutura gramatical do trecho “me concentrando em”, sugestão “concentrando-me em”; Substituir “me concentrando” por “tentando fazer”; Substituir “frequência cardíaca” por “meu coração batendo”
Versão modificada após sugestões	Concentrando-me em fazer minha frequência cardíaca e minha respiração diminuírem.

Fonte: Elaborado pelo autor

Como pode ser observado no quadro 10, as alterações realizadas no item 6, ocorreram em função de ajustes gramaticais. A figura 7 apresenta as percepções dos entrevistados sobre a sintaxe, clareza e compreensão do item 6.

Figura 7 - Gráfico referente a percepção dos participantes sobre o item 6.



Fonte: elaborado pelo autor

Muitos participantes sugeriram alterações no item 12, conforme pode ser observado nos seguintes comentários: A frase estava confusa para o participante; Acho confuso, é melhor trocar 'dizer' por 'perceber'; “Certificando se a pessoa pode ou não falar do que estou sentindo ou certificando se ela não sabe?”; Confuso. O sentido está ambíguo; Demorou um pouco mais para entender, mas falou o sentido correto ; entendeu errado o conceito; Ficou confuso. Ela entendeu o conceito errado ; Ficou meio confuso...mas depois entendi; Não entendeu bem; Não está claro, sentido confuso; Trocar a palavra certificando-me. O quadro 11 apresenta a versão inicial do item 12 e a versão modificada após as sugestões dos participantes.

Quadro 11 - Versões inicial e modificada do item 12.

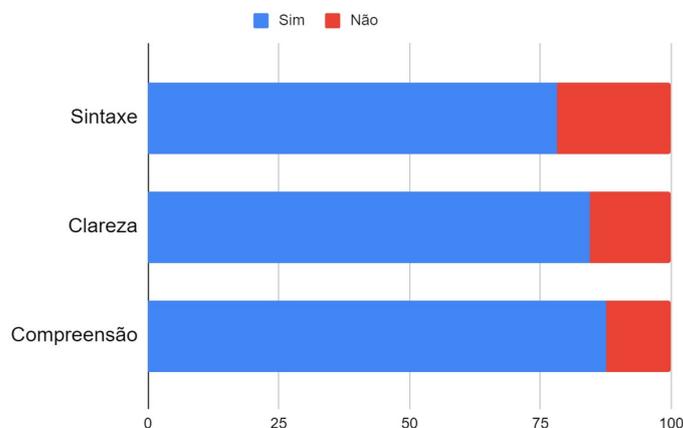
Versão inicial	Versão modificada
Certificando-me de que ninguém poderia dizer o que eu estava sentindo.	Certificando-me de que ninguém poderia perceber o que eu estava sentindo.

Fonte: elaborado pelo autor

Como pode ser observado no quadro e nos comentários dos participantes, a palavra dizer gerava um sentido ambíguo para o item e foi substituída pela palavra perceber. A figura

8 apresenta as percepções dos entrevistados sobre a sintaxe, clareza e compreensão do item 12.

Figura 8 - Gráfico referente a percepção dos participantes sobre o item 12.



Fonte: elaborado pelo autor

O relatório completo da avaliação pelo público-alvo, pode ser visualizado no link:

<https://osf.io/792j5/>

Quadro 12 - Equipe responsável pela entrevista de validação do conteúdo.

Nome	Formação	Data	E-mail
Adriano da Silva Costa	Graduação em Administração pela Universidade Federal da Bahia (2012); Mestrado em Psicologia das emoções pelo Instituto Universitário de Lisboa(2014); Doutorando em Psicologia Social e do Trabalho - USP	05 e 17 de outubro de 2020	adriano.scosta@usp.br

Fonte: Elaborado pelo autor

2.2.5 - Tradução reversa:

Basicamente, utiliza-se a versão sintetizada, após os processos de ajuste semântico e idiomático, para traduzi-la novamente para o idioma original. Para a realização deste procedimento é solicitado que pelo menos um tradutor, que não tenha conhecimento do estudo e não participou das etapas anteriores, traduza o instrumento novamente para o idioma

de origem para identificar expressões, inconsistências ou erros conceituais na comparação da versão final com a versão original. O objetivo é compreender se os conteúdos da versão traduzida refletem a versão original. Nesta etapa, solicita-se o envolvimento do autor do instrumento original para verificar as divergências conceituais entre a versão traduzida reversamente e a versão original, como uma espécie de controle de qualidade.

Quadro 13 - Equipe responsável pela *Backtranslation* - Brasileiro residente no Canadá.

Nome	Formação	Data	E-mail
Ícaro Magalhães	Bacharel em Comunicação e Marketing pela Universidade Salvador (2011); MBA em Gestão de negócios pela FGV (2013); residente no Canadá desde 2015	12/12/2020	magalhaes.icaros@hotmail.com

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 14 - Equipe responsável pela *Backtranslation review* e decisão final.

Nome	Formação	Data	E-mail
Dr. Kalee DeFrance	PhD in Psychology (2019) Developmental Psychology, Queen's University, Kingston.	15/12/2020	alee.defrance@yale.edu
Tom Hollenstein	Professor, Chair of Developmental Psychology Program, Queen's University, Kingston, ON	15/12/2020	tom.hollenstein@queensu.ca

Fonte: Elaborado pelo autor

O quadro 15 apresenta as diferentes versões da *backtranslation* uma realizada utilizando uma plataforma de tradução automática e outra realizada por um brasileiro residente no Canadá.

Quadro 15 - versões do Backtranslation.

<i>Original Instrument</i>	<i>Back Translation (Brazilian and American residents in Canada)</i>	<i>Google Back translation</i>
<i>Regulation of Emotion Systems</i>	<i>Emotional systems regulation</i>	<i>Emotional systems regulation</i>

Survey	questionnaire	questionnaire
<p>Please indicate how you respond right away to negative emotions as they arise. Do not choose your answers based on what you think you should do or wish you do. Instead, choose your answers thoughtfully, and make your answers about what you actually do. Please answer every item. There are no "right" and "wrong" answers, so choose the most accurate answer for YOU – not what you think "most people" would say or do. For each statement below, please circle the appropriate number to indicate how frequently you did the following things in response to feeling a negative emotion, such as anger, sadness, or stress.</p>	<p>Please, indicate how you react when negative emotions arise. For each of the following statements, choose the option that best describes how often you have done the following actions as the result of a negative emotion, such as anger, sadness, or stress. Select your answer carefully based on how you really react, not how you believe or wish to act. There are no "right" or "wrong" answers, simply choose the option that best reflects your reactions and not what you believe "most people" would say or do. Please, answer all of the questions.</p>	<p>Please indicate how you react as soon as negative emotions arise . For each of the statements presented below, check the box to indicate how often you have done the following actions as a result of a negative emotion, such as anger, sadness or stress. Choose your answers carefully based on how you really react, not how you think you should or would like to do it. There are no "right" or "wrong" answers, so you should give the most accurate answer possible for YOU, not what you think "most people" would say or do. Please answer all items.</p>
At the time I experience a negative emotion, I usually respond to it right away by...	When I feel a negative emotion, I...	The moment I feel a negative emotion, I usually respond immediately ...
Never	Never	Never
Sometimes	Sometimes	Sometimes
Half of the time	Half of the time	Half the time
Most of the time	Most of the time	Most times
Always	Always	Ever
Thinking repeatedly about what was bothering me	Repeatedly think about what is bothering me	Repeatedly thinking about what was bothering me.
Using facial expressions to show that I was upset	Let my facial expressions show that I am upset	Showing through facial expressions that I was upset
Acting like I was not upset	Pretend that I am not upset	Acting like I'm not upset
Letting my emotions show	Let my emotions show	Letting my emotions show

<i>Vocalizing how I was feeling</i>	<i>Say how I feel</i>	<i>Saying how I was feeling.</i>
<i>Focusing on slowing my heart rate and breathing</i>	<i>Concentrate on slowing my breathing and lowering my heart rate</i>	<i>Concentrating on making my heart rate and breathing slow.</i>
<i>Showing my feelings</i>	<i>Let my feelings show</i>	<i>Showing my feelings</i>
<i>Trying to slow my heart rate and breathing</i>	<i>Try to lower my heart rate and slow my breathing</i>	<i>Trying to slow my heart rate and my breathing</i>
<i>Immediately working on something to keep myself busy</i>	<i>Immediately try to preoccupy myself by working on something</i>	<i>Immediately working on something to keep me busy</i>
<i>Continually thinking about what was bothering me</i>	<i>Continually think about what is bothering me</i>	<i>Continuously thinking about what was bothering me</i>
<i>Outwardly showing what I was feeling</i>	<i>Externalize what I am feeling</i>	<i>Showing externally what I was feeling</i>
<i>Making sure no one could tell what I was feeling</i>	<i>Make sure that no one knows what I am feeling</i>	<i>Making sure that no one could see what I was feeling</i>
<i>Doing something else to distract myself</i>	<i>Try to distract myself by doing something else</i>	<i>Doing anything else to distract me</i>
<i>Trying to see the emotional event from a different perspective</i>	<i>Try to see what happened from a different perspective</i>	<i>Trying to see the event from a different perspective</i>
<i>Pretending I was not upset</i>	<i>Pretend that I am not upset</i>	<i>Pretending I wasn't upset</i>
<i>Telling others exactly how I felt</i>	<i>Tell other people exactly how I feel</i>	<i>Telling others exactly how I felt</i>
<i>Going over the emotional event again and again in my mind</i>	<i>Keep rehashing the incident in my mind</i>	<i>Brooding over the event in my mind</i>
<i>Looking at the emotional event from a different perspective</i>	<i>Look at the incident from a different perspective</i>	<i>Looking at the event from a different perspective</i>
<i>Expressing my feelings</i>	<i>Express my feeling</i>	<i>Expressing my feelings</i>
<i>Identifying different angles to see the situation</i>	<i>Look for other ways to see the situation</i>	<i>Looking for other ways to see the situation</i>
<i>Thinking of other ways to interpret the situation</i>	<i>Think of different ways to interpret the situation</i>	<i>Thinking of other ways to interpret the situation</i>
<i>Engaging in something else to keep</i>	<i>Keep busy with something else</i>	<i>Getting involved in something else</i>

<i>busy</i>		<i>to keep me busy</i>
<i>Showing that I was upset</i>	<i>Show that I am upset</i>	<i>Showing that I was upset</i>
<i>Looking at the situation from several different angles</i>	<i>Look at the situation from several different perspectives</i>	<i>Looking at the situation from several different angles</i>
<i>Hiding my feelings</i>	<i>Hide my feelings</i>	<i>Hiding my feelings</i>
<i>Being sure to hide what I was feeling</i>	<i>Make sure to hide my feelings</i>	<i>Making sure to hide my feelings</i>
<i>Taking deep breaths</i>	<i>Take a deep breath</i>	<i>Taking a deep breath</i>
<i>Continually trying to decide what went wrong</i>	<i>Repeatedly try to figure out what went wrong</i>	<i>Trying repeatedly to come to the conclusion of what went wrong</i>
<i>Engaging in activities to distract myself</i>	<i>Try doing different activities to distract myself</i>	<i>Participating in activities to distract me</i>
<i>Decreasing the tension in my body</i>	<i>Try to reduce the tension in my body</i>	<i>Decreasing the tension in my body</i>
<i>Making an effort to hide my feelings</i>	<i>Make an effort to hide my feeling</i>	<i>Making an effort to hide my feelings</i>
<i>Concealing how I was feeling</i>	<i>Hide how I am feeling</i>	<i>Hiding how I was feeling</i>
<i>Thinking about the emotional event again and again my mind</i>	<i>Think endlessly about the incident in my mind</i>	<i>Thinking about the event over and over in my mind</i>
<i>Thinking again and again about what went wrong</i>	<i>Think repeatedly about what went wrong</i>	<i>Thinking repeatedly about what went wrong</i>
<i>Trying to pretend I wasn't upset</i>	<i>Try to pretend that I am not angry</i>	<i>Trying to pretend I wasn't upset</i>
<i>Thinking of alternate ways to see the situation</i>	<i>Think about different ways to see the situation</i>	<i>Thinking of alternative ways of looking at the situation</i>
<i>Trying to think of the emotional event in a more positive light</i>	<i>Try to think about the incident in a more positive light</i>	<i>Trying to think about the event in a more positive way</i>
<i>Trying to see the situation in a more positive light</i>	<i>Try to see the situation in a more positive way</i>	<i>Trying to see the situation in a more positive way</i>

Fonte: Elaborado pelo autor

2.2.6 - Estudo-piloto:

Neste momento, avalia-se novamente em uma amostra pequena, com características semelhantes a população-alvo, se os significados dos itens estão claros e verificar possíveis dificuldades de compreensão até que o instrumento esteja finalizado para sua utilização. Esse procedimento foi realizado informalmente com os pesquisadores que fazem parte do GEMA – O Grupo de Estudos de Psicologia da Crença: Epistemologia e Metodologia de Pesquisa da Crença vinculado ao InterPsi -Laboratório de Estudos Psicossociais: crença, subjetividade, cultura & saúde que está alocaado no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

2.2.7 - Avaliação da estrutura fatorial do instrumento:

Nesta etapa, são utilizadas técnicas de análises fatoriais exploratórias (AFEs) e análises fatoriais confirmatórias (AFCs) para avaliar a estrutura fatorial, verificando como essa quantidade de variáveis observadas se agrupam num número reduzido de fatores (dimensões latentes) que podem potencialmente explicar esse conjunto de variáveis (Damásio, 2012). Inicialmente, verificaremos se os dados são passíveis de faturação utilizando o índice de adequação da amostra KaiserMeyer-Olkin (KMO) e o teste de Esfericidade de Bartlett. Também foram realizadas análises de consistência interna (confiabilidade e fidedignidade). Para esses procedimentos foram utilizados o software JAMOVI (The jamovi project, 2022), que é desenvolvido como uma interface da linguagem R (R Core Team, 2021), utilizando as seguintes referências para a implementação das AFEs, AFCs e outras análises estatísticas (Revelle, 2019; Rosseel, 2018; Epskamp, 2017).

Quadro 16 - Equipe responsável pela análise fatorial.

Nome	Formação	Data	E-mail
Adriano da Silva Costa	Graduação em Administração pela Universidade Federal da Bahia (2012); Mestrado em Psicologia das emoções pelo Instituto	20/12/2022	adriano.scosta@usp.br

	Universitário de Lisboa(2014); Doutorando em Psicologia Social e do Trabalho - USP		
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Os resultados da análise fatorial exploratória e confirmatória serão descritos no capítulo de resultados. Também será realizada uma análise convergente e divergente com as dimensões do questionário de regulação emocional. Todos os arquivos utilizados em cada uma das etapas deste estudo estão disponíveis no link: <https://osf.io/792j5/>. As versões do RESS 38, 24 e 18 em português estão disponíveis nos anexos C, D e E. Também é possível visualizar as versões original em inglês nos anexos F (RESS-38) e G (RESS-24).

2.3 RESULTADOS

2.3.1 Caracterização da amostra

Para realização da validação RESS na população brasileira, foi utilizada a versão com 24 itens, que também estava validada para a população italiana e canadense, e foi visualizado na etapa de validação do conteúdo, com a população-alvo, que a quantidade de itens poderia influenciar no padrão de respostas. A amostra para essa validação foi de 895 participantes. A coleta aconteceu em conjunto com o estudo 3 desta tese em que são detalhados todos os procedimentos e instrumentos de coleta de dados. Os participantes que não declararam residir no Brasil e que não responderam o questionário em português foram excluídos. Referente ao sexo registrado na certidão de nascimento, 64,7% declararam ser do sexo feminino e 35,3 do sexo masculino. A idade média dos participantes foi de 39,20 (desvio padrão de 13,03), em que o participante mais novo tinha 18 e o mais velho 77 anos. Quando dividimos a amostra em quartis, a mediana da idade foi 38 anos, o primeiro quartil 29 anos e terceiro quartil 48 anos. Essa informação possibilita verificar que temos uma amostra bastante heterogênea em termos de idades. Referente ao equipamento utilizado para responder a pesquisa, 84,5% utilizaram celular e 15,5% computador. Referente à afiliação religiosa, 51,2% não se

considera religioso, 31,7% se considera cristão e os outros participantes são de outros grupos religiosos conforme pode ser visualizado na tabela 1.

Tabela 1 - Estatística descritiva da afiliação religiosa (estudo de validação).

Afiliação religiosa	Contagens	% do Total
Não religioso	458	51.2 %
Cristão	284	31.7 %
Outra grupo religioso	110	12.3 %
Não sabe informar	19	2.1 %
Budismo	12	1.3 %
Islâmico	8	0.9 %
Judeu	3	0.3 %
Hindu	1	0.1 %

Fonte: extraído pelo JAMOVÍ (elaborado pelo autor)

Referente a cidade onde os participantes residem, 61,7% dos respondentes afirmaram morar numa grande cidade, 17% nos subúrbios ou arredores de uma grande cidade, 17% numa vila ou uma pequena cidade, 1,7% numa aldeia e 2,7% não souberam informar. Sobre a ocupação dos participantes, 42% dos participantes afirmaram trabalhar em tempo integral, 20,8 % são autônomos, 11,8% são estudantes, 8% afirmaram estar desempregados, 6,5% aposentados(as) ou pensionistas, 5,5% trabalham em emprego de meio período, 2,1% se identificam como dona ou dono de casa não remunerado e 3,2% outros, conforme pode ser visto na tabela 2.

Tabela 2 - Estatística descritiva da ocupação dos participantes (estudo de validação).

Ocupação	Contagens	% do Total	% acumulada
Emprego de período integral (30h por semana ou mais)	376	42 %	42,0 %
Outro	29	3.2 %	45.3 %
Emprego de meio-período (Menos de 30h por semana)	49	5.5 %	50.7 %
Aposentado(a) ou pensionista	58	6.5 %	57.2 %
Autônomo	186	20.8 %	78,0 %
Dona ou dono de casa não remunerada.	19	2.1 %	80,1 %
Estudante	106	11,8 %	92,0 %
Desempregado	72	8.0 %	100.0 %

Fonte: extraído pelo JAMOVÍ (elaborado pelo autor)

Referente ao estado civil, 42,7% dos participantes se declararam solteiros, 32,7% casados, 14,7% união estável, 6,1% divorciados, 2,5% separados e 1,25% viúvos. Sobre a escolaridade dos participantes, 67,2% possuem ensino superior completo, 18,4% ensino superior incompleto, 9,3% ensino médio completo, 2,6% Ensino médio profissionalizante completo e 2,5% não concluíram o ensino médio.

2.3.2 Análise Fatorial Exploratória(AFE)

De acordo com Damásio (2012), a AFE pode ser entendida como um grupo de técnicas multivariadas cujo a meta é identificar a estrutura implícita em uma matriz de dados e identificar qual é a natureza e a quantidade de variáveis latentes, também chamadas de fatores, que podem melhor representar um conjunto de dados observadas por meio da observação da estrutura das inter-relações das variáveis observadas. Neste sentido, quando as variáveis observadas compartilham uma variância em comum, podemos afirmar que elas “pertencem” um mesmo fator, ou seja, são influenciadas pelo mesmo construto subjacente (Damásio, 2012),

A análise foi implementada utilizando o Software JAMOV com o método de extração denominado Eixos Principais Fatoriais (*Principal Axis Factoring, PAF*). Pois, de acordo com Costello & Osborne (2005), é indicado quando os dados não são normalmente distribuídos. O critério de normalidade não foi atingido, conforme o resultado do teste Shapiro-Wilk visualizado na tabela 3.

Tabela 3 - Resultados do Teste de Normalidade (Shapiro-Wilk) para os itens do RESS.

	W	p
ress_1	0.919	< .001
ress_2	0.941	< .001
ress_3	0.911	< .001
ress_4l	0.887	< .001
ress_5	0.934	< .001
ress_6	0.861	< .001
ress_7l	0.913	< .001
ress_8	0.922	< .001
ress_9	0.873	< .001
ress_10	0.885	< .001

ress_11	0.911	< .001
ress_12	0.905	< .001
ress_13	0.859	< .001
ress_14	0.903	< .001
ress_15	0.881	< .001
ress_16	0.870	< .001
ress_17	0.903	< .001
ress_18l	0.888	< .001
ress_19	0.938	< .001
ress_20	0.926	< .001
ress_21	0.909	< .001
ress_22	0.884	< .001
ress_23l	0.878	< .001
ress_24	0.886	< .001

Fonte: extraído pelo JAMOVl (elaborado pelo autor)

Nota. Um p-value pequeno sugere a violação do pressuposto da normalidade

A decisão sobre o número de fatores a ser retido foi realizada por meio da técnica da Análise Paralela e a rotação dos fatores foi realizada pelo método Oblimin. De acordo com Damásio (2012), não existe um método de rotação oblíqua mais adequado que o outro (oblimin; quartimin; promax; entre outros). De acordo com o pesquisador, esse tipo de rotação permite que os fatores estejam correlacionados entre si, diferentemente dos métodos ortogonais.

Antes de analisar os resultados, é importante verificar alguns pressupostos, dentre eles o KMO e o teste de esfericidade de Bartlett. De acordo com Lorenzo-Seva, Timmerman & Kiers (2011), o critério de Kaiser- Meyer-Olkin (KMO), também chamado de índice de adequação da amostra, é um tipo de teste estatístico que permite identificar em que medida a variância dos itens pode ser explicada por uma variável latente. De acordo com Hutcheson & Sofroniou (1999), podemos interpretar KMO de acordo com algumas diretrizes: valores maiores que 0,9 são considerados excelentes, 0,8 são considerados ótimos, entre 0,7 e 0,8 são entendidos como bons, 0,5 e 0,7 são considerados medíocres e menores que 0,5 são inaceitáveis. O KMO global da RESS foi de 0,843, o que é considerado ótimo e a maioria dos

itens tiveram KMO maiores que 0,8 com exceção dos itens 6, 8 e 16 que tiveram resultado maior que 0,7 ou seja, de acordo com esse pressuposto é possível seguir com a análise.

O segundo pressuposto é o teste de esfericidade de Bartlett que avalia o quanto a matriz de (co)variância é similar a uma matriz-identidade e a significância geral de todas as correlações em uma matriz de dados, e que os resultados do teste com níveis de significância $p < 0,05$ são interpretados como favoráveis (Damásio, 2012). O resultado do Teste de Esfericidade de Bartlett pode ser visualizado na tabela 4.

Tabela 4 - Resultados do teste de Esfericidade de Bartlett.

χ^2	gl	p
11741	276	< .001

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

Tanto o KMO (0,843) e o Teste de Esfericidade (χ^2 11741, gl = 276, $p < 0,001$) e KMO (0,80) sugeriram interpretabilidade da matriz de correlação dos itens. A análise paralela realizada pelo JAMOVI sugeriu cinco fatores como sendo os mais representativos para os dados, o que diverge da estrutura original proposta pelos autores. Entretanto, é preciso ter cautela na interpretação dos resultados por vários motivos: 1) o procedimento mais adequado para validação da tradução de uma escala é a análise fatorial confirmatória e não a exploratória; e 2) precisamos comparar os indicadores de ajustamento do modelo. Todavia, olhar para os resultados da análise exploratória pode trazer alguns *insights* interessantes sobre o instrumento.

Antes de apresentar os resultados, é importante lembrar quais itens estão relacionados com cada dimensão: Ruminação (itens 1, 8, 14 e 21), Engajamento (itens 2, 5, 11 e 20), Reavaliação (3, 12, 15 e 23), Supressão (Itens 4, 9, 13 e 18), Relaxamento (itens 6, 16, 19 e 24) e Distração (itens 7, 10, 17 e 22). Os resultados encontrados apresentam semelhanças entre o fator 2 e os itens sobre reavaliação, entre o fator 3 e os itens de distração, entre o fator 4 e os itens sobre ruminação e o fator 5 associado aos itens de relaxamento. O fator 1 incluiu os itens referentes a supressão e engajamento expressivo, conforme pode ser visto na tabela 5. A tabela 5 demonstra os itens com cargas fatoriais elevadas em seus respectivos fatores e os itens abaixo de 0,30 foram incluídos, demonstrando que não foi

encontrado padrão de cargas cruzadas, com exceção do item 2 que apresentou carga cruzada entre os itens 1 e 4.

Tabela 5 - Pesos fatoriais dos itens da RESS - 24.

	Fator					Singularidade
	1	2	3	4	5	
ress_20	-0.755					0.384
ress_18	0.732					0.352
ress_13	0.709					0.442
ress_11	-0.695					0.466
ress_4	0.657					0.553
ress_5	-0.574					0.588
ress_9	0.526					0.567
ress_2	-0.400			0.395		0.694
ress_23		0.881				0.203
ress_12		0.867				0.236
ress_15		0.863				0.249
ress_3		0.711				0.503
ress_17			0.900			0.201
ress_10			0.809			0.329
ress_22			0.772			0.415
ress_7			0.748			0.416
ress_8				0.829		0.309
ress_14				0.771		0.357
ress_1				0.730		0.470
ress_21				0.544		0.663
ress_16					0.933	0.165
ress_6					0.910	0.202
ress_24					0.663	0.444
ress_19					0.596	0.577

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

Nota. Método de extração 'Fatorização do Eixo Principal' foi usado em combinação com uma rotação 'oblimin'

A tabela 6 apresenta a correlação entre os fatores. Como pode ser visualizada na tabela, há uma baixa correlação entre os fatores definidos pela análise paralela.

Tabela 6 - Correlações inter-fatores AFE.

	1	2	3	4	5
1	—	-0.151	0.184	0.0659	-0.0368
2		—	0.209	-0.1290	0.3464
3			—	0.1376	0.2941
4				—	-0.0183
5					—

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

Para realizar a análise dos modelos de equações estruturais, recomenda-se utilizar alguns critério do ajuste, como qui-quadrado, a razão entre o qui-quadrado e os graus de liberdade; Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA); Standard root-mean-square residual (SRMR); Comparative Fit index (CFI); e Tucker--Lewis Index (TLI). Também se recomenda a utilização do Critério de informação de Akaike (AIC) e o Critério Bayesiano de Schwarz (BIC). De acordo com Hu & Bentler (1999), os valores de referência para a razão entre o qui-quadrado e os graus de liberdade devem ser menores que 3; valores do CFI e TLI são considerados excelentes acima de 0,95, mas podem ser aceitos acima dos 0,9; O RMSEA deve ser menor que 0,06 e o SRMR menor que 0,08. Na comparação de modelos utilizando o BIC, considera-se melhor quanto menor for o valor do índice encontrado (Kline 2005). A tabela 7 apresenta os dados referentes às Medidas de Ajustamento do Modelo.

Tabela 7 - Medidas de Ajustamento do Modelo AFE.

RMSEA	IC 90% RMSEA		TLI	BIC	Teste do Modelo		
	Lim. Inferior	Lim. Superior			χ^2	gl	p
A	0.0638	0.0728	0.899	-271	858	166	< .001

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

Como pode se observar, o indicador não é RMSEA menor que 0,6, o TLI não é maior que 0,9 e a razão entre o qui-quadrado e os graus de liberdade são maiores que 3 ($\chi^2/gl = 5,138$), mostra que esse modelo proposto pela análise não apresenta bons critérios de ajuste.

Como conclusão dessa etapa de análise fatorial exploratória, pode ser que no Brasil a dimensão do engajamento e supressão emocional podem fazer parte de um mesmo fator. Se entendermos o engajamento expressivo como uma ação que visa ampliar a dinâmica expressiva para moderar a experiência emocional, e a supressão como essa tentativa de eliminar a manifestação comportamental da emocional, é possível imaginar os dois comportamentos como um contínuo. Entretanto, são necessários outros estudos para aprofundar neste tópico. Outra informação importante é que os indicadores do modelo não estão bem ajustados: itens com carga fatorial cruzada, o RMSEA, o TLI e a Razão entre o qui-quadrado e os graus de liberdade não apresentaram resultados satisfatórios. Também cabe ressaltar que esse procedimento visa incluir informações adicionais para comparação e reflexão, pois a Análise fatorial Confirmatória é o procedimento mais adequado para esse tipo de validação.

2.3.3 Análise Fatorial confirmatória(AFC)

A análise fatorial confirmatória foi realizada utilizando JAMOVI utilizando o método de estimação de Máxima Verossimilhança (Maximum Likelihood) (Hu & Bentler, 1999). Neste procedimento são informados previamente a quantidade de fatores esperados e em que fator cada item deve ser alocado respectivamente. Nesta técnica, são observados o teste de ajustamento exato por meio do qui-quadrado, os índices de ajustamento, e, por último, os índices de modificação por meio dos pesos fatoriais e as covariâncias fatoriais. Para a análise dos índices de modificação, alguns autores sugerem que deve se excluir itens que apresentem cargas fatoriais abaixo de 0,40 ou que carga cruzada acima de 0,30 em mais de um fator concomitante (Pituch & Stevens, 2015) para estruturas multifatoriais. Outros autores sugerem que uma estrutura unifatorial é robusta com suas cargas fatoriais superiores a 0,70 (Costa et al. 2021).

Inicialmente, foi percebido que os índices de ajustamento poderiam ser melhorados se fosse realizado a covariância de alguns itens do mesmo fator sugeridos pelo próprio JAMOVI, é importante que esse procedimento seja realizado somente em itens da mesma dimensão para não gerar *overfit* no modelo. A razão entre o qui-quadrado e os graus de liberdade encontrada

foi de 4,5 que está acima do indicado ($\chi^2 = 1067$ gl=237, $p < 0,001$). A Tabela 8 apresenta os resultados iniciais dos índices de ajustamento.

Tabela 8 - Índices de ajustamento antes de inserir covariância dos resíduos - RESS 24.

CFI	TLI	SRMR	RMSEA A	IC 90% RMSEA		AIC	BIC
				Lim. Inferior	Lim. Superior		
0.928	0.917	0.0652	0.0626	0.0588	0.0664	56342	56760

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

A covariância dos resíduos foi implementada nos seguintes pares de itens: 1 e 8, 22 e 17, 22 e 10, 11 e 5, 11 e 2, 4 e 13, 4 e 18, 24 e 19, 16 e 6, 23 e 15, e 5 e 2. Após a implantação dessas mudanças, ocorreram melhorias significativas no ajuste do modelo ($\chi^2 = 816$ gl=227, $p < 0,001$), $\chi^2 / gl = 3,59$, conforme pode ser visto na tabela 9, os valores do CFI acima de 0,95 e TLI próximo de 0,95; o RMSEA é menor que 0,06 e o SRMR também é menor que 0,08, mostrando que os dados parecem se adequar a estrutura da escala proposta.

Tabela 9 - Índices de ajustamento depois de inserir covariância dos resíduos - RESS 24.

CFI	TLI	SRMR	RMSEA	IC 90% RMSEA		AIC	BIC
				Lim. Inferior	Lim. Superior		
0.950	0.938	0.0624	0.0537	0.0498	0.0578	56107	56577

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

A tabela 10, apresenta os pesos fatoriais de cada um dos itens no fator, lembrando que cargas fatoriais abaixo de 0,40 deve ser excluído e são considerados robustos cargas fatoriais superiores a 0,70.

Tabela 10 - Pesos fatoriais RESS 24.

Fator	Indicador	Estimativas	Erro-padrão	Z	p	Estimativas Estand.
Ruminação	ress_1	0.739	381	19.4	< .001	679
	ress_8	0.927	0.0392	23.6	< .001	797
	ress_14	1.061	418	25.4	< .001	848
	ress_21	0.589	0.0402	14.6	< .001	504
Engajamento	ress_2	0.432	0.0417	10.4	< .001	368
	ress_5	0.809	0.0374	21.6	< .001	703
	ress_11	0.858	0.0338	25.4	< .001	794

	ress_20	0.976	0.0333	29.3	< .001	872
Reavaliação	ress_3	0.773	0.0335	23.1	< .001	698
	ress_12	1.041	0.0321	32.4	< .001	899
	ress_15	0.924	0.0315	29.3	< .001	845
	ress_23	0.974	0.0321	30.4	< .001	866
Supressão	ress_4	0.666	0.0392	17.0	< .001	612
	ress_9	0.790	0.0363	21.7	< .001	684
	ress_13	0.819	0.0337	24.3	< .001	744
	ress_18	1.100	0.0363	30.3	< .001	879
Controle	ress_6	0.866	0.0444	19.5	< .001	711
excitatório	ress_16	0.873	0.0436	20.0	< .001	731
	ress_19	0.945	0.0492	19.2	< .001	759
	ress_24	1.001	0.0448	22.4	< .001	882
Distração	ress_7	0.927	0.0358	25.9	< .001	767
	ress_10	0.874	0.0338	25.9	< .001	769
	ress_17	1.049	0.0309	33.9	< .001	935
	ress_22l	0.821	0.0375	21.9	< .001	745

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

Pode-se observar que o item 2 está abaixo de 0,4 nas estimativas padronizadas e vários itens estão abaixo de 0,7. Após análise, os índices de modificação, que estão disponíveis no link ([xhttps://osf.io/nrxcp](https://osf.io/nrxcp)), chegou-se à conclusão de que poderiam ser excluídos um item em cada dimensão e isso poderia gerar uma melhora significativa no modelo. Essa proposta visa atender também algumas informações percebidas na etapa de validação de conteúdo com a população-alvo, em que alguns participantes comentaram que a quantidade de questões parecidas influenciaram no seu comportamento de resposta. A seguir, apresentaremos os índices de ajustamento para uma versão reduzida, excluindo o item que mais influenciou nos índices de modificação por peso fatorial em cada dimensão. Foram excluídos o item 21 no fator ruminação, o item 2 no engajamento, o item 3 na reavaliação, o item 4 na dimensão denominada supressão, o item 24 no controle excitatório e o item 10 na distração. A proposta reduzida apresentou melhores índices de ajustamento ($\chi^2 = 358$ gl=120, $p < 0,001$), $\chi^2 / gl = 2,58$, conforme informação apresentada na tabela 11.

Tabela 11 - Medidas de Ajustamento RESS - 18.

CFI	TLI	SRMR	RMSEA	IC 90% RMSEA		BIC
				Lim. Inferior	Lim. Superior	
0.972	0.964	0.0383	0.0471	0.0416	528	42613

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

Após essa modificação, a maioria dos itens apresentaram carga fatorial superior à 0,7. Apenas 3 itens apresentaram carga abaixo de critério, mas todos eles se mostraram próximos de 0,7 (o valor do item 5 foi de 0,671, do item 9 foi de 0,687 e do item 19 foi de 0,609).

Tabela 12 - Pesos fatoriais - RESS 18.

Fator	Indicador	Estimativas	Erro-padrão	Z	p	Estimat. Estand.
Ruminação	ress_1	0.807	0.0335	24.1	< .001	741
	ress_8	1.000	0.0347	28.8	< .001	859
	ress_14	0.988	0.0384	25.7	< .001	790
Engajamento	ress_5	0.772	0.0361	21.4	< .001	671
	ress_11	0.822	0.0327	25.2	< .001	760
	ress_20	1.011	0.0321	31.5	< .001	904
Reavaliação	ress_12	1.000	0.0317	31.5	< .001	864
	ress_15	0.959	0.0297	32.3	< .001	878
	ress_23	1.010	0.0302	33.5	< .001	899
Supressão	ress_9	0.793	0.0364	21.8	< .001	687
	ress_13	0.822	0.0338	24.3	< .001	746
	ress_18	1.097	0.0365	30.1	< .001	876
	ress_6	1.108	0.0337	32.8	< .001	909
Controle excitatório	ress_16	1.103	0.0328	33.6	< .001	924
	ress_19	0.758	0.0390	19.4	< .001	609
Distração	ress_7	0.957	0.0362	26.4	< .001	791
	ress_17	1.020	0.0321	31.7	< .001	909
	ress_22	0.794	0.0337	23.5	< .001	722

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

O próximo passo deste processo, é a análise da confiabilidade estrutural por meio do *Alfa de Cronbach*. De acordo com Pasquali (2009), o *Alfa de Cronbach* avalia o grau em que os itens de uma matriz de dados estão correlacionados entre si, apresentando dados sobre o instrumento numa escala que vai de 0 até 1. George e Mallery (2003) sugerem algumas diretrizes para a interpretação dos resultados, em que valores abaixo de 0,5 podem ser considerados inaceitáveis, maiores iguais à 0,50 e menores que 0,6 são entendidos com ruins,

entre 0,7 e 0,6 questionáveis, entre 0,7 e 0,8 são aceitáveis, entre 0,8 e 0,9 são bons e acima de 0,9 não considerados excelentes.

A RESS-24 apresentou uma confiabilidade interna alta para cada subescala, com níveis de alfa de Cronbach variando de 0,76 a 0,90, conforme descritos a seguir: ruminação (0,811), engajamento (0,765), reavaliação (0,90), supressão(0,833), controle de excitação (0,867) e distração (0,880). A RESS-18 apresentou resultados semelhantes, variando entre 0,811 à 0,911, conforme descritos a seguir: ruminação (0,837), engajamento (0,811), reavaliação (0,911), supressão(0,811), controle de excitação(0,846) e distração (0,846). Esses resultados apontam uma boa confiabilidade interna nas duas versões da escala. Entretanto, estão um pouco abaixo dos valores encontrados no estudo original em que os resultados variaram entre 0,90 a 0,98 (De France & Hollenstein, 2017).

2.3.4 Validade convergente e divergente

Alguns autores sugerem outros procedimentos de validação de instrumentos psicométricos e, neste trabalho, foram utilizadas a validação convergente e a discriminante. De acordo com Souza et al. (2017), a validação convergente é obtido por meio da correlação entre o instrumento traduzido e outro instrumento que avalia construto semelhante, em que se espera encontrar alta correlação das respostas entre eles; Enquanto, a validade discriminante procura verificar se as dimensões do instrumento não estão associadas indevidamente com construtos diferentes, sugerindo a realização do teste de correlação em ambos os casos (Souza et al., 2017). Para verificar as correlações entre as dimensões do instrumento com outro instrumento, foi escolhido Questionário de Regulação Emocional (QRE, Gross, J. & John, O., 2003, traduzida e validação de Boian et al., 2009). Esse questionário é amplamente utilizado em pesquisas sobre regulação emocional, sendo composto por 10 itens de auto relato que medem duas estratégias de regulação emocional: Reavaliação Cognitiva e Supressão Emocional, cujas respostas utilizam escalas tipo Likert de 7 pontos. Tabela 13 apresenta os dados da correlação de Spearman entre o RESS e o ERQ. Serão considerados como convergentes os resultados ress_supressão com o ERQ supressão e Ress_Reavaliação e ERQ_reavaliação, enquanto todas as outras correlações são consideradas como validade

discriminante. A correlação de Spearman foi escolhida porque as variáveis não apresentam distribuição normal. De acordo com Martínez Ortega et al. (2009), os valores do coeficiente de correlação oscilam entre -1 e $+1$, em que o valor 0 indica a não existência de associação linear entre as variáveis e quanto mais perto de -1 e $+1$, mais forte é essa relação, podendo ser utilizado os seguintes critérios de interpretação: entre 0 e $0,25$ pouca ou nenhuma correlação; entre $0,26$ a $0,50$ uma correlação fraca; entre $0,51-0,75$ pode ser considerado moderado e forte; e entre $0,76$ a $1,00$ entende-se como forte e perfeito.

Tabela 13 - Validade convergente e discriminante RESS-ERQ.

		erq_supressão	erq_reavaliação
ress_supressão	Rho de Spearman	0.561 ***	0.006
	p-valor	< .001	0.863
ress_reavaliação	Rho de Spearman	-0.092 **	0.359 ***
	p-valor	0.006	< .001
ress_ruminação	Rho de Spearman	0.035	-0.213 ***
	p-valor	0.290	< .001
ress_engajamento	Rho de Spearman	-0.570 ***	-0.044
	p-valor	< .001	0.189
ress_controle_excitatório	Rho de Spearman	-0.035	0.286 ***
	p-valor	0.294	< .001
ress_distração	Rho de Spearman	0.168 ***	0.213 ***
	p-valor	< .001	< .001

Fonte: extraído pelo JAMOVÍ (elaborado pelo autor)

Como podemos observar na tabela x, existe uma correlação moderada no fator supressão ($r = 0.561$, $p < .001$) entre RESS e ERQ, mostrando uma certa convergência entre os dois instrumentos nesta dimensão. No estudo original, esta relação foi considerada forte ($r = 0.76$, $p < .01$) (De France & Hollenstein, 2017). Em relação a reavaliação cognitiva, foi encontrado uma correlação fraca ($r = 0.359$, $p < .001$), semelhante ao estudo de validação original ($r = 0.34$, $p < .001$), mostrando que esses construtos podem ser diferentes, isso gera algumas implicações e cuidados na utilização da escala. Existem fortes associações entre os dados da reavaliação cognitiva e outras variáveis que foram evidenciados utilizando o ERQ, enquanto que o RESS é um instrumento recente.

Com o objetivo de tentar apresentar possíveis hipóteses que possam explicar as diferenças encontradas nas medidas de reavaliação cognitiva, realizaremos uma breve exposição contrastando recordes das instruções e dos itens da escala, para fornecer possíveis análises em termos do conteúdo de cada um dos instrumentos. A instrução do ERQ foca na regulação emocional de um modo mais abrangente sem especificar (“Gostaríamos de fazer algumas questões sobre a sua vida emocional, em particular, como controla as suas emoções (isto é, como regula e conduz)”, enquanto o RESS delimita um marco temporal específico que deve ocorrer imediatamente após ao evento emocional (“No momento que sinto uma emoção negativa, normalmente, eu imediatamente respondo...”). Outro fator que chama a atenção é que boa parte dos itens do ERQ transmitem um certo senso de autoeficácia, devido a utilização dos termos como “mudo” e “controlo”, por exemplo: “Quando quero sentir menos emoções negativas (como tristeza ou raiva) mudo o que estou pensando”; “Quando quero sentir mais emoções positivas, eu mudo o que estou pensando em relação à situação”; “Eu controlo as minhas emoções modificando a forma de pensar sobre a situação em que me encontro”; “Quando eu quero sentir menos emoções negativas, mudo à forma como estou pensando em relação à situação”. Diferentemente, o RESS não parece estar muito relacionado com a autoeficácia, devido a utilização dos termos como “tentando” e “buscando” o que transmite a noção de tentativa, mas não de sucesso na realização do ato, e os verbos “pensando” e “buscando” parecem um pouco mais sutis que o verbo mudar, nesta perspectiva referente a percepção de sucesso em tentar olhar a situação de um modo diferente. Após olhar para essa diferenças fui analisar outras informações referentes ao ERQ e observei que no estudo original de validação, Gross & John (2003), pediram para pessoas avaliarem outros conhecidos sobre a reavaliação e comparou as respostas com o preenchimento da escala de auto relato pelo participante avaliado e encontrou uma correlação muito fraca entre as respostas, conforme pode ser visto no trecho:

As expected, reappraisal was more difficult for peers to rate than suppression; the ERQ Reappraisal scale correlated only .24 (p .05) with the peer-rated reappraisal index. However, given the modest reliability of these single-item peer ratings, these correlations may be lower bound estimates of the real effect sizes (Gross & John, 2003, p. 357)

Outras pesquisas, poderão explorar melhor a relação entre as duas escalas e medidas de autoeficácia, isso pode trazer contribuições profundas para o campo de pesquisa da regulação emocional. Visto que existem muitas evidências sobre os benefícios da reavaliação cognitiva em outras dimensões de saúde física e mental que foram coletadas usando o ERQ.

2.4 CONCLUSÃO

Este estudo procurou traduzir e validar o Questionário de Regulação de Sistemas Emocionais e apresentou duas propostas diferentes, o RESS-24 e o RESS-18, ambas com propriedades que permitem sua utilização na população brasileira. O RESS-24 estrutura fatorial apresentou índices de ajuste adequados ($\chi^2 = 816$ gl=227, $p < 0,001$; $\chi^2 / gl = 3,591$; RMSEA = .0537; SRMR = .0624 ; CFI = .950; TLI = .938), com níveis de alfa de Cronbach variando de 0,76 a 0,90. A estrutura do RESS-18 se mostrou ainda mais adequada ($\chi^2 = 358$ gl=120, $p < 0,001$; $\chi^2 / gl = 2,98$; RMSEA = 0.0471; SRMR = 0.0383 ; CFI = 0.972; TLI = 0.964), com níveis de alfa de Cronbach variando de 0,811 à 0,911. Algumas limitações deste estudo estão relacionadas ao fato de não utilizar outras medidas e procedimentos de validação e verificação da estabilidade da medida. Ademais, o estudo permitiu uma reflexão crítica sobre a principal escala utilizada no campo da regulação emocional, o ERQ, que pode possibilitar futuros estudos para entender melhor sua relação com a autoeficácia. Além disso, os resultados da análise fatorial exploratória conduzida possibilita a reflexão sobre a possibilidade das dimensões do engajamento expressivo e supressão expressiva fazerem parte de um mesmo fator.

PARTE DOIS – AFILIAÇÃO E IDENTIDADE RELIGIOSA

CAPÍTULO 3 – AFILIAÇÃO E IDENTIDADE RELIGIOSA
(REFERENCIAL TEÓRICO)

3.1 AFILIAÇÃO RELIGIOSA (INTRODUÇÃO)

A afiliação religiosa é uma medida muito utilizada em diversos estudos científicos. Entretanto, essa utilização, muitas vezes, carece de uma análise profunda do significado do conceito e um entendimento claro sobre as limitações de algumas perguntas e instrumentos empregados para operacionalizá-la. O objetivo deste capítulo é apresentar o conceito de afiliação religiosa, algumas formas de medi-la e suas limitações, relacionando-a com a teoria da auto-categorização e identidade social, e por fim apresentar alguns trabalhos desenvolvidos no âmbito da identidade religiosa. De maneira resumida, apresentamos duas formas de conceituar e medir identidade religiosa, uma objetiva e outra subjetiva. A forma objetiva busca mensurar as formas institucionais de pertencimento religioso a um grupo, tradição ou organização. A maneira subjetiva é caracterizada pelo sentimento de pertencimento/não pertencimento ou uma auto-identificação subjetiva a um grupo religioso e está mais centrada no aspecto psicológico. Em alguns momentos o termo afiliação religiosa e identidade religiosa serão usados como sinônimos, apesar das diferenças conceituais.

Estudos utilizam algumas medidas de afiliações religiosas (AR) e associam os resultados com tentativa de suicídio (Dervic et al., 2004), utilização de serviços hospitalares (Koenig & Larson, 1998), especificidades do comportamento do consumidor (Bailey & Sood, 1993), homofobia (Finlay & Walther, 2003; Barnes & Meyer, 2012), no consumo de drogas (Adlaf & Smart, 1985), altruísmo (Shariff et al. 2016), longevidade (Wallace et al. 2019), Obesidade (Bharmal et al. 2018). Entretanto, algumas medidas são utilizadas sem a indicação das possíveis limitações ou vieses. De uma maneira mais ampla, a AR é apenas uma das medidas utilizadas no campo dos estudos relacionados com religião e espiritualidade. Koenig (2009) define que a *religião* geralmente envolve crenças, práticas e rituais compartilhados entre membros de um grupo, relacionados com o sagrado, incluindo crenças sobre vida após a morte e normas de condutas que guiam a vida em grupo. A *espiritualidade* é mais pessoal e geralmente está relacionada com liberdade em termos de regras e responsabilidades associadas com a religião. Panzini et al. (2007) definem Religiosidade como uma extensão de o quanto um indivíduo crê, segue e pratica uma religião. De acordo

com Dalgarrondo (2008), podemos compreender espiritualidade e religiosidade como dimensões mais amplas e independentes de denominações institucionalizadas de religião.

Utilizaremos a definição proposta por Liedhegener & Odermatt (2018) que afirmam que há duas maneiras de conceituar e medir a afiliação religiosa, uma objetiva e outra subjetiva. A objetiva está relacionada com formas institucionais de pertencimento religioso a um grupo, tradição ou organização. A maneira subjetiva é caracterizada pelo sentimento de pertencimento/não pertencimento ou uma auto-identificação subjetiva a um grupo religioso e está mais centrada no aspecto psicológico. Neste capítulo, realizaremos uma aproximação das definições de afiliação religiosa com a teoria da auto-categorização e identidade social de Tajfel e Turner. Tajfel (1982) propõe que os grupos sociais podem ser definidos como dois ou mais indivíduos que compartilham uma identificação social comum ou percebem-se como membros da mesma categoria social. Desse modo, a percepção que o indivíduo constrói de si e dos outros é estruturada por meio de categorias sociais abstratas e são internalizadas como aspectos de formação de seus autoconceitos. Neste sentido, podemos entender a religião ou a afiliação religiosa como uma categoria social que pode influenciar o comportamento dos indivíduos. Também podemos visualizar que este elemento sofre grandes influências sociais e culturais, pois há evidências de que a transmissão da AR seja principalmente cultural e não genética, apesar de que uma leve contribuição genética possa ser encontrada em função do gênero. Num estudo realizado com 3.810 pares gêmeos na Austrália, Eaves, Martin e Heath (1990) encontraram algumas formas como a herança cultural influencia na transmissão da afiliação: por meio da influência ambiental das mães e no acasalamento seletivo. Outro estudo, realizado com 1.902 mulheres gêmeas de Virginia nos Estados Unidos, corrobora com a conclusão de que a afiliação é majoritariamente cultural (Kendler, Gardner & Prescott, 1997).

Bjarnason (2007) realizou uma revisão sistemática sobre a definição de religiosidade e identificou que o conceito abrange três aspectos: afiliação religiosa; atividades religiosas (oração, meditação); crenças religiosas. Como podemos observar, o conceito de AR se mistura e confunde com outros constructos. Neste sentido, apresentaremos no próximo bloco o conceito de religiosidade que também será bastante utilizado neste trabalho para depois aprofundar nos conceitos de afiliação e identidade religiosa. Este capítulo está dividido em seis partes: 1) Conceito de religiosidade; 2) apresentação de dados sobre afiliação religiosa no

Brasil; 3) Definição e mensuração de afiliação religiosa; 4) medido a afiliação religiosa dos não religiosos; 5) Associação da Afiliação Religiosa e a teoria da IDENTIDADE SOCIAL da escola de Bristol; 6) Estudos sobre identidade religiosa realizados no Brasil.

3.1.2 Conceito de religiosidade

A religiosidade se refere a um conjunto de dimensões associadas com envolvimento religioso e crenças religiosas (Bergan & McConatha, 2001) e que caracteriza a importância e a relevância da religião na vida de um indivíduo (Huber & Huber, 2012). Willander & Willander (2020) afirmam que há uma tendência teórica no campo da sociologia em considerar que o termo religiosidade se refere ao conceito de religião no nível do indivíduo e não do grupo. No passado, os autores geralmente avaliavam a religiosidade como um conceito unidimensional com foco principalmente na frequência de participação em templos religiosos (Bergan & McConatha, 2001). Entretanto, modelos mais recentes a consideram como um conceito multidimensional que contempla formas não institucionalizadas de espiritualidade (Demmrich & Huber, 2019). Holdcroft (2006) considera que este é um conceito complexo e difícil de definir por conta da natureza incerta e imprecisa da linguística, e porque o conceito perpassa várias disciplinas acadêmicas, cada uma abordando a religiosidade de diferentes pontos de vista, e poucas consultando umas às outras.

Allport e Ross (1967) caracterizam a religiosidade com extrínseca ou intrínseca. A religiosidade extrínseca pode ser entendida como uma visão utilitária em que indivíduos usam a religião para seus próprios fins, como status, sociabilidade e autojustificação, e muitas vezes moldam seletivamente a crença para atender a seus próprios interesses. Enquanto que na religiosidade intrínseca, o indivíduo internaliza a crença, encontram sentido para a vida, de modo que as outras necessidades são harmonizadas com suas crenças religiosas. Na visão dos autores “A pessoa extrinsecamente motivada usa sua religião, enquanto que a pessoa intrinsecamente motivada vive sua religião” (Allport e Ross, 1967, p. 434).

Glock (1973) e Glock e Stark (1968) propuseram cinco dimensões para caracterizar a religiosidade: 1) experiencial, que enfoca a experiência de fé pessoal, talvez como um encontro com o transcendente ou a experiência de emoções religiosas; 2) ritualística, que envolve a experiência de adoração envolvida ou realizada em grupo; 3) ideológica, que é

constituída por expectativas de que o religioso manterá certas crenças sobre a transcendência; 3) intelectual, está relacionada à expectativa de que o religioso seja informado e conhecedor dos princípios básicos de sua doutrina religiosa; e 5) consequencial, que foi posteriormente excluída e transformada em práticas públicas e privadas Glock e Stark (1968).

Por fim, o último modelo de religiosidade representado neste capítulo, foi desenvolvido por Huber & Huber (2012) e será amplamente operacionalizado neste trabalho. Esses autores propõem que esse construto é constituído por 5 dimensões: Intelectual, ideológica, prática pública, prática privada e experiencial. A dimensão intelectual pode ser entendida como a frequência de pensamentos sobre questões religiosas, representada como temas de interesse, estilos de pensamento e interpretação sobre corpos de conhecimento religioso, referindo-se às expectativas sociais que as pessoas possuem sobre transcendência, religião e religiosidade. A dimensão da ideologia refere-se à presença ou ausência de crenças sobre a existência e a essência de uma realidade transcendente, e a relação entre a transcendência e o humano. As práticas públicas referem-se aos comportamentos de indivíduos sobre a pertença, ou não, em comunidades religiosas que se manifestam na participação pública em rituais religiosos e em atividades comunitárias. A prática privada refere-se à dedicação pessoal em atividades e rituais individualizados no espaço privado relacionados com aspectos transcendentais, como padrões de ação, um estilo pessoal de devoção, práticas de oração, meditação e etc. A dimensão experiencial refere-se à expectativa social de que indivíduos possam ter algum tipo de contato com uma realidade transcendente de modo que sintam-se os afetados emocionalmente, sendo representada como padrão de percepções religiosas e como um corpo de experiências e sentimentos religiosos.

Entender sobre religiosidade é importante para conseguir diferenciar do conceito de identidade religiosa, visto que Bjarnason (2007) considera que afiliação religiosa pode ser um dos componentes inclusos na religiosidade. Neste sentido, vamos revisar os dados sobre afiliação religiosa no Brasil para refletir sobre a importância desse conceito no nosso cenário, antes de conceituar afiliação e identidade religiosa.

3.1.3 Afiliação religiosa no Brasil

De acordo com o censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população brasileira apresenta a seguinte distribuição em termos de afiliação religiosa: 64,6% se denominam católicos, 22,2% evangélicos (dos quais 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, não determinados), 2% espíritas, 0,3% Umbanda, 0,3% candomblé e 8,0% dos declararam não possui religião (IBGE, 2012). Nesse estudo, as mulheres são maioria na maioria dos grupos, com exceção dos católicos e dos sem religião, em que há maior porcentagem de homens. Os espíritas possuem a maior porcentagem de indivíduos com nível superior completo e menores proporções de pessoas sem instrução. A população com maior participação de idosos é a católica e apresentam as maiores proporções de indivíduos maiores de 15 anos não alfabetizados. Em termos de rendimento mensal domiciliar, 55,8% dos católicos, 63,7% dos evangélicos pentecostais e 59,2% dos sem religião declararam receber até 1 salário mínimo. Em contraste, 19,7% dos espíritas declararam receber acima de 5 salários mínimos. Em termos de cor ou raça, os católicos apresentam proporções aproximadas em relação a distribuição geral da população: 48,8% brancos, 43,0%, pardos, 6,8%, pretos, 1,0%, amarelos e 0,3%, indígenas. Os espíritas apresentam um percentual elevado de pessoas que se declaram brancas (68,7%), os evangélicos e os sem religião possuem uma maior proporção de pardos, 45,7% e 47,1 respectivamente, e foi verificada uma maior representatividade de pretos na umbanda e no candomblé (21,1%). A tabela 14 apresenta a distribuição da amostra brasileira coletada pelo IBGE em 2010 de acordo com a afiliação religiosa.

Tabela 14 – População brasileira, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião -2010.

Grupos de religião	Total	Porcentagem
Católica Apostólica Romana	123 280 172	64,63 %
Católica Apostólica Brasileira	560 781	0,29 %
Católica Ortodoxa	131 571	0,07 %
Evangélicas	42 275 440	22,16 %
Evangélicas de Missão	7 686 827	4,03 %
Igreja Evangélica Luterana	999 498	0,52 %
Igreja Evangélica Presbiteriana	921 209	0,48 %
Igreja Evangélica Metodista	340 938	0,18 %

Igreja Evangélica Batista	3 723 853	1,95 %
Igreja Evangélica Congregacional	109 591	0,06 %
Igreja Evangélica Adventista	1 561 071	0,82 %
Outras Evangélicas de Missão	30 666	0,02 %
Evangélicas de origem pentecostal	25 370 484	13,30 %
Igreja Assembléia de Deus	12 314 410	6,46 %
Igreja Congregação Cristã do Brasil	2 289 634	1,20 %
Igreja o Brasil para Cristo	196 665	0,10 %
Igreja Evangelho Quadrangular	1 808 389	0,95 %
Igreja Universal do Reino de Deus	1 873 243	0,98 %
Igreja Casa da Bênção	125 550	0,07 %
Igreja Deus é Amor	845 383	0,44 %
Igreja Maranata	356 021	0,19 %
Igreja Nova Vida	90 568	0,05 %
Evangélica renovada não determinada	23 461	0,01 %
Comunidade Evangélica	180 130	0,09 %
Outras igrejas Evangélicas de origem pentecostal	5 267 029	2,76 %
Evangélica não determinada	9 218 129	4,83 %
Outras religiosidades cristãs	1 461 495	0,77 %
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	226 509	0,12 %
Testemunhas de Jeová	1 393 208	0,73 %
Espiritualista	61 739	0,03 %
Espírita	3 848 876	2,02 %
Umbanda	407 331	0,21 %
Candomblé	167 363	0,09 %
Outras declarações de religiosidades afro brasileira	14 103	0,01 %
Judaísmo	107 329	0,06 %
Hinduísmo	5 675	0,00 %
Budismo	243 966	0,13 %
Novas Religiões Orientais	155 951	0,08 %
Igreja messiânica mundial	103 716	0,05 %
Outras novas religiões orientais	52 235	0,03 %
Outras Religiões Orientais	9 675	0,01 %
Islamismo	35 167	0,02 %
Tradições Esotéricas	74 013	0,04 %
Tradições Indígenas	63 082	0,03 %

Outras Religiosidades	11 306	0,01 %
Sem religião	15 335 510	8,04 %
Sem religião	14 595 979	7,65 %
Ateu	615 096	0,32 %
Agnóstico	124 436	0,07 %
Não determinada e múltiplo pertencimento	643 598	0,34 %
Religiosidade não determinada / mal definida	628 219	0,33 %
Declaração de múltipla religiosidade	15 379	0,01 %

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010, adaptação própria.

Num levantamento realizado por Moreira-Almeida et al. (2010) composto por 3.007 indivíduos (2,346 adultos e 661 adolescentes com idades entre 14 a 17 anos) de 143 cidades, foram investigadas 3 medidas religiosas, dentre elas a afiliação religiosa. Os pesquisadores descrevem o envolvimento religioso e suas relações com variáveis sociodemográficas na população brasileira, em uma amostra probabilística. A afiliação religiosa foi medida utilizando duas perguntas:

“a) Qual é sua religião? Afro-brasileira (umbanda e candomblé), Espiritismo Kardecista, Catolicismo, Protestantismo, outra e nenhuma religião; b) Algumas pessoas já declararam que frequentam mais de uma religião, eu vou ler novamente a lista de religiões e gostaria que você me avisasse quando eu falar o nome de uma outra religião que o(a) Sr(a). também costuma frequentar de vez em quando.” Moreira-Almeida et, al (2010, pg. 19).

Os resultados desse levantamento trazem evidências do alto nível de envolvimento religioso na população brasileira: 95% possui pelo uma afiliação religiosa, 83% consideram a religião um aspecto muito importante e 37% frequentam, pelo menos uma vez por semana, serviços religiosos, 10% dos participantes relataram frequentar mais do que uma religião. O estudo também apresenta dados sobre o sincretismo religioso no Brasil.

De acordo com Jacob (2003), o IBGE mede a afiliação por meio da pergunta “Qual é a sua religião ou culto”, e permite aos participantes total liberdade de resposta, não havendo limite quanto ao número de religiões a serem declaradas. Para o pesquisador, o censo 2000 permitiu que o indivíduo declarasse mais de uma afiliação religiosa. Entretanto, os resultados de dupla afiliação não foram expressivos, apesar do autor considerar que o sincretismo é um fenômeno comum no Brasil, argumentando que os participantes talvez não se sentiram confortáveis em assumir mais de uma afiliação religiosa. Outra observação interessante, foi que o IBGE procurou especialistas para redefinir as nomenclaturas das novas religiões, pois

muitas mudanças estão acontecendo no campo. Moreira-Almeida et al. (2010) considera que a dupla afiliação religiosa ou o sincretismo religioso deveria ser investigado melhor em estudos futuros realizados no Brasil. Esses dados levantam questões importantes sobre afiliação religiosa: O que é? Como podemos medir defini-la?

3.2 DEFINIÇÕES E MENSURAÇÃO DA AFILIAÇÃO RELIGIOSA

O termo afiliação religiosa pode parecer claro e fácil de medir quando comparado com a religiosidade. Entretanto, quando observamos em profundidade, o conceito pode não ser tão preciso e a forma como o operacionalizamos pode afetar significativamente os resultados de uma pesquisa. Alterações na forma como as perguntas são escritas e as opções que compõem a escala de resposta dos questionários podem afetar os resultados (Hackett, 2014). Liedhegener & Odermatt (2018) consideram que afiliação religiosa não é o único indicador estatístico de religião e/ou religiosidade, mas são indispensáveis quando se trata de medir a religião e a diversidade religiosa e são usados como informações que refletem a composição religiosa de uma determinada sociedade.

Hackett (2014) sugere algumas considerações sobre a mensuração da identidade religiosa: (1) Definições e medidas de identidade religiosa moldam o conhecimento sobre grupos religiosos; (2) Variação na formulação da questão leva a variação nas respostas; (3) A comparação dos resultados entre as pesquisas fornece uma perspectiva valiosa; (4) Incentivos moldam como os entrevistados relatam sua identidade religiosa; (5) A identidade religiosa pode ser ambígua; (6) As categorias de identidade saliente são frequentemente não medidas; e (7) A identidade religiosa e a prática religiosa podem não parecer congruente.

De acordo com Liedhegener & Odermatt (2018), há uma controvérsia na sociologia da religião sobre a importância das afiliações religiosas enquanto categorias, pois há posições conflitantes sobre o alcance e a relevância de antigas e novas formas de religião e, especial, um debate sobre a tese de “acreditar sem pertencer” (Davie 1994, 2015; Gabriel, Gärtner, and Pollack 2014; Hamplová and Nespor 2009; Knoblauch 2009; Pickel and Sammet 2012; Pollack, Müller, and Pickel 2012; Pollack and Rosta 2015; Stolz et al. 2014, como citado em Liedhegener & Odermatt, 2018).

Fane (1999) acredita que é complicado distinguir entre as diversas formas de religiosidade que podem possivelmente ser representadas em um censo por meio de reivindicação de um rótulo religioso. A complexa inter-relação entre afiliação religiosa, prática e crença na composição da religiosidade pode ser ilustrada no trecho de Francis and Mullen's:

“multi-level classification: unaffiliated atheists (non-attender, non-believer), unaffiliated agnostics (non-attender, believer or non-believer), affiliated agnostics (non-attender, believer or non-believer), unaffiliated believers (non-attender, believer), affiliated believers (non-attender, believer), believers attending occasionally (affiliated or unaffiliated).” Francis and Mullen's (1993, p667, como citado em Fane, 1999).

Hackett (2012) apresenta uma forma de medir afiliação religiosa pela identificação com um grupo religioso, sejam cristãos, muçulmanos, hindus, budistas, pessoas que praticam religiões populares ou tradicionais e adeptos de outras religiões, não necessariamente por meio de uma associação institucional formal, sendo que essa identidade é distinta do compromisso religioso, pois em cada grupo há pessoas com diversas crenças e práticas religiosas.

Para Fane (1999), a suposição de se considerar a afiliação religiosa como um marcador de religiosidade que mede a prática, crença ou compromisso religioso é imprecisa. Pois, o significado relativo do conceito, isoladamente, não foi empiricamente estabelecido ou reconhecido como um preditor de atitudes e comportamentos sociais.

Brenner (2017), fundamentado na Teoria da Identidade de Sheldon Stryker (1980), argumenta que a divergência existente entre o comportamento real e as respostas fornecidas em pesquisas que utilizam autorrelato é motivada pela importância que o participante dá para a identidade religiosa. Nesse sentido, as respostas dos participantes em entrevistas ou questionários não refletem apenas comportamento passado, mas também seu autoconceito como pessoa religiosa. Kim-Prieto & Diener (2009) realizaram uma manipulação experimental em que os participantes eram divididos em dois grupos: No primeiro grupo, os participantes eram convidados a se auto identificar em termos de afiliação religiosa e em seguida, completavam uma escala de avaliação tipo Likert sobre suas emoções atuais. Na segunda condição, que era um grupo controle, os participantes primeiro preenchiam o questionário de emoção e depois relataram sua afiliação religiosa, e verificaram que, quando

salientamos a afiliação religiosa, as respostas fornecidas em termos de frequência das emoções sentidas apresentavam diferenças entre os grupos de participantes.

Estudos qualitativos também fornecem informações sobre como as identidades religiosas podem mudar ao longo do tempo (Hackett, 2014). Hackett (2014) afirma que muitas pesquisas deixam de verificar a possibilidade de uma identidade religiosa sincrética, com os participantes mantendo crenças e se engajando em práticas de múltiplas religiões.

Alguns termos como religião, religiosidade, pertença religiosa e identidade religiosa são considerados correlatos e em certas publicações a pertença religiosa e a identidade religiosa são usados como termos intercambiáveis. Liedhegener & Odermatt (2018) afirma que a afiliação religiosa possui significados ambivalentes. Quando definida enquanto uma expressão de pertencimento, pode ser distinguida em dois componentes: afiliação e identificação, sendo a primeira é uma categoria sociológica e a segunda uma categoria psicológica. Em algumas pesquisas, participantes consideram que a afiliação religiosa, enquanto pertencimento religioso formal ou institucional, não interfere na identidade pessoal no sentido da pessoa se considerar apenas um membro daquela religião. Entretanto, outros participantes dos mesmos estudos consideram que o pertencimento religioso faz parte de suas identidades pessoais e coletivas e são extremamente relevantes para a forma como conduzem a vida (Huber 2003; Voas 2014).

De modo resumido, Liedhegener & Odermatt (2018) afirmam que os pesquisadores utilizam duas formas de definir e mensurar filiação religiosa, uma objetiva e outra subjetiva. A definição objetiva busca mensurar as formas institucionais ou formais de pertencimento religioso à um grupo, tradição ou organização. A forma subjetiva é definida pelo sentimento de pertencimento/não pertencimento ou uma auto identificação subjetiva a um grupo religioso e está mais centrada no aspecto psicológico. A segunda forma de definição, a subjetiva, é frequentemente medida por meio de duas perguntas “Você sente que pertence a alguma religião?” A: “Sim - Não - não sei”. P: “Se sim, qual?” Hackett (2014), cita um exemplo, desenvolvido pelo *European Social Survey* (ESS) em que os entrevistados respondem as seguintes perguntas: “Você se considera pertencente a alguma religião ou denominação em particular?” Aos entrevistados que respondem “sim”, é realizada a pergunta: “Qual delas?”. Como pode ser observado o conceito de afiliação religiosa envolve um certa complexidade, essa complexidade será aprofundada ao olharmos para o termo “não religioso”.

3.2.1 Medindo a afiliação dos “não religiosos”

De acordo com Hackett (2014), alguns censos classificam os participantes que dizem que sua religião é "nada em particular" numa ampla categoria que inclui os ateus e agnósticos e os categorizam como “não religiosos”. O autor cita um levantamento, realizado *pelo Pew Research Center*, em que foi perguntado para os participantes, que haviam sido classificados como não religiosos, se eles se consideravam cristãos, e 48% responderam que sim. Em outra pesquisa Lim, MacGregor e Putnam (2010) verificaram que cerca de três em cada dez pessoas categorizadas como não religiosas em um determinado ano responderam que possuíam uma afiliação a um grupo religioso numa pesquisa de acompanhamento no ano seguinte.

Nesse sentido, outras pesquisas corroboram essa informação de que a falta de afiliação religiosa não impede a atividade religiosa. Na França, por exemplo, 7% dos adultos não afiliados afirmam participar de serviços religiosos pelo menos uma vez por ano, essa porcentagem chega a 27% nos Estados Unidos e 44% na China (Hackett et al. 2012).

Hackett (2012) conclui que os números de não afiliados deverão declinar nas próximas décadas enquanto parcela da população mundial, devido a uma maior taxa de procriação da população religiosamente afiliada mais jovem. Segundo o pesquisador, a ideia contrastante de que a população não afiliada aumentará foi promovida usando modelos matemáticos de competição de grupos sociais (Abrams, Yapple et al. 2011, como citado em Hackett 2012) e da suposições de que o desenvolvimento econômico crescente levará à evolução para longe da religião (Barber, 2012, como citado em Hackett 2012).

Hackett (2012) estimam que mais de 1.1 bilhão de pessoas foram classificadas com religiosamente não afiliadas em 2010 e para Hout e Fischer (2002) e Baker e Smith (2009), os classificados como “sem religião” mantêm uma mistura de crenças e práticas religiosas.

Visto a complexidade do assunto, foi necessário recorrer ao conceito de identidade social para refletir sobre o processo de construção da afiliação ou identidade religiosa. Neste sentido aprofundaremos nos estudos que fundamentaram a teoria da identidade social da escola de Bristol.

3.2.2 Afiliação religiosa e a teoria da IDENTIDADE SOCIAL da escola de Bristol

Tajfel (1982) propõe uma definição de grupos sociais que pode ser resumida como dois ou mais indivíduos que compartilham uma identificação social comum de si mesmos ou percebem-se como membros da mesma categoria social. Nessa definição, conhecida como modelo da identificação social, é enfatizada que os integrantes de um grupo parecem compartilhar uma percepção coletiva de sua própria unidade social, e essa percepção pode ser satisfatória para gerar um comportamento de grupo. Essa teoria focaliza a participação em grupo não como um estado formal-institucional, mas como um estado psicológico, possuindo um sentido subjetivo de pertencimento, de união ou de nós, indicando a formação de um grupo psicológico. A teoria, assume que o grupo psicológico possui uma base perceptiva ou cognitiva, considerando que a percepção de si e dos outros é estruturada por meio de categorias sociais abstratas, que são internalizadas como aspectos de formação de seus autoconceitos.

No livro identidade social e relações e intergrupais, Tajfel (1982) construiu seu modelo da identificação social apresentando evidências e contrastando-as com o modelo de coesão social, cujo o grupo é definido como “uma coleção de indivíduos em relações face-a-face de ações, atração e influência, que podem ou não estar em posições estruturais diferenciadas em relação aos outros” (Tajfel, 1982, p.16). Neste modelo, que possui uma base afetiva, os indivíduos estão ligados por sua coesão, ou seja, pela atração dos membros uns pelos outros, para o grupo como um todo e para as atividades do grupo.

O autor argumenta que a questão fundamental para o estabelecimento do pertencimento grupal é “quem eu sou”, e não “Eu gosto desses outros indivíduos?”. Para ele, é mais importante, na definição de grupo, como percebemos e definimos a nós mesmos e não como nos sentimos em relação aos outros, mostrando evidências de que a coesão social não é necessária ou suficiente para a formação de grupos.

De acordo com Tajfel (1972, 1982), as divisões descontínuas do mundo social em classes ou categorias distintas é definida como Categorização Social. E o processo pelo qual um indivíduo se localiza, ou localiza outra pessoa, dentro de um sistema de categorização social é definido como Identificação social. A identificação social pode ser entendida como um substantivo em que a pessoa utiliza uma categorização social para se definir e definir os

outros. O conceito de identificação social remete a um elemento da estrutura cognitiva em termos de percepção e autopercepção do indivíduo, e que também poderá ser utilizado para indicar a forma pela qual uma pessoa faz a internalização de alguma tipo de categorização social de modo que se configure, efêmero ou não, um componente do autoconceito. Para Tajfel (1982) “A soma total das identificações sociais usadas por uma pessoa para definir a si mesmo será descrita como sua identidade social” (pg.18).

Tajfel (1982) afirma que as pesquisas sobre relações intergrupais tendem a focalizar o modelo de identificação social, pois seu subconjunto é a participação em categorias sociais de grande escala, como nacionalidade, classe, sexo, raça ou religião. Para ele, esses grupos não são produtos que emergem da interação interpessoal, mas são dados históricos e culturais passados as pessoas socializadas diretamente e parecem preceder e encorajar a interdependência social e psicológica entre os indivíduos. Nesse sentido, cabe citar a seguinte frase “Grupos não são ilhas; eles se tornam psicologicamente reais apenas quando definidos em comparação com outros grupos” Hornsey (2008, pg207, tradução nossa).

A explicação de Tajfel (1982) para esses fenômenos é que “uma vez que a identificação social comum dos indivíduos de si mesmos seja “ativada”, eles tendem a perceber a si mesmos e aos outros em termos da categoria” e o resultado desse processo, resumidamente, uma percepção estereotipada. Para ele, esse mecanismo possibilita regular o comportamento social de duas maneiras: atribuindo a si mesmo atributos como emoções, motivos e normas, que podem controlar e instigar o comportamento diretamente; e a forma como percebemos os outros influencia indiretamente a maneira como agimos em relação a eles. Ele formula a hipótese de que a consciência de pertencimento à categoria comum é a condição necessária e suficiente para que os indivíduos se sintam como e sejam um grupo.

Tajfel define algumas características das relações intragrupais: “As relações intragrupo tendem a ser caracterizadas por: (1) a similaridade percebida dos membros; (2) atração mútua entre membros ou coesão social; (3) estima mútua; (4) empatia ou contágio emocional; (5) altruísmo e cooperação, e (6) uniformidade atitudinal e comportamental.” (Tajfel, 1982, pg.29).

Alguns experimentos que mostram as evidências desse fenômeno e foram utilizados para construir o modelo da identificação social, eram realizados utilizando o paradigma de distribuir recompensas para membros do intragrupo (*ingrupo*) e do exogrupo (*outgroup*). Por

exemplo, num estudo realizado por Allen e Wilder (1975), os sujeitos foram divididos em dois grupos, cujo grupo interno era percebido pelos participantes como similar ou diferente em crenças e, independentemente, o grupo externo também poderia ser percebido como similar ou diferente. Os participantes tinham a tarefa de dividir as recompensas entre um membro do *ingroup* e um membro do *outgroup* e foi encontrado favoritismo do *ingroup* em todas as condições, ou seja, os sujeitos favoreceram mais os membros do intragrupo com crenças diferentes da deles, em comparação aos membros do exogrupo com crenças semelhantes. Este tipo de experimento fundamenta a importância da categorização social no comportamento de relações entre grupos. Por que será que as pessoas favorecem mais seu próprio grupo em relação a grupos externos? Hornsey (2008) argumenta que para Tajfel e Turner:

“o princípio motivador subjacente ao comportamento intergrupar competitivo era o desejo de um autoconceito positivo e seguro. Se aceitarmos que as pessoas são motivadas a ter um autoconceito positivo, é natural que as pessoas sejam motivadas a pensar em seus grupos como bons grupos...Esforçando-se por uma identidade social positiva, os membros do grupo são motivados a pensar e agir de forma a alcançar ou manter uma distinção positiva entre o próprio grupo e os grupos externos relevante” Hornsey (2008, pg207, tradução livre)

Em sua revisão histórica sobre Teoria da identidade social e teoria da auto-categorização, Hornsey (2008) critica a forma como Tajfel conduzia e/ou interpretava os experimentos, afirmando que da perspectiva de um participante, as tarefas de alocação eram absurdas. Pois, os grupos não tinham conteúdo, no sentido de que se baseavam em critérios triviais, não tinham histórico, nem futuro fora do laboratório e os participantes não poderiam se beneficiar ou perder algo em função de sua estratégia de alocação de pontos no experimento.

De acordo com Hornsey (2008), depois da morte de Tajfel em 1982, Turner e seus colegas procuraram elaborar e refinar o elemento cognitivo da teoria, surgindo assim a teoria da auto-categorização. As duas teorias compartilham a maioria das mesmas suposições e métodos; e emergem da mesma perspectiva ideológica e meta-teórica; e muitas pessoas se referem a ambas como "perspectiva da identidade social", "abordagem da identidade social" ou escola de Bristol.

Faremos uma breve exposição da teoria da auto-categorização com o objetivo de reconhecer os avanços e algumas limitações do modelo da identificação social. Entretanto, o modelo da identificação social se mostra extremamente adequado aos objetivos propostos nesta tese, pois pretendemos observar as diferenças entre as afiliações religiosas que pode ser

entendida, como vimos anteriormente, como uma forma ampla de categorização social em que o indivíduo se utiliza para construir seu autoconceito.

À medida que a suposição da existência de uma distinção psicológica entre comportamento interpessoal e intergrupar ganhava importância, Turner (1982) argumentava como a identidade social poderia tornar o comportamento grupal possível por meio de um mecanismo psicológico que "despersonalizava" a autopercepção do indivíduo. Essa ideia evoluiu para a formulação de uma "teoria da auto-categorização", redefinindo o conceito de identidade social, cujo meta é explicar a base psicológica dos fenômenos grupais, centrando a análise na questão geral da relação indivíduo-grupo, e não na tentativa de explicar a discriminação intergrupar.

Outro elemento importante para a teoria da auto-categorização de Turner é o conceito de protótipo. Os indivíduos representam cognitivamente seus grupos sociais por meio deles, que basicamente pode ser entendido da seguinte forma: Quando se destaca uma categoria, há uma maior probabilidade das pessoas enxergarem outros membros do grupo e si mesmas menos como indivíduos e mais como modelos intercambiáveis do protótipo do grupo. Hornsey (2008) afirma que:

“O protótipo não é uma realidade objetiva, mas sim um sentido subjetivo dos atributos definidores de uma categoria social que flutua de acordo com o contexto. A identidade do grupo não apenas descreve o que é ser um membro do grupo, mas também prescreve que tipos de atitudes, emoções e comportamentos são apropriados em um determinado contexto.” Hornsey (2008, pg.2009, tradução livre).

Contrastando as visões de Turner e Tajfel, Turner prefere utilizar o termo protótipo” no lugar de “categoria”, incluindo a dimensão pessoal no conceito de identidade que Tajfel não pretendeu abranger. Nesse sentido, quanto mais um indivíduo compartilha do protótipo do grupo, outras características identitárias perdem destaque e uma “despersonalização” tende a acontecer em favor do grupo. Tajfel visualizava uma maior heterogeneidade do ingroup, enquanto que Turner afirmava que o indivíduo tende a se comparar com o protótipo e com os membros do próprio grupo, num processo denominado de “autoprototipicidade”.

Turner & Oakes (1986), afirmam que a teoria da auto-categorização elucidada os fenômenos grupais em termos de funcionamento e estrutura do autoconceito social, que pode ser entendido como um sistema de representações cognitivas do *self*, constituído por meio de comparações com outros indivíduos. Para Turner, essas representações cognitivas do *self* se

constituem por meio de 'auto-categorizações', que são agrupamentos cognitivos do eu como idêntico (semelhante, equivalente, intercambiável) a uma determinada classe de estímulos em contraste ou comparação com outra classe de estímulos, podendo existir em diferentes níveis de abstração em termos de autoconceito social, sendo que há três níveis que são mais importantes: a categoria superordenada do eu como ser humano (ou identidade humana), fundamentada em diferenciações entre espécies; o nível intermediário do eu como membro de um grupo social (ou identidade social), definida com base em diferenciações entre grupos de pessoas (classe, raça, nacionalidade, ocupação, etc.); e o nível subordinado de auto-categorização pessoal (identidade pessoal), baseado em diferenciações entre si como um indivíduo único e outros membros (relevantes) do grupo. “Há um antagonismo funcional entre os diferentes níveis de auto-categorização em termos de sua "saliência" (o grau em que eles são funcionalmente preponderantes na determinação da autopercepção) em qualquer situação” Turner & Oakes (1986, p. 241).

Dada as diferentes possibilidades de identidades sociais a que os indivíduos podem se definir, o que especificamente determina qual identidade será a base para a categorização num determinado contexto? Para Hornsey (2008), a categorização ocorre como uma função de acessibilidade e adequação, sendo que a adequação pode ser entendida como a forma em que as categorias sociais são percebidas e consideradas reflexos da realidade social. Existe uma maior probabilidade de as categorias sirvam de base para a autodefinição se estiverem mais acessíveis no momento.

De modo resumido, este processo de construção da identidade, seja por meio da categorização social ou pela utilização de uma prototipagem, explicita que para construir uma identidade religiosa é necessário certas categorias ou protótipos sociais. Uma pessoa só pode si definir com budista ou ateus, na presença ou ausência de certas categorias ou protótipos sociais.

3.2.3 Estudos sobre identidade religiosa realizados no Brasil

Uma vertente dos estudos sobre identidade religiosa se fundamentam nos trabalhos desenvolvidos por Ciampa em termos de identidade como uma metamorfose. Entretanto, neste trabalho, não busco prioritariamente avaliar as alterações identitárias, mas entender

como a categorização social da afiliação religiosa ou a religiosidade podem afetar variáveis afetivas. Chiampa (1998) define identidade humana como uma metamorfose, ou seja, “o processo permanente de formação e transformação do sujeito humano, que se dá dentro de condições materiais e históricas dadas” (pg.88). Essa visão pode ajudar a entender vários mecanismos de transformação da identidade e dos grupos, mas as hipóteses que serão testadas nesta tese buscam olhar um recorte transversal e não longitudinal. Também é possível observar trabalhos interessantes de constituição identitária centrados na identidade religiosa realizados no Brasil. Farei uma breve referência a esses trabalhos, entretanto, este estudo busca verificar a comparação entre grupos e não a constituição e transformação identitária.

Enfocando aspectos da identidade religiosa, Paiva (2007) considera importante complementar por meio da dimensão pessoal, a identidade social, analisando-a em conjunto com os conceitos de imaginário e simbólico. O pesquisador realizou alguns estudos observando a convergência entre categorização/prototipicidade grupal e elaboração do simbólico. Em entrevistas realizadas com recém convertidos das religiões Seicho-no-iê, Perfeita Liberdade (PL) e budismo foram encontrados variados processos de modificação da identidade religiosa, tanto na dimensão pessoal, como na dimensão psicossocial (Paiva, 1999; 2004; 2005; Paiva, Faria, Gomes, Gómez, Lopes, Nunes, Verdade e Zangari, 2000, como citado em Paiva, 2007). Paiva (2007) argumenta que é possível agrupar esses processos: “mudança consumada de pertença grupal e de simbólico; mudança em curso de pertença e de simbólico; pertença a mais de um grupo e acréscimo de mais um simbólico; ambiguidade de pertença e de simbólico (Paiva, 2007, p 88). Nestes estudos, a alteração da identidade religiosa foi observada somente quando relacionada com a categorização e a prototipificação grupal, ou seja, no momento em que o grupo ao qual o participante pertencia foi contrastado ao novo grupo, contrapondo um protótipo ao outro. O pesquisador afirma que “a função atribuída à pertença grupal na formação da identidade deve ser completada pela verificação do arranjo simbólico ou imaginário que cada pessoa faz.” (Paiva, 2007, pg.83)

Podemos observar a complexidade da formação de determinadas identidades religiosas por meio dos estudos desenvolvidos por Zangari (2009), Maraldi (2011) e Ribeiro (2015), que estudaram especificamente a mediunidade em diferentes religiões. Estes estudos trazem registros e análises que fundamentam uma percepção mais profunda do comportamento específico religioso, pois quando observamos esse fenômeno é possível ver a complexidade

do assunto. Por exemplo, observações em campo e entrevistas realizadas com médiuns de um terreiro de São Paulo, Zangari (2009) definiu seis elementos que constituem o desenvolvimento da identidade de médiuns umbandistas por meio de um processo em que o indivíduo vai adotar e assumir papéis, baseando-se na teoria de papéis do psicólogo da religião sueco Hjalmar Sundén, são eles: Assimilação, Entrega, Treino, Criação, Manifestação e Comprovação, Zangari (pg.179, 2009). Ao longo das entrevistas e observações, Zangari (2009), percebeu que é necessário um processo de treino para que o indivíduo, que se define como médium, apresente comportamentos específicos como a incorporação. Nesse sentido, para a concretização da autocategorização é preciso algumas condições para que o indivíduo possa se identificar plenamente com aquela determinada categoria.

Num estudo realizado com médiuns de um centro espírita de São Paulo, Maraldi (2011) observou três formas como o conceito de mediunidade atua na formação da identidade do médium espírita: 1) como projeto de vida; 2) como ocultação e revelação; e 3) como ideologia. No primeiro aspecto, a identidade mediúnica possibilita um projeto de vida que era inconcebível ou inexplorado, pois organiza as experiências emocionais do indivíduo. No segundo aspecto, o pesquisador segue a linha de Ciampa, e conclui que em alguns momentos são ocultados alguns aspectos da personalidade e em outros são revelados, e que desvendar esse processo é também verificar o que está escondido de modo mais amplo nos processos e relações grupais e sociais. No terceiro aspecto, o autor mostra que muitas vezes os indivíduos fundem suas buscas pessoais com questões coletivas (da religião), influenciando-os a defenderem suas crenças contra outras concepções, afirmando que: “Ser médium implica defender uma determinada concepção de vida e de interpretação da realidade; significa concretizar, reproduzir ou até mesmo reformular a história de uma ideologia” Maraldi (2011, pg.385).

Fundamentado na teoria de Tajfel e Turner, Ribeiro (2015) mostra em seu estudo como determinadas identidades religiosas podem funcionar com um certo tipo de categorização. O trecho a seguir a descreve muito bem sua fundamentação:

“Quando abordamos o tópico dos conflitos intragrupais e da assimilação de tal conhecimento, é inevitável que a perspectiva da identidade social nos acene. Isto pelo simples fato de que, além de estar em jogo uma operação de ordem cognitiva, esta diz respeito fundamentalmente a um problema envolvendo o processo de categorização social, isto é, quais os comportamentos, atitudes, ações, conselhos, etc. considerados, segundo os valores e a cosmovisão do Espiritismo Kardecista, da Umbanda ou do Vale do Amanhecer, adequados e inadequados, por exemplo, mas também de qual tipo

de pessoa é médium de incorporação e qual não é, quais os padrões de estímulos a serem reconhecidos como próprios da aproximação dos diversos tipos de entidades, qual o nível de consciência a ser percebido pelo médium durante o transe, quais tipos de mediunidade são reconhecidos e quais não são autorizados, quais entidades, guias, mentores e espíritos podem ou não incorporar, em quais contextos, etc. – sendo pertinente desde então a comparação social, isto é, principalmente como são valoradas essas diversas categorias e como elas parecem denotar necessariamente que o médium de um determinado grupo se identifique e se sinta pertencido à polaridade positivamente avaliada e concernente a seu grupo em detrimento de sua antípoda, de modo que, quase sempre os médiuns se veem guiados e protegidos pelos seus próprios mentores, entidades, espíritos e anjos da guarda que compõem a parcela discriminada como evoluída e “de luz” do que acreditam ser o mundo espiritual, que também tem sua parcela de espíritos reconhecidamente “inferiores”.” Ribeiro (2015, pg. 231)

Esses estudos demonstram que a constituição da identidade religiosa, possui muitas possibilidades de gradações e modulações, seja no processo de modificação da identidade religiosa (Paiva, 2007), ou na processo de construção da identidade médiuns (Zangari, 2009; Maraldi, 2011; e Ribeiro, 2015), e que qualquer possibilidade simplificação podem gerar prejuízos ao entendimento das particularidades contextuais. Entretanto, após analisar cada um dos tópicos e conceitos apresentados neste capítulo, é perceptível a necessidade do desenvolvimento de novas formas de operacionalizar a afiliação ou identidade religiosa em pesquisas para poder avançar com os estudos nesta área. O próximo capítulo apresenta o desenvolvimento de uma ferramenta para tentar contribuir com os avanços neste campo. Diante da complexidade e alterações que acontecem na identidade religiosa, futuros estudos deverão analisar identidades sincréticas, não religiosos, o processo de modificação identitária, o impacto da utilização das medidas de ARs objetivas e subjetivas em outras variáveis psicológicas, a existência de diferenças significativas entre essas duas medidas em outras variáveis. Recomenda-se também a utilização de outras escalas como um modo de equilibrar diferentes variáveis, como por exemplo escalas de crenças religiosas.

**CAPÍTULO 4 - DESENVOLVIMENTO DE UM *CODEBOOK*
INCLUSIVO SOBRE AFILIAÇÃO RELIGIOSA (ESTUDO 2)**

4.1 INTRODUÇÃO

Como pode ser observado no capítulo anterior, os construtos de afiliação e ou identidade religiosa são amplamente utilizados em diferentes tipos de pesquisa. Os instrumentos nem sempre conseguem capturar nuances da diversidade religiosa e nem incluir as atualizações referentes a novos grupos e perfis de categorização. Neste sentido, o objetivo deste capítulo é apresentar os resultados de uma pesquisa documental, cujo objetivo foi desenvolver um *codebook* que contemplasse uma maior diversidade religiosa, permitindo categorizar afiliações em grandes categorias automaticamente de modo que possa ser utilizado em futuras pesquisas. Pretende-se também apresentar alguns resultados exploratórios da utilização do *codebook* formatado como uma pergunta que foi utilizada nas pesquisas conduzidas nesta tese que serão apresentadas nos capítulos 6 e 7, em que as respostas foram fornecidas para os estudos 3 e 4 com o objetivo de responder às principais perguntas desta tese.

De acordo com DeCuir-Gunby, Marshall & McCulloch (2011), um *codebook* é um conjunto de códigos, definições e exemplos usados como guia para ajudar a analisar os dados. Optei por deixar o termo em inglês porque acredito que expressa melhor a ideia proposta, a tradução em português seria livro de código. Embora a estrutura seja simples e estável, o processo de construção do livro de códigos é complexo e dinâmico (Macqueen et al., 1998). O processo de desenvolvimento de *codebook* envolve a revisão das definições à medida que os pesquisadores obtêm *insights* mais claros sobre os dados utilizados e quanto maior o grau de especificidade, mais fácil é para os codificadores distinguir entre códigos e determinar exemplos de não-exemplos de códigos individuais (DeCuir-Gunby, Marshall & McCulloch, 2011). Para Miles and Huberman (1994), a palavra código pode ser definida como tags ou rótulos que atribuem unidades de significado às informações descritivas. De acordo com Macqueen et al. (1998), os códigos são os blocos de construção para a construção de modelos ou teorias.

Macqueen et al. (1998) apresenta uma estrutura que pode ser utilizada para a elaboração de um *codebook* que inclui o nome/rótulo do código, definição breve, definição completa, critérios de inclusão, critérios de exclusão e exemplos. DeCuir-Gunby, Marshall & McCulloch (2011), afirmam que o processo de codificação é interativo e requer uma revisão

constante da teoria, enquanto os códigos estruturais e baseados em dados exigem um exame repetido dos dados brutos. Já para MacQueen et al. (1998), ele deve ser revisado para determinar se há inconsistências e se elas ocorrem devido a algum erro do codificador, como por exemplo, uma compreensão ruim das diretrizes.

MacQueen et al. (1998) sugere algumas lições para o desenvolvimento e utilização de um *cookbook* no procedimento de análise de conteúdo: (1) - Atribuir a responsabilidade principal de criar, atualizar e revisar um determinado livro de códigos para uma única pessoa; (2) - Agendar reuniões regulares em que a equipe de codificação revisa cada código e definição; (3) - Estabelecer um processo de codificação para melhorar a consistência entre os envolvidos; (4) - Desenvolver um plano escrito para segmentar o material; (5) - Estabeleça medidas de acordo entre codificadores no início do processo; (6) - Ao definir códigos, não assuma que algo é óbvio e indique especificamente o que o código deve e não deve descrever; (7) - remova os códigos que não funcionam e refaça as definições para os códigos que são problemáticos; (8) - aceitar o fato de que o dado precisará ser recodificado à medida que o *codebook* é refinado.

O *codebook* desenvolvido neste capítulo pode servir para possibilitar questões mais inclusivas em questionários online, permitindo utilizar algoritmos de preenchimento automático com o Autocomplete ou de processamento de linguagem natural (PLN). Segundo Robertson et al. (2019), o autocomplete, são algoritmos de preenchimento automático, que, por design, orientam a consulta. De modo resumido, eles funcionam quando um usuário digitar algumas letras, como uma forma consulta de pesquisa e, esses algoritmos recuperam, selecionam e apresentam dinamicamente uma lista de entradas relacionadas, como sugestões de pesquisa (Robertson et al., 2019). Para Gopinath et al. (2020), o objetivo do preenchimento automático é prever termos que a pessoa digitaria em um sistema de busca em um contexto. De acordo com Hirschberg & Manning (2015), o processamento de linguagem natural emprega técnicas computacionais com o objetivo de aprender, entender e produzir conteúdo de linguagem humana. A ferramenta desenvolvida neste capítulo pretende facilitar a utilização deste tipo de tecnologia no campo da identidade religiosa. As figuras 9 e 10 mostram o formato de aplicação do *codebook* aplicado num formulário online com a questão da identidade religiosa.

Figura 9 - Print Screen do modelo de questão *autocomplete* utilizando o *codebook*.

Qual das seguintes afirmações ou termos melhor descreve sua identidade, crença ou denominação religiosa (não religiosa)?

Você pode pesquisar o termo que melhor se adapta à sua identidade religiosa, **digitando algumas letras na caixa vazia abaixo** e o formulário mostrará algumas opções para você.

*Obrigatório

(Você pode selecionar mais de uma alternativa, se necessário)

Fonte: Extraída do formulário online pelo autor.

Na figura 10, ao clicar no espaço em branco, os participantes podem visualizar as opções disponíveis.

Figura 10 - Print Screen do funcionamento do mecanismo de busca da questão utilizando o *codebook*.

Qual das seguintes afirmações ou termos melhor descreve sua identidade, crença ou denominação religiosa (não religiosa)?

Você pode pesquisar o termo que melhor se adapta à sua identidade religiosa, **digitando algumas letras na caixa vazia abaixo** e o formulário mostrará algumas opções para você.

Católico(a) romano(a) / Catolico
Igreja Católica Apostólica
Catolicismo antigo
Igreja Greco-Católica Albanesa
Igreja Católica Armênia
Igreja Greco-Católica Bielorrussa
Igreja Greco-Católica Búlgara
Catch The Fire
Catimbó
Igreja Católica Caldeia
Igreja Católica Copta
Igreja Católica Bizantina Grega

Fonte: Extraída do formulário online pelo autor.

4.2 METODOLOGIA

Para a construção dos termos sobre afiliação religiosa foram utilizadas informações disponibilizadas na base de dados da *Association of Religion Data Archives - ARDA* (2021), da *Encyclopedia Religions of the World* de Melton e Baumann (2010), e percebemos que para contemplar outras religiões, fizemos inclusões aleatórias por meio de especialistas e outras fontes, como o wikipedia. O motivo dessas inclusões aleatórias foi um diálogo com um especialista em religiões da diáspora africana que nos fez perceber que essas tradições não estavam contempladas na nossa base de dados. Abaixo, estão descritos os processos separados por base de dados.

Segundo Finke, Bader & Polson (2007), a plataforma da *Association of Religion Data Archives* (ARDA) foi disponibilizada online em 1998 com o objetivo de democratizar o acesso a informações sobre religião extraídas de pesquisas nacionais e internacionais. De acordo com Finke & Adamczyk (2008), a coleção desses dados foi iniciada nos Estados Unidos e, posteriormente, ampliada para uma escala internacional em 2005. A base de dados inclui mais de 400 *surveys*, disponibilizados de modo gratuito e financiado por *Lilly Endowment, The John Templeton Foundation, The Pennsylvania State University, and The Baylor Institute for Studies of Religion* (Finke & Adamczyk, 2008). Os dados foram coletados no dia 08 de maio de 2021 no *website* do ARDA, numa sessão que descreve 328 questões sobre afiliação religiosa retiradas de *surveys* internacionais (ARDA, 2021). As perguntas e respostas foram copiadas para uma planilha do Excel e posteriormente categorizadas. O arquivo com as etapas do processo está disponível no link: <https://osf.io/vfjwn>. Foram analisados a quantidade de termos utilizados em cada uma das pesquisas internacionais disponíveis na plataforma ARDA e verificou-se que em média são utilizados 18,6 (sd = 12,6) termos para caracterizar a afiliação religiosas são pesquisas internacionais.

Inicialmente, foram incluídas 328 perguntas que totalizaram 4698 opções de respostas para a pergunta da afiliação religiosa. Como todas as opções de respostas estavam numeradas, foi necessário excluir a numeração dos termos e apagar os espaços vazios, o que resultou em um conjunto de 4684 termos referente a afiliação. Após este processo, os termos repetidos foram excluídos por um processo automático do *Excel* de exclusão de linhas repetidas,

resultando em 1012 possibilidades de respostas. Então, foi criado um primeiro rascunho de categorização. Esse primeiro rascunho foi, posteriormente, revisto com mais profundidade. Muitas categorias repetidas ainda estavam presentes no processo, mas foram excluídas nas etapas subsequentes.

Após esse processamento inicial, os 1012 termos foram reclassificados de modo a reduzir repetições (e.g. *American Baptist Association, American Baptist, Baptist, Baptist - all other, Baptist - Southern Baptist, BAPTIST - AMERICAN, Baptist Brethren, Baptist dont know which, Free Will Baptist, Free Will Baptist Church, Fundamentalist Baptist* se transformam em *Baptist*). Entendemos que esse processo pode induzir a falhas, pois reduz a diversidade religiosa e engloba diferentes denominações num único termo. Todavia, esse mecanismo busca facilitar o processo no preenchimento de um questionário, pois quando um usuário digitar o termo *Baptist* pode encontrar uma grande quantidade de termos, o que pode afetar a motivação para preencher a pesquisa em função do esforço cognitivo demandado. Após o processo de renomear as denominações/afiliações e exclusão dos termos repetidos, sobraram 159 termos. Os 30 termos que mais se repetiram e suas respectivas quantidades foram: *Apostolic (7), Jehovah's Witnesses (7), Mennonite (7), Muslim/Islamic (7), Unitarian - Universalist (7), Foursquare Gospel (9), Fundamentalist (9), Adventist/Seventh-Day Adventist (11), Judaism/ Jewish (11), Episcopalian (Episcopal Church) (12), Brethren; Brethren in Christ (13), Pentecostal (13), Quaker or Friends (13), Congregational or United Church of Christ (16), Orthodox (16), Assemblies of God (17), Dont know (18), Mormon (The Church of Latter Day Saints) (18), Reformed (Reformed Church) (18), Disciples of Christ (Christian Church, Church of Christ) (20), Nondenominational (No denomination) (27), No religion (28), Protestant (31), Methodist (40), Other (40), Church of God (41), Christian (43), Presbyterian (49), Lutheran (50), Baptist (108)*. No processo de recategorização, foi percebido que 78 itens que não se referiam a afiliações e denominações religiosas haviam sido equivocadamente incluídos e, portanto, foram excluídos da lista de termos (eg. *INAP, 2,3,-8,-9 in V083188X; 5,-8,-9 in V083187, INAP, denomination DK/NA; major religion none/DK/NA/Catholic/Jewish, Inapplicable, Independent, Invalid skipDK, DK/Just Pentecostal, DK/No opinion, DK/Refused, Electronic ministries (Vol., Evangelical Missions) Foundation, Federated or union church*). A lista final incluiu 934 (1012 -78) que geraram 159 itens únicos.

De acordo com Morgan & Baumann (2010), a segunda edição da Enciclopédia *Religions of the World* foi escrita pelos editores em colaboração com mais de 250 acadêmicos com o intuito de apresentar a situação atual das religiões no mundo. A coletânea foi organizada de modo a contemplar a comunidade religiosa presente em cada um dos 240 países contidos no material, num trabalho grandioso de destacar os blocos de construção da vida religiosa como apareceram nos diversos contextos culturais. De acordo com os autores, o texto possui uma *A-to-Z list of entries* de mais de 1700 termos. Entretanto, em nossa contagem foram registrados apenas 1665 termos, que posteriormente foram transformados em 1668 a partir da separação entre os termos Rinzai (Japan), Lin-Chi (China), Imje (Korea), Lam-Te (Vietnam), que estavam contando no sumário como um item e foram transformados em 4 possibilidades diferentes. Após essa transformação, iniciou-se o processo de categorização e exclusão. Foram excluídos 673 termos que não se referiam diretamente a afiliações religiosas, dos quais: 239 se referem a países (eg. Algeria, Angola, Bolívia); 123 foram categorizados como Biografia, que poderiam ser entendidos como personalidades ou seres "místicos" (eg. Abduh, Muhammad, Atisha, Patanjali); 109 como *Places* (e.g. Jerusalem, Mecca, Istanbul) que inclui templos e cidades; 74 como *Event* (e.g. Chinese New Year's Day, Christmas); 67 foram classificados como *Term*, que se referem a certas terminologias relacionadas com o fenômeno religioso (e.g. *Altered States of Consciousness, Energy, Sacred Texts*); 45 itens foram classificados como *Network*, que podem ser entendidos como grupos de entidades religiosas que se reúnem com objetivos comuns (essa categoria se difere de uma denominação ou afiliação religiosa por conta do foco interorganizacional: *Alliance World Fellowship, Campus Crusade for Christ International, International Meditation Centres, World Council of Biblical Churches*); 8 eram *Inactive groups* (e.g. *Hermetic Order of the Golden Dawn; Solar Temple, Order of the*); 4 itens referentes a *Books* (e.g. *A Course in Miracles e Bukkyo Dendo Kyokai*); 3 itens foram definidos como *Movement* (e.g. *Initiatives for Change/Moral Rearmament, Religious Science, Unification Movement*); e 1 como *association* (*Ashoka*). A tabela 15 resume numericamente o processo de exclusão de determinados itens.

Tabela 15 - Resumo do processo de exclusão - *Religions of the World Encyclopedia*.

Filtro	Contagem dos termos originais
<i>Association</i>	1
<i>Movement</i>	3
<i>Book</i>	4
<i>inactive group</i>	8
<i>Network</i>	45
<i>Term</i>	67
<i>Event</i>	74
<i>Place</i>	109
<i>Biography</i>	123
<i>Country</i>	239
Total geral	673

Fonte: Elaborado pelo autor

Após o processo de exclusão dos itens, restaram 995 termos que foram reclassificados de modo a reduzir repetições (e.g. *Anglican Church in Aotearoa, New Zealand, and Polynesia, Anglican Church in Japan, Anglican Church of Australia, Anglican Church of Canada, Anglican Church of Hong Kong and Macao, Anglican Church of Kenya, Anglican Church of Korea, Anglican Church of North America, Anglican Diocese in Angola, Anglican Province of the Southern Cone of America*, se tornam uma única denominação/afiliação chamada *Anglican*), esse processo induz algumas falhas, pois reduz um pouco da diversidade religiosa. Entretanto, esse reducionismo facilita o mecanismo de busca no processo de preenchimento de um questionário numa perspectiva de experiência do usuário. Após o processo de renomear as denominações/afiliações e exclusão dos termos repetidos, sobraram 520 termos. Os 30 termos que mais se repetiram e suas respectivas quantidades foram: *Judaism/ Jewish* (3), *Theosophists - (Theosophical Society)* (3), *Gnostic / Gnosticism* (4), *Pentecostal* (4), *Apostolic Faith* (5), *Assemblies of God* (5), *Sufism* (5), *Yoga* (5), *Brethren; Brethren in Christ* (6), *Catholic Apostolic Church* (6), *Episcopalian (Episcopal Church)* (6), *Evangelical* (6), *Hinduism* (6), *Old Catholicism* (6), *Quaker or Friends* (6), *Islam/Muslim* (8), *Mennonite* (8), *Church of God* (9), *Moravian* (9), *Disciples of Christ (Christian Church, Church of Christ)* (12), *Buddhism* (14), *Congregational or United Church of Christ* (18),

Protestant (24), Reformed (Reformed Church) (27), Anglican (30), Evangelical (37), Lutheran (39), Methodist (42), Presbyterian (48) e Baptist (64).

Após notar a ausência de afiliações religiosas de matrizes africanas, foram incluídas denominações e afiliações de modo aleatório, essa inclusão aconteceu por meio do suporte de especialistas e buscas no *Wikipedia* usando as seguintes categorias: Islamismo, Hinduismo, Budismo, Judaísmo, Cristianismo, Protestantismo, religiões chinesas, religiões japonesas, religiões de diáspora africana, religiões em África, religiões no Brasil, religiões na Índia, religiões na Rússia, religiões no México e religiões na Itália. A escolha desses termos utilizou como alvo o foco dos países da pesquisa: Brasil, EUA, Inglaterra, Austrália, México, Rússia e Itália. Visto que esses países tiveram processos de imigração distintos, foram incluídas buscas relacionadas com África, Japão, China e Índia. Além disso, buscou-se aprofundar nas religiões com um grande número de aderentes. Parte desse processo iniciou-se de modo aleatório (por conveniência) e por meio da busca para a confirmação dos termos gerados nas etapas anteriores por meio da ARDA e da Enciclopédia. Foram incluídos 459 itens dos quais: 173 de outras religiões, 149 Islâmicos, 60 Judaico, 34 Budistas, 29 Cristãos, 8 Hindu, 6 sobre crenças seculares, outras crenças espirituais e afiliação não religiosas. Das 173 inclusões caracterizadas como outras religiões, 50 eram religiões da diáspora africana, 63 religiões étnicas (28 religiões étnicas russas, 15 africanas e 8 da Índia), 9 religiões chinesas e 6 japonesas. A planilha com todas as inclusões aleatórias estão disponíveis no link: <https://osf.io/jk6dz>.

Após o processo de recodificação e exclusão dos termos repetidos e daqueles que não estavam relacionados com o objetivo do *codebook*, foi criada uma planilha com o somatório de todas as três bases de dados, gerando-se um único conjunto de dados com todas as entradas. Após a junção dos dados, os termos que se repetiam entre as diferentes bases de dados foram excluídos, gerando um total de 879 (879, contando com os dois que foram excluídos posteriormente*) termos únicos para descrever afiliações e denominações religiosas e não religiosas. [*Depois de interagir com alguns especialistas de determinadas doutrinas religiosas, observou-se que outros dois termos estavam repetidos (Gelug e Gelugpa) e (Sakyapa e Sakya)]. A tabela 16 descreve os dados sistematizados do processo de construção do *codebook*.

Tabela 16 - Sistematização dos dados para a criação do *CodeBook*.

<i>Base de dados</i>	Incluídos	Excluídos	Categorias únicas após exclusão de repetidas na própria base	Termos incluídos na lista final	Termos excluídos por repetição em outras bases
Arda	934	78	159	120	40
<i>Encyclopedia</i>	995	673	520	429	90
<i>Random inclusion (specialist and Wikipedia topics)</i>	459	0	459	330	127
Total geral	2388	751	1138	879	257

Fonte: elaborado pelo autor

4.2.1 Processo de agrupamento dos termos e criação de categorias de análise

Nós criamos o processo de classificação das afiliações religiosas inspirado no *Australian Standard Classification of Religious Groups (ASCRG)*, que divide os grupos religiosos em níveis amplos, restritos e a afiliação religiosa (grupo religioso) enquanto termo específico (*Australian Bureau of Statistics, 2016*). Neste sentido, existem três níveis hierárquicos, ou seja, duas subdivisões até chegar no termo final que o participante encontrará no processo de busca associado à questão. O ASCRG foi publicado inicialmente em 1996 e passou por três revisões, uma em 2005, outra em 2011 e a última em 2016. De acordo com a *Australian Bureau of Statistics (2016)*, a última revisão do ASCRG possui 131 grupos religiosos, 34 categorias restritas e 7 grandes categorias. A criação das grandes categorias e categorias restritas foram pensadas de modo a permitir que um máximo de oito grupos religiosos fossem identificados separadamente neste grupo restrito da classificação e na última revisão, em 2016, ocorreu uma mudança que estabeleceu como critério uma amostra maior que dois dígitos para atingir o critério de grupo restrito, permitindo que mais grupos religiosos sejam adicionados ao grupo restrito (*Australian Bureau of Statistics, 2016*). No nosso processo de categorização para a construção deste *codebook*, utilizamos exatamente as sete grandes categorias: *Buddhism, Christian, Hindu, Islam, Jewish, Other (religions) e SECULAR*

BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION.

Entretanto, modificamos as categorias restritas de modo a abranger a diversidade dos países que são o foco do codebook criado.

Seguindo o modelo hierárquico de classificação *Australian Standard Classification of Religious Groups* (ASCRG), realizamos algumas modificações. O ASCRG utiliza as terminologias: grupo religioso, grupo restrito e grupo amplo. Entretanto, preferimos utilizar a terminologia: Afiliação religiosa, categoria estrita e categoria ampla. Reconhecemos que os critérios utilizados para esse processo ainda é um pouco rudimentar e futuros estudos poderão reclassificar esses dados com critérios mais sólidos e baseados em evidências, podendo levar em consideração: crenças religiosas semelhantes; práticas religiosas semelhantes; e/ou herança cultural. Neste sentido, este *codebook* enquanto empreendimento, busca ser uma base de dados aberta, sempre pronta para novas inclusões e categorizações dos níveis hierárquicos de modo mais preciso. Percebemos que é necessário iniciar esse processo e por meio da colaboração com outros pesquisadores, pretendemos melhorar as definições utilizadas no futuro.

4.2.1.1 Categoria ampla (categorização 1)

É a forma mais ampla de classificação e possui sete grandes categorias que foram formadas pelo somatório das categorias restritas e, portanto, grupos gerais, amplamente semelhantes em termos de critérios de classificação, como: *Buddhism, Christian, Hindu, Islam e Jewish*. De modo a abarcar a diversidade excluída nesta categoria ampla, foram incluídos duas grandes categorias: outros (religiões) e crenças seculares e outras crenças espirituais e nenhuma afiliação religiosa. A primeira se refere a afiliações e denominações religiosas mundiais importantes e categorias restritas residuais que possibilitem uma estrutura de classificação útil e significativa. A segunda, engloba itens que não satisfaçam os critérios de uma religião, embora sejam necessários para a captura uma gama de possibilidade de respostas às perguntas sobre relacionadas com afiliação religiosa, como não religiosos, ateus, agnósticos e outras práticas seculares e espirituais.

4.2.1.2 Categoria Estreita (categorização 1 - subgrupo)

Considerado como nível intermediário de classificação e compreende 34 grupos estreitos que compreendem grupos religiosos que são semelhantes em termos de critérios de classificação como: crenças religiosas semelhantes; práticas religiosas semelhantes; e/ou herança cultural; ou agrupados em função da quantidade)

4.2.1.3 Afiliação religiosa

É o nível mais detalhado da classificação e consiste em unidades básicas conhecidas como afiliações e/ou denominações religiosas, grupos ou tradições religiosas. Este nível consiste em 879 termos que caracterizam grupos (não) religiosos. Os processos definidos acima geraram cada um dos itens deste grupo e são resultantes também de combinações para eliminar possíveis dificuldades durante a busca. A tabela 17 apresenta um exemplo de nível de organização hierárquico de categorias desenvolvido pelo *Australian Standard Classification of Religious Groups* (ASCRG).

Tabela 17 - Exemplo de nível de organização hierárquico de categorias *Australian Standard Classification of Religious Groups* (ASCRG).

Nível Hierárquico	Quantidade	Religião
Categoria Ampla	50	<i>SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION</i>
Categoria Estreita	4	<i>Agnostic</i>
Afiliação Religiosa	1	<i>Believe in God but not organized religion</i>

fonte: Australian Bureau of Statistics (2016)

4.2.1.4 Organização dos termos em lista definitiva

Para a organização numérica da exibição dos termos, foi pensado na utilização alfabética. Entretanto, no processo de tradução foi verificado que a ordem se modifica nos outros idiomas e optou-se pela seguinte proposição: foi criada uma lista paralela dos 30 termos que mais se repetiam no *Association of Religion Data Archives* - ARDA (2021),

somados com os 30 termos que mais se repetiam da *Encyclopedia Religions of the World*, adicionado 5 subtermos de cada uma das 7 principais categorias, resultando em 94 termos. Foi percebido que os ateus não estavam incluídos nesta triagem e, por isso, foram adicionados. Após excluir os repetidos 23 itens repetidos e 6 itens por representarem categorias amplas (*African Diaspora religion, Japanese Religion, Miscellaneous Religions, Other Christian, Other Protestant, Universalist*), sobraram 66 termos. Esses 66 itens foram organizados alfabeticamente em inglês e foram procurados os termos na planilha final para fazer associação. O objetivo dessa numeração é fazer com que as categorias mais procuradas apareçam primeiro. Pois, foi realizado um pré-teste e categorias como: Igreja Greco-Católica Albanesa, Igreja Católica Armênia, Igreja Greco-Católica Bielorrussa, Igreja Greco-Católica Búlgara, *Catch The Fire*, apareciam antes de igreja católica romana e nos países alvo da pesquisa, poderia influenciar a resposta dos participantes de modo a marcar opções que aparecessem primeiro. Neste sentido, priorizou-se em função dos critérios estabelecidos acima. Esses critérios podem e devem ser revisados no futuro em função da tecnologia disponível. A figura 11 mostra a estrutura do desenvolvimento do *codebook* no formato *xlsx*.

Figura 11 - Estrutura do desenvolvimento do *codebook* no formato *xlsx*.

Termo Final English	Portuguese	Categorização 1	Categorização 2 (subgrupo)
1, Adventist/Seventh-Day Adventist	1, Adventista / Adventista do Sétimo Dia	Christian	Seventh-day Adventist
10, Bohras	10, Bohras	Islam	Sunni
100, Anabaptist	100, Anabatista	Christian	Other Protestant
101, Ananda Marga Yoga Society	101, Sociedade Ananda Marga Yoga	SECULAR BELIEFS	New age
102, Ancestral worship	102, Culto aos ancestrais	Other	Ancestral worship
103, Ancient Church of the East	103, Igreja Antiga do Oriente	Christian	Assyrian Apostolic
104, Anthroposophical Society	104, Sociedade Antroposófica	Other	Anthroposophical Society
105, Anusim	105, Anusim	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
106, Apihicanian	106, Apihicanian	Christian	Pentecostal
107, Apostles of Infinite Love	107, Apóstolos do Amor Infinito	Christian	Pentecostal
108, Apostolic Sabbath Church of God	108, Apostolic Sabbath Church of God	Christian	Pentecostal
109, Arará	109, Arará	Other	African Diaspora religion
11, Brahmoism	11, Brahmoismo	Hindu	Brahmoism
110, Arcane School	110, Escola Arcana	SECULAR BELIEFS	New age

Fonte: Elaborado pelo autor

Em função do tempo e recursos disponíveis, não foi possível aprofundar e verificar com os especialistas para validar as categorias amplas e restritas. Futuros estudos deverão ser conduzidos neste sentido. O próximo bloco será a apresentação do cruzamento das respostas do *codebook* por meio de uma questão de *autocomplete* com outras questões sobre identidade religiosa obtidas nas pesquisas que relacionam religião e emoção desenvolvidas para esta tese.

4.3 RESULTADOS

4.3.1 Aplicação do *codebook* em pesquisa sobre religiosidade e emoções.

Para responder e verificar o padrão de respostas dos participantes, foram utilizados os dados do estudo 3 (Questionário transversal e quantitativo) em que os participantes responderam duas perguntas diferentes sobre identidade religiosa. A primeira pergunta foi realizada utilizando como base a pesquisa conduzida por Huber & Huber (2012) e estava descrita da seguinte forma “A qual das seguintes religiões você pertence?”, com as seguintes opções de respostas: Cristianismo, Judaísmo, Islam, Hinduísmo, Budismo, Outra religião, Nenhuma religião, e Não sei. Essa pergunta se aproxima bastante do formato de categorização ampla criada para o *codebook* (*Buddhism, Christian, Hindu, Islam, Jewish, Other religions e SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION*), com a exceção da última categoria que foi dividida em dois (Nenhuma religião e Não sei). A segunda pergunta foi utilizada com base no *codebook* em que os participantes puderam escolher o termo que mais se aproximava da sua afiliação religiosa, descrita da seguinte forma: “Qual das seguintes afirmações ou termos melhor descreve sua identidade, crença ou denominação religiosa (não religiosa)? (Você pode selecionar mais de uma alternativa, se necessário). Você pode pesquisar o termo que melhor se adapta à sua identidade religiosa, digitando algumas letras na caixa vazia abaixo e o formulário mostrará algumas opções para você. Caso você não encontre algo que corresponda à sua identidade religiosa, por favor, selecione a opção "Outros" e teremos o maior prazer em incluir esta opção em pesquisas futuras”, utilizando os itens do *codebook* com opções de resposta. A intenção desta análise é comparar as respostas fornecidas pelos participantes nas duas perguntas e comparar com o padrão de classificação criado no *codebook*.

A amostra foi composta de 880 participantes, dos quais 65,2% afirmaram ser do sexo feminino e 34,8% do sexo masculino. A idade dos participantes variou entre 18 e 77 anos, com uma média 39,3 anos (DP = 13 anos). Referente ao estado civil, 42% dos participantes afirmaram estarem solteiros, 33,5% casados, 14,5% estão numa união estável, 6,5% divorciados, 2,3% separados e 1,2% viúvos. Referente a ocupação, 42% dos participantes declararam trabalhar em tempo integral, 21,1% como autônomos, 11,6% se definem como

estudantes, 7,9% desempregados, 6,5% aposentados, 5,5% possuem um trabalho de meio período, 2,1% se consideram donos ou donas de casa e 3,3% afirmaram se encaixar em outra categoria ocupacional. A amostra apresentou um alto nível de escolaridade em que 67,8% concluíram o ensino superior, 18,1% estão cursando o ensino superior, 11,5% concluíram o ensino médio e 2,6% não concluíram o ensino médio.

Das 880 respostas analisadas, apareceram 85 termos que caracterizam identidades religiosas selecionadas pelos participantes: Acredita em Deus mas não é de uma organização religiosa, Adventista / Adventista do Sétimo Dia, Agnóstico(a) - Não tenho fé e nem descrença na existência de Deus ou em algo transcendente, Anglicana, Apostólico(a), Apóstolos do Amor Infinito, Assembleias de Deus, Assembleias Evangelísticas Cristãs, Ateu - Eu não acredito na existência de Deus ou algo transcendente, Batista, Bruxaria (*Witchcraft*), Budismo, Budismo Tibetano, Calvinismo, Candomblé, Catolicismo antigo, Católico(a) romano(a) / Católico, Companheiros do Profeta, Congregação Cristã, Cristão, Cristão nascido de novo, Culto aos ancestrais, Deísta, Discípulos de Cristo (Igreja Cristã / Igreja de Cristo), Ecumênico(a), Esoterismo ocidental, Espiritismo, Espiritismo Kardecista, Espiritualismo / Espiritualista, Eu não sei - nada em particular, Evangélico(a), Fé Apostólica, Fé bahá'í, Gnosticismo, Hare Krishna, Humanismo, Humanista secular, Igreja Católica Apostólica, Igreja da Irmandade (*Brethren Church*), Igreja de Deus, Igrejas do Nome Sagrado (Assembléia de Yahweh); Yahwists), Igrejas espíritas, *Insight Meditation Society*, Islamismo / muçulmano, Judaico, Jurema Sagrada, Luterano(a), Macumba, Movimento de Consciência Espiritual Interior, Nação do Islã, Não denominacional (sem denominação), Não ortodoxo, Não sei, Não tenho religião mas acredito na existência de Deus ou em algo transcendente, Nazareno (Igreja do Nazareno), Ocultismo, Ortodoxo(a), Outros, Paganismo, Panteísta (panteísmo), Pentecostal, Presbiteriano, Protestante, Protestante Liberal, Quadrangular / Igreja do Evangelho Quadrangular, *Quaker* ou amigos, Reformada (Igreja reformada), Religião tradicional africana, Renovação Judaica, Santo Daime, Seicho-No-Ie, Sem religião / Sem fé particular, Sunita, Testemunhas de Jeová, UFO (OVNI), Umbanda, Umbandaime, União do Vegetal, Universalista, Vedanta, Verdadeira Igreja de Jesus, *Wicca*, Xamanismo, Yoga / Ioga, Zen. Esses resultados mostram a necessidade de incluir diversidade maior do que as identidades que comumente aparecem nas pesquisas sobre religião. Por exemplo, na plataforma ARDA, a média dos termos utilizados para caracterizar a identidade religiosa é

18,6 (sd = 12,6). Olhando este aspecto, podemos pensar os participantes quando são estimulados a um conjunto menor de alternativas, escolhe aquele termo que melhor se encaixa com sua identidade religiosa levando em consideração critérios semelhantes. Entretanto, nossos resultados na comparação das duas perguntas respondidas pelos mesmos participantes não demonstra isso. A seguir, veremos o comparativo entre as respostas fornecidas na pergunta um e as respostas fornecidas na pergunta dois, utilizando a primeira pergunta como eixo de referência.

Na categoria de resposta “Outra religião” fornecida pelo participante na pergunta 1, foram respondidos 33 termos únicos na segunda pergunta, dos quais, 16 termos foram associados as resposta fornecidas na pergunta 1 de modo semelhante a categorização criada no *codebook*(*Other religions*). Esses termos serão apresentados com os respectivos número no *codebook* e a quantidade de participantes que marcaram a opção outros na primeira pergunta: 102, Culto aos ancestrais(1); 144, Fé bahá'í(1), 191, Candomblé(4); 2, Religião tradicional africana(2); 427, Jurema Sagrada(1); 437, Espiritismo Kardecista (19); 484, Macumba(1); 604, Panteísta (panteísmo) (1); 64, Yoga / Ioga(1); 689, Seicho-No-Ie(1); 730, Espiritismo (9); 795, Umbanda (23); 796, Umbandaime (2); 799, União do Vegetal (1); 846, *Wicca* (1); 848, Bruxaria (*Witchcraft*)(4). Dos termos que não foram categorizados corretamente nesta associação de respostas entre as perguntas, 8 são classificados no *codebook* como Cristãos: 107, Apóstolos do Amor Infinito (1); 14, Católico(a) romano(a) / Catolico (5); 15, Igreja Católica Apostólica (1); 16, Cristão (1); 23, Evangélico(a) (1); 26, Gnosticismo (1); 44, Catolicismo antigo (1); 817, Não ortodoxo (1). E 9 termos que representam crenças seculares e não religiosos, também não foram associados corretamente: 156, Acredita em Deus mas não é de uma organização religiosa (2); 20, Não sei (1); 3, Agnóstico(a) - Não tenho fé e nem descrença na existência de Deus ou em algo transcendente (2); 386, Eu não sei - nada em particular (1), 41, Sem religião / Sem fé particular (1); 47, Outros (4); 61, UFO (OVNI) (1); 734, Espiritualismo / Espiritualista(7); 8, Ateu - Eu não acredito na existência de Deus ou algo transcendente (2). Observando os padrões de resposta nesta pergunta, é preciso refletir sobre a impacto da criação de categorias resumidas no padrão de respostas sobre a identidade religiosa. É interessante refletir que a opção “Outros” talvez se encaixe melhor na categoria do *codebook* “outra religião”.

Na categoria de resposta “budismo” fornecida pelo participante na pergunta 1, foram respondidos 5 termos únicos na segunda pergunta, dos quais, 3 termos foram associados as resposta fornecidas na pergunta 1 de modo semelhante a categorização Budismo criada no *codebook* (13, Budismo[6]; 60, Budismo Tibetano [3]; 65, Zen [1]) e dois foram classificados diferentemente do *codebook* (47, Outros [1]; 8, Ateu - Eu não acredito na existência de Deus ou algo transcendente. [1]), ambos são considerado no *codebook* como crenças seculares.

Na categoria de resposta “cristianismo” fornecida pelo participante na primeira pergunta, foram respondidos 43 termos únicos na segunda pergunta, dos quais, 30 termos foram associados às respostas fornecidas na pergunta 1 de modo semelhante a categorização criada no *codebook* (Cristãos). Esses termos serão apresentados com os respectivos número no *codebook* e a quantidade de participantes que marcaram a opção outros na primeira pergunta: 1, Adventista / Adventista do Sétimo Dia (8); 12, Igreja da Irmandade (*Brethren Church*) (1); 14, Católico(a) romano(a) / Catolico (77); 15, Igreja Católica Apostólica (31); 16, Cristão (51); 17, Igreja de Deus (1); 172, Cristão nascido de novo (1); 19, Discípulos de Cristo (Igreja Cristã / Igreja de Cristo) (1); 190, Calvinismo (1); 222, Congregação Cristã (4); 23, Evangélico(a) (16); 24, Quadrangular / Igreja do Evangelho Quadrangular (1); 29, Testemunhas de Jeová (4); 31, Luterano(a)(2); 4, Anglicana (1); 43, Não denominacional (sem denominação) (2); 45, Ortodoxo(a) (1); 475, Protestante Liberal (1); 48, Pentecostal (1); 49, Presbiteriano (3); 5, Apostólico(a) (2); 50, Protestante (3); 51, Quaker ou amigos (1); 52, Reformada (Igreja reformada) (1); 556, Nazareno (Igreja do Nazareno) (1); 6, Fé Apostólica (2); 661, Igrejas do Nome Sagrado (Assembléia de Yahweh); Yahwists) (1); 7, Assembleias de Deus (8); 785, Verdadeira Igreja de Jesus (1), 9, Batista (14). Dos termos que não foram categorizados corretamente nesta associação de respostas entre as perguntas, 7 são classificados no *codebook* como crenças seculares (156, Acredita em Deus mas não é de uma organização religiosa [1]; 3, Agnóstico(a) - Não tenho fé e nem descrença na existência de Deus ou em algo transcendente [9]; 385, Não tenho religião mas acredito na existência de Deus ou em algo transcendente [1]; 41, Sem religião / Sem fé particular [1]; 47, Outros [3]; 734, Espiritualismo / Espiritualista [5], 735, Igrejas espíritas [1]), 4 itens são classificados como outros (301, Ecumênico(a) [1]; 372, Santo Daime [1]; 437, Espiritismo Kardecista [10]; 730, Espiritismo [6]), outros itens como Hindu (825,

Vedanta [1]) e Islã (251, Companheiros do Profeta [1]). É interessante observar como os indivíduos que se identificam como espíritas também se denominam cristãos.

Na categoria de resposta “hindu” fornecida pelo participante na pergunta 1, foram respondidos 1 termo único na segunda pergunta (359, Hare Krishna [1]) que foi associado modo semelhante a categorização criada no *codebook* (hindu), Na categoria de respostas “Judaísmo”, todos também foram associados de modo equivalente ao *codebook* (30, Judaico [1]; 419, Renovação Judaica [1])). E a maioria das respostas dos islâmicos, ocorreram categorizações semelhantes (28, Islamismo / muçulmano [3]; 551, Nação do Islã [1]; 57, Sunita [2]), com exceção apenas de um participantes que utilizou o temo Apostólico(a) para descrever sua identidade religiosa.

Nesta última etapa de categorização, serão apresentados os termos referentes a categoria do *codebook* CRENÇAS SECULARES E OUTRAS CRENÇAS ESPIRITUAIS E SEM AFILIAÇÃO RELIGIOSA que estão associados a dois tipos de resposta para a pergunta 1: Não sei e Nenhuma religião. Na categoria de resposta “não sei” fornecida pelo participante na pergunta 1, foram encontrados 1 termos únicos na segunda pergunta, dos quais, apenas 5 são associados equivalentemente ano *codebook* (20, Não sei [6]; 3, Agnóstico(a) - Não tenho fé e nem descrença na existência de Deus ou em algo transcendente [3]; 47, Outros [2]; 688, Humanista secular [1]; 734, Espiritualismo / Espiritualista [1]) e 6 itens não foram categorizados de modo semelhante, sendo 4 deles categorizados como Cristãos (16, Cristão [1]; 26, Gnosticismo [1]; 43, Não denominacional (sem denominação) [1], 817, Não ortodoxo [1]) , 1 como budista (13, Budismo [1]) e o último classificado com outra religião (730, Espiritismo [1]). Na categoria de resposta “Nenhuma religião” fornecida pelos participantes na pergunta 1, foram encontrados 31 termos únicos na segunda pergunta, dos quais, apenas 14 são associados equivalentemente ano *codebook* (156, Acredita em Deus mas não é de uma organização religiosa [4]; 20, Não sei [12]; 3, Agnóstico(a) - Não tenho fé e nem descrença na existência de Deus ou em algo transcendente [102]; 378, Humanismo [1]; 385, Não tenho religião mas acredito na existência de Deus ou em algo transcendente. [5]; 386, Eu não sei - nada em particular [1]; 41, Sem religião / Sem fé particular [25]; 47, Outros [8]; 535, Movimento de Consciência Espiritual Interior [1]; 688, Humanista secular [1]; 734, Espiritualismo / Espiritualista[7]; 735, Igrejas espíritas [1]; 8, Ateu - Eu não acredito na existência de Deus ou algo transcendente [253]; 816, Universalista [1]), 17 itens não foram

associados de modo equivalente, dos quais, 8 são classificados como termos cristãos (1, Adventista / Adventista do Sétimo Dia [1]; 14, Católico(a) romano(a) / Catolico [2]; 15, Igreja Católica Apostólica [1]; 16, Cristão [1]; 224, Assembleias Evangelísticas Cristãs [1]; 26, Gnosticismo [3]; 4, Anglicana [1]; 43, Não denominacional (sem denominação) [4]), 8 são classificados no *codebook* como outra religião (277, Deísta [1]; 367, Paganismo [2]; 437, Espiritismo Kardecista [4], 587, Ocultismo [1], 64, Yoga / Ioga [3], 707, Xamanismo [1], 730, Espiritismo [1]; 840, Esoterismo ocidental [1]) e um item pode ser entendido como budista (395, *Insight Meditation Society* [1]). Esses resultados corroboram com as análises de Hout e Fischer (2002) e Baker e Smith (2009) referente a classificação dos “sem religião”, que este termo mantém um certo sentido que possibilita uma mistura de crenças e práticas religiosas, não sendo muito preciso.

Como pode ser visualizado, essa exposição sobre a associação entre duas perguntas sobre a afiliação religiosa, variando o formato da escrita da pergunta e as opções de resposta, geram respostas divergentes, o que torna a pergunta com poucos itens passível de interpretações distorcidas sobre a identidade religiosa. Para Hackett (2014), a variação na formulação da questão sobre a identidade religiosa, gera variações nos padrões nas respostas. Esses resultados também podem ser entendidos na teoria de Tajfel (1982), que a percepção que o indivíduo constrói de si e dos outros é estruturada por meio de categorias sociais abstratas e são internalizadas como aspectos de formação de seus autoconceitos. Na presença de diferentes tipos de conceitos é possível modificar o auto conceito atribuído. Como foi visualizado, o termo espiritismo aparece associado com: outra religião, cristianismo, não sei e não religioso. O item 8 (Ateu) também aparece associado às respostas fornecidas pelos participantes na pergunta 1 como: outra religião, budista e não religioso. O item 16 (cristão) se associa com as respostas: outra religião, cristianismo, não sei e não religioso. Podemos perceber que não religioso não é um bom termo para descrever uma identidade atea, pois, como foi visto, há diferentes termos associados. Neste sentido, os resultados dialogam com a posição de Hackett et al. (2012) que a falta de afiliação religiosa não impede a atividade religiosa. A opção Outros também apareceu associada à múltiplas categorias: Outra religião, Budismo, cristianismo, Não sei e em crenças seculares. Esse termo também precisa de um espaço especial. Após escolher a opção outros, os participantes poderiam descrever sugestões, das quais foram citadas as seguintes palavras: Divinismo, não tenho religião, outro e poder da

natureza. Esses achados mostram que considerar a afiliação religiosa como um marcador de religiosidade que mede a prática, crença ou compromisso religioso é impreciso (Fane, 1999), pois é necessário a utilização de outras medidas como a religiosidade. É importante também ressaltar que para Hackett (2014), a identidade religiosa pode ser ambígua; e que a identidade religiosa e a prática religiosa podem não parecer congruentes.

4.3.2 Avaliação da percepção dos participantes sobre o instrumento

A segunda parte dessa exposição dos dados foi retirada do estudo 4 (capítulo 7). Após a participação num experimento sobre regulação emocional, os participantes responderam às duas perguntas, descritas acima, na mesma ordem apresentada anteriormente, para comparar o quanto eles consideram que essas perguntas: 1) estão escrita de forma clara e de fácil compreensão (clareza); 2) quão fácil ou difícil foi encontrar a opção que melhor descreve a identidade (não) religiosa (mecanismo de busca); 3) quão incluído os participantes se sentiu enquanto procurava um termo que descreve a identidade (não) religiosa na pergunta (inclusão); e, por fim, 4) qual das duas opções eles preferiam e porquê. A escala de resposta utilizada para cada uma das 3 primeiras perguntas variava de 0 a 100 utilizando um slider como opção de resposta em que a primeira pergunta variava entre “Não, nada claro/ difícil de entender” a “. a segunda pergunta entre “Muito difícil” a “Muito fácil”, e a terceira pergunta oscilava entre “Nada incluído” a “Muito incluído”.

Dos 68 indivíduos que participaram do experimento, 51,55% são do sexo feminino e 48,5% do sexo masculino. Referente ao perfil dos respondentes, 73,5% são alunos do IFMT enquanto 26,5% são servidores públicos. Referente às respostas fornecidas na escala de centralidade da religiosidade, 14,7% dos participantes podem ser considerados não religiosos, 45,6% religiosos e 39,7% altamente religiosos. Em termos de afiliação religiosa, as respostas fornecidas para a primeira pergunta mostram que 72,1% se considera cristão, 13,2% considera não possuir nenhuma religião, 10,3% outra religião e 4,45% não souberam responder. A tabela 18 apresenta a distribuição das respostas na segunda pergunta.

Tabela 18 - Frequências de afiliações selecionadas pelos participantes no estudo 4.

afiliação 1	Contagens	% do Total	% acumulada
Cristão (16)	10	14.7 %	14.7 %
Escola da Unidade de Cristianismo / Associação Unidade de Cristianismo (810)	1	1.5 %	16.2 %
Igreja Católica Apostólica (15)	11	6.2 %	32.4 %
Não sei (20)	1	1.5 %	33.8 %
Católico(a) romano(a) / Católico (14)	15	22.1 %	55.9 %
Assembleias de Deus (7)	1	1.5 %	57.4 %
Apostólico(a) (5)	1	1.5 %	58.8 %
Não denominacional (sem denominação) (43)	1	1.5 %	60.3 %
Agnóstico(a) - Não tenho fé e nem descrença na existência de Deus ou em algo transcendente. (3)	5	7.4 %	67.6 %
Cristão Central (200)	1	1.5 %	69.1 %
Evangélico(a) (23)	3	4.4 %	73.5 %
Sociedade da Vida Divina (285)	1	1.5 %	75.0 %
Umbanda (795)	1	1.5 %	76.5 %
Espiritismo Kardecista (437)	1	1.5 %	77.9 %
Protestante (50)	1	1.5 %	79.4 %
Ateu - Eu não acredito na existência de Deus ou algo transcendente. (8)	4	5.9 %	85.3 %
Luterano(a) (31)	1	1.5 %	86.8 %
Igreja Bíblica / Crente na Bíblia (161)	1	1.5 %	88.2 %
Outros (47)	1	1.5 %	89.7 %
Sem religião / Sem fé particular (41)	2	2.9 %	92.6 %
Igreja do Senhor Jesus Cristo da Fé Apostólica (237)	1	1.5 %	94.1 %
Congregação Cristã (222)	3	4.4 %	98.5 %
Adventista / Adventista do Sétimo Dia (1)	1	1.5 %	100.0 %

Fonte: extraído pelo JAMOVÍ (elaborado pelo autor)

Quando questionados sobre qual das duas opções os participantes preferiam responder, 36 indivíduos preferiram responder a segunda pergunta com os termos do *codebook* (52,94%), enquanto 32 indivíduos preferiram a primeira opção de pergunta sobre a identidade religiosa (47,06%). Dos participantes que preferem a pergunta 1, descreveram os seguintes motivos para a escolha: “por que é mais direta”, “simples e direta”, “Por ter uma religião bem definida”, “Achei mais prática”, “Cada religião possui uma fé em alguém ou algo a ser praticado”, “Porque é mais fácil saber de qual religião está falando”, “são perguntas fáceis de responder”, “Entendi melhor”, “Mais fácil de encontrar a resposta”, “MAIS SIMPLES”,

“simplicidade”. Os motivos fornecidos pelos participantes para a escolha da segunda pergunta forma: “Ela consiste em um modo mais específico de qual religião que determinada pessoa segue.”, “O termo inclusão remete a uma aceitação do segmento da fé que escolhi trilhar.”, “A segunda pergunta sugere mais especificamente a religião a qual pertença”, “é mais intuitiva e não necessita lembrar com detalhes da designação burocrática da religião muitas pessoas podem nem mesmo lembrar”, “TEVE BASTANTE OPÇÃO”, “ficou mais claro”, “por que tem mais opções de religiões”, “porque ela foi direta”, “DEFINI MELHOR”, “Maior precisão do termo”, “Pois consigo escrever o nome da religião”, “se adequada melhor aos perfis variáveis” e “é mais completa”. Essas respostas podem ser entendidas como resultado na utilização do *codebook* numa pergunta no formato de autocomplete. Lembrando que esse algoritmos funcionam quando um usuário digitar algumas letras, como uma forma consulta de pesquisa e, esses algoritmos recuperam, selecionam e apresentam dinamicamente uma lista de entradas relacionadas, como sugestões de pesquisa (Robertson et al., 2019). Neste sentido, o segundo modelo de pergunta, que engloba mais itens, se relaciona com a posição de o mecanismo de busca facilita a experiência no preenchimento e possibilita uma maior diversidade de resposta. Outro aspecto importante a se considerar, é que a identidade religiosa não é o único indicador estatístico de religião, mas são fundamentais para medir a diversidade religiosa e contém informações que refletem a composição religiosa de uma determinada sociedade (Liedhegener & Odermatt, 2018).

Foram aplicados teste T pareado comparando cada uma das três dimensões: clareza, mecanismo de busca e inclusão. Nenhum dos três testes apresentou distribuição normal, os resultados do Shapiro Wilk foram todos estatisticamente significante ($p < .001$), clareza ($W = 0.652$, $p < 0.001$), mecanismo de busca ($W = 0.849$, $p < 0.001$) e inclusão ($W = 0.692$, $p < 0.001$), por isso, utilizou-se o teste W de Wilcoxon. Não foram encontradas diferenças significativas nas dimensões de Clareza ($t(66) = 251^a$, $p = 0.279$), com um tamanho de efeito de $D = 0.236$, e mecanismo de busca ($t(66) = 440^a$, $p = 0.692$), com um tamanho de efeito de $D = 0.0732$. A média da clareza na primeira pergunta foi de 91,7 ($sd = 20,2$) e na segunda pergunta foi de 88,5 ($sd = 22,6$). A média dos mecanismos de busca na primeira pergunta foi de 83,0 ($sd = 26,4$) e na segunda pergunta foi de 81,1 ($SD = 28,5$). Foram encontrados resultados significativos na dimensão de inclusão ($t(64) = 146^a$, $p = 0.006$), com um tamanho de efeito de $D = -0.537$ e uma diferença de médias de -12,5. A média das respostas nesta

dimensão na primeira pergunta foi de 77 (sd= 32,3) e na segunda pergunta foi de 86,4 (sd =24,5), demonstrando que a pergunta que utilizou o mecanismo de busca associado ao codebook se mostrou mais inclusa na percepção dos participantes.

4.4 CONCLUSÃO

Este estudo apresentou uma ferramenta alternativa para identificar a identidade religiosa dos participantes. Esse instrumento foi denominado de codebook e possui 879 termos que podem ser categorizados em 7 dimensões. Por conta da comparação de respostas obtidas num questionário online foi perceptível que oferecer poucas categorias de resposta pode induzir a erros de interpretação. Contrastando duas opções de pergunta sobre a identidade religiosa, os participantes preferiram o formato com mais opções de itens em comparação com o formato que possuía apenas 8 termos, não foram observadas diferenças significativas entre a clareza e a facilidade de busca nas duas opções de pergunta. A segunda pergunta que contém o codebook e a opção de autocomplete foi avaliada como uma opção mais inclusiva ($t(64) = 146^a$, $p = 0.006$, $D = -0.537$). Esse estudo possui uma série de limitações, como o tamanho da amostra, a avaliação das categorias por especialista em determinadas religiões, fundamentações teóricas mais precisas para a categorização dos termos e estudos mais direcionados para verificar o impacto da utilização desta ferramenta em outras variáveis. Também não foram analisadas as respostas fornecidas para mais de um termo escolhido pelo participante. Estudos futuros deverão explorar essas limitações.

PARTE TRÊS – EMOÇÃO E RELIGIÃO

CAPÍTULO 5 – EMOÇÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA
(REFERENCIAL TEÓRICO)

5. EMOÇÕES NAS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS

Este capítulo sistematiza o resultado de uma revisão narrativa sobre alguns estudos que associam religião aos componentes afetivos e emocionais. Nesta revisão não serão incluídos os trabalhos que relacionam estritamente religião e bem-estar subjetivo. Existe uma ampla discussão da literatura sobre a relação entre emoções e religião. Watts (1996) propõe que as emoções enquanto construto teórico e abordagens metodológicas deveriam servir como um modelo para a psicologia da religião. O'Connor (1996), critica essa afirmação, alegando que a religião possui um aspecto teórico mais amplo e complexo do que as emoções, não implicando somente sentimentos, mas um sistema de crenças e uma forma de comportamento. Em resposta às críticas de O'Connor, Watts (1996,b) afirma que: (a) o estudo da emoção é atualmente uma área promissora da psicologia e que interage com muitos outros aspectos da disciplina; (b) a psicologia da religião poderia se beneficiar do contato com trabalhos atuais da área da emoção; (C) as atuais teorias cognitivas das emoções são de particular interesse religioso, porque eles vêem emoções como decorrente de processo de interpretação e criação de significado.

No passado, Emmons & Paloutzian (2003) alegavam a ausência de trabalhos empíricos sobre emoções dentro de um contexto religioso ou espiritual e que existem apenas um punhado de estudos que examinam a relação entre emoção e religião/espiritualidade, e nenhum estudo fala da questão de distinguir emoções religiosas de emoções não-religiosas. Emmons (2005) define emoções religiosas como emoções que têm uma maior probabilidade de se manifestar em contextos religiosos (igrejas, sinagogas, mesquitas), são mais prováveis de surgir por meio de atividades ou práticas espirituais ou religiosas (por exemplo, adoração, oração, meditação) do que por atividades não religiosas, que são tradicionalmente cultivadas em sistemas religiosos/espirituais e são experimentadas quando os indivíduos impregnam aspectos aparentemente seculares de suas vidas (por exemplo, família, carreira, eventos) com um significado espiritual. No entanto, elas podem ser sentidas por pessoas que não se consideram religiosas ou espirituais.

Ben-Ze'ev (2002) tem a hipótese de que a religião influencia a intensidade da emoção de três maneiras: a) os sistemas de crenças religiosas influenciam os significados relacionados aos eventos vivenciados, fazendo com que os indivíduos vejam uma influência divina nos

eventos diários, e portanto, esses eventos serão percebidos como mais significativos e, capazes de gerar emoções mais fortes do que os eventos comuns; b) pessoas religiosas e não religiosas diferem em suas percepções em relação a questões de merecimento dos acontecimentos da vida, devido a crença de que os eventos significam a intenção e vontade de Deus, e nesse sentido, os indivíduos religiosos são mais propensos a aceitar os acontecimentos da vida em comparação com os não-religiosos, e o merecimento é tipicamente associado a reações emocionais menos intensas; c) controlabilidade, pois as pessoas religiosas geralmente acreditam que Deus dirige e controla eventos cotidianos. Para o autor, a controlabilidade pessoal está positivamente associada à intensidade emocional. Neste sentido, a intensidade emocional dos indivíduos religiosos seria menor do que a dos indivíduos não religiosos. Entretanto, essas hipóteses e suposições não foram testadas pelo autor.

Silberman et al. (2003; 2005) definiu três maneiras em que a religião afeta as emoções enquanto um sistema de significado: 1º) oferecendo a oportunidade de vivenciar uma experiência emocional única e poderosa de proximidade com uma força espiritual; 2º) Prescrevendo diretamente ou desencorajando emoções apropriadas a um determinado contexto e seu nível de intensidade, por exemplo, prescrevendo certas emoções como alegria, enquanto desencoraja outras emoções como tristeza ou raiva; 3º) incentivando certas crenças, metas ou ações que podem impactar emoções tanto em maneiras positivas ou negativas. Por exemplo, crenças religiosas em um Deus de amor que perdoa ou em um Deus vingativo pode determinar, em parte, se a religião tem impactos positivos ou negativos sobre o bem-estar emocional dos indivíduos.

Para Emmons (2005), a religião afeta possivelmente a geração de emoções e a regulação das respostas emocionais e mostra, por meio de outros autores, que as ligações entre emoção e religião podem ser visualizadas em atitudes religiosas face à experiência e expressão emocionais, como por exemplo: O movimento carismático foca o cultivo de emoções positivas intensas e enfatiza sua importância na experiência religiosa e nos rituais religiosos coletivos, enquanto a tradição contemplativa enfatiza a suavização das paixões e o desenvolvimento da quietude emocional e a visão ascética que liga a religião à maior consciência da emoção e à expressão criativa da emoção.

De acordo com Vishkin et al. (2016), a religião pode ter um efeito indireto nas experiências emocionais, modelando processos de regulação de emoções, facilitando formas

extrínsecas ou intrínsecas de regulação. Sendo a primeira forma, extrínseca, referente a processos que se originam fora do indivíduo, no sentido de que a religião promove-a construindo uma rede de apoio social e promovendo sentimentos de pertencimento social. A segunda forma, a intrínseca, refere-se a processos que se originam de dentro do indivíduo, apesar das evidências serem limitadas, algumas pesquisas mostram que certas práticas religiosas promovem o enfrentamento efetivo de eventos negativos.

Vishkin et al. (2016) propõe que a religião potencialmente fomenta o uso de estratégias de regulação emocional que envolvam a construção de significado, pois, de acordo com alguns autores (Baumeister, 1991; Davies, 2011; Pargament, 1997; Watts, 2007, como citado em Vishin et al., 2016), a construção de significado é uma das principais preocupações da religião. Por exemplo, em situações em que os indivíduos têm que lidar com temas como morte, sofrimento, dor e injustiça, os textos religiosos fornecem esquemas capazes de dar sentido a esses eventos, e por meio da modificação de sentido, a religião afeta como os indivíduos pensam, se comportam e sentem (Yinger, 1970, Geertz, 1966; Yerushalmi, 1982, como citado em Vishkin et al., 2016). De acordo com Vishkin (2019), a idéia de que o sofrimento leva à salvação aparece nas antigas fontes judaicas (por exemplo, Gênesis Rabá 84: 3; Ética dos Pais, 5:21) e nas fontes cristãs (por exemplo, Romanos 8: 17-21; veja Hall e Johnson 2001, como citado em Vishkin). Emmons (2005) afirma que os ensinamentos e textos das religiões contêm informações sobre como as emoções devem ser tratadas. Mayer (1994) realizou estudo lexicográfico sobre as emoções em textos bíblicos hebraicos e classificou nove termos (felicidade, raiva, medo, tristeza, amor, ódio, desprezo, culpa e inveja), examinando as mudanças na frequência de ocorrência dos termos nos textos no período do século XII e encontrou um aumento sistemático nas referências à felicidade; nenhuma outra emoção teve modificações em termos de ocorrência. Tsai, Miao, & Seppala (2007) realizaram uma análise do conteúdo comparando os estados afetivos de textos cristãos e budistas e encontraram que os textos cristãos encorajaram mais os estados positivos de alta excitação (HAP) do que estados positivos de baixa excitação (LAP) em comparação com os textos budistas.

Numa extensa revisão da literatura, Lewis & Cruise (2006) mostraram que a relação entre religião e bem-estar tem sido positivamente evidenciada pela literatura científica, apesar de evidências contraditórias serem comuns. Van Cappellen et al. (2015) e Kim-Prieto &

Diener (2009) argumentam que apesar do grande número de publicações que mostram essa correlação positiva entre bem-estar e religião, pouco se sabe dos mecanismos que fazem a mediação entre essas variáveis. Tsai, Miao, & Seppala (2007) compararam medidas de afeto ideal e atual de budistas e cristãos e verificaram que os participantes de afiliação budista valorizavam mais estados positivos de baixa excitação (LAP) e menos estados positivos de alta excitação (HAP) em comparação com os participantes cristãos. Kim-Prieto & Diener (2009) fornecem suporte para o papel da religião como fonte de variação na experiência de emoções. Num conjunto de 3 estudos, Kim-Prieto & Diener (2009) mostram que a religião, em si mesmo, seja o cristianismo, ou uma outra religião como budismo, desempenha um papel na experiência de emoções agradáveis e desagradáveis pelos adeptos dessas religiões. Ou seja, membros de diferentes religiões apresentam diferentes avaliações subjetivas das frequências que vivenciam certos estados afetivos no cotidiano. Eles também mostram que a crença sobre a conveniência dessas emoções pelos adeptos pode estar relacionada à experiência das emoções. Van Cappellen et al. (2015) mostra evidências de que a relação entre religião, espiritualidade e bem-estar pode ser mediada por emoções positivas.

Azari (2005), utilizando a tomografia por emissão de *positrons*, mostrou evidências de que a experiência religiosa pode ser mediada por redes neurais cognitivas distintas, envolvendo estruturas neocorticais que não fazem parte do sistema límbico. Segundo o estudo, a experiência religiosa é um fenômeno essencialmente cognitivo para os quais pensamentos e crenças desempenham um papel importante.

Duriez & Hutsebaut (2001) mostram evidências sobre como as emoções, que as pessoas associam à religião, estão relacionadas com a forma como os indivíduos abordam a religião. O estudo utilizou um modelo que situava a religião num espaço bidimensional, ao longo das dimensões inclusão versus exclusão da transcendência e literal versus simbólicos. Os resultados sugerem que a inclusão da transcendência está relacionada à associação da religião com estados de ânimo e emoções positivos, ao passo que abordar a religião de forma literal está relacionada à associação com estados de ânimo e emoções negativas.

De acordo com Burris & Petrican (2011), indivíduos religiosos têm emoções mais acessíveis, ainda que indiferenciadas, em comparação com ateus, o que, de acordo com os autores, talvez possam servir como matéria-prima para a experiência religiosa. Numa sequência de 3 estudos, Burris & Petrican (2011), testaram se ateístas e indivíduos religiosos

processam as emoções de forma diferente. Os estudos mostraram que os indivíduos, que se identificaram com a religião, relataram emoções positivas mais intensas associadas a uma experiência amorosa lembrada, maior tristeza em resposta imediata à leitura de uma trágica notícia e descreveram mais detalhes subjetivos de seu aniversário mais recente ou de uma crise existencial.

De acordo com Saroglou et al. (2008), estudos transversais, longitudinais e experimentais mostram que a religião pode servir como refúgio a uma série de experiências e emoções psicologicamente negativas, como por exemplo: A religiosidade aumenta após o sofrimento socioeconómico (Wimberley, 1984); A morte de um ente querido pode provocar interesse em religião e espiritualidade (Michael, Crowther, Schmid, & Allen, 2003); Doença, crises pessoais e eventos negativos da vida têm sido frequentemente encontrados para prever a conversão e maior envolvimento religioso e espiritual (Spilka et al., 2003); De modo experimental, em condições onde é salientada a mortalidade, os indivíduos mostram uma crença mais forte em Deus e agentes sobrenaturais em geral (Norenzayan & Hansen, 2006). De acordo com as pesquisas realizadas por Diener and Clifton (2002) e Diener et al. (2011), indivíduos mais religiosos apresentam uma maior frequência de afetos positivos.

Macavei & Miclea (2008), encontraram evidências experimentais de que a mera associação de uma cadeia de eventos negativos com a presença de um ser espiritual misericordioso e onipotente induziu menos preocupação e tristeza e maior esperança no futuro em comparação com os mesmos eventos quando foram apresentados sozinhos.

Num estudo realizado por Steketee et al. (1991), com pacientes com transtornos obsessivos compulsivos, uma maior devoção religiosa estava relacionada a mais culpa, mas não em outros pacientes com ansiedade. Semplonius et al. (2015) fez um estudo longitudinal com 1132 estudantes universitários que demonstrou que um maior envolvimento em atividades religiosas não previu diretamente mais laços sociais ao longo do tempo. Entretanto, um maior envolvimento em atividades religiosas previu menos dificuldade com regulação da emoção ao longo do tempo, comparado com a dificuldade de regulação da emoção medida anteriormente, e, por sua vez, menos dificuldade de regular a emoção previu mais laços sociais ao longo do tempo.

Vishkin et al. (2016), num conjunto de estudos quantitativos, encontram associações positivas entre religiosidade e frequência e eficácia em termos de utilização da estratégia de

reavaliação cognitiva. A associação entre a religiosidade e a frequência do uso da reavaliação cognitiva foi encontrada em três afiliações religiosas (muçulmana, cristã e judaica) e com medidas distintas de reavaliação e religiosidade. A relação entre religiosidade e a utilização da estratégia de supressão foi dependente da amostra, exibindo nenhuma correlação na amostra muçulmana, uma correlação negativa na amostra cristã, e uma correlação positiva na amostra judaica. Também foram realizados, estudos em laboratório, que demonstraram que pessoas mais religiosas tiveram mais sucesso em usar a reavaliação para diminuir as respostas emocionais a estímulos negativos. Nesse mesmo estudo, participantes mais religiosos tendiam a escolher a reavaliação com mais frequência em comparação com outras estratégias, embora esse efeito não tenha sido estatisticamente significativo.

Mehta et al. (2017) desenvolveram uma estrutura experimental para testar as escolhas de ER dos participantes entre três estratégias comuns: reavaliação, aceitação e distração; e compararam as frequências de escolha das estratégias de regulação emocional entre americanos e indianos. Os resultados demonstraram que a amostra indiana foi significativamente mais propensa a usar reavaliação cognitiva do que a amostra dos EUA, especificamente para imagens de alta intensidade. Mehta et al. (2017) argumentam que esse resultado é devido à religiosidade indiana, que possibilita uma reavaliação satisfatória em situações de alta intensidade nas imagens de valência negativa. Ao contrário da hipótese inicial dos pesquisadores, os indianos não mostraram maior preferência pela aceitação enquanto estratégia de regulação em comparação com os participantes americanos. Os pesquisadores solicitaram para os participantes descreverem como estavam desenvolvendo a estratégia de reavaliação cognitiva e fizeram uma análise de conteúdo das respostas. Foi encontrado que os participantes indianos, utilizavam mais palavras de cunho religioso do que os americanos. Esta pesquisa indica que a cultura tem um papel considerável nas estratégias que as pessoas escolhem empregar quando regulam a emoção em resposta a estímulos negativos e que a forma como a reavaliação cognitiva é implementada pode ter influência de aspectos religiosos.

Kristin et al. (2017) realizaram um conjunto de entrevistas com um grupo de Testemunhas de Jeová na Noruega para conhecer quais objetivos e estratégias de regulação emocional eram encontradas naquela cultura. Os pesquisadores identificaram que as principais estratégias eram o compartilhamento social e a reavaliação cognitiva. Enquanto

estratégia de reavaliação cognitiva, as emoções futuras foram priorizadas pelos participantes, por conta das expectativas do fim dos tempos e de um objetivo de longo prazo da vida eterna no Paraíso. Nesse estudo, os autores introduzem o conceito de previsão afetiva - *affective forecasting* (Wilson & Gilbert, 2003), como uma estratégia utilizada pelos testemunhas de Jeová, descrevendo-a como uma tática de reavaliação da regulação usando perspectivas de emoções futuras para regular o aqui e o agora. De modo resumido, o *affective forecasting*, são previsões sobre a valência de sentimentos futuros (positivo-negativo), emoções específicas que serão experimentadas, a intensidade dessas emoções e sua duração.

Vishkin et al. (2019) realizaram dois estudos com 288 judeus israelenses e 277 cristãos americanos, e verificaram que o uso mais frequente da estratégia de reavaliação cognitiva mediava a relação entre religiosidade e experiências afetivas, afeto positivo (em ambas as amostras), bem como afeto negativo (na amostra cristã), que por sua vez, estava associada a uma maior satisfação com a vida. No estudo, a religiosidade estava associada positivamente com a reavaliação cognitiva e negativamente com a supressão. Neste sentido, os autores argumentam que os religiosos tendem a experimentar mais afeto positivo e níveis maiores de satisfação com a vida, pois, além das explicações atuais que incluem apoio social, significado na vida e experiências emocionais mais positivas, a reavaliação cognitiva seria um outro mecanismo proposto, de modo que a religião teria um papel no treinamento consistente para a efetivação da reavaliação face a eventos emocionais, tornando os devotos mais eficaz na aplicação dessa técnica.

Wilken & Miyamoto (2020) conduziram três levantamentos online com estudantes universitários e verificaram que budistas eram mais propensos do que os protestantes a relatar que sua religião os ensina a usar estratégias de não influencia as emoções enquanto processo de regulação emocional e que eles também utilizam mais essa a estratégia de não influenciar no dia a dia. Além disso, o uso de estratégias de regulação emocional “não influenciar” foi preditivo de sintomas depressivos mais baixos em ambas as religiões. Verificou-se também que para os participantes, as estratégias de não influenciar podem ser consideradas estratégias ativas, propositais e, especialmente para os praticantes budistas, envolvem a aceitação das emoções.

Lindeman et al. (2014), mostra evidências de que as atitudes dos ateus em relação a Deus são ambivalentes de modo que suas crenças explícitas entram em conflito com sua

resposta afetiva. O estudo tentou observar se os ateus exibem evidências de excitação emocional quando solicitam a Deus para causar danos a si mesmos e a seus íntimos. Apesar de os ateus não acharem que as declarações de Deus fossem tão desagradáveis como fizeram os participantes religiosos em seus relatos verbais, o nível de condutância da pele mostrou que pedir a Deus para fazer coisas terríveis era igualmente estressante para os ateus, como foi para as pessoas religiosas e que os ateus foram mais afetados por declarações de Deus do que por desejo ou declarações ofensivas.

Van Cappellen et al. (2013) argumenta que só as emoções auto transcendentais são promotoras da espiritualidade. Essas emoções são distintas de outras emoções positivas, pois não se referem primariamente ao eu, nem aos objetivos do eu e compartilham uma avaliação comum que se relaciona com algo ou alguém maior ou melhor do que o self (Haidt, 2003, Schindler et al., 2013). Exemplos dessas emoções são admiração, inspiração, elevação, amor e entre outras (Haidt & Morris, 2009; Keltner & Haidt, 2003). Van Cappellen et al. (2013) investigou se a espiritualidade poderia ser desencadeada por emoções positivas auto transcendentais. Em dois estudos, onde foram induzidas a elevação e/ou admiração e comparando essas emoções com dois grupos de controle, um estado neutro e uma emoção positiva (alegria), encontraram que as emoções positivas auto transcendentais aumentaram a espiritualidade dos participantes, especialmente para os participantes não-religiosos.

Watts e Williams (1988) realizaram associações entre abordagens religiosas e clínicas referente ao controle emocional e exemplificam sua argumentação utilizando a meditação como uma atividade que possibilita a regulação emocional e que surgiu das religiões contemplativas ocidentais e orientais. As chamadas práticas contemplativas, como a meditação e a ioga, têm se desenvolvido como um campo muito particular de investigação pela aplicação de técnicas como o *mindfulness* para intervenções relacionadas com saúde (Wallace, 2009; Davidson, 2012). Os benefícios de tais técnicas para a regulação emocional estão sendo amplamente estudados (Feldman et al., 2007; Hayes & Feldman, 2004; Luders, 2009; Nyklíček, 2011).

Emmons (2005) hipotetiza que a biologia das emoções e estados relacionados ativados durante o culto religioso (louvor, reverência, reverência, gratidão, amor, esperança) possam ter consequências neuroendócrinas e imunológicas, contribuindo assim potencialmente para os efeitos das práticas religiosas na saúde. Emmons (2005) sugere que será importante que

pesquisas futuras, tentem distinguir conceitualmente e empiricamente as emoções positivas seculares, sentidas fora de contextos religiosos ou sagrados, de uma ou mais categorias de emoções positivas religiosas ou sagradas.

Os estudos revisados mostram diferentes possibilidades para entender a relação entre emoção e religião. A religião parece desempenhar um papel na forma como os indivíduos vivenciam emoções positivas e negativas, apresentando padrões de variação de acordo com as afiliações religiosas, bem como na crença na conveniência dessas emoções. Apesar de não ser uma revisão sistemática, os resultados apresentam novos dados importantes sobre o assunto. Os estudos analisados mostram evidências de que: (a) a correlação entre religião, espiritualidade e bem-estar pode ser mediada por emoções positivas; (b) emoções positivas autotranscendentes (admiração, inspiração, elevação, etc) aumentaram a espiritualidade de participantes, especialmente para pessoas não religiosas; (c) há divergências significativas em como ateus e pessoas religiosas processam experiências emocionais; (d) a associação de uma sequência de eventos negativos com a presença de um ser espiritual misericordioso e onipotente induz menos preocupação e tristeza e maior esperança no futuro em comparação com os mesmos eventos quando apresentados isoladamente; (e) o envolvimento em atividades religiosas previu menos dificuldade de regulação da emoção ao longo do tempo; (f) participantes religiosos tendem a utilizar mais frequentemente a estratégia de reavaliação cognitiva para regular as emoções em comparação com ateus. Embora os resultados apresentados demonstrem eixos para acompanhar as análises sobre o assunto, é imprescindível a realização de novas pesquisas para desenvolver um modelo consistente que explique essa relação entre religiosidade / espiritualidade e emoção.

CAPÍTULO 6 – UM LEVANTAMENTO QUANTITATIVO E
TRANSVERSAL SOBRE RELIGIÃO, ESTADOS AFETIVOS E
REGULAÇÃO EMOCIONAL (ESTUDO 4)

6.1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é comparar a frequência relatada de estados afetivos e estratégias de regulação emocional utilizadas por participantes religiosos e não religiosos e verificar um possível efeito mediador desses componentes afetivos em relação à satisfação com a vida. Essa pesquisa realizou um levantamento por meio de um formulário online com instrumentos validados para medir afiliação religiosa, religiosidade, estados afetivos positivos e negativos, estratégias de regulação emocional, dificuldades de regulação emocional e dados sociodemográficos. Cada uma das questões de investigação de investigação, respectivas hipóteses, plano de amostragem e de análise de dados e critérios de interpretação, estão descritos no quadro 17. A definição da amostra e o plano de análise foram adaptados do pré-registro construído para uma pesquisa transcultural (<https://osf.io/gczxa>) e naqueles itens que utilizavam modelos multiníveis, foram retirados o fator aleatório do país para adaptar os resultados somente ao Brasil, com um pequena amostra de outros países. Também foi percebido que o efeito aleatório da religião é muito baixo, mostrando que é possível modelar os mesmos dados com uma regressão linear, sem grandes alterações nos indicadores do ajustamento dos modelos.

Quadro 17 - Apresentação dos objetivos, hipóteses e método adotado.

Questão de investigação	Hipótese	Tamanho da amostra e análise de poder	Plano de análise	Interpretação dada aos resultados diferentes
Q1. Existe uma diferença entre participantes religiosos e não religiosos na frequência relatada de estados afetivos positivos?	H1. Participantes religiosos relatarão experimentar mais estados afetivos positivos do que negativos em comparação com os participantes não religiosos.	Pesquisas anteriores sugerem uma estimativa disponível do tamanho do efeito para ser $d = 0,494$ para esta hipótese e nossas 1.000 simulações sugerem que 200 participantes em cada um dos 5 ou 10 países darão 98% de poder (total = 2.000)	Regressão Linear Hierárquica (modelo linear multinível) com uma notação R como: lmer(panas_pa ~ 1 + CRS_final + (1 :Religion) + Age + sex) Com afiliação religiosa como	Interpretaremos os resultados com base no tamanho do efeito fixo (CRS_score) sobre a variável principal (PANAS_PA).

		forneceriam mais de 98% de poder para detectar um tamanho de efeito de $d \geq 0,494$.	variação de interceptação. O modelo será definido usando variáveis de controle como idade e sexo.	
Q2. Existe um efeito mediador do afeto positivo na relação entre religiosidade e satisfação com a vida?	H2 - O afeto positivo terá um efeito mediador na relação entre religiosidade e satisfação com a vida.	Pesquisas anteriores sugerem uma estimativa disponível do efeito direto de CRS em SWLS ($B = 0,23$) e efeito indireto de CRS no PANAS_PA em SWLS ($B = 0,13$) e um efeito de CSR_Score em PANAS_pa ($B = 0,50$) para esta hipótese e nossas 1.000 simulações sugerem que 900 participantes darão 95% de poder para detectar esse tamanho de efeito com um $\alpha < 0,05$.	Usaremos Modelagem de Equações Estruturais (SEM) para detectar o efeito de cada variável no modelo, usando um pacote R chamado Lavaan. Usaremos a seguinte notação para o modelo: SWLS ~ CSR_Score + PANAS_pa PANAS_pa ~ CSR_Score	Interpretaremos os resultados com base em cada uma das estimativas na variável dependente e seu nível de significância.
Q3. Existe uma diferença entre participantes religiosos e não religiosos na forma como certas estratégias de regulação emocional são usadas?	H3.1 Participantes religiosos tenderão a usar mais a reavaliação cognitiva em comparação aos participantes não religiosos.	Pesquisas anteriores sugerem uma estimativa disponível do tamanho do efeito a ser $d = 0.32$ para esta hipótese e nossas 1.000 simulações sugerem que 800 participantes em cada um dos 5 países ou 400 participantes em cada um dos 10 países darão 98%	Regressão Linear Hierárquica (modelo linear multinível) com uma notação R como: lmer(RESS_Reappraisal ~ 1 + CRS_final + (1 :Religion) + Age + sex) Com afiliação	Interpretaremos os resultados com base no tamanho do efeito fixo (CRS_score) sobre a variável principal (RESS_Reappraisal).

		de poder (total = 4.000) forneceria mais de 98% de poder para detectar um tamanho de efeito de $d \geq 0,32$.	religiosa como variação de interceptação. O modelo será definido usando variáveis de controle como idade e sexo.	
	H3.2 Os participantes religiosos tenderão a usar mais a supressão expressiva em comparação aos participantes não religiosos.	Pesquisas anteriores sugerem uma estimativa disponível do tamanho do efeito a ser $d = 0,1403443$ para esta hipótese e nossas 1.000 simulações sugerem que 5.000 participantes em cada um dos 5 países ou 2.500 em cada um dos 10 países darão 98% de poder (total = 25.000) forneceria mais de 95% de poder para detectar um tamanho de efeito de $d \geq 0,1403443$.	Regressão Linear Hierárquica (modelo linear multinível) com uma notação R como: lmer(RESS_Supression ~ 1 + CRS_final + (1 Religion) + Age + sex) Com afiliação religiosa como variação de interceptação. O modelo será definido usando variáveis de controle como idade e sexo.	Interpretaremos os resultados com base no tamanho do efeito fixo (CRS_score) sobre a variável principal (RESS_Supression).
	H3.3 Participantes religiosos tenderão a usar mais a estratégia de engajamento expressivo em comparação com participantes não religiosos.	Pesquisas anteriores sugerem uma estimativa disponível do tamanho do efeito a ser $d = 0,2417469$ para esta hipótese e nossas 1.000 simulações sugerem que 1.200 participantes em cada um dos 5 países ou 800	Regressão Linear Hierárquica (modelo linear multinível) com uma notação R como: lmer(RESS_Engagement ~ 1 + CRS_final + (1 Religion) + Age + sex)	Interpretaremos os resultados com base no tamanho do efeito fixo (CRS_score) sobre a variável principal (RESS_Engagement).

		participantes em cada um dos 10 países darão 98% de poder (total = 6.000) fornecerá mais de 95% de poder para detectar um tamanho de efeito de $d \geq 0,2417469$.	Com afiliação religiosa como variação de interceptação. O modelo será definido usando variáveis de controle como idade e sexo.	
	H3.4 Participantes religiosos tenderão a usar menos a ruminação em comparação com participantes não religiosos.	Pesquisas anteriores sugerem uma estimativa disponível do tamanho do efeito a ser $d = 0,1807335$ para esta hipótese e nossas 1.000 simulações sugerem que 2.200 participantes em cada um dos 5 países ou 1.100 em cada um dos 10 países darão 98% de poder (total = 11.000) fornecerá mais de 95% de poder para detectar um tamanho de efeito de $d \geq 0,1807335$.	Regressão Linear Hierárquica (modelo linear multinível) com uma notação R como: lmer(RESS_rumination ~ 1 + CRS_final + (1 Religion) + Age + sex) Com afiliação religiosa como variação de interceptação. O modelo será definido usando variáveis de controle como idade e sexo.	Interpretaremos os resultados com base no tamanho do efeito fixo (CRS_score) sobre a variável principal (RESS_rumination).
	H3.5 Participantes religiosos tenderão a usar mais distração em comparação com participantes não religiosos.	Pesquisas anteriores sugerem uma estimativa disponível do tamanho do efeito a ser $d = 0,3659777$ para esta hipótese e nossas 1.000 simulações sugerem que 600 participantes em cada um dos 5	Regressão Linear Hierárquica (modelo linear multinível) com uma notação R como: lmer(RESS_Distraction ~ 1 + CRS_final + (1 Religion) + Age +	Interpretaremos os resultados com base no tamanho do efeito fixo (CRS_score) sobre a variável principal (RESS_Engagement)

		países ou 300 participantes em cada um dos 10 países darão 95% de poder (total = 3.000) fornecerá mais de 95% de poder para detectar um tamanho de efeito de $d \geq d = 0,3659777$.	sex) Com afiliação religiosa como variação de interceptação. O modelo será definido usando variáveis de controle como idade e sexo.	
Q4.Existem diferenças nas frequências médias relativas de cada um dos 20 estados afetivos de acordo com as afiliações religiosas dos participantes?	H4 - Participantes de diferentes grupos religiosos apresentarão diferenças significativas nas experiências de estados afetivos relatados. Assim, utilizaremos uma abordagem exploratória quanto à direção do efeito encontrado, embora outros estudos já apontassem em certas direções	Vamos precisar de um tamanho de amostra de 360 participantes. Simulamos o poder usando o software GPOWER com os seguintes parâmetros (Tamanho do efeito $f^2(V) = 0,027$; α err prob = 0,05; Poder $(1-\beta$ err prob) = 0,95; Número de grupos = 8; Variáveis de resposta = 20; Parâmetro de não centralidade $\lambda = 68,0400000$; Crítico $F = 1,2120744$; Numerador df = 140; Denominador df = 2373)	MANOVA - Análise de variância multivariada realizada para cada um dos 20 estados afetivos (PANAS), incluindo a afiliação religiosa como número de grupos (8). Posteriormente, faremos uma análise post hoc em cada estado afetivo para identificar a origem das variações. (Esse teste foi adaptado para o Kruskal-wallis em função das características das variáveis)	Interpretaremos os resultados com base em cada um dos ETA ao quadrado e o nível de significância (valores de p). Posteriormente, faremos uma análise post hoc em cada estado afetivo para identificar a origem das variações.
Q5. Existe alguma diferença na percepção dos participantes sobre como os estados afetivos devem ser regulados de acordo com os ensinamentos	H5 - Participantes de diferentes grupos religiosos apresentarão diferenças significativas na percepção de como os estados afetivos devem ser	Vamos precisar de um tamanho de amostra de 40 participantes. Simulamos o poder usando o software GPOWER com os seguintes parâmetros	MANOVA - Análise de variância multivariada realizada para como as emoções devem ser reguladas em cada um dos 20 estados afetivos (PANAS),	Interpretaremos os resultados com base em cada um dos ETA ao quadrado e seu nível de significância (valores de p). Posteriormente, faremos uma

<p>adquiridos por meio da identidade religiosa?</p>	<p>regulados de acordo com a identidade religiosa. Exploraremos a análise post-hoc para identificar quais grupos estão contribuindo para o efeito.</p>	<p>(Tamanho do efeito $f^2(V) = 0,5625$; α err prob = 0,05; Poder (1-β err prob) = 0,95; Número de grupos = 8; Variáveis de resposta = 20; Parâmetro de não centralidade $\lambda = 157,5$; Crítico F = 1,3274284; Numerador df = 140; Denominador df = 133)</p>	<p>incluindo a afiliação religiosa como número de grupos (8). Posteriormente, faremos uma análise post hoc em cada estado afetivo para identificar a origem das variações. (Esse teste foi adaptado para o Qui-quadrado em função das características das variáveis)</p>	<p>análise post hoc em cada estado afetivo para identificar a origem das variações.</p>
<p>Q6. Existe um efeito mediador das estratégias de regulação emocional na relação entre religiosidade e satisfação com a vida?</p>	<p>H6.1 - A estratégia de regulação emocional, reavaliação cognitiva, e estados afetivos exercerão um efeito mediador na relação entre religiosidade e satisfação com a vida.</p>	<p>Nossas 1.000 simulações sugerem que 900 participantes darão 95% de poder para detectar esse tamanho de efeito com um alfa < 0,05.</p>	<p>Usaremos Modelagem de Equações Estruturais (SEM) para detectar o efeito de cada variável no modelo, usando um pacote R chamado Lavaan. Usaremos a seguinte notação para o modelo:</p> <pre>#SWLS(y) ~ PANAS_PA(x1) + PANAS_NA(x2) #PANAS_PA(x1) ~ CSR_Score(x3) + RESS_reappraisal(x 4) #PANAS_NA(x2) ~ CSR_Score(x3) + RESS_reappraisal(x 4) #RESS_reappraisal(x4) ~ CRS_SCORE(x3) #PANAS_PA(x1) ~~</pre>	<p>Interpretaremos os resultados com base em cada uma das Estimativas da variável dependente e seu nível de significância.</p>

			PANAS_NA(x2)	
	H6.2 - A estratégia de regulação emocional, supressão expressiva e estados afetivos exercerão um efeito mediador na relação entre religiosidade e satisfação com a vida.	Nossas 1.000 simulações sugerem que 900 participantes darão 95% de poder para detectar esse tamanho de efeito com um alfa < 0,05.	Usaremos Modelagem de Equações Estruturais (SEM) para detectar o efeito de cada variável no modelo, usando um pacote R chamado Lavaan. Usaremos a seguinte notação para o modelo: #SWLS(y) ~ PANAS_PA(x1) + PANAS_NA(x2) #PANAS_PA(x1) ~ CSR_Score(x3) + RESS_reappraisal(x4) #PANAS_NA(x2) ~ CSR_Score(x3) + RESS_reappraisal(x4) #RESS_reappraisal(x4) ~ CRS_SCORE(x3) #PANAS_PA(x1) ~ PANAS_NA(x2)	Interpretaremos os resultados com base em cada uma das Estimativas da variável dependente e seu nível de significância.
Q7. Existe alguma diferença entre os participantes que mudaram e não mudaram sua identidade religiosa nas medidas de bem-estar?	H7.1 Participantes que afirmam não ter mudado sua identidade religiosa relatarão ter estados afetivos mais positivos do que negativos em comparação com os participantes que afirmam ter mudado sua identidade religiosa.	Vamos precisar de uma amostra de 3.622 participantes, o que significa 1.961 em cada grupo. Simulamos o poder usando o software GPOWER com os seguintes parâmetros (Tamanho do efeito $d = 0,1050945$; α err prob = 0,05;	Faremos um teste T com a subescala PANAS positiva e negativa como variáveis dependentes e identidade religiosa alterada como variável independente.	Interpretaremos os resultados com base em cada um dos Cohen's D, nível de significância (valores de p) e o intervalo de confiança.

		Poder (1-β err prob) = 0,95; Taxa de alocação N2/N1 = 1; Parâmetro de não centralidade δ = 3,2908174; Crítico t = 1,6452424; Df = 3920)		
	H7.2 Participantes que afirmam não ter mudado de identidade religiosa relatarão maior satisfação com a vida em comparação com os participantes que afirmam ter mudado de identidade religiosa.	Vamos precisar de uma amostra de 3.622 participantes, o que significa 1.961 em cada grupo. Simulamos o poder usando o software GPOWER com os seguintes parâmetros (Tamanho do efeito d = 0,1050945; α err prob = 0,05; Poder (1-β err prob) = 0,95; Taxa de alocação N2/N1 = 1; Parâmetro de não centralidade δ = 3,2908174; Crítico t = 1,6452424; Df = 3920)	Faremos um teste T com satisfação com a vida como variáveis dependentes e mudança de identidade religiosa como variável independente.	Interpretaremos os resultados com base em cada um Cohen's D, o nível de significância (valores de p) e o intervalo de confiança.

Fonte: Elaborado pelo autor

6.2 MÉTODO

6.2.1 Descrição dos participantes e critérios de recrutamento

Como visualizado no quadro acima, para cada uma das hipóteses, há um tamanho de amostra diferente em função do teste estatístico e do tamanho de efeito esperado. A amostragem utilizada foi não probabilística, realizada por conveniência. Inicialmente, o questionário foi divulgado de forma livre e foram selecionadas instituições religiosas para que compartilhem com seus membros o link do formulário. Para aquelas hipóteses que não atingirem o tamanho necessário para alcançar o poder de 95% a um alpha de 0,5, serão realizados cálculos de poder a posteriori para definir o poder estatístico em função dos testes utilizados.

6.2.2 Procedimentos

O formulário foi divulgado livremente em algumas mídias das diferentes capitais do Brasil, em comunidades específicas nas redes sociais de religiosos e não religiosos e em algumas instituições religiosas específicas. As pessoas responderam por dispositivos móveis ou fixos, como celulares, notebooks, tablets ou computadores. Inicialmente, os participantes responderam o termo de consentimento livre e esclarecido, para prosseguir com o estudo.

6.2.3 Instrumentos

O questionário utilizou algumas perguntas sociodemográficas e algumas escalas com características psicométricas validadas internacionalmente e adaptadas para o Brasil, conforme descrito a seguir:

- Escala de Afetos Positivos e Negativos (Positive and Negative Affect Schedule – PANAS; Watson, Clark e Tellegen, 1988, adaptada para o português por Carvalho et al., 2013), constituída por 20 itens que incluem 10 afetos positivos e 10 negativos, podendo ser utilizada em diferentes quadros temporais (“neste momento”; durante o último mês”; “em geral”). Nesta pesquisa, adaptamos a pergunta para como os participantes se sentiram na

última semana, com uma escala de resposta que inclui: “Muito pouco ou nada”, “Um pouco”, “Moderadamente”, “Bastante”, “Excessivamente”. O PANAS também pode ser medido como uma dimensão afetiva do bem-estar subjetivo (SWB).

- Questionário de Regulação Emocional (*Emotion Regulation Questionnaire* - ERQ, Gross, J. & John, O., 2003, traduzida e validação de Boian et al., 2009). Composta por 10 itens de auto relato que medem duas estratégias de regulação emocional: Reavaliação Cognitiva e Supressão Emocional, cujas respostas utilizam escalas tipo Likert de 7 pontos.

- Questionário de Regulação de Sistemas Emocionais – (The Regulation of Emotion Systems Survey – RESS) - Desenvolvido por De France & Hollenstein (2017), traduzido e adaptado para esse estudo, avalia por meio de 24 questões a propensão que um indivíduo possui para utilizar seis estratégias de regulação emocional com o intuito de diminuir o efeito da experiência de emoções negativas (distração, ruminação, reavaliação, supressão, engajamento e controle excitatório). O questionário possui uma escala de resposta Likert de cinco pontos, variando de um (nunca) a cinco (sempre).

- Ensinaamentos religiosos sobre regulação das emoções. Inspirada na medida desenvolvida por Wilken e Miyamoto (2019), os participantes utilizarão uma lista de palavras emocionais extraídas do PANAS ((Positive and Negative Affect Schedule – Watson, Clark e Tellegen, 1988, adaptada para o português por Carvalho et al., 2013), e serão instruídos a responder a seguinte questão “Imagine que você está sentindo cada um dos estados afetivos abaixo e você deverá responder cada um dos itens imaginando qual seria a reação desejável de acordo com os ensinamentos ou entendimento da sua afiliação, crença, religião e/ou posição religiosa ou não-religiosa??” e deverão responder utilizando a seguinte escala de resposta: de acordo com a minha crença, religião e/ou posição religiosa ou não-religiosa, é desejável? Aumentar esse estado afetivo, Manter esse estado afetivo, Diminuir esse estado afetivo, Não influenciar esse estado afetivo, Não sei responder. Para esse trabalho, o enunciado da questão foi modificado e foi adicionado o item “não sei responder” na escala de resposta. A ideia deste instrumento é verificar quais são as atribuições que os participantes fazem em termos de ações regulatórias de uma determinada emoção considerando sua afiliação religiosa ou não religiosa.

- Escala de Centralidade da Religiosidade (Centrality of Religiosity Scale - CRS-10 – Desenvolvido por Huber e Huber (2012) e adaptado ao contexto brasileiro por Esperandio et

al. (2019), é um instrumento que permite de mensurar a importância central da religiosidade na construção psicológica e no comportamento de um indivíduo, classificando-os em três parâmetros: altamente religioso, religioso, e não religioso. A escala possui 10 questões divididas em cinco dimensões centrais da religiosidade: prática pública, prática privada, experiência religiosa, dimensão ideológica e dimensão intelectual.

- Identidade religiosa - Para este estudo, desenvolvemos uma medida multinível de identidade religiosa com o objetivo de capturar a diversidade religiosa. Essas questões incluem identidade pessoal, afiliação dos parentes próximos onde os participantes cresceram, caracterização dos grupos religiosos onde os participantes costumam frequentar, mudanças de identidade religiosa e crenças sincréticas. Essas questões serão utilizadas na análise exploratória.

- Escala de Satisfação com a Vida (*Satisfaction with Life Scale* - SWLS) – desenvolvida por Diener et al. (1985) e adaptada ao contexto brasileiro por Albuquerque et al. (2007), procura avaliar com meio de auto relato o quanto o indivíduo se julga satisfeito com sua vida. O instrumento é composto por 5 itens, com uma escala *likert* de resposta variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Essa escala é amplamente utilizada como uma medida de Bem-Estar Subjetivo em estudos internacionais.

6.2.4 Coleta de dados

O formulário foi divulgado virtualmente em algumas mídias das diferentes capitais do Brasil, em comunidades específicas nas redes sociais de religiosos e não religiosos e em algumas instituições religiosas específicas. Os dados foram coletados por meio da plataforma *REDCAP* (Harris et al., 2009; Harris et al., 2019) porque é gratuita e possibilita, contém vários mecanismos de segurança da informação e possibilita a exportação dos dados para o Excel.

6.2.5 Considerações éticas

A aprovação ética para esta pesquisa foi obtida do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Brasil (CAAE número 29106219.1.0000.5561). Todos os participantes leram e concordaram com o consentimento informado antes de preencher a pesquisa para o estudo. Os participantes não receberam nenhuma compensação financeira para participar deste estudo e seus dados pessoais serão confidenciais e privados. Nenhum dado pessoal como email, endereço IP ou nome da instituição religiosa do participante será compartilhado. Todos os outros dados serão compartilhados em <https://osf.io/584mb/>

6.2.6 Plano de amostragem

Em alguns casos, os tamanhos de efeito foram convertidos dos estudos originais usando o pacote R m 'effectsize' desenvolvido por Ben-Shachar et al. (2021) e o software disponível online escal.site criado por Lin, H. (2019). Calculamos o tamanho da amostra usando um nível alfa de 0,05 e um poder mínimo de 95% em cada análise de hipótese. Como vamos usar diferentes métodos para analisar as hipóteses, usamos diferentes ferramentas como “simr” e “mixedpower” para modelos multiníveis (Kumle et al., 2021), 'simsem' para modelagem de equações estruturais (Pornprasertmanit, et al. . 2016) e Gpower3 (Faul et al., 2007; Faul et al., 2009) e o pacote 'pwr' (Champely et al., 2018). Detalhes sobre a análise de poder e o cálculo do tamanho da amostra podem ser encontrados em <https://osf.io/2e4q6/>. Nas simulações de poder dos modelos multiníveis, devem ser definidas variâncias aleatórias para as inclinações e interceptações (Kumle et al., 2021). Escolhemos as variâncias do intercepto e inclinação com base em pesquisas anteriores que associavam regulação emocional e afiliação religiosa ($\sigma^2_{intercept} = 0,033676$ e $\sigma^2_{slope} = 0,001603$) entre grupos religiosos (Wilken & Miyamoto, 2020), calculadas no arquivo `randam_slops_and_intercepts.R0` disponível em <https://osf.io/pxyga>. O tamanho de amostra calculado para cada uma das hipóteses pode ser visualizado no quadro 17.

6.2.7 Plano de Análise de dados

Após a aplicação dos instrumentos, os dados foram tabulados e analisados estatisticamente no JAMOVI e no R para a verificação de correlações entre as escalas utilizadas e análises exploratórias das diferenças entre grupos. Planejamos excluir os participantes que concluírem menos de 50% das questões do estudo. Não foram excluídos *outliers* para sermos mais conservadores. Na etapa de pré-processamento, cada item será somado para gerar um escore composto para criar as variáveis que vamos usar para testar nossa hipótese, exceto a escala de Centralidade da religiosidade (CRS-10) e Questionário de Regulação Emocional - ERQ que iremos calcular a média. O código do *script* de pré-processamento é `pre_processing_coding_completed.R` e pode ser encontrado em <https://osf.io/584mb/>.

Vamos usar uma abordagem frequentista para nossas análises confirmatórias e, caso encontremos resultados não significativos (por exemplo, um $p > 0,05$), relataremos os dois testes unilaterais (TOST) como procedimento para realizar um teste de equivalência e rejeitar a presença de um menor tamanho de efeito de interesse (SESOI) para nos ajudar a diferenciar entre resultados insensíveis e evidências que sustentam a hipótese nula (Lakens et al., 2018). O pacote R TOSTER (Lakens, 2017) foi utilizado para verificar se a diferença no D de Cohen é menor que -0,1 no limite inferior e maior que 0,1 no limite superior, com alfa de 0,01. Também vamos usar o pacote bayestestR para executar um teste de equivalência para os modelos mistos usando a opção padrão (Makowski et al., 2019; Makowski et al. 2020). Nas hipóteses construídas como Modelagem de Equações Estruturais (SEM), usaremos o Índice de Ajuste Comparativo (CFI), a Raiz do Erro Quadrático Médio de Aproximação (RMSEA), o Resíduo Quadrado Médio Padronizado (SRMR) e o teste da Razão de Verossimilhança (-2LL), Akaike Critério de Informação (AIC) e Critério de Informação Bayesiano (BIC). O script para essas análises está disponível em <https://osf.io/cj74k>.

A hipótese 1 será testada com Regressão Linear Hierárquica (modelo linear multinível) com notação R como: “`lmer(panas_pa ~ 1 + CRS_score + (1|Religião) + Idade + sexo)`”, considerando afiliação religiosa como intercepto e variâncias de inclinação e sexo e idade como variáveis de controle. Interpretaremos os resultados com base no tamanho do efeito fixo (CRS_score) sobre a variável principal (PANAS_PA).

A Hipótese 2 usará a Modelagem de Equações Estruturais (SEM) para detectar o efeito de cada variável no modelo, usando um pacote R chamado Lavaan. Utilizaremos a seguinte notação para o modelo: “SWLS \sim CSR_Score + PANAS_pa | PANAS_pa \sim CSR_Score”. Interpretaremos os resultados com base em cada uma das estimativas da variável dependente e seu nível de significância.

A Hipótese 3 será modelada com Regressão Linear Hierárquica (modelo linear multinível) com uma notação R como lmer (RESS_Reappraisal \sim 1 + CRS_score + (1|Religião) + Idade + sexo). Interpretaremos os resultados com base no tamanho do efeito fixo (CRS_score) sobre a variável principal (RESS_Reappraisal). Outras hipóteses semelhantes serão testadas com o mesmo delineamento com mudança na variável prevista: H3.2 (RESS_Supressão); H3.3 (RESS_Engagement); H3.4 (RESS_ruminação); H3.5 (RESS_Engagement).

Na hipótese 4, será realizada uma análise de variância multivariada para cada um dos 20 estados afetivos (PANAS) incluindo a afiliação religiosa como número de grupos (8). Posteriormente, faremos uma análise post hoc em cada estado afetivo para identificar a origem das variações. Interpretaremos os resultados com base em cada um dos ETA ao quadrado e seu nível de significância (valores de p). Posteriormente, faremos uma análise post hoc em cada estado afetivo para identificar a origem das variações. Esse teste foi adaptado para o Kruskal-wallis em função das características das variáveis.

Semelhante à hipótese anterior, H5 foi conduzida por meio de uma análise multivariada de variância sobre como as emoções devem ser reguladas em cada um dos 20 estados afetivos (PANAS), incluindo a afiliação religiosa como o número de grupos (8). Posteriormente, faremos uma análise post hoc em cada estado afetivo para identificar a origem das variações. Os resultados serão relatados com base em cada ETA ao quadrado e seu nível de significância (valores de p). A partir daí, faremos uma análise post hoc em cada estado afetivo para identificar a origem das variações. Esse teste foi adaptado para o Qui-quadrado em função das características das variáveis.

As hipóteses 6.1 e 6.2 serão testadas usando Modelagem de Equações Estruturais (SEM) para detectar o efeito de cada variável no modelo, executado em um pacote R chamado Lavaan. Usaremos a notação apresentada no quadro 18 para o modelo.

Quadro 18 - Notação do Lavaan das hipóteses 6.1 e 6.2.

6.1 Notação do Lavaan	6.2 Notação do Lavaan
<p>SWLS(y) ~ PANAS_PA(x1) + PANAS_NA(x2)</p> <p>PANAS_PA(x1) ~ CSR_Score(x3) + RESS_reappraisal(x4)</p> <p>PANAS_NA(x2) ~ CSR_Score(x3) + RESS_reappraisal(x4)</p> <p>RESS_reappraisal(x4) ~ CRS_SCORE(x3)</p> <p>PANAS_PA(x1) ~~ PANAS_NA(x2)</p>	<p>SWLS(y) ~ PANAS_PA(x1) + PANAS_NA(x2)</p> <p>PANAS_PA(x1) ~ CSR_Score(x3) + RESS_reappraisal(x4)</p> <p>PANAS_NA(x2) ~ CSR_Score(x3) + RESS_reappraisal(x4)</p> <p>RESS_reappraisal(x4) ~ CRS_SCORE(x3)</p> <p>PANAS_PA(x1) ~~ PANAS_NA(x2)</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

Interpretaremos os resultados com base em cada uma das Estimativas da variável dependente e seu nível de significância.

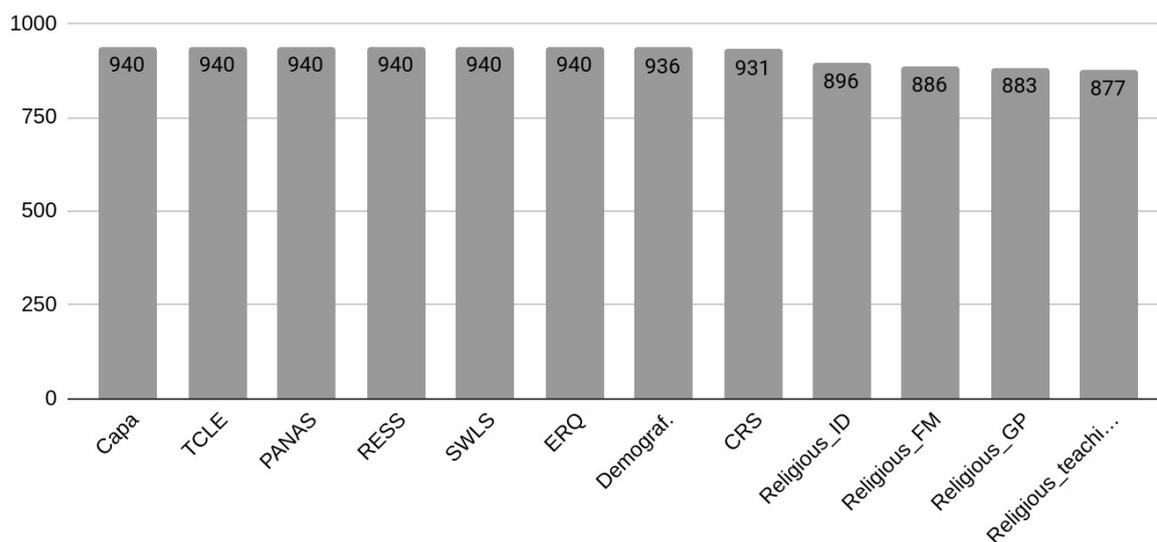
As hipóteses 7.1 e 7.2 serão testadas usando testes t, realizados nas subescalas do PANAS positiva e negativa (H7.1) e satisfação com a vida (H7.2) como variáveis dependentes e identidade religiosa alterada como variáveis independentes. Interpretaremos os resultados com base em cada D de Cohen e seu nível de significância (valores de p) e o intervalo de confiança.

6.3 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÃO

6.3 Descrição da amostra

Devido a capacidade da plataforma do REDCAP armazenar as informações dos participantes por instrumentos, as respostas foram salvas ao concluir cada instrumento, possibilitaram que fossem salvas as respostas de participantes que não concluíram todas as etapas do estudo. Neste sentido, a amostra final do estudo possui uma quantidade diferente de participantes em função do instrumento utilizado. A figura 12, apresenta o número de participantes que responderam a cada etapa da pesquisa.

Figura 12 - Gráfico de barras sobre quantidade de participantes por instrumento do questionário.



Fonte: elaborado pelo autor

A amostra teve uma variação de 940 a 877 participantes, sendo que a maioria das hipóteses foram testadas com 931 participantes, com exceção da hipótese 5 que teve apenas 877. Isso acontece em função da desistência de alguns participantes em função da duração do questionário. A maioria dos participantes responderam a pesquisa utilizando o celular (84,7%).

O questionário estava disponível em 5 idiomas e 98,8% dos participantes responderam em português e 1,2% em inglês (totalizando 11 pessoas), dos quais, 97,1% responderam no Brasil e os outros 2,9% responderam de outros países como: Portugal (8), Estados Unidos (5), Canadá (3), Alemanha (2), Itália (2), Paraguai (2), Austrália (1), Áustria(1), Inglaterra (1),

Dinamarca (1) e Polónia (1). Referente ao perfil imigratório, 97,2% afirmam que nasceram no país em que responderam ao questionário.

Referente ao sexo registrado na certidão de nascimento, 65,2% afirmaram ser do sexo feminino e 34,8% do sexo masculino. A idade dos participantes variou entre 18 e 77 anos, com uma média 39,3 anos (DP = 13 anos). Referente ao estado civil, 42% dos participantes afirmaram estarem solteiros, 33,5% casados, 14,5% estão numa união estável, 6,5% divorciados, 2,3% separados e 1,2% viúvos. Referente a ocupação, 42% dos participantes declararam trabalhar em tempo integral, 21,1% como autônomos, 11,6% se definem como estudantes, 7,9 desempregados, 6,5% aposentados, 5,5% possuem um trabalho de meio período, 2,1% se consideram donos ou donas de casa e 3,3% afirmaram se encaixar em outra categoria ocupacional. A amostra apresentou um alto nível de escolaridade em que 67,8% concluíram o ensino superior, 18,1% estão cursando o ensino superior, 11,5% concluíram o ensino médio e 2,6% não concluíram o ensino médio.

A tabela 19 apresenta a distribuição da identidade religiosa dos participantes. Como pode ser visualizado, 51% dos participantes considera que não se considera religioso, 31,9% se considera cristão, 12,2% de outra comunidade religiosa. Dos 479 participantes que afirmaram não pertencer a um grupo religioso, 255 se identificaram como ateus (53,2%).

Tabela 19 - Frequências e porcentagem de participantes de acordo com a identidade religiosa.

Grupo Religioso	Contagens	% do Total	% acumulada
Outra religião	115	12.2 %	12.2 %
Budismo	13	1.4 %	13.6 %
Christianismo	300	31.9 %	45.6 %
Hinduísmo	1	0.1 %	45.7 %
Não sei	20	2.1 %	47.8 %
Islam	8	0.9 %	48.7 %
Judaísmo	3	0.3 %	49.0 %
Não Religioso	479	51.0 %	100.0 %

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

A tabela 20 apresenta as correlações entre as principais variáveis quantitativas do terceiro estudo.

Tabela 20 - Matriz de correlações das principais variáveis do estudo 3 .

	SWLS		CRS		RESS ruminação		RESS engajamento		RESS reavaliação		RESS supressão		RESS controle excitatório		RESS distração		PANAS positivo	
	R de Pearson	p valor	R de Pearson	P valor	R de Pearson	P valor	R de Pearson	P valor	R de Pearson	P valor	R de Pearson	P valor	R de Pearson	P valor	R de Pearson	P valor	R de Pearson	P valor
SWLS	—	—																
CRS	0.214	< .001	—															
RESS ruminação	-0.212	< .001	-0.047	0.157	—													
RESS engajamento	0.172	< .001	0.069	< .001	0.166	< .001	—											
RESS reavaliação	0.221	< .001	0.109	< .001	-0.109	< .001	0.180	< .001	—									
RESS supressão	-0.189	< .001	-0.037	0.267	0.215	< .001	-0.471	< .001	-0.047	0.149	—							
RESS controle excitatório	0.147	< .001	0.121	< .001	-0.035	0.290	0.106	0.001	0.337	< .001	0.056	0.087	—					
RESS distração	-0.005	0.879	0.049	0.136	0.081	0.013	-0.016	0.622	0.185	< .001	0.293	< .001	0.298	< .001	—			
PANAS positivo	0.422	< .001	0.204	< .001	-0.168	< .001	0.188	< .001	0.375	< .001	-0.106	0.001	0.265	< .001	0.172	< .001	1	—
PANAS negativo	-0.329	< .001	0.018	0.577	0.434	< .001	0.035	0.277	-0.211	< .001	0.227	< .001	-0.010	0.756	0.069	0.034	-0.214	< .001

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

6.3.1. Hipótese 1 - Diferença entre participantes religiosos e não religiosos na frequência relatada de estados afetivos positivos

Para testar essa hipótese, foi realizado uma modelagem de regressão hierárquica conforme descrito anteriormente, com os estimadores ajustados pelo método REML, com o otimizador bobyqa, para a equação $\text{panas_pa} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} | \text{religious_community_crs})$. O modelo convergiu, apresentando um R-quadrado marginal no valor de 0.0881, esse índice considera apenas a variância dos efeitos fixos, e o R-quadrado condicional no valor de 0.1180, esse indicador leva em conta os efeitos fixos e aleatórios. Esses valores oscilam entre 0% e 100%, em que 100% indica que o valor máximo em que o modelo adotado explica toda a variabilidade dos dados de resposta em relação ao valor previsto. O valor mostra que o modelo não parece explicar muito bem a variabilidade dos dados. O modelo apresentou os seguintes valores em termos de qualidade: AIC = 6196.4889, BIC = 6231.3570 e LogLikel = -3095.1891.

O efeito da religiosidade na frequência reportada de estados afetivos positivos reportados foi significativo ($\beta = 1.6279$, $SE = 0.5193$, $p = .045$), conforme pode ser observado na tabela 21.

Tabela 21 - Efeitos fixos do modelo hierárquico (H1).

Variável	Efeito	Estimate	SE	95% Intervalo de confiança		df	t	p
				Inferior	Superior			
Intercepto	Intercepto	18.4445	0.3566	17.74549	19.1435	125.88	51.717	<.001
CRS	CRS	1.6279	0.5193	0.61016	2.6456	3.35	3.135	0.045
IDADE	IDADE	0.0253	0.0174	-0.00880	0.0595	920.99	1.455	0.146
SEXO	Masculino - Feminino	0.3047	0.4829	-0.64165	1.2511	918.30	0.631	0.528

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

O efeitos referentes a idade e sexo não foram estatisticamente significativos. Os efeitos aleatórios do modelo podem ser observados na tabela 22.

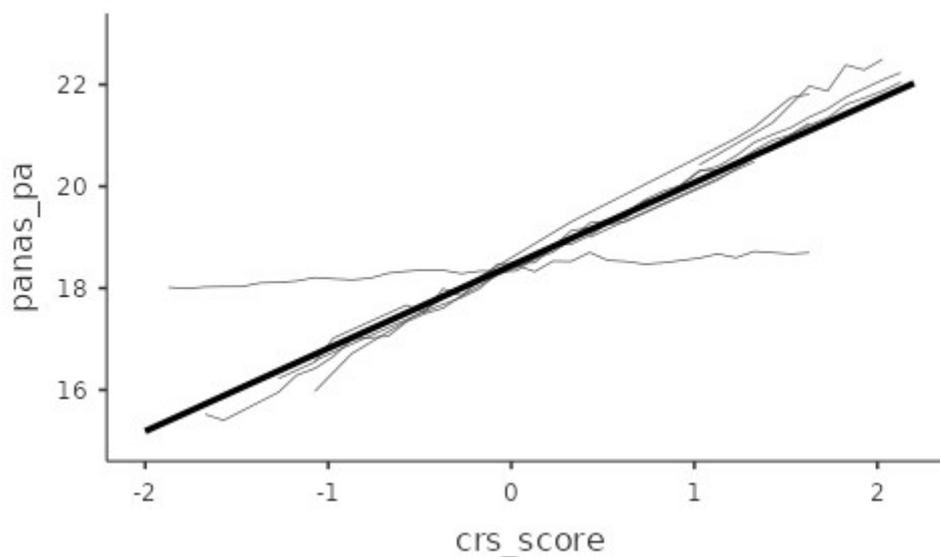
Tabela 22 - Efeitos aleatórios do modelo hierárquico (H1)

Grupos	Nome	DP	Variância	ICC
Afiliação religiosa	CRS	0.960	0.921	
Resíduo		6.835	46.716	

Nota. Número de observações Obs: 925 , grupoOs: Afiliação religiosas 8
 Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

Como foi observado a hipótese de participantes religiosos relatam experimentar mais estados afetivos positivos do que negativos em comparação com os participantes não religiosos foi confirmada ($\beta = 1.6279$, $SE = 0.5193$, $p = .045$), com um poder estatístico calculado a posterior de 99,9% com um alfa de 0,05. Algumas limitações, nesta análise podem ser referentes ao resultados do R-quadrado que explicam o ajustamento do modelo.

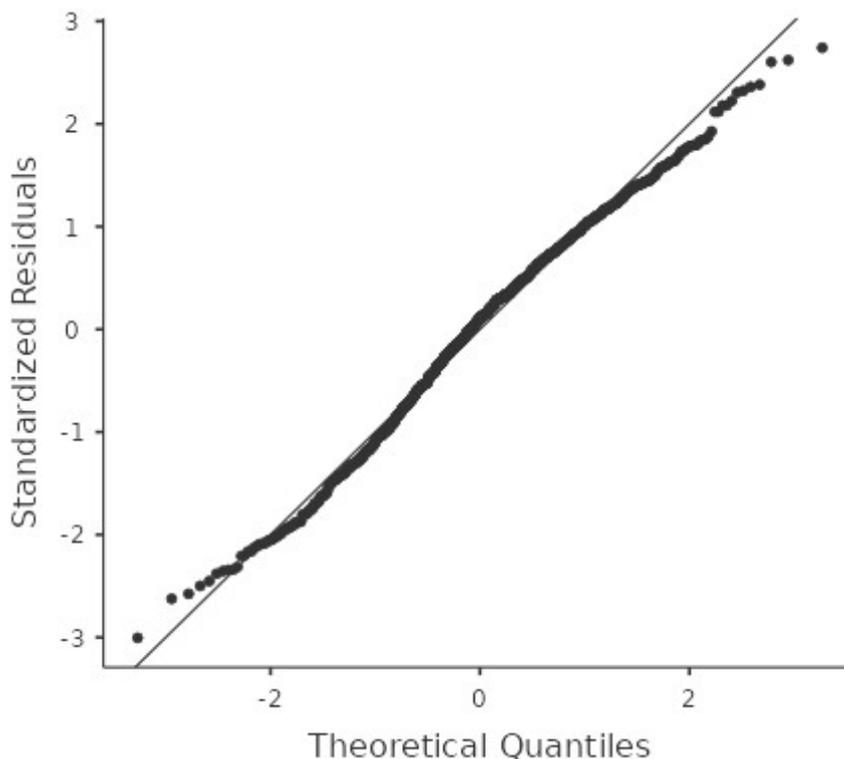
Figura 13 - Projeção dos valores previstos para os afetos positivos de acordo com a religiosidade considerando a afiliação religiosa como fator aleatório.



Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

Para aprofundar nas características do modelo apresentado, foram analisados alguns pressupostos como a normalidade dos resíduos e o gráfico qq-plot. Os resíduos não apresentaram distribuição normal, tanto no Shapiro-wilk ($W = 0.9913$, $p < 0.001$), como o kolmogorov smirnov ($D = 0.0501$, $p = 0.0.19$), mas quando analisado o Gráfico QQ-plot exposto na figura 14, os resíduos parecem se adequar bem a reta.

Figura 14 - QQ plot dos resíduos do modelo hierárquico($\text{panas_pa} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} | \text{religious_community_crs})$)



Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

Também foi realizada a modelagem das mesmas variáveis num modelo de regressão linear para verificar as diferenças de ajustamento sem a presença da variável aleatória. Entretanto, os índices de ajustamento não se mostraram melhores R -quadrado = 0.0440, R -quadrado ajustado = 0.0409, AIC = 6197, BIC = 6221, RMSE = 6.68. Neste mesmo modelo, os resultados da religiosidade na frequência reportada de estados afetivos positivos reportados também foram significativos, com um tamanho de efeito um pouco menor ($\beta = 1.0978$, $SE = 0.2051$, $p < 0.001$). Nossos resultados de análise de poder a posteriores também demonstram que esses resultados corroboram com a nossa hipótese com um poder estatístico de 99,9% para um alfa de 0,05. A tabela 23 apresenta os coeficientes do modelo de regressão linear.

Tabela 23 - Coeficientes do modelo de regressão linear para os estados afetivos positivos.

Preditor	Estimativas	Erro-padrão	t	p	Estimativas Estand.
Intercepto	14.9717	0.8928	16.770	< .001	-
CRS	1.0978	0.1769	6.205	< .001	0.2051
IDADE	0.0245	0.0174	1.406	0.160	0.0455
SEXO:					
Masculino – Feminino	0.3639	0.4851	0.750	0.453	0.0518

Fonte: extraído pelo JAMOVÍ (elaborado pelo autor)

Existe um antigo debate se os afetos positivos e negativos fazem parte de um contínuo, ou se são dimensões separadas, apesar de serem altamente correlacionados (Green & Salovey, 1999). Neste sentido, para comentar a hipótese testada, o mesmo modelo foi simulado substituindo o afeto positivo pelo negativo para verificar se essas proporções se mantêm. A modelagem de regressão hierárquica foi realizada com os estimadores ajustados pelo método REML, otimizador bobyqa, para a equação $panas_na \sim 1 + crs_score + age + sex + (0 + crs_score | religious_community_crs)$. O modelo convergiu, apresentando um R-quadrado marginal no valor de 0.0617, e o R-quadrado condicional no valor de 0.0647, AIC = 6339.2334, BIC = 6376.0668 e LogLikel = -3167.5440. Neste modelo sobre o afeto negativo, não foram encontrados resultados significativos da religiosidade na frequência reportada de estados afetivos negativos reportados pelos participantes ($\beta = 0.0897$, SE= 0.2669 ,p = 0.785). A tabela 24 apresenta os coeficientes do modelo hierárquico para os afetos negativos.

Tabela 24 - Coeficientes do modelo hierárquico ($panas_na \sim 1 + crs_score + age + sex + (0 + crs_score | religious_community_crs)$)

Variável	Efeito	Estimate	SE	95% Intervalo de confiança		df	t	p
				Inferior	Superior			
Intercepto	Intercepto	12.3395	0.3087	11.734	12.945	5.54	39.972	< .001
CRS	CRS	0.0897	0.2669	-0.433	0.613	1.25	0.336	0.785
IDADE	IDADE	-0.1408	0.0188	-0.178	-0.104	917.07	-7.480	< .001
SEXO	Masculino - Feminino	-1.2396	0.5231	-2.265	-0.214	920.60	-2.370	0.018

Fonte: extraído pelo JAMOVÍ (elaborado pelo autor)

6.3.2 Hipótese 2 - O afeto positivo terá um efeito mediador na relação entre religiosidade e satisfação com a vida.

Uma análise de mediação foi conduzida para avaliar o papel mediador do afeto positivo na relação entre religiosidade (CRS) e satisfação com a vida (SWLS). Os resultados (ver tabela x) revelaram um efeito indireto significativo do CRS na SWLS (H1: $\beta = 0.452$, $z = 5.71$, $p < 0,001$). O efeito total do CRS na SWLS foi significativo ($\beta = 1.194$, $z = 6.66$, $p < 0,001$). Com a inclusão do mediador, o efeito direto do CRS no SWLS ainda foi significativo ($\beta = 0.742$, $z = 4.42$, $p < 0,001$). Isso mostra que afeto positivo medeia parcialmente a relação entre CSR e SWLS. Assim, H2 foi suportada pelo resultado da análise. A tabela 25 apresenta os indicadores da mediação.

Tabela 25 - Estimadores do processo de mediação (H2).

Efeito	Estimate	SE	95% Intervalo de confiança		Z	p	% de Mediação
			Inferior	Superior			
Indireto	0.452	0.0792	0.297	0.607	5.71	< .001	37.8
Direto	0.742	0.1679	0.413	1.071	4.42	< .001	62.2
Total	1.194	0.1792	0.843	1.545	6.66	< .001	100.0

Fonte: extraído pelo JAMOVÍ (elaborado pelo autor)

Talvez a religião fomente ou incentive estratégias ou comportamentos que aumentem a frequência de estados afetivos positivos. A tabela 26 apresenta coeficientes referentes aos efeitos diretos de cada uma das variáveis de acordo com caminhos adotados no modelo (*path analysis*)

Tabela 26 - Coeficientes das variáveis no modelo de mediação (H2).

		Estimate	SE	95% Intervalo de confiança		Z	p
				Inferior	Superior		
CRS	→ PANAS Positivo	1.090	0.1723	0.752	1.428	6.33	< .001
PANAS Positivo	→ SWLS	0.415	0.0314	0.353	0.476	13.22	< .001
CRS	→ SWLS	0.742	0.1679	0.413	1.071	4.42	< .001

Fonte: extraído pelo JAMOVÍ (elaborado pelo autor)

Nosso cálculo de poder a posterior, demonstrou que o modelo proposto com uma amostra de 925 participantes apresentou um poder estatístico de 97,5%. Também foram realizadas correlações entre os estados afetivos positivos, satisfação com a vida e as dimensões da religiosidade. A tabela 27 apresenta as correlações presentes na CRS-10.

Tabela 27 - Matriz de Correlações entre satisfação com a vida, estados afetivos e dimensões da religiosidade.

		PANAS Positivo	SWLS
PANAS Positivo	R de Pearson	—	
	p-valor	—	
SWLS	R de Pearson	0.422	—
	p-valor	< .001	—
CRS intelecto	R de Pearson	0.165	0.096
	p-valor	< .001	0.003
CRS ideologia	R de Pearson	0.154	0.223
	p-valor	< .001	< .001
CRS Prática Pública	R de Pearson	0.200	0.173
	p-valor	< .001	< .001
CRS Prática Privada	R de Pearson	0.176	0.207
	p-valor	< .001	< .001
CRS Experiência	R de Pearson	0.199	0.203
	p-valor	< .001	< .001
CRS Total	R de Pearson	0.204	0.214
	p-valor	< .001	< .001

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

6.3.3 Hipótese 3.1 - Participantes religiosos tenderão a usar mais a reavaliação cognitiva em comparação aos participantes não religiosos.

Essa hipótese foi testada por meio da modelagem de regressão hierárquica, que foi realizada com os estimadores ajustados pelo método REML, otimizador bobyqa, para a equação $\text{ress_reappraisal} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (\text{0} + \text{crs_score} | \text{religious_community_crs})$. O modelo convergiu, apresentando um R-quadrado marginal no

valor de 0.0556, e o R-quadrado condicional no valor de 0.0991, AIC = 5139.1532, BIC = 5178.3418 e LogLikel = -2568.6815. Neste mesmo modelo, foram encontrados resultados significativos da religiosidade na utilização da reavaliação cognitiva reportados pelos participantes ($\beta = 0.7079$, SE= 0.15420 , $p < .001$), apresentando um baixo poder estatístico, calculado a posterior, no valor de 43,2% projetado a um alfa de 0,05. A tabela 28 mostra cada um dos parâmetros obtidos na modelagem.

Tabela 28 - Coeficientes do modelo hierárquico $\text{ress_reappraisal} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} | \text{religious_community_crs})$

Variável	Efeito	Estimate	SE	95% Intervalo de confiança		df	t	p
				Inferior	Superior			
Intercepto	Intercepto	9.0377	0.43029	8.19432	9.8810	2.65	21.004	< .001
SEXO	Masculino -							
	Feminino	-0.0648	0.27284	-0.59952	0.4700	917.36	-0.237	0.812
CRS	CRS	0.7079	0.15420	0.40564	1.0101	142.41	4.591	< .001
IDADE	IDADE	0.0110	0.00980	-0.00818	0.0302	918.72	1.126	0.261

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

Os efeitos referentes a idade e sexo não foram estatisticamente significativos. Os efeitos aleatórios do modelo podem ser observados na tabela 29.

Tabela 29 - Efeitos aleatórios do modelo hierárquico (H3.1).

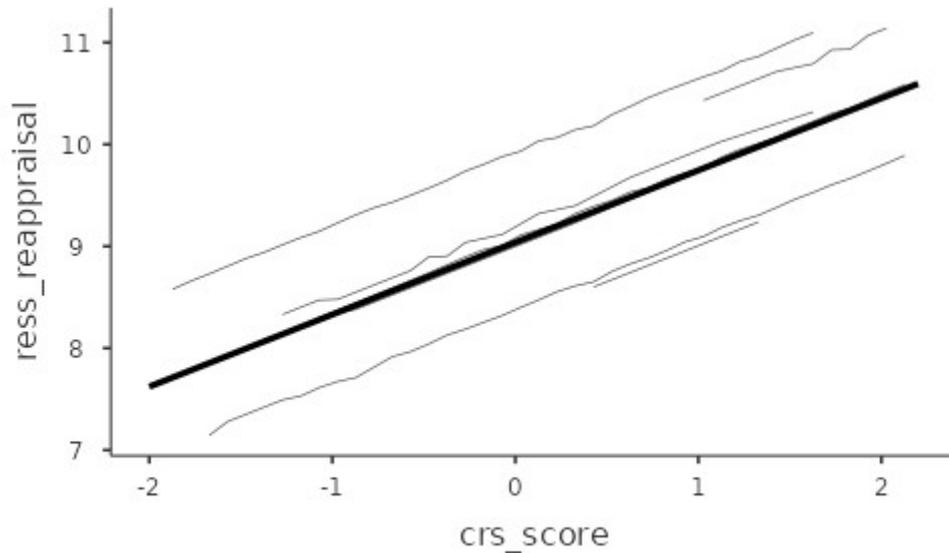
Grupos	Nome	DP	Variância	ICC
Afiliação religiosa	Intercepto	0.848	0.719	0.0461
Resíduo		3.856	14.871	

Nota. Number of Obs: 925 , groups: religious_community_crs 8

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

Como foi observado a hipótese, foi confirmada ($\beta = 0.7079$, SE= 0.15420 , $p = 0.785$) quanto maior a religiosidade reportada pelo participante, maior é a frequência reportada da utilização da reavaliação cognitiva. Porém devido ao poder estatístico calculado a posterior, é necessário aumentar o tamanho da amostra para aumentar a validade externa deste resultado. figura x simulada a projeção dos valores previstos para a reavaliação cognitiva de acordo com a religiosidade considerando a afiliação religiosa como fator aleatório.

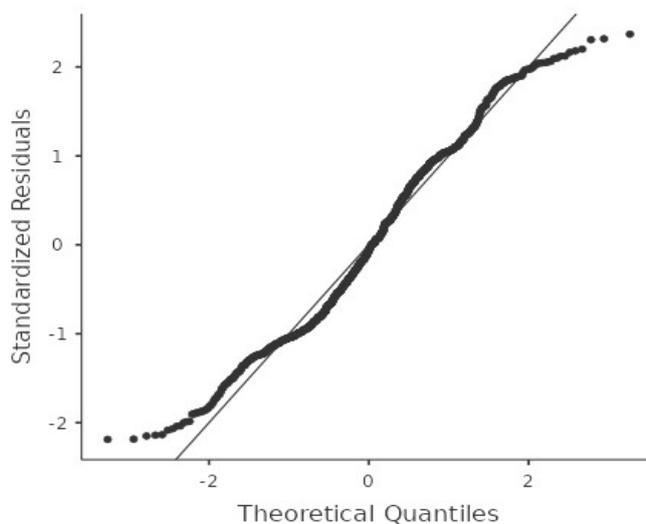
Figura 15 - Projeção dos valores previstos para a reavaliação cognitiva de acordo com a religiosidade considerando a afiliação religiosa como fator aleatório.



Fonte: extraído pelo JAMOVÍ (elaborado pelo autor)

Um detalhe importante é que os resíduos não apresentaram distribuição normal, tanto no Shapiro-wilk ($W = 0.9784$, $p < 0.001$), como o kolmogorov smirnov ($D = 0.0666$, $p < .001$), mas quando analisado o Gráfico QQ-plot exposto na figura 16, os resíduos parecem se adequar bem a reta.

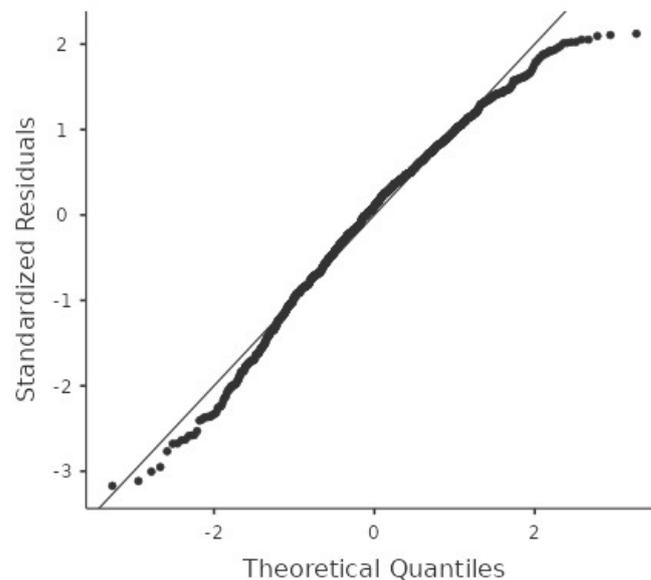
Figura 16 - QQ plot dos resíduos do modelo hierárquico ($ress_reappraisal \sim 1 + crs_score + age + sex + (0 + crs_score | religious_community_crs)$).



Fonte: extraído pelo JAMOVÍ (elaborado pelo autor)

Também foi realizada a mesma modelagem substituindo a reavaliação cognitiva contida no RESS-24 para a reavaliação presente no ERQ-10. Os índices de ajustamento se mostraram mais adequados, por exemplo: R-quadrado marginal = 0.123, R-quadrado condicional = 0.153, AIC = 6397.579 e BIC = 6431.598. Neste mesmo modelo, os resultados da religiosidade reavaliação cognitiva também foram significativos, com um tamanho de efeito ($\beta = 2.0013$, $SE = 0.3002$, $p < 0.001$) e poder estatístico (96,3%) maiores. Quando analisado o Gráfico QQ-plot exposto na figura 17, os resíduos parecem se adequar melhor a reta em comparação com os resíduos do RESS.

Figura 17 - QQ plot dos resíduos do modelo hierárquico ($ERQ_reappraisal \sim 1 + crs_score + age + sex + (0 + crs_score | religious_community_crs)$).



Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

Esse resultado também foi significativo modelando as variáveis num modelo de regressão linear simples ($\beta = 0.31579$, $SE = 0.10587$, $p = 0.002$), R-quadrado = 0.0134, R-quadrado ajustado = 0.0102, AIC = 5144 e BIC = 5169.

6.3.3.2 Hipótese 3.2 - Participantes religiosos tenderão a usar mais a supressão expressiva em comparação aos participantes não religiosos.

Essa hipótese foi testada por meio da modelagem de regressão hierárquica, que foi realizada com os estimadores ajustados pelo método REML, otimizador bobyqa, para a

equação $\text{ress_suppression} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} | \text{religious_community_crs})$. O modelo convergiu, apresentando um R-quadrado marginal no valor de 0.0330, e o R-quadrado condicional no valor de 0.0424, AIC = 5063.8719, BIC = 5105.4903 e LogLikel = -2532.2558. Neste mesmo modelo, não foram encontrados resultados significativos da religiosidade na utilização da supressão expressiva ($\beta = -0.1766$, SE= 0.13138 ,p = 0.198). A tabela 30 mostra cada um dos parâmetros obtidos na modelagem.

Tabela 30 - Coeficientes do modelo hierárquico $\text{ress_suppression} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} | \text{religious_community_crs})$.

Variável	Efeito	Estimate	SE	95% Intervalo de confiança		df	t	p
				Inferior	Superior			
Intercepto	Intercepto	6.6318	0.24114	6.15920	7.1044	1.84	27.5	0.002
CRS	CRS	-0.1766	0.13138	-0.43409	0.0809	15.37	-1.34	0.198
IDADE	IDADE	-0.0423	0.00943	-0.06084	-0.0239	920.23	-4.49	< .001
SEXO	Masculino							
	- Feminino	0.5207	0.26254	0.00615	1.0353	920.80	1.98	0.048

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

Os resíduos não apresentaram distribuição normal, tanto no Shapiro-wilk ($W = 0.9590$, $p < 0.001$), como o kolmogorov smirnov ($D = 0.0943$, $p < .001$). Esses resultados também não foram significativos substituindo a supressão obtida pelas respostas fornecidas pelo RESS pelo ERQ ($\beta = 0.0336$, SE= 0.1432 ,p = 0.814), como modificado para uma regressão linear simples ($\beta = -0.0317$, SE= -0.0110 ,p = 0.741). Após verificar que o efeito da religiosidade não foi significativo, aplicou-se um TOST-test for Practical Equivalence para verificar se existe uma ausência prática do efeito, utilizando pacote bayestestR, com um intervalo de equivalência definido pelo software como ROPE: [-0.10 0.10]. Por conta do resultado do teste, não podemos afirmar que o efeito da religiosidade nessa variável pode ser considerado nulo nesta amostra. A tabela 31 apresenta o resultado do teste de equivalência.

Tabela 31 - Resultado do *TOST-test for Practical Equivalence* (H3.2)

Parâmetro	90% CI	% in ROPE	H0	p
Intercepto	[6.17, 7.87]	0%	Rejeitada	> .999
CRS	[-0.44, 0.01]	86.53%	Indefinida	0.115
Idade	[0.00, 0.00]	100%	Aceita	< .001
Sexo	[0.11, 0.99]	30.40%	Rejeitada	0.741

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

6.3.3.3 Hipótese 3.3 - Participantes religiosos tenderão a usar mais a estratégia de engajamento expressivo em comparação com participantes não religiosos.

Essa hipótese foi testada por meio da modelagem de regressão hierárquica, que foi realizada com os estimadores ajustados pelo método REML, otimizador bobyqa, para a equação $\text{ress_engagement} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} | \text{religious_community_crs})$. O modelo convergiu, apresentando um R-quadrado marginal no valor de 0.0523, e o R-quadrado condicional no valor de 0.0610, AIC = 4884.0385, BIC = 4926.3805 e LogLikel = -2442.7009. Neste mesmo modelo, não foram encontrados resultados significativos da religiosidade na utilização do engajamento expressivo ($\beta = 0.12055$, SE= 0.11851 ,p = 0.330). A tabela 32 mostra cada um dos parâmetros obtidos na modelagem.

Tabela 32 - Coeficientes do modelo hierárquico $\text{ress_engagement} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} | \text{religious_community_crs})$

Variável	Efeito	Estimate	SE	95% Intervalo de confiança		df	t	p
				Inferior	Superior			
Intercept)	Intercepto	7.70975	0.21510	7.2882	8.1313	1.42	35.842	0.004
CRS	CRS	0.12055	0.11851	-0.1117	0.3528	11.35	1.017	0.330
IDADE	IDADE	0.00518	0.00856	-0.0116	0.0220	920.08	0.606	0.545
SEXO	Masculino - Feminino	-1.55274	0.23822	-2.0196	-1.0858	920.80	-6.518	< .001

Fonte: extraído pelo JAMOVÍ (elaborado pelo autor)

Os resíduos não apresentaram distribuição normal, tanto no Shapiro-wilk ($W = 0.9862$, $p < 0.001$), como o kolmogorov smirnov ($D = 0.053$, $p = 0.010$). Esses resultados também não foram significativos modificando o modelo para uma regressão linear simples ($\beta = 0.06065$, SE= 0.0230 ,p = 0.485).

Após verificar que o efeito da religiosidade não foi significativo, aplicou-se um TOST-test for Practical Equivalence para verificar se existe uma ausência prática do efeito, utilizando pacote bayestestR, com um intervalo de equivalência definido pelo software como ROPE: [-0.35 0.35]. Por conta do resultado do teste, podemos afirmar que o efeito da religiosidade nessa variável pode ser considerado nulo nesta amostra. A tabela 33 apresenta o resultado do teste de equivalência.

Tabela 33 - Resultado TOST-test for Practical Equivalence (H3.3).

Parâmetro	90% CI	% in ROPE	H0	p
Intercepto	[7.38, 8.89]	0%	Rejeitada	> .999
CRS	[-0.08, 0.32]	100%	Aceita	0.032
IDADE	[0.00, 0.00]	100%	Aceita	< .001
SEXO	[-1.95, -1.17]	0%	Rejeitada	> .999

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

6.3.3.4 Hipótese 3.4 - Participantes religiosos tenderão a usar menos a ruminação em comparação com participantes não religiosos.

Essa hipótese foi testada por meio da modelagem de regressão hierárquica, que foi realizada com os estimadores ajustados pelo método REML, otimizador bobyqa, para a equação $ress_rumination \sim 1 + crs_score + age + sex + (0 + crs_score | religious_community_crs)$. O modelo convergiu, apresentando um R-quadrado marginal no valor de 0.0507, e o R-quadrado condicional no valor de 0.0561, AIC = 5028.3226, BIC = 5070.5586 e LogLikel = -2514.7899. Neste mesmo modelo, não foram encontrados resultados significativos da religiosidade na utilização da ruminação ($\beta = -0.1912$, SE= 0.12136 ,p = 0.157). A tabela 34 mostra cada um dos parâmetros obtidos na modelagem.

Tabela 34 - Coeficientes do modelo hierárquico $ress_rumination \sim 1 + crs_score + age + sex + (0 + crs_score | religious_community_crs)$.

Variável	Efeito	Estimate	SE	95% Intervalo de confiança		df	t	p
				Inferior	Superior			
Intercepto	Intercepto	10.2910	0.20218	9.8947	10.6872	1.34	50.90	0.004
CRS	CRS	-0.1912	0.12136	-0.4291	0.0466	7.37	-1.58	0.157
IDADE	IDADE	-0.0558	0.00926	-0.0740	-0.0377	920.56	-6.03	< .001
SEXO	Masculino - Feminino	-0.8374	0.25762	-1.3423	-0.3324	921.00	-3.25	0.001

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

Os resíduos não apresentaram distribuição normal no teste Shapiro-wilk ($W = 0.9850$, $p < 0.001$), mas se mostrou adequado no teste kolmogorov smirnov ($D = 0.0431$, $p = 0.065$). Esses resultados também não foram significativos modificando o modelo para uma regressão linear simples ($\beta = -0.1513$, SE= -0.0530,p = 0.108).

Após verificar que o efeito da religiosidade não foi significativo, aplicou-se um TOST-test for Practical Equivalence para verificar se existe uma ausência prática do efeito, utilizando pacote bayestestR, com um intervalo de equivalência definido pelo software como ROPE: [-0.37 0.37]. Por conta do resultado do teste, não podemos afirmar que o efeito da religiosidade nessa variável pode ser considerado nulo nesta amostra. A tabela 35 apresenta o resultado do teste de equivalência.

Tabela 35 - Resultado TOST-test for Practical Equivalence (H3.4).

Parâmetro	90% CI	% in ROPE	H0	p
Intercepto	[10.63, 12.28]	0%	Rejeitada	> .999
CRS	[-0.47, -0.03]	78.73%	Rejeitada	0.172
IDADE	[0.00, 0.00]	100%	Aceita	< .001
SEXO	[-1.22, -0.36]	2.00%	Rejeitada	0.943

Fonte: extraído pelo JAMOV (elaborado pelo autor)

6.3.3.5 Hipótese 3.5 - Participantes religiosos tenderão a usar mais distração em comparação com participantes não religiosos.

Essa hipótese foi testada por meio da modelagem de regressão hierárquica, que foi realizada com os estimadores ajustados pelo método REML, otimizador bobyqa, para a equação $\text{ress_distraction} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} | \text{religious_community_crs})$. O modelo convergiu, apresentando um R-quadrado marginal no valor de 0.00374, e o R-quadrado condicional no valor de 0.00374, AIC = 5161.86850, BIC = 5204.02560 e LogLikel = -2581.52343. Neste mesmo modelo, não foram encontrados resultados significativos da religiosidade na utilização na distração ($\beta = 0.12169$, SE= 0.10098, $p = 0.228$). A tabela 36 mostra cada um dos parâmetros obtidos na modelagem.

Tabela 36 - Coeficientes do modelo hierárquico $\text{ess_distraction} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} | \text{religious_community_crs})$

Variável	Efeito	Estimate	SE	95% Intervalo de confiança		df	t	p
				Inferior	Superior			
Intercepto	Intercepto	8.02244	0.13559	7.7567	8.2882	921	59.168	< .001
CRS	CRS	0.12169	0.10098	-0.0762	0.3196	921	1.205	0.228
IDADE	IDADE	0.00292	0.00995	-0.0166	0.0224	921	0.294	0.769
SEXO	Masculino							
	- Feminino	-0.29567	0.27688	-0.8383	0.2470	921	-1.068	0.286

Fonte: extraído pelo JAMOV (elaborado pelo autor)

Os resíduos não apresentaram distribuição normal, tanto no teste Shapiro-wilk ($W=0.963$, $p < 0.001$), como no teste kolmogorov smirnov ($D = 0.101$, < 0.001). Um aspecto interessante desse modelo é que o fator aleatório do grupo religioso foi nulo. Esses resultados também não foram significativos modificando o modelo para uma regressão linear simples ($\beta = -0.12169$ SE= 0.04066, $p = 0.228$).

Após verificar que o efeito da religiosidade não foi significativo, aplicou-se um TOST-test for Practical Equivalence para verificar se existe uma ausência prática do efeito, utilizando pacote bayestestR, com um intervalo de equivalência definido pelo software como ROPE: $[-0.39 \ 0.39]$. Por conta do resultado do teste, podemos afirmar que o efeito da religiosidade nessa variável pode ser considerado nulo nesta amostra. A tabela 37 apresenta o resultado do teste de equivalência.

Tabela 37 - Resultado TOST-test for Practical Equivalence (H3.5).

Parâmetro	90% CI	% in ROPE	H0	p
Intercepto	[7.18, 8.33]	0%	Rejeitada	> .999
CRS	[-0.04, 0.30]	100%	Aceita	0.005
IDADE	[0.00, 0.00]	100%	Aceita	< .001
SEXO	[-0.78, 0.13]	57.28%	Rejeitada	0.410

Fonte: extraído pelo JAMOVI (elaborado pelo autor)

A única estratégia que não tínhamos informações para escrever uma hipótese foi o controle excitatório, às vezes, denominado de relaxamento. Aplicamos a modelagem de regressão hierárquica para essa estratégia, utilizando estimadores ajustados pelo método REML, otimizador bobyqa, para a equação $\text{ress_relaxation} \sim 1 + \text{crs_score} + \text{age} + \text{sex} + (0 + \text{crs_score} \mid \text{religious_community_crs})$. O modelo convergiu, apresentando um R-quadrado marginal no valor de 0.0515, e o R-quadrado condicional no valor de 0.0816, AIC = 5216.7749, BIC = 5255.9392 e LogLikel = -2607.4802. Neste mesmo modelo, foram encontrados resultados significativos da religiosidade na utilização do controle excitatório ($\beta = 0.65250$, SE= 0.1577 , $p < .001$).

6.3.4 Hipótese 4 - Participantes de diferentes grupos religiosos apresentarão diferenças significativas nas experiências de estados afetivos relatados.

Para testar essa hipótese, inicialmente, foram reproduzidos os mesmo passo de Kim-Prieto & Diener (2009), realizando uma MANOVA Análise de variância multivariada realizada para o conjunto dos vinte estados afetivos incluindo como variável entre os grupos categorias amplas de afiliação religiosa e foram encontrados resultados semelhantes (Wilks's $A = 0.82663$, $F(7, 140) = 6076.2$, $p = 0.02093$, $N^2p = 0.03$ [95%CI:[0.03, 1.00], poder de 99,9% para um alfa de 0,05). Entretanto, após analisar as características das variáveis e de não considerar correto aplicar um teste paramétrico para dados coletados no formato ordinais (Pell, 2005; Kaptein, Nass & Markopoulos, 2010), optou-se por o teste Kruskal-Wallis e verificou que existiam diferenças em 3 estados afetivos: 1) Com medo ($\chi^2(7) = 21.1$, $p = 0.004$, $\epsilon^2 = 0.0225$), diferença apenas entre os cristãos (média = 2,30 e sd = 1,24) e não religiosos (média = 1,99, sd = 1,11), com um valor no teste Kruskal-Wallis ($W = - 4.8257$, $p = 0.015$); 2) Inspirado(a) ($\chi^2(7) = 18.5$, $p = 0.010$, $\epsilon^2 = 0.0198$), entretanto, não foram encontradas diferenças entre os grupos nas comparações múltiplas entre duas afiliações religiosas; 3) Determinado(a) ($\chi^2(7) = 19.3$, $p = 0.007$, $\epsilon^2 = 0.0206$) diferença apenas entre os cristãos (média = 2,97 sd= 1,06) e não religiosos (média = 2,71, sd = 1,06) ($W = - 4.59543$, $p = 0.026$)

Não foram encontrados resultados significativos para as diferenças entre os grupos nos seguintes estados afetivos: Interessado(a) ($\chi^2(7) = 10.1$, $p = 0.183$, $\epsilon^2 = 0.0108$), Aflito(a) ($\chi^2(7) = 5.68$, $p = 0.577$, $\epsilon^2 = 0.00606$), Empolgado(a) ($\chi^2(7) = 11.5$, $p = 0.117$, $\epsilon^2 = 0.0123$), Chateado(a) ($\chi^2(7) = 3.53$, $p = 0.832$, $\epsilon^2 = 0.00377$), Forte ($\chi^2(7) = 12.5$, $p = 0.085$, $\epsilon^2 = 0.0133$), Culpado(a) ($\chi^2(7) = 5.80$, $p = 0.563$, $\epsilon^2 = 0.00619$), Agressivo(a) ($\chi^2(7) = 6.94$, $p = 0.435$, $\epsilon^2 = 0.00740$), Entusiasmado(a) ($\chi^2(7) = 13.7$, $p = 0.058$, $\epsilon^2 = 0.0146$), Orgulhoso(a) ($\chi^2(7) = 6.43$, $p = 0.491$, $\epsilon^2 = 0.00685$), Irritável ($\chi^2(7) = 1.81$, $p = 0.970$, $\epsilon^2 = 0.00193$), Alerta ($\chi^2(7) = 5.12$, $p = 0.645$, $\epsilon^2 = 0.0054$), Envergonhado(a) ($\chi^2(7) = 6.13$, $p = 0.525$, $\epsilon^2 = 0.00654$), Nervoso(a) ($\chi^2(7) = 2.39$, $p = 0.935$, $\epsilon^2 = 0.00255$), Atento(a) ($\chi^2(7) = 5.38$, $p = 0.614$, $\epsilon^2 = 0.00573$), Agitado(a) ($\chi^2(7) = 9.67$, $p = 0.208$, $\epsilon^2 = 0.0103$), Ativo(a) ($\chi^2(7) = 7.80$, $p = 0.351$, $\epsilon^2 = 0.00831$), Apavorado(a) ($\chi^2(7) = 11.6$, $p = 0.115$, $\epsilon^2 = 0.0123$).

6.3.5 Hipótese 5 - Participantes de diferentes grupos religiosos apresentarão diferenças significativas na percepção de como os estados afetivos devem ser regulados de acordo com a identidade religiosa.

Semelhante à hipótese anterior, inicialmente foram reproduzidos os mesmo passo de Wilken & Miyamoto (2020), realizando uma MANOVA Análise de variância multivariada realizada para o conjunto dos estados afetivos incluindo como variável entre os grupos categorias amplas de afiliação religiosa e foram encontrados resultados semelhantes (Wilks's $A = 0.70687$, $F(7,140) = 5670.9$, $p < 0.001$, $N^2p = 0.05$ [95%CI:[0.02, 1.00], com um poder calculado a posteriori de 99,9% para um alfa de 0,05). Entretanto, após analisar as características das variáveis e de não considerar correto aplicar um teste paramétrico para dados coletados no formato ordinais (Pell, 2005; Kaptein, Nass & Markopoulos, 2010), optou-se por o teste Kruskal-Wallis e verificou que diferenças significativas em todos os itens de acordo com a identidade religiosa, como pode ser visto com os estados afetivos positivos: Interessado(a) ($\chi^2(7) = 50.6$, $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0577$), diferença existente entre os membros de outros grupos religiosos em comparação com não religiosos ($W = - 4.789$, $p = 0.016$), e cristão e não religiosos ($W = - 8.457$, $p < .001$); Empolgado(a) ($\chi^2(7) = 54.8$ $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0625$), diferença entre membros de outros grupos religiosos e participantes não religiosos ($W = - 6.119$, $p < .001$) e cristão e não religiosos ($W = - 9.154$, $p < .001$); Forte ($\chi^2(7) = 66.0$ $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0752$), diferença entre membros de outros grupos religiosos e participantes não religiosos ($W = - 6.1990$, $p < .001$) e cristãos e não religiosos ($W = -10.6063$, $p < .001$); Entusiasmado(a) ($\chi^2(7) = 62.9$ $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0717$), diferença entre membros de outros grupos religiosos e participantes não religiosos ($W = - 5.9945$, $p < .001$) e cristãos e não religiosos ($W = -10.2593$, $p < .001$); Orgulhoso(a) ($\chi^2(7) = 17.6$ $p = 0.014$, $\epsilon^2 = 0.0201$), diferença apenas entre os cristãos e não religiosos ($W = -4.3730$, $p = 0.042$); Inspirado(a) ($\chi^2(7) = 50.1$ $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0572$), diferença entre membros de outros grupos religiosos e participantes não religiosos ($W = - 6.35123$, $p < .001$) e cristãos e não religiosos ($W = - 8.49651$, $p < .001$); Determinado(a) ($\chi^2(7) = 61.6$ $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0702$), diferença entre os membros de outros grupos religiosos e participantes não religiosos ($W = - 7.2995$, $p < .001$) e cristãos e não religiosos ($W = -9.1827$, $p < .001$); Atento(a) ($\chi^2(7) = 61.3$, $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0699$), diferença membros de outros grupos religiosos e participantes não religiosos ($W = - 7.162$, $p < .001$) e cristãos e não religiosos ($W = -9.207$, $p < .001$); Ativo(a) ($\chi^2(7) = 97.1$, p

< .001 , $\epsilon^2 = 0.111$), diferença entre membros de outros grupos religiosos e participantes não religiosos ($W = - 8.2477$, $p < .001$), cristãos e não religiosos ($W = -12.1375$, $p < .001$) e entre os que são sabem e os não religiosos ($W = - 4.6293$, $p = 0.024$); e o estado afetivo Alerta ($\chi^2(7) = 67.0$ $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0764$), que chamou bastante atenção em função da diferença dos budistas com os demais grupos, existindo diferenças entre membros de outros grupos religiosos e budistas ($W = 5.0541$, $p = .0.008$), entre membros de outros grupos religiosos e não religiosos ($W = -4.8357$, $p = 0.015$), entre budistas e cristãos ($W = -4.9741$, $p = 0.010$), entre budistas e não religiosos ($W = -6.3877$, $< .001$) e entre cristãos e não religiosos ($W = - 8.9461$, $< .001$), a média dos Budistas nesta categoria foi de 3, maior que a média das outras categorias e com um desvio padrão de 0,45, mostrando uma variação menor em comparação com os outros grupos.

A tabela 38 apresenta a comparação das médias entre Cristãos, membros de outros grupos religiosos e não religiosos referente aos estados afetivos positivos de acordo com a percepção sobre como os indivíduos deveriam regular determinado estado afetivo em função da sua identidade religiosa, visto que as principais diferenças foram entre esses grupos.

Tabela 38 - Comparação de afetos positivos entre cristãos, outros grupos religiosos e não religiosos.

Média (DP)	Interessado	Empolgado	Forte	Entusiasmado	Orgulhoso	Inspirado	Alerta	Determinado	Atento	Ativo
Outra Religião	2,30 (0,81)	2,07 (0,88)	2,36 (0,83)	2,17 (0,84)	1,84 (1,01)	2,46 (0,78)	1,61 (1,01)	2,43 (0,71)	2,26 (0,79)	2,29 (0,76)
Cristão	2,35 (0,88)	2,08 (0,93)	2,45 (0,78)	2,23 (0,91)	1,83 (1,01)	2,39 (0,89)	1,73 (0,97)	2,31 (0,90)	2,18 (0,92)	2,28 (0,86)
Não religioso	1,76 (1,24)	1,45 (1,23)	1,71 (1,26)	1,57 (1,20)	1,52 (1,21)	1,78 (1,27)	1,20 (1,10)	1,68 (1,25)	1,52 (1,21)	1,53 (1,18)

Fonte: elaborado pelo autor. Nota: DP = Desvio padrão

Referente aos estados afetivos negativos, foram observados diferenças significantes em cada um dos itens: Aflito(a) ($\chi^2(7) = 36.3$, $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0414$), diferença apenas entre os cristão e não religiosos ($W = - 6.9740$, $p < .001$); Chateado(a) ($\chi^2(7) = 34.9$ $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0399$), diferença apenas entre membros de outros grupos religiosos e participantes não religiosos ($W = - 5.3895$, $p = 0.003$) e cristãos e não religiosos ($W = - 6.9808$, $p < .001$); Culpado(a) ($\chi^2(7) = 30.0$ $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0343$), diferença apenas entre cristão e não religiosos ($W = -5.8902$, $p < .001$) ; Com medo ($\chi^2(7) = 23.0$ $p = 0.002$, $\epsilon^2 = 0.0262$), diferença apenas entre os cristãos e não religiosos ($W = -5.931$, $p < .001$); Agressivo(a) ($\chi^2(7)$

= 14.8 $p = 0.038$, $\epsilon^2 = 0.0169$), entretanto não foram encontradas diferenças entre os grupos nas comparações múltiplas entre duas afiliações religiosos; Irritável ($\chi^2(7) = 26.5$ $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0303$), diferença apenas entre os cristãos e não religiosos ($W = -5.352$, $p = 0.004$); Envergonhado(a) ($\chi^2(7) = 34.6$ $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0395$), diferença apenas entre os cristãos e não religiosos ($W = -7.5005$, $p < .001$); Nervoso(a) ($\chi^2(7) = 24.5$ $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0279$), entretanto não foram encontradas diferenças entre os grupos nas comparações múltiplas entre duas afiliações religiosos; Agitado(a) ($\chi^2(7) = 55.2$, $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0629$), diferença apenas entre membros de outros grupos religiosos e participantes não religiosos ($W = -7.2565$, $p < .001$) e cristãos e não religiosos ($W = -8.2148$, $p < .001$); Apavorado(a) ($\chi^2(7) = 15.4$, $p = 0.031$, $\epsilon^2 = 0.0176$), entretanto não foram encontradas diferenças entre os grupos nas comparações múltiplas entre duas afiliações religiosos.

A tabela 39 apresenta a comparação das médias entre Cristãos, membros de outros grupos religiosos e não religiosos referente aos estados afetivos negativos de acordo com a percepção sobre como os indivíduos deveriam regular determinado estado afetivo em função da sua identidade religiosa.

Tabela 39 - Comparação de afetos negativos entre cristãos, outros grupos religiosos e não religiosos.

Média (DP)	Aflito	Chateado	Culpado	Com medo	Agressivo	Irritável	Envergonhado	Nervoso	Agitado	Apavorado
Outra Religião	0,95 (0,58)	0,88 (0,60)	0,86 (0,52)	0,87 (0,57)	0,79 (0,55)	0,82 (0,54)	0,80 (0,55)	0,84 (0,46)	1,03 (0,69)	0,84 (0,59)
Cristão	0,91 (0,55)	0,82 (0,50)	0,89 (0,64)	0,90 (0,59)	0,77 (0,52)	0,79 (0,48)	0,88 (0,63)	0,82 (0,48)	0,90 (0,58)	0,79 (0,53)
Não religioso	0,72 (0,67)	0,64 (0,61)	0,70 (0,65)	0,73 (0,69)	0,68 (0,64)	0,66 (0,61)	0,64 (0,63)	0,69 (0,60)	0,65 (0,64)	0,69 (0,65)

Fonte: elaborado pelo autor. Nota: DP = Desvio padrão

Também foram analisados as correlações de Spearman entre a frequência dos estados afetivos que participantes afirmaram ter vivenciado na última semana e a forma como eles acreditam que esses estados afetivos deveriam ser regulados de acordo com sua identidade religiosa e verificou-se que a maioria dos resultados deste teste não foram significativos ou, quando foram significativos, podem ser consideradas correlações fracas, conforme visualizado a seguir: Interessado(a) ($r = 0.040$, $p = 0.239$), Aflito(a) ($r = 0.042$, $p = 0.210$), Empolgado(a) ($r = 0.080$, $p = 0.017$), Chateado(a) ($r = 0.044$, $p = 0.190$), Forte ($r = 0.074$, $p = 0.028$), Culpado(a) ($r = 0.027$, $p = 0.429$), Com medo ($r = 0.062$, $p = 0.067$), Agressivo(a) ($r =$

0.064, $p = 0.057$), Entusiasmado(a) ($r = 0.107$, $p = 0.002$), Orgulhoso(a) ($r = 0.105$, $p = 0.002$), Irritável ($r = 0.033$, $p = 0.334$), Alerta ($r = 0.139$, $p < 0.001$), Envergonhado(a) ($r = 0.059$, $p = 0.079$), Inspirado(a) ($r = 0.120$, $p < 0.001$), Nervoso(a) ($r = 0.046$, $p = 0.173$), Determinado ($r = 0.067$, $p = 0.047$), Atento(a) ($r = 0.046$, $p = 0.173$), Agitado(a) ($r = 0.069$, $p = 0.041$), Ativo(a) ($r = 0.017$, $p = 0.609$), Apavorado(a) ($r = 0.057$, $p = 0.091$).

Após refletir um pouco sobre as características das variáveis, trabalhar com qualquer comparação entre grupos seja pela ANOVA ou pelo Kruskal-Wallis pode induzir certos erros, por isso vamos apresentar essa análise utilizando o Qui-Quadrado que faz a associação entre duas variáveis categóricas, porque a escala operacionalizada trabalha com as seguintes opções de resposta: Aumentar, Manter, Diminuir, Não Influenciar. Se transformarmos isso em ordinal como foi feito nos dados acima em que Não influencia é 1 e, diminuir é 2, manter é 3 e aumentar é 4, cometemos muitos erros de interpretação, por exemplo: como diferenciar em termos de ordem entre não influencia e manter. Então, foi aplicado um teste Qui-quadrado para verificar a associação entre cada um dos estados afetivos deveria ser regulado e a identidade religiosa, e quando houve associação, utilizou-se os valores de resíduo ajustado $> 1,96$ e $< -1,96$ para demonstrar quais associações eram mais fortes e diferentes das proporções esperadas, demonstrando uma certa direção do efeito. Pois os resíduos ajustados são as diferenças entre o resultado previsto e o encontrado, e quando o valor encontrado é positivo significa que ele é maior que o esperado e o negativo significa que é menor que o esperado.

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Interesse” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas ($\chi^2 105$, $gl = 32$, $p < .001$). Houve associação entre a categoria outra religião e manter esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,74), outra religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-3,39), entre Budismo e aumentar esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,09), entre Cristãos e aumentar esse estado afetivo (resíduo ajustado=3,35), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-5,42), e Não religiosos e aumentar (resíduo ajustado=-4,34), manter (resíduo ajustado=-2,67) e não influenciar (resíduo ajustado=8,27). É interessante notar que os não religiosos tiveram uma grande associação com a percepção de que o estado afetivo interesse não deveria ser influenciado.

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Empolgado(a)” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas (χ^2 101, gl = 21, $p < .001$). Houve associação entre a categoria outra religião e manter esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,85), outra religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-3,68), entre Budismo e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,60), entre Cristãos e aumentar esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,80), entre Cristãos e manter esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,93), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-6,19), entre Islamismo e manter esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,33), e Não religiosos e aumentar (resíduo ajustado=-3,12), manter (resíduo ajustado=-4,79) e não influenciar (resíduo ajustado=8,99). É interessante notar que os não religiosos tiveram uma grande associação com a percepção de que para esse grupo o estado afetivo “Empolgado(a)” não deveria ser influenciado. Outro aspecto interessante de notar, é que este estado afetivo deveria ser diminuído para os budistas, lembrando os resultados achados por Tsai (2007) que demonstra que budistas não valorizam estados afetivos de alta excitação como é o caso da empolgação.

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Forte” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas (χ^2 97,80, gl = 21, $p < .001$). Houve associação entre a categoria outra religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-3,48), entre Cristãos e aumentar esse estado afetivo (resíduo ajustado=4,57), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-7,06), e Não religiosos e aumentar (resíduo ajustado=-5,43), manter (resíduo ajustado=-2,39) e não influenciar (resíduo ajustado=9,52).

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Entusiasmado(a)” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas (χ^2 90,5, gl = 21, $p < .001$). Houve associação entre a categoria outra religião e manter esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,58), outra religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-3,50), entre Cristãos e aumentar esse estado afetivo (resíduo ajustado=4,82), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-5,93), entre não sei e diminuir esse estado

afetivo (resíduo ajustado=2,43), e Não religiosos e aumentar (resíduo ajustado=-4,96), manter (resíduo ajustado=-2,18) e não influenciar (resíduo ajustado=8,29).

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Orgulhoso(a)” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas (χ^2 92,3, gl = 21, p < .001). Houve associação entre a categoria outra religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-2,50), entre Budismo e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=4,56), entre Cristãos e aumentar esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,80), entre Cristãos e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=3,91), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-4,91), e Não religiosos e diminuir (resíduo ajustado=-5,29) e não influenciar (resíduo ajustado=6,42).

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Inspirado(a)” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas (χ^2 86,4, gl = 21, p < .001). Houve associação entre a categoria outra religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-3,72), entre Cristãos e aumentar esse estado afetivo (resíduo ajustado=3,55), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-5,56), entre Judeus e manter esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,16), e Não religiosos e aumentar (resíduo ajustado=-4,74), manter (resíduo ajustado=-2,52) e não influenciar (resíduo ajustado=8,61).

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Alerta” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas (χ^2 95,59, gl = 21, p < .001). Houve associação entre a categoria outra religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-2,17), entre Budismo e aumentar esse estado afetivo (resíduo ajustado=4,61), entre Budismo e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-2,20), entre Cristãos e aumentar esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,23), entre Cristãos e manter esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,37), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-5,70), e Não religiosos e aumentar (resíduo ajustado=-4,16), manter (resíduo ajustado=-2,65), diminuir (resíduo ajustado=-1,99) e não influenciar (resíduo ajustado=7,87).

Talvez, esse estado de alerta nos budistas tenha relação com o foco da meditação e nos participantes cristãos com a filosofia do vigiar.

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Determinado(a)” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas (χ^2 94,4, gl = 21, $p < .001$). Houve associação entre a categoria outra religião e aumentar esse estado afetivo (resíduo ajustado=1,97), outra religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-4,40), entre Cristãos e aumentar esse estado afetivo (resíduo ajustado=3,61), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-5,70), e Não religiosos e aumentar (resíduo ajustado=-5,13), manter (resíduo ajustado=-2,19) e não influenciar (resíduo ajustado=9,21).

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Atento(a)” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se existem associações significativas (χ^2 89,4, gl = 21, $p < .001$). Houve associação entre a categoria outra religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-4,24), entre Cristãos e aumentar esse estado afetivo (resíduo ajustado=3,39), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-5,36), e Não religiosos e aumentar (resíduo ajustado=-4,60), manter (resíduo ajustado=-3,00) e não influenciar (resíduo ajustado=8,88).

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Ativo(a)” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas (χ^2 120, gl = 21, $p < .001$). Houve associação entre a categoria outra religião e manter esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,00), outra religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-4,10), entre Cristãos e aumentar esse estado afetivo (resíduo ajustado=5,48), entre Cristãos e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,11), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-6,67), entre a categoria não sei e aumentar esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,17), e Não religiosos e aumentar (resíduo ajustado=-7,30) e não influenciar (resíduo ajustado=9,66).

Após verificar a associação entre identidade religiosa e como cada um dos estados afetivos deveriam ser regulados de acordo com a identidade religiosa, foi realizado o somatório das respostas fornecidas pelos participantes para cada um dos estados afetivos e

agrupados na seguintes dimensões aumentar, manter, diminuir e não influenciar, gerando assim o somatório do número de vezes que os participantes responderam as dimensões listadas acima. Na sequência foi realizado uma ANOVA para o somatório de cada respostas nas dimensões para verificar se há diferenças entre os grupos (identidade religiosas) na frequência de vezes em que os participantes selecionaram aumentar, manter, diminuir ou não influenciar, para cada um dos estados afetivos positivos listados acima.

O primeiro resultado dessa análise foi realizado para verificar se determinadas afiliações religiosas, em média, selecionaram mais a opção “aumentar esse estado afetivo” para todos os termos referente aos afetos positivos. Antes de aplicar o teste ANOVA, foram realizados os teste de normalidade e homogeneidade de variâncias e verificou-se que o critério de homogeneidade no teste de Levene foi atendido ($t(7) = 0.791$, $p = 0.595$), mas o pressuposto de normalidade não foi atingido no Shapiro-Wilk, ($W = 0.924$, $p < 0.001$), optou-se por usar o teste Kruskal-Wallis e verificou que diferenças significativas de acordo com a identidade religiosa ($\chi^2(7) = 49.7$, $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0568$). Foram encontradas diferenças entre os grupos nas comparações múltiplas entre outra religião e não religiosos ($W = -4.9128$, $p = 0.012$), entre cristão e não religiosos ($W = -9.1441$, $p < 0.001$). Como pode ser observado nos resultados específicos, os cristãos e indivíduos que se definem como integrantes de outras religiões tendem a ser encorajados pela sua percepção de identidade religiosa, que pessoas que fazem parte desse grupo devem aumentar a frequência de estados afetivos positivos.

Foi realizada uma análise para verificar se determinadas afiliações religiosas, em média, selecionaram mais a opção “manter esse estado afetivo” para a lista de afetos positivos. Antes de aplicar o teste ANOVA, foram realizados os teste de normalidade e homogeneidade de variâncias e verificou-se que o critério de homogeneidade no teste de Levene foi atendido ($t(7) = 1.09$, $p = 0.369$), mas o pressuposto de normalidade não foi atingido no Shapiro-Wilk, ($W = 0.405$, $p < 0.001$), optou-se por usar o teste Kruskal-Wallis e verificou que diferenças significativas de acordo com a identidade religiosa ($\chi^2(7) = 26.6$, $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0303$). Entretanto, não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos nas comparações múltiplas entre as afiliações religiosas.

Foi realizada uma análise para verificar se determinadas afiliações religiosas, em média, selecionaram mais a opção “diminuir esse estado afetivo” para a lista de afetos

positivos. Antes de aplicar o teste ANOVA, foram realizados os teste de normalidade e homogeneidade de variâncias e verificou-se que os critérios de homogeneidade no teste de Levene ($t(7) = 2.24$, $p = 0.029$) e de normalidade no Shapiro-Wilk, ($W = 0.548$, $p < 0.001$) não foram atingidos, optou-se por usar o teste Kruskal-Wallis e verificou que diferenças significativas de acordo com a identidade religiosa ($\chi^2(7) = 27.3$, $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0311$). Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos nas comparações múltiplas apenas entre cristão e não religiosos ($W = -6.140$, $p < 0.001$).

Foi realizada uma análise para verificar se determinadas afiliações religiosas, em média, selecionaram mais a opção “não influenciar esse estado afetivo” para a lista de afetos positivos. Antes de aplicar o teste ANOVA, foram realizados os teste de normalidade e homogeneidade de variâncias e verificou-se que os critérios de homogeneidade no teste de Levene ($t(7) = 55.2$, $p < 0.001$) e de normalidade no Shapiro-Wilk, ($W = 0.820$, $p < 0.001$) não foram atingidos, optou-se por usar o teste Kruskal-Wallis e verificou que diferenças significativas de acordo com a identidade religiosa ($\chi^2(7) = 83.4$, $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0952$). Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos nas comparações múltiplas apenas entre outra religião e não religiosos ($W = 8.0436$, $p < 0.001$), entre cristão e não religiosos ($W = 10.9905$, $p < 0.001$). Como pode ser observado nos resultados específicos, os não religiosos tendem a ser sugestionados pela sua percepção de identidade não religiosa, que pessoas que fazem parte desse grupo não são ou não precisam ser encorajadas a influenciar suas emoções positivas como reflexo de certas expectativas sociais referente ao grupo de autoidentificação. A tabela 40 apresenta a média da quantidade de vezes que cada opção sobre como regular os estados afetivos positivos foram escolhidas pelos participantes, para facilitar o entendimento das associações entre as afiliações religiosas e a ação percebida como encorajada pela identidade religiosa.

Tabela 40 - Média da quantidade de vezes que cada opção sobre como regular os estados afetivos positivos foram escolhidas pelos participantes.

Religião	Aumentar		Manter		Diminuir		Não Influenciar	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Outra religião	4,04	3,28	4,60	3,10	0,47	1,07	0,89	1,96
Budista	4,42	3,18	3,92	2,64	0,67	0,78	1,00	2,37
Cristão	4,38	3,17	4,09	3,03	0,50	0,86	1,04	2,26
Hindu	9,00	-	0,00	-	0,00	-	1,00	-

Não sei	4,58	3,64	3,74	3,03	0,47	0,96	1,21	2,49
Islam	3,86	3,24	5,86	3,63	0,00	0,00	0,29	0,76
Judeus	3,50	3,54	5,50	4,95	0,00	0,00	1,00	1,41
Não religioso	2,89	3,20	3,39	3,38	0,32	0,90	3,40	4,13
Total geral	3,57	3,28	3,79	3,25	0,40	0,91	2,24	3,54

Fonte: elaborado pelo autor. Nota: DP = Desvio padrão

Também foram realizadas correlações de Spearman entre a quantidade de vezes que os participantes marcaram um dos quatro comportamentos que descrevem como os estados afetivos positivos devem ser regulados de acordo com a identidade religiosa e a frequência de afetos positivos e negativos obtidos nas respostas do PANAS e verificou-se que a maioria dos resultados foram significativos, porém as correlações podem ser consideradas fracas. A tabela 41 mostra os resultados dessa correlação.

Tabela 41 - Matriz de Correlações sobre o ensino religioso para estados afetivos positivos e dimensões do PANAS.

		PANAS Positivo	PANAS Negativo
Aumentar	Rho de Spearman	0.075	0.113
	p-valor	0.027	< .001
Manter	Rho de Spearman	0.081	-0.108
	p-valor	0.017	0.001
Diminuir	Rho de Spearman	0.008	0.013
	p-valor	0.816	0.694
Não influenciar	Rho de Spearman	-0.110	-0.037
	p-valor	0.001	0.270

Fonte: Extraído do JAMOVI elaborado pelo autor.

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Aflito(a)” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas (χ^2 56,7, gl = 21, p < .001). Houve associação entre a categoria outra religião e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,30), outra religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-2,84), entre Budismo e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=1,97), entre Cristãos e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=4,53), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-4,69), entre a categoria Islam e diminuir esse estado afetivo

(resíduo ajustado=1,96), e Não religiosos e diminuir (resíduo ajustado=-6,63) e não influenciar (resíduo ajustado=6,75).

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Chateado” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas (χ^2 55,1, gl = 21, p < .001). Houve associação entre a categoria outra religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-2,36), entre Cristãos e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=5,08), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-4,63) e Não religiosos e diminuir (resíduo ajustado=-6,71) e não influenciar (resíduo ajustado=6,62).

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Culpado(a)” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas (χ^2 42, gl = 21, p =0.004). Houve associação entre a categoria outra religião e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,85), outra religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-2,53), entre Budismo e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,19), entre Cristãos e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=1,94), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-3,15), entre a categoria judaísmo e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,10), e Não religiosos e diminuir (resíduo ajustado=-4,07) e não influenciar (resíduo ajustado=4,98).

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Com medo” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas (χ^2 61,2, gl = 21, p < .001). Houve associação entre a categoria outra religião e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,59), outra religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-2,11), entre Budismo e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,06), entre Cristãos e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=3,57), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-3,97), entre a categoria judaísmo e aumentar esse estado afetivo (resíduo ajustado=4,01), e Não religiosos e diminuir (resíduo ajustado=-5,57) e não influenciar (resíduo ajustado=5,63).

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Agressivo” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas (χ^2 34,1, gl = 21, p = 0.035). Houve associação entre a categoria Budismo e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,18), entre Cristãos e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=3,64), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-2,89), e Não religiosos e diminuir (resíduo ajustado=-5,19) e não influenciar (resíduo ajustado=4,47).

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Irritável” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas (χ^2 48,6, gl = 21, p < .001). Houve associação entre a categoria Budismo e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=1,98), entre Cristãos e manter esse estado afetivo (resíduo ajustado=-2,34), entre Cristãos e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=4,43), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-3,60), entre a categoria Não sei e manter esse estado afetivo (resíduo ajustado=1,90), entre a categoria Não sei e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-1,99), e Não religiosos e diminuir (resíduo ajustado=-6,13) e não influenciar (resíduo ajustado=5,61).

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Envergonhado” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas (χ^2 49,6, gl = 21, p < .001). Houve associação entre a categoria outra religião e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=1,91), entre Budistas e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-1,93), entre Cristãos e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=3,12), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-4,41), entre a categoria judaísmo e manter esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,39), e Não religiosos e diminuir (resíduo ajustado=-4,49) e não influenciar (resíduo ajustado=5,69).

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Nervoso(a)” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se existem associações significativas (χ^2 44,4, gl = 21, p = 0.002). Houve associação entre a categoria outra religião e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,26), outra

religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-2,29), entre Cristãos e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=3,93), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-3,37), e Não religiosos e diminuir (resíduo ajustado=-6,22) e não influenciar (resíduo ajustado=5,65).

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Agitado(a)” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se que existem associações significativas (χ^2 81,6, gl = 21, p < .001). Houve associação entre a categoria outra religião e aumentar esse estado afetivo (resíduo ajustado=3,42), outra religião e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,23), outra religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-3,50), entre budistas e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,27), entre Cristãos e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=4,47), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-4,85), e Não religiosos e diminuir (resíduo ajustado=-6,51) e não influenciar (resíduo ajustado=7,79).

Referente a como os participantes visualizam a influência da identidade religiosa sobre como o estado afetivo “Apavorado” deveria ser regulado, foi realizado o teste qui-quadrado e verificou-se existem associações significativas (χ^2 36,4, gl = 21, p = 0 .020). Houve associação entre a categoria outra religião e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,11), outra religião e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-2,12), entre Budismo e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,10), entre Cristãos e diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=3,28), entre Cristãos e não influenciar esse estado afetivo (resíduo ajustado=-2,73), e Não religiosos e manter (resíduo ajustado=2,03), diminuir (resíduo ajustado=-5,46) e não influenciar (resíduo ajustado=4,68).

Após verificar a associação entre identidade religiosa e como cada um dos estados afetivos negativos deveriam ser regulados de acordo com a identidade religiosa, foi realizado o somatório das respostas fornecidas pelos participantes para cada um dos estados afetivos e agrupados na seguintes dimensões aumentar, manter, diminuir e não influenciar, gerando assim o somatório do número de vezes que os participantes responderam as dimensões listadas acima. Na sequência foi realizado uma ANOVA para o somatório de cada respostas nas dimensões para verificar se há diferenças entre os grupos (identidade religiosas) na

frequência de vezes em que os participantes selecionaram aumentar, manter, diminuir ou não influenciar, para cada um dos estados afetivos negativos listados acima.

O primeiro resultado dessa análise foi realizado para verificar se determinadas afiliações religiosas, em média, selecionaram mais a opção “aumentar esse estado afetivo” para todos os termos referente aos afetos negativos. Antes de aplicar o teste ANOVA, foram realizados os teste de normalidade e homogeneidade de variâncias e verificou-se que o critério de homogeneidade no teste de Levene foi atendido ($t(7) = 0.858$, $p = 0.539$), mas o pressuposto de normalidade não foi atingido no Shapiro-Wilk, ($W = 0.215$, $p < 0.001$), optou-se por usar o teste Kruskal-Wallis e verificou que não houve diferenças significativas de acordo com a identidade religiosa ($\chi^2(7) = 9.56$, $p = 0.215$, $\epsilon^2 = 0.0109$). Também foi realizada uma análise para verificar se determinadas afiliações religiosas, em média, selecionaram mais a opção “manter esse estado afetivo” para a lista de afetos negativos. Antes de aplicar o teste ANOVA, foram realizados os teste de normalidade e homogeneidade de variâncias e verificou-se que o critério de homogeneidade no teste de Levene ($t(7) = 2.07$, $p = 0.009$) e o pressuposto de normalidade no Shapiro-Wilk, ($W = 0.921$, $p < 0.001$) também não foram atendidos, optou-se por usar o teste Kruskal-Wallis e não foram identificadas diferenças significativas de acordo com a identidade religiosa ($\chi^2(7) = 3.36$, $p = 0.849$, $\epsilon^2 = 0.00384$).

Foi realizada uma análise para verificar se determinadas afiliações religiosas, em média, selecionaram mais a opção “diminuir esse estado afetivo” para a lista de afetos negativos. Antes de aplicar o teste ANOVA, foram realizados os teste de normalidade e homogeneidade de variâncias e verificou-se que os critérios de homogeneidade no teste de Levene ($t(7) = 12.8$, $p < 0.001$) e de normalidade no Shapiro-Wilk, ($W = 0.879$, $p < 0.001$) não foram atingidos, optou-se por usar o teste Kruskal-Wallis e verificou diferenças significativas de acordo com a identidade religiosa ($\chi^2(7) = 49,0$, $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0559$). Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos nas comparações múltiplas entre não religiosos e cristão ($W = -7.937$, $p < 0.001$), budistas ($W = -4.669$, $p = 0.022$) e outras religião ($W = -4.669$, $p = 0.022$).

Foi realizada uma análise para verificar se determinadas afiliações religiosas, em média, selecionaram mais a opção “não influenciar esse estado afetivo” para a lista de afetos

negativos. Antes de aplicar o teste ANOVA, foram realizados os teste de normalidade e homogeneidade de variâncias e verificou-se que os critérios de homogeneidade no teste de Levene ($t(7) = 15.8$, $p < 0.001$) e de normalidade no Shapiro-Wilk, ($W = 0.846$, $p < 0.001$) não foram atingidos, optou-se por usar o teste Kruskal-Wallis e verificou que diferenças significativas de acordo com a identidade religiosa ($\chi^2(7) = 45.9$, $p < .001$, $\epsilon^2 = 0.0524$). Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos nas comparações múltiplas entre não religiosos e cristão ($W = 7.712$, $p < 0.001$), budistas ($W = 4.070$, $p = 0.022$) e outras religião ($W = 5.689$, $p = 0.022$). Como pode ser observado nos resultados específicos, os não religiosos tendem a ser sugestionados pela sua percepção de identidade não religiosa, que pessoas que fazem parte desse grupo não são ou não precisam ser encorajadas a influenciar suas emoções positivas como reflexo de certas expectativas sociais referente ao grupo de autoidentificação. A tabela 42 apresenta a média da quantidade de vezes que cada opção sobre como regular os estados afetivos negativos foram escolhidas pelos participantes, para facilitar o entendimento das associações entre as afiliações religiosas e a ação percebida como encorajada pela identidade religiosa.

Tabela 42 - Média da quantidade de vezes que cada opção sobre como regular os estados afetivos negativos foram escolhidas pelos participantes.

Religião	Aumentar		Manter		Diminuir		Não Influenciar	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Outra religião	0,19	0,84	0,48	1,53	7,16	3,55	2,17	3,25
Budista	0,00	0,00	0,08	0,29	9,00	2,86	0,92	2,87
Cristão	0,15	0,71	0,45	1,22	7,14	3,45	2,26	3,25
Hindu	-	-	-	-	9,00	-	1,00	-
Não sei	0,00	0,00	0,74	1,79	7,00	3,54	2,26	3,25
Islam	0,14	0,38	0,14	0,38	8,00	3,27	1,71	3,40
Judeus	0,50	0,71	0,50	0,71	4,00	4,24	5,00	5,66
Não religioso	0,16	0,85	0,49	1,47	5,33	4,20	4,02	4,21
Total geral	0,15	0,78	0,47	1,39	6,23	3,97	3,14	3,88

Fonte: elaborado pelo autor

Também foram realizadas correlações de Spearman entre a quantidade de vezes que marcaram um dos quatro comportamentos que descrevem como os estados afetivos negativos devem ser regulados de acordo com a identidade religiosa e a frequência de afetos positivos e negativos obtidos nas respostas do PANAS e verificou-se que a maioria dos resultados foram

significativos, porém as correlações podem ser consideradas fracas. A tabela 43 mostra os resultados dessa correlação.

Tabela 43 - Matriz de correlações sobre p ensino religioso para afetos negativos e dimensões do PANAS.

		PANAS Positivo	PANAS negativo
Aumentar	Rho de Spearman	0.055	0.034
	p-valor	0.105	0.308
Manter	Rho de Spearman	0.002	0.087
	p-valor	0.951	0.010
Diminuir	Rho de Spearman	0.058	0.015
	p-valor	0.086	0.663
Não influenciar	Rho de Spearman	-0.066	-0.044
	p-valor	0.050	0.190

Fonte: Extraído do JAMOVI elaborado pelo autor.

Podemos interpretar esses resultados da seguinte forma, os indivíduos não religiosos tendem a julgar que a identidade não religiosa estimula a não influenciarem seus estados afetivos positivos ou negativos como reflexo de certas expectativas sociais referente ao grupo de auto identificação (não religioso), em contraste indivíduos que se identificam com a categoria outra religião ou cristãos julgam que sua identidade religiosa encoraja de certo modo a aumentar estados afetivos positivos e desencoraja estados afetivos negativos. Também é interessante observar especificidades de determinados grupos religiosos como os budistas que tiveram uma maior associação no teste do qui-quadrado no estado afetivo positivo empolgação e comportamento de diminuir esse estado afetivo (resíduo ajustado=2,60), essa associação não foi vista nas outras afiliações religiosas, mostrando congruências com os achados de Tsai (2007) que demonstram que budistas tendem a não valorizar estados afetivos de alta excitação, como é o caso do empolgação. E cristãos mostraram associações ambivalentes com estado positivo Orgulhoso(a), em que este estado afetivo foi tanto associado com o aumentar (resíduo ajustado=2,80), como com o diminuir (resíduo ajustado=3,91). Numa perspectiva mais ampla, nossos resultados se assemelham aos propostos por Wilken & Miyamoto (2020) referente ao fato que existem diferentes visões sobre como regular cada um dos estados afetivos e que essas visões podem ser agrupadas por identidades religiosas. Entretanto, a direção do efeito encontrado para cada um dos estados afetivos e dos comportamentos regulatórios se mostrou diferente. Essa hipótese deve ser

avaliada com um grande ceticismo visto que há inúmeras limitações referentes a amostras, instrumentos e métodos de análise para tirar conclusões mais precisas. Pois acredito que esses resultados estão um pouco enviesados em função de vieses metodológicos.

6.3.6.1 Hipótese 6.1 - A estratégia de regulação emocional, reavaliação cognitiva, e os estados afetivos exercerão um efeito mediador na relação entre religiosidade e satisfação com a vida.

Para testar essa hipótese foi realizada uma modelagem de equações estruturais, com um estimador ML e otimizador NLMINB para 12 parâmetros. Foram utilizados os seguintes critérios de ajuste para avaliar o modelo: qui-quadrado, a razão entre o qui-quadrado e os graus de liberdade; Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA); Standard root-mean-square residual (SRMR); Comparative Fit index (CFI); e Tucker--Lewis Index (TLI). Também se recomenda a utilização do Critério de informação de Akaike (AIC) e o Critério Bayesiano de Schwarz (BIC). De acordo com Hu & Bentler (1999), os valores de referência para a razão entre o qui-quadrado e os graus de liberdade devem ser menores que 3; valores do CFI e TLI são considerados excelentes acima de 0,95, mas podem ser aceitos acima dos 0,9; O RMSEA deve ser menor que 0,06 e o SRMR menor que 0,08. Na comparação de modelos utilizando o BIC, considera-se melhor quanto menor for o valor do índice encontrado (Kline 2005). Os resultados do que qui-quadrado foram significativos, (χ^2 26.507, gl = 2, p = 0.000). A razão entre o quadrado e os graus de liberdade foi de 13,253. A tabela 44 apresenta os dados referentes às Medidas de Ajustamento do Modelo. Apesar dos resultados da razão do qui-quadrado, o modelo apresentou bons índices de ajustamento.

Tabela 44 - Índices de ajustamento do modelo (H6.1).

CFI	TLI	SRMR	RMSEA	IC 90% RMSEA		AIC	BIC
				Lim. Inferior	Lim. Superior		
0.953	0.765	0.037	0.115	0.079	0.156	23673	23731

Fonte: elaborado pelo autor

O R quadrado, que pode ser entendido como a porcentagem da variação da variável resposta que é explicada por um modelo, e o valor obtido em cada uma das variáveis foi de *swls_score* ($R^2 = 0.240$), *panas_pa* ($R^2 = 0.168$), *panas_na* ($R^2 = 0.045$) e *ress_reapprasl* ($R^2 = 0.012$). A tabela 45 apresenta cada um das variáveis do modelo, incluindo o valor do coeficiente (*Estimate*), erro padrão (*Std.Err*), z-value, nível de significância ($P(>|z|)$) e o coeficiente padronizado (*Std.all*).

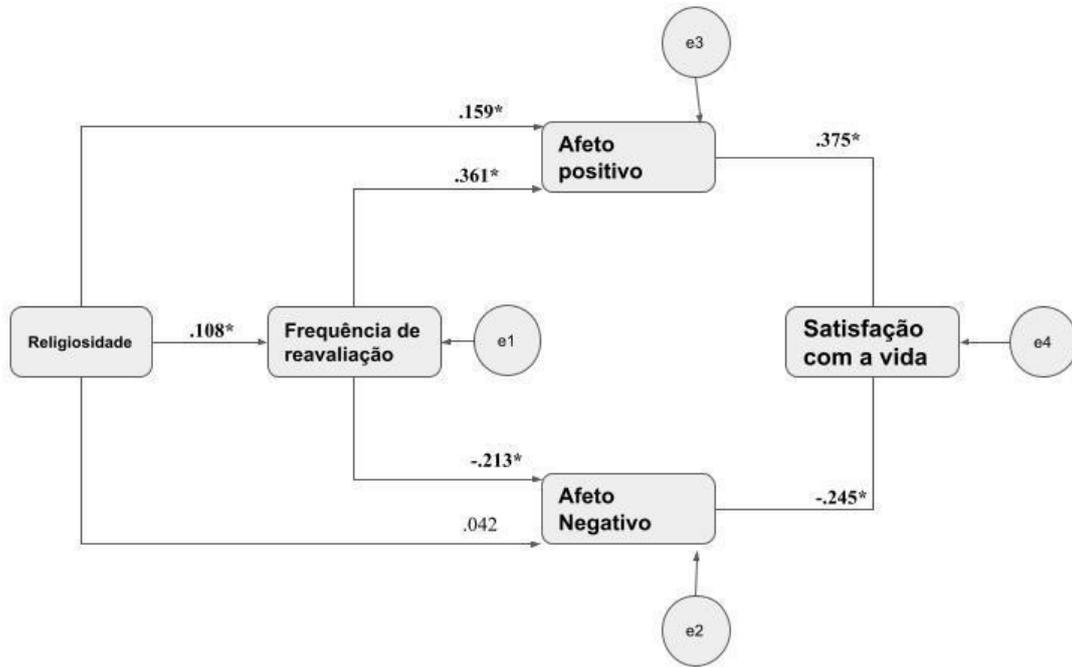
Tabela 45 - Variáveis do modelo (H6.1).

Regressions:	Estimate	Std.Err	z-value	P(> z)	Std.all
swls_score ~					
<i>panas_pa</i>	0.391	0.031	12.807	0.000	0.375
<i>panas_na</i>	-0.235	0.028	-8.346	0.000	-0.245
panas_pa ~					
<i>crs_score</i>	0.853	0.161	5.284	0.000	0.159
<i>ress_reapprasl</i>	0.649	0.054	12.001	0.000	0.361
panas_na ~					
<i>crs_score</i>	0.244	0.188	1.302	0.193	0.042
<i>ress_reapprasl</i>	-0.415	0.063	-6.598	0.000	-0.213
ress_reappraisal ~					
<i>crs_score</i>	0.322	0.097	3.310	0.001	0.108
Covariances:					
<i>panas_pa ~~ panas_na</i>	-7.736	1.590	-4.866	0.000	-0.162

Fonte: Extraído do R elaborado pelo autor

Como pode ser observado no modelo, a religiosidade parece afetar a frequência de reavaliação cognitiva e os afetos positivos, que por consequência afetam os afetos negativos e positivos e que sequencialmente afetam a satisfação com a vida. Esse modelo pode ajudar a explicar porque como a religiosidade afeta a satisfação com a vida. Também foi realizado um cálculo de poder a posteriori e foi encontrado de 97,5% de um poder, calculado com um alfa no valor de 0,05. A figura 18. representa visualmente o relacionamento entre as variáveis e os tamanhos de efeito.

Figura 18 - Diagrama representativo da relação estrutural entre as principais variáveis da H6.1, com path-coeficientes.



Fonte: elaborado pelo autor.

6.3.6.2 Hipótese 6.2 - A estratégia de regulação emocional, supressão expressiva e os estados afetivos exercerão um efeito mediador na relação entre religiosidade e satisfação com a vida.

Para testar essa hipótese foi realizada uma modelagem de equações estruturais, com um estimador ML e otimizador NLMINB para 12 parâmetros. Os resultados do qui-quadrado foram significativos, (χ^2 36.791, gl = 2, p = 0.000). A razão entre o quadrado e os graus de liberdade foi de 18,395. A tabela 46 apresenta os dados referentes às medidas de ajustamento do modelo. O modelo apresentou bons índices de ajustamento.

Tabela 46 - Índices de ajustamento do modelo (H6.2)

CFI	TLI	SRMR	RMSEA	IC 90% RMSEA		AIC	BIC
				Lim. Inferior	Lim. Superior		
0.917	0.587	0.044	0.137	0.100	0.177	23716.016	23774.012

fonte: elaborado pelo autor

O R quadrado de cada uma das variáveis foi de swls_score ($R^2 = 0.240$), panas_pa ($R^2 = 0.051$), panas_na ($R^2 = 0.052$) e ress_suppresin ($R^2 = 0.001$). A tabela 47 apresenta cada um das variáveis do modelo, incluindo o valor do coeficiente (*Estimate*), erro padrão (Std.Err), z-value, nível de significância ($P(>|z|)$) e o coeficiente padronizado (Std.all).

Tabela 47 - Variáveis do modelo H6.2.

Regressions:	Estimate	Std.Err	z-value	P(> z)	Std.all
swls_score ~					
panas_pa	0.391	0.031	12.807	0.000	0.375
panas_na	-0.235	0.028	-8.346	0.000	-0.245
panas_pa ~					
crs_score	1.043	0.172	6.082	0.000	0.195
ress_suppresion	-0.204	0.060	-3.430	0.001	-0.110
panas_na ~					
crs_score	0.154	0.186	0.828	0.408	0.026
ress_suppresion	0.460	0.065	7.118	0.000	0.228
ress_suppresion~					
crs_score	-0.094	0.094	-1.000	0.317	-0.033
Covariances:					
panas_pa ~~ panas_na	-10.478	1.705	-6.144	0.000	-0.206

Fonte: elaborado pelo autor

Esse modelo não explica muito bem a influência da religiosidade na satisfação com a vida, visto que o efeito da religiosidade na supressão expressiva não foi significativo ($\beta = -0.094$, $SE = -0.033$, $p = 0.317$), divergindo dos achados de Vishkin et al. (2019).

6.3.7.1 Hipótese 7.1 - Participantes que afirmam não ter mudado sua identidade religiosa relatarão ter mais estados afetivos positivos do que negativos em comparação com os participantes que afirmam ter mudado sua identidade religiosa.

Para testar essa hipótese, foi realizado um teste T para amostras independentes utilizando o somatório dos estados afetivos positivos como variável dependente e a pergunta sobre a mudança de afiliação religiosa como variável independente. Foi realizado teste o Shapiro-Wilk, para verificar a normalidade das amostras e o valor de p não foi significativo, $W = 0.898$, $p < 0.001$, o que sugere que precisamos utilizar um teste não paramétrico, por isso foi utilizado o T de Welch. o. A hipótese de que existe diferença entre as médias de estados

afetivos positivos de quem mudou de identidade religiosa em comparação com que não mudou de identidade religiosa foi confirmada, (T de Welch = 3.29, GL = 5.68, P = 0.001, CI: 0.645 - 2.561, poder a posteriori de 87%) com um tamanho de efeito de D = 0.223, a média de quem afirmou não ter mudado de religião foi de 20,3 (sd=6,59) e de quem mudou foi de 18,7 (7,13), demonstrando que a média de afetos positivos reportando de quem não mudou é maior do que a média de quem afirmou ter mudado de identidade religiosa. Também foi realizado o mesmo teste para os estados afetivos negativos, entretanto não foram encontrados resultados significante estatisticamente (T de Welch = -1.63, GL = 5.67, P = 0.104, CI: -1.930 - 0.180) . A tabela 48 apresenta as estatísticas descritivas.

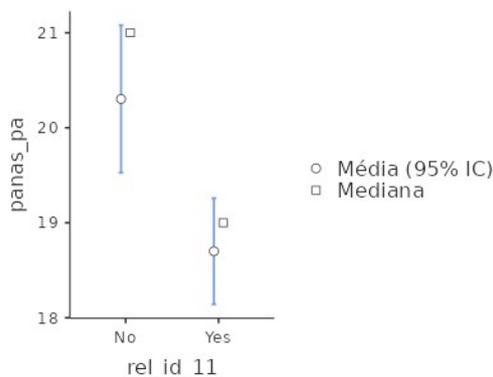
Tabela 48 - Estatísticas Descritivas de Grupo (mudou de identidade religiosa) H7.1.

	Grupo	N	Média	Mediana	Desvio-padrão	Erro-padrão
PANAS						
Positivo	NÃO	277	20.3	21.0	6.59	0.396
	SIM	627	18.7	19.0	7.13	0.285
PANAS						
Negativo	NÃO	277	11.9	11.0	7.26	0.436
	SIM	627	15.9	16.0	7.40	0.295

Fonte: Extraído do JAMOVI elaborado pelo autor

Essa diferença fica mais evidente quando observado o intervalo da figura 19 que apresenta os intervalos de confiança, incluindo a média, mediana e o desvio padrão em relação aos afetos positivos.

Figura 19 - Gráfico das diferenças de médias, mediana e intervalo de confiança e mudança de identidade religiosa nos afetos positivos.



Fonte: Extraído do JAMOVI. Nota: Rel_id11 é a pergunta referente a mudança de identidade.

Aplicação do Teste de Equivalência (TOSTER) com um intervalo entre -0.3 e 0.3, não foi significativo para afirmar a ausência de um efeito da mudança de identidade religiosa na frequência de afetos negativos reportados ($t(567) = -1.63$, $p = 104$, CI: -0,0397 - 0,0397).

6.3.7.2 Hipótese 7.2 - Participantes que afirmam não ter mudado de identidade religiosa relatarão maior satisfação com a vida em comparação com os participantes que afirmam ter mudado de identidade religiosa.

Para testar essa hipótese, foi realizado um teste T para amostras independentes utilizando o somatório das respostas na escala de satisfação com vida como variável dependente e a pergunta sobre a mudança de afiliação religiosa como variável independente. Foi realizado teste o Shapiro-Wilk, para verificar a normalidade das amostras e o valor de p não foi significativo, $W = 0.977$, $p < 0.001$, o que sugere que precisamos utilizar um teste não paramétrico, por isso foi utilizado o T de Welch. A hipótese de que existe diferença entre as médias na satisfação com a vida entre quem mudou de identidade religiosa em comparação com quem não mudou de identidade religiosa foi confirmada, (T de Welch = 3.81, GL = 5.63, $P = 0.001$, CI: 0.940 - 2.940, poder de 96,3 e alfa de 0,05) com um tamanho de efeito de $D = 0.271$, média de quem mudou de identidade religiosa foi de 15,9 (SD = 16) e de quem não mudou 17.8 (SD = 18). As duas hipóteses sobre a mudança da identidade religiosa, mostra que mudar pode ter um impacto negativo em medidas de bem-estar subjetivo como afeto positivo e satisfação com a vida.

6.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esse estudo apresentou várias conclusões que afetam a relação entre religiosidade e satisfação com a vida. De modo semelhante a metanálise realizada por Yaden et al. (2022) ($r = 0,18$, $p < 0,01$), nosso estudo encontrou uma relação entre religiosidade e satisfação com a vida com um tamanho de efeito positivo ($r = 0.214$, $p < 0.001$). Neste sentido, cada uma das hipóteses testadas procuraram avaliar como a religiosidade se relaciona com estados afetivos e a regulação emocional para identificar um possível efeito mediador na satisfação com a vida.

A primeira hipótese testada foi referente a relação entre a religiosidade e frequência de afetos positivos reportados pelos participantes, e foi identificado um efeito significativo ($\beta = 1.6279$, $SE = 0.5193$, $p = .045$), mesmo controlado para sexo e idade (H1). Esses resultados se mostram congruentes com os achados de Vishkin et al. (2019), em que foi encontrado um tamanho de efeito de ($\beta = 0,224$, $p < 0,05$). O tamanho de efeito encontrado neste estudo foi maior que reportado em outras pesquisas. Essas diferenças podem ser explicadas por vários fatores, um deles é que o nosso tamanho de amostra foi maior do que nos outros estudos. Outro motivo é que tivemos uma porcentagem maior de ateus e não religiosos. Muitos dos estudos utilizados não fizeram esse controle.

Após analisar a relação entre religiosidade e estados afetivos positivos, foi testado a hipótese de que o relacionamento entre religiosidade e satisfação com a vida, pudesse ser mediado pelo afeto positivo (H2). Nosso estudo também encontrou evidências que corroboram com esta posição. Nossos achados demonstram um efeito indireto significativo do CRS na SWLS (H1: $\beta = 0.452$, $z = 5.71$, $p < 0,001$), um efeito total do CRS na SWLS significativo ($\beta = 1.194$, $z = 6.66$, $p < 0,001$) e mesmo com a inclusão do mediador, um efeito direto do CRS no SWLS também significativo ($\beta = 0.742$, $z = 4.42$, $p < 0,001$), mostrando que o afeto positivo medeia parcialmente a relação entre CRS e SWLS. Esses resultados se mostram convergentes com os achados de mediação encontrados por Van Cappellen et al. (2016) ($r = 0,24$, $p < 0,05$), corroborando com o modelo proposto por Silberman et al. (2005) em que a religião prescreve diretamente ou desencoraja emoções apropriadas a um determinado contexto e seu nível de intensidade. No caso dos achados deste estudo, essa prescrição estaria mais relacionada com os afetos positivos, visto que não foram encontrados

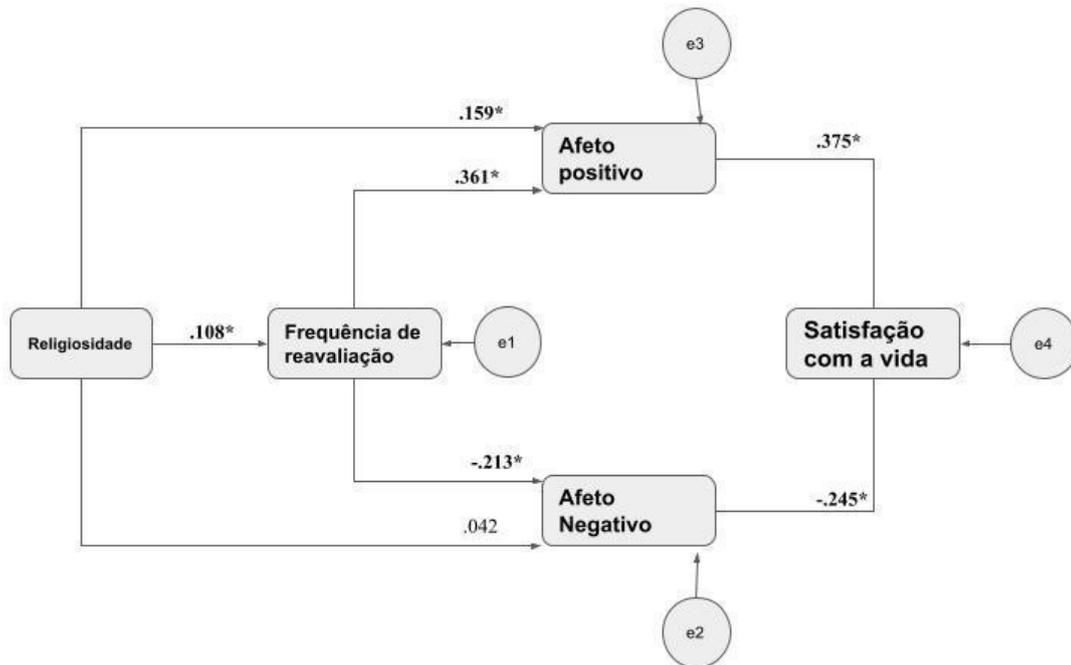
resultados significativos da religiosidade na frequência reportada de estados afetivos negativos reportados pelos participantes ($\beta = 0.0897$, $SE = 0.2669$, $p = 0.785$).

No conjunto das hipóteses construídas para responder a terceira pergunta que é referente a existência de uma diferença entre participantes religiosos e não religiosos na forma como certas estratégias de regulação emocional são usadas. Foram encontrados resultados significativos ($\beta = 0.7079$, $SE = 0.15420$, $p < .001$) apenas para o efeito da religiosidade na reavaliação cognitiva (H3.1). O tamanho de efeito encontrado no nosso estudo, foi muito semelhante aos encontrados por Vishkin et al. (2019) com um tamanho de efeito de ($r = 0,16$) e Vishkin et al. (2016) ($r = 0,17$, $p = 0,007$; $r = 0,14$, $p = 0,018$). Esses resultados conversam diretamente com os achados de Semplonius et al. (2015) que demonstraram que um maior envolvimento em atividades religiosas previu menos dificuldade com regulação da emoção ao longo do tempo. Visto que esse resultado foi encontrado em outros estudos (Vishkin et al., 2019; Vishkin et al., 2016), podemos incluir a reavaliação cognitiva com um dos possíveis mecanismos para explicar a influência da religião na saúde, além de outros mecanismos já propostos como suporte social, estilos de vida mais saudáveis, estratégias de coping, emoções positivas, reavaliação do stress, etc. (Seybold & Hill, 2001; Moreira-Almeida et al., 2006). Não foram encontrados resultados significativos da religiosidade na utilização de estratégias como a supressão expressiva (H3.2) ($\beta = -0.1766$, $SE = 0.13138$, $p = 0.198$), engajamento expressivo (H3.3) ($\beta = 0.12055$, $SE = 0.11851$, $p = 0.330$), ruminação (H3.4) ($\beta = -0.1912$, $SE = 0.12136$, $p = 0.157$) e na distração (H5.3) ($\beta = 0.12169$, $SE = 0.10098$, $p = 0.228$). Inclusive, podemos afirmar em função do teste de equivalência que o efeito da religiosidade na distração e o engajamento expressivo podem ser considerados nulos nesta amostra. Um achado interessante pode ser analisado futuramente é o efeito da religiosidade na estratégia de regulação emocional denominada controle excitatório ou relaxamento ($\beta = 0.65250$, $SE = 0.1577$, $p < .001$), algumas religiões como o budismo possuem práticas que se relacionam diretamente com essa dimensão, como é o caso da meditação.

Com o objetivo de clarificar os mecanismos sobre como a religiosidade pode afetar a satisfação com a vida, vamos antecipar a discussão das hipóteses referentes à questão 6 sobre a existência de um efeito mediador das estratégias de regulação emocional na relação entre religiosidade e satisfação com a vida. Foram testados dois modelos de relacionamentos entre as variáveis. O primeiro deles utilizando a reavaliação cognitiva como um possível

mecanismo mediador dessa relação (H6.1). A figura 20 representa visualmente o relacionamento entre as variáveis e os tamanhos de efeito, demonstrando que a religiosidade parece afetar a frequência de reavaliação cognitiva e os afetos positivos, que por consequência afetam os afetos negativos e positivos e que sequencialmente afetam a satisfação com a vida. Esse modelo pode ajudar a explicar porque como a religiosidade afeta a satisfação com a vida, convergindo com os achados de Vishkin et al. (2019).

Figura 20 - Diagrama representativo da relação estrutural entre as principais variáveis da H6.1, com path-coeficientes.



Fonte: elaborado pelo autor

Entretanto, o outro modelo testado (H6.2) não explicou a influência da religiosidade na satisfação com a vida, visto que o efeito da religiosidade na supressão expressiva não foi significativo ($\beta = -0.094$, $SE = -0.033$, $p = 0.317$), divergindo dos achados de Vishkin et al. (2019)

Quando analisamos o papel da religião como uma fonte de variação na experiência das emoções ou estados afetivos, verificamos resultados gerais semelhantes aos encontrados por Kim-Prieto & Diener (2009), Wilks's $A = 0.82663$, $F(7, 140) = 6076.2$, $p = 0.02093$. Entretanto, quando analisamos as análises post hocs, nossos resultados parecem não dialogar com os achados de Kim-Prieto & Diener (2009). Nos encontramos por meio do teste Kruskal-Wallis diferenças em 3 estados afetivos: 1) Com medo ($\chi^2(7) = 21.1$, $p = 0.004$, $\epsilon^2 = 0.0225$),

diferença apenas entre os cristãos (média = 2,30 e sd = 1,24) e não religiosos (média = 1,99, sd = 1,11), com um valor no teste Kruskal-Wallis ($W = - 4.8257$, $p = 0.015$); 2) Inspirado(a) ($\chi^2(7) = 18.5$, $p = 0.010$, $\varepsilon^2 = 0.0198$), mas, não foram encontradas diferenças entre os grupos nas comparações múltiplas entre duas afiliações religiosas; 3) Determinado(a) ($\chi^2(7) = 19.3$, $p = 0.007$, $\varepsilon^2 = 0.0206$) diferença apenas entre os cristãos (média = 2,97 sd= 1,06) e não religiosos (média = 2,71, sd = 1,06) ($W = - 4.59543$, $p = 0.026$). Essas diferenças podem ser explicadas em função do tamanho da amostra, visto que os autores tiveram uma amostra de 7231 estudantes universitários de 47 países diferentes. Precisamos ter cautela na interpretação desses resultados, visto que há inúmeros fatores limitantes como: as características da amostra, pois tivemos grupos com diferentes tamanhos, alguns com apenas 2 indivíduos; Não utilizamos para esta análise uma questão mais precisa sobre identidade religiosa; Acho que medidas transversais podem não ser muito indicadas para captar essas variações e padrões efetivos (estudos amostragem ecológica podem ser mais eficazes); a escala de resposta utilizada para captar a identidade religiosa também pode afetar no padrão encontrado.

Na hipótese 5, foram analisados o quanto os ensinamentos religiosos podem afetar a forma como as pessoas imaginam que os estados afetivos devem ser regulados de acordo com os ensinamentos adquiridos por meio da identidade religiosa. Os resultados encontrados na MANOVA foram semelhantes aos fornecidos por Wilken & Miyamoto (2020). Wilks's $A = 0.70687$, $F(7,140) = 5670.9$, $p < 0.001$. Tanto H4 como H5 precisam ser analisadas com amostras, instrumentos e métodos mais robustos para tirar conclusões mais precisas. Pois acredito que esses resultados estão um pouco enviesados em função de vieses metodológicos. Em análises específicas referente ao comportamentos encorajados de acordo com a identidade religiosa, foi identificado que indivíduos não religiosos tendem a julgar que a identidade não religiosa os estimulam a não influenciarem seus afetos positivos ou negativos, em contraste com indivíduos que se identificam com a categoria outra religião ou cristãos que acreditam que são encorajados, de certo modo, a aumentar estados afetivos positivos e diminuir estados afetivos negativos. Entretanto, quando relacionamos esses resultados com a frequência dos estados afetivos que participantes afirmaram ter vivenciado na última semana e a forma como eles acreditam que esses estados afetivos deveriam ser regulados de acordo com sua identidade religiosa, a maioria dos resultados desta correlação podem ser considerados fracos ou não significativos.

Este estudo também mostrou evidências do efeito negativo da mudança de identidade religiosa no bem-estar. Esses resultados foram visualizados tanto no afeto positivo (H7.1) (T de Welch = 3.29, GL = 5.68, P = 0.001, CI: 0.645 - 2.561, D = 0.223), mostrando uma redução na média de quem mudou de identidade religiosa em comparação com quem afirmou não ter mudado de religião), como na satisfação com a vida (H7.2) (T de Welch = 3.81, GL = 5.63, P = 0.001, CI: 0.940 - 2.940; D = 0.271), em que a média de quem mudou de identidade religiosa foi de 15,9 (SD = 16) e de quem não mudou foi de 17.8 (SD = 18). Esses resultados são semelhantes aos encontrados por Fenelon & Danielsen (2016), porém o tamanho do efeito encontrado no nosso estudo foi um pouco maior do que os valores encontrados pelos autores (Cohen D = 0,105). Esses resultados podem gerar reflexões sobre quais são os impactos das mudanças na identidade religiosa e quais são as implicações terapêuticas ou cuidados necessários quando psicólogos analisam a história de vida do paciente referente a sua trajetória religiosa.

Por fim, esse estudo pode possibilitar reflexões sobre o papel da religião na forma como os indivíduos vivenciam e regulam as emoções.

CAPÍTULO 7 – UM EXPERIMENTO SOBRE REGULAÇÃO
EMOCIONAL E RELIGIOSIDADE (ESTUDO 4)

7.1 DESENHO DO ESTUDO

O objetivo deste experimento é verificar se existem diferenças na forma como os participantes religiosos e não religiosos escolhem entre um conjunto de determinadas estratégias de regulação emocional (reavaliação cognitiva e distração), replicando os trabalhos desenvolvidos por Sheppes et al. (2011), incluindo uma nova variável, a afiliação religiosa. Os participantes foram instruídos em 2 técnicas de regulação emocional: distração e reavaliação cognitiva e, posteriormente, realizaram uma tarefa em que imagens de valência negativa de alta e baixa intensidade foram expostas continuamente e os sujeitos deveriam escolher uma das 2 técnicas ensinadas para diminuir o impacto emocional da imagem durante sua visualização. Antes de iniciar o experimento, os participantes preencheram o termo de consentimento informado.

7.1.2 Descrição dos participantes e critérios de recrutamento

Para esse estudo, foram selecionados 70 indivíduos, dos quais 50 eram estudantes universitários e 20 eram servidores, ambos do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) campus de Juína. Uma servidora desistiu no meio do experimento porque considerou as imagens fortes e outro dado de um servidor foi excluído devido a ausência da planilha com os resultados (missing values), totalizando 68 participantes. Ambos os participantes foram convocados por uma abordagem de conveniência nos corredores da instituição e precisavam cumprir alguns critérios: serem maiores de idade e estarem dispostos a visualizar imagens fortes, nas quais algumas delas continham sangue.

7.1.3 Considerações éticas

Esse projeto oferece riscos mínimos aos participantes e o projeto foi submetido ao comitê de ética (CAEE 29106219.1.0000.5561), obtido do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CONEP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Os riscos estão associados ao fato de os participantes serem expostos a imagens com um conteúdo emocional de valência negativa. Caso as imagens incitasse emoções desagradáveis, os

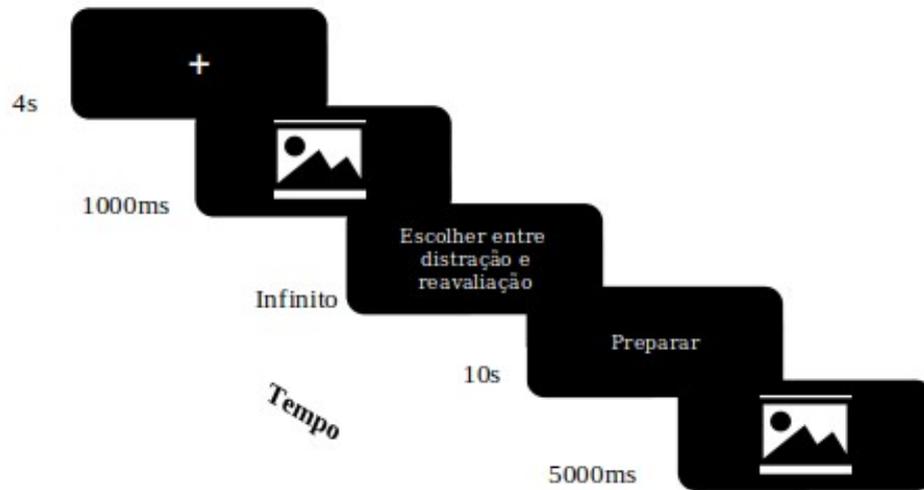
participantes poderiam interromper o estudo quando desejassem. Antes de iniciar o experimento, o termo de consentimento informado foi lido pelo pesquisador para o participante e, após seu consentimento verbal e esclarecimento de dúvidas, os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido de acordo com a anexo b.

7.1.4 Instrumentos e procedimentos

No início do experimento, um treinamento é fornecido aos participantes, composto das seguintes passos: 1º) participantes visualizam imagens negativas durante um segundo; 2º) são instruídos a (a) pensar sobre algo que era emocionalmente neutro (distração) ou (b) pensar sobre a imagem de uma forma que reduzisse seu significado negativo (reavaliação); 3º) praticam cada uma das duas estratégias duas vezes - uma com uma imagem negativa de baixa intensidade e outra com uma imagem negativa de alta intensidade. A ordem das estratégias ensinadas e das imagens apresentadas foram randomizadas; após cada simulação, eles tinham que escrever como implementaram as estratégias definidas e sempre que necessário, os participantes eram esclarecidos sobre dúvidas pelo experimentador. 4º) após essa breve explicação, os sujeitos aprenderam sobre a estrutura do experimento em termo de sequência das imagens e como funcionava o processo de escolha, e praticaram (simularam) quatro vezes o processo de escolha das estratégias para verificar se entenderam e aderiram às instruções.

Após a simulação, o experimento consistia na visualização de 30 imagens seguindo o seguinte fluxo de acontecimentos em cada imagem: a) visualização do sinal de + que indicava o início da rodada; b) pré-visualização de uma imagem por 1000 milissegundos; c) escolher entre as estratégias de distração ou reavaliação, pressionando um botão direito ou esquerdo; c) implementar a estratégia escolhida enquanto visualizam a imagem novamente por 5000 milissegundos.

Figura 21 – Protocolo de escolha da estratégia de regulação emocional.



Fonte: Produção própria. Adaptação dos estudos desenvolvidos por Sheppes et al. (2014) e Mehta et al. (2007)

As imagens foram retiradas do *International Affective Picture System* (IAPS; Lang, Bradley, & Cuthbert, 2008) que é um banco de fotos amplamente estabelecido e validado, utilizado na pesquisa em ciência afetiva. Seu principal objetivo é induzir diferentes intensidades de reações emocionais, apesar de incluir uma ampla variedade de estilos e conteúdos de estímulos (Bradley, Codispoti, et al., 2001). Os estímulos provocados pelas imagens podem ser categorizados de acordo com o grau em que ativam diferentes valências e intensidades das reações emocionais. Para esse estudo, utilizamos o mesmo paradigma de Sheppes et al. (2011), escolhendo 70 imagens dois tipos de intensidade diferente, com base nas classificações normativas de valência (1 = muito desagradável; 9 = altamente agradável) e excitação (1 = baixo; 9 = alto). Tentamos manter a intensidade e valência do estudo de Sheppes et al. (2011) em que 15 imagens eram de relativa baixa intensidade (média de arousal 5,00, média de valência 3,39) e 15 de intensidade alta relativa (média de arousal 6,45, valência média de 1,871). Bradley, Codispoti, et al. (2001) afirmam que as diferenças de excitação e valência que separam as categorias relativas de baixa e alta intensidade são suficientes para criar diferentes níveis de ativação da resposta emocional, conforme obtido por fatores fisiológicos.

Os números a seguir representam as imagens do IAPS que foram utilizados no estudo e estão expostos de acordo com a intensidade, Baixa intensidade: 1301, 2120, 2276, 2312,

2130, 2490, 2691, 2700, 3022, 6010, 6190, 6836, 7360, 6000, 8231, 9102, 9120, 9530, 9160, 9440, 9470; Alta intensidade: 053, 2205, 9040, 3015, 2800, 3000, 3030, 3051, 3064, 3140, 3150, 3180, 3181, 3230, 3261, 3530, 6831, 6940, 9181, 9252, 9410, 9420, 9921. Cinco imagens extras serão utilizadas na etapa de teste. As imagens seguiram as valências e intensidades definidas Lasaitis et al. (2008) para a utilização do IAPS para a população brasileira.

As instruções das estratégias de regulação foram traduzidas e adaptadas para o português, conforme descrito abaixo:

Instruções para reavaliação: A primeira estratégia é chamada de REAVALIAÇÃO. Isso significa que você preste atenção à imagem e tenta mudar o significado dela. Sugere-se que você pense em algo para dizer a si mesmo sobre a imagem que o(a) ajude a se sentir menos negativo em relação a ela. Por exemplo, você pode dizer a si mesmo algo sobre o resultado do quadro, que tudo o que está acontecendo será resolvido em breve ou que a ajuda está a caminho. Você também pode se concentrar em um detalhe específico da situação que pode não ser tão ruim quanto parecia à primeira vista. Mas queremos que você fique focado na imagem e não pense em coisas aleatórias que farão você se sentir melhor, mas sim mudar algo na imagem que o ajude a se sentir menos negativo sobre ela. É muito importante que, ao reavaliar, você não pense que a imagem é falsa ou uma cena de um filme. Pense nisso como uma situação real e, em seguida, mude o significado dela. **Mais uma vez, assim que a imagem estiver na tela, mantenha o foco na imagem, mas diga a si mesmo algo sobre ela que o(a) faça se sentir menos negativo; continue repetindo para si mesmo enquanto a tela estiver ativa.**

Instruções para distração: A segunda estratégia é chamada de DISTRAÇÃO. Isso significa que você faz o possível para se sentir menos negativo em relação à imagem, pensando em algo que não está relacionado à imagem. Existem algumas maneiras de fazer isso. Primeiro, você pode pensar em formas geométricas. Por exemplo, se você vir uma faca ensanguentada, pode pensar em um grande triângulo amarelo. Em segundo lugar, você pode se imaginar realizando tarefas cotidianas, como tomar banho ou fazer café pela manhã. Em terceiro lugar, você pode imaginar sua vizinhança ou outras ruas familiares. Você pode usar qualquer uma dessas maneiras de se distrair, o que você acha que funcionará melhor para fazer você se sentir menos negativo. Você não precisa usar o mesmo método para distrair o tempo todo. **No entanto, é importante que você mantenha os olhos na foto e não desvie o**

olhar. Assim que a imagem estiver na tela, comece a focar todos os seus pensamentos em algo que não esteja relacionado à imagem. Depois de descobrir uma maneira de se sentir menos negativo, continue repetindo para si mesmo enquanto a tela estiver aberta.

Após a realização do experimento, os participantes responderam algumas questões sociodemográficas, como idade, sexo, afiliação religiosa e também preencheram a escala de centralidade da religiosidade (CRS-10), desenvolvida por Huber and Huber (2012) que permite caracterizar numericamente (de 1 a 5) o quanto a religiosidade é um elemento central na vida do indivíduo, caracterizando-os em altamente religiosos, religiosos e não religiosos, tendo como parâmetros os valores que variam entre 1,0 a 2,0 podem ser caracterizados como não religiosos, 2,1 a 3,9 religiosos e 4,0 a 5,0 altamente religiosos.

7.1.5 Coleta de dados

A coleta de dados aconteceu na sala da ATIVA incubadora localizada no IFMT campus Juína. A sala contém ar condicionado e um computador com um monitor de 16 polegadas, no qual o experimento foi conduzido.

Figura 22 – Foto do laboratório onde os dados foram coletados.



Fonte: Fotografado pelo autor

A exposição do estímulo e a coleta das respostas foram realizadas por meio do código escrito em HTML e hospedado num servidor online em que os dados dos participantes

foram exportados para o Microsoft Excel. Os arquivos referentes ao script da exposição dos estímulos e coletas de dados estão disponíveis em (<https://osf.io/cxagz/>) na pasta script.

7.1.6 Plano de análise

Os dados foram processados no R, JAMOVI e no EXCEL e as análises estatísticas foram realizadas no JAMOVI tanto para as estatísticas descritivas como para os testes de hipóteses. Para testar a hipótese de que religiosos tenderían a utilizar mais reavaliação cognitiva do que não religiosos, realizamos dois testes comparando os resultados da frequência das estratégias escolhidas, relacionando com os resultados das pontuações obtidas na escala de centralidade da religiosidade (CRS-10): 1) ANOVA para amostras independentes comparando os valores obtidos no experimento com o perfil da escala de centralidade da religiosidade (CRS-10) (altamente religiosos, religiosos e não religiosos); 2) Correlação de spearman associando os valores obtidos no experimento com o resultado numérico obtido por meio das pontuações obtidas na CRS-10. No experimento, cada vez que o participantes escolhia a estratégia de reavaliação cognitiva era atribuído um valor 0 a resposta e toda vez que escolhiam a distração era obtido o valor 1, ou seja se um participante apresentasse o valor 30 ele teria escolhido a distração em todas as rodadas do experimento e se o valor final dele fosse 0, ele teria escolhido a reavaliação em todas as rodadas. Também foi aplicado um teste T para uma amostra comparando os resultados das imagens na condição de baixa e alta intensidade.

7.1.7 Resultados esperados

Participantes que possuem uma afiliação religiosa ou alta religiosidade tenderão a utilizar mais a estratégia de reavaliação em comparação com os não religiosos (baixa religiosidade). Seguindo os resultados anteriores (Sheppes et al., 2011), espera-se também que os participantes selecionem mais vezes a reavaliação para imagens de baixa intensidade e, com pouca frequência, para imagens de alta intensidade; e a distração seja escolhida com mais frequência para imagens de alta intensidade, sendo usada menos vezes em imagens de baixa intensidade.

7.2 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÃO

7.2.1. Descrição da amostra

Dos 68 indivíduos que participaram do experimento, 51,55% são do sexo feminino e 48,5% do sexo masculino. Referente ao perfil dos respondentes, 73,5% são alunos do IFMT enquanto 26,5% são servidores públicos. Após calcular os resultados das respostas na escala de centralidade da religiosidade (CRS-10), 14,7% dos participantes podem ser considerados não religiosos, 45,6% religiosos e 39,7% altamente religiosos. Em termos de afiliação religiosa, 72,1% se considera cristão, 13,2% considera não possuir nenhuma religião, 10,3% outra religião e 4,45% não souberam responder. Quando questionados de modo mais abrangente sobre a identidade religiosa, 9 pessoas possuem no mínimo mais de um termo que caracteriza sua identidade religiosa, podendo ser considerados como identidade sincrética. A tabela 49 apresenta os termos que os participantes escolheram para caracterizar sua identidade religiosa.

Tabela 49 - Frequências de afiliação religiosa dos participantes do estudo experimental

Afiliação Religiosa (Código Codebook)	Contagens	% do Total	% acumulada
Cristão (16)	10	14.7 %	14.7 %
Escola da Unidade de Cristianismo / Associação Unidade de Cristianismo (810)	1	1.5 %	16.2 %
Igreja Católica Apostólica (15)	11	6.2 %	32.4 %
Não sei (20)	1	1.5 %	33.8 %
Católico(a) romano(a) / Catolico (14)	15	22.1 %	55.9 %
Assembleias de Deus (7)	1	1.5 %	57.4 %
Apostólico(a) (5)	1	1.5 %	58.8 %
Não denominacional (sem denominação) (43)	1	1.5 %	60.3 %
Agnóstico(a) - Não tenho fé e nem descrença na existência de Deus ou em algo transcendente. (3)	5	7.4 %	67.6 %
Cristão Central (200)	1	1.5 %	69.1 %
Evangélico(a) (23)	3	4.4 %	73.5 %
Sociedade da Vida Divina (285)	1	1.5 %	75.0 %
Umbanda (795)	1	1.5 %	76.5 %
Espiritismo Kardecista (437)	1	1.5 %	77.9 %
Protestante (50)	1	1.5 %	79.4 %
Ateu - Eu não acredito na existência de Deus ou algo transcendente. (8)	4	5.9 %	85.3 %
Luterano(a) (31)	1	1.5 %	86.8 %

Igreja Bíblica / Crente na Bíblia (161)	1	1.5 %	88.2 %
Outros (47)	1	1.5 %	89.7 %
Sem religião / Sem fé particular (41)	2	2.9 %	92.6 %
Igreja do Senhor Jesus Cristo da Fé Apostólica (237)	1	1.5 %	94.1 %
Congregação Cristã (222)	3	4.4 %	98.5 %
Adventista / Adventista do Sétimo Dia (1)	1	1.5 %	100.0 %

fonte: extraído do JAMOVI e elaborado pelo autor

Como é possível observar na tabela, há uma grande concentração de participantes com identidades cristãs, havendo também uma parcela de participantes agnósticos e ateus.

7.2.2 Comparação entre religiosos e não religiosos

Para testar a hipótese de que religiosos tendem a utilizar mais reavaliação cognitiva do que não religiosos, foi realizado, inicialmente, uma ANOVA para amostras independentes comparando os valores obtidos no experimento com o perfil da escala de centralidade da religiosidade (CRS-10) (altamente religiosos, religiosos e não religiosos). Antes de apresentar os resultados, foram realizados os testes de Levene, para verificar o pressuposto de homogeneidade das variâncias, e o Shapiro-Wilk, para verificar a normalidade das amostras. Em ambos os testes, o valor de p não foi significativo, $F(2,65) = 0.0666$, $p = 0.936$ e $W = 0.971$, $p = 0.111$, o que sugere que podemos seguir com as análises sem precisar aplicar algum teste não paramétrico. A hipótese não foi confirmada, $F(2, 65) = 0.347$, $p = 0.708$, $N2p = 0.011$, ou seja, não há diferenças entre os grupos de religiosos e não religiosos no padrão da escolha neste experimento. A tabela 50, expõe os resultados de uma análise post hoc, comparando dois a dois, os resultados dos grupos.

Tabela 50 - Comparações Post Hoc do perfil religioso de acordo com a CRS.

Comparação		Diferença					
CRS (Perfil)	CRS (Perfil)	Média	Erro-padrão	gl	t	ptukey	d de Cohen
Não Religioso	- Religioso	1.410	2.45	65.0	0.576	0.833	0.2094
	- Muito Religioso	2.070	2.49	65.0	0.831	0.685	0.3076
Religioso	- Muito Religioso	0.661	1.77	65.0	0.373	0.926	0.0982

Fonte: Extraído do JAMOVI e elaborado pelo autor

Nota. Comparações baseadas nas médias marginais estimadas

Como pode ser visto na tabela, os resultados das comparações dois a dois também não foram significativos. Analisando os tamanhos de efeito, a diferença entre não religiosos e

muito religiosos apresentou um tamanho de efeito pequeno ($d = 0.3076$). Para entender melhor se esse efeito existe, seria necessário aumentar o tamanho da amostra.

Também foram realizadas ANOVAs para amostras independentes comparando perfil e desempenho dos participantes nas condições em que as imagens eram de baixa intensidade ($F(2, 65) = 0.0448$, $p = 0.956$, $N2p = 0.001$) e alta intensidade ($F(2, 65) = 0.663$, $p = 0.019$, $N2p = 0.019$) e ambos os resultados não foram significativos. Na dimensão de alta intensidade, o tamanho de efeito foi um pouco maior na diferença entre não religiosos e muito religiosos ($d = 0.399$).

Para verificar se não ocorreram alterações nas estimativas em função da transformação das pontuações obtidas na CRS-10 em função da criação do perfil em termos de religiosidade, foi realizada uma Correlação de spearman associando os valores obtidos no experimento com o resultado numérico da CRS-10. Os resultados deste teste também não foram significativos $r = -0,107$, $p = 0,399$. Tabela 51 sistematiza os resultados das correlações entre CRS-10, idade, valores obtidos nas condições de alta intensidade, baixa intensidade e geral dos participantes no experimento.

Tabela 51 - Matriz de Correlações entre religiosidade, idade e padrão de escolha dos participantes.

		CRS-10	Idade	Baixa	Alta		
CRS- 10	Rho de Spearman	—					
	p-valor	—					
Idade	Rho de Spearman	0.390	**	—			
	p-valor	0.001	—				
Baixa Intensidade	Rho de Spearman	-0.009	0.304	*	—		
	p-valor	0.944	0.012	—			
Alta Intensidade	Rho de Spearman	-0.107	-0.003	0.178	—		
	p-valor	0.384	0.980	0.146	—		
Total Escolhido	Rho de Spearman	-0.104	0.186	0.717	**	0.762	***
	p-valor	0.399	0.130	< .001	< .001	< .001	

Nota. * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Foram conduzidos alguns testes T de Student para verificar se há diferenças entre os géneros na frequência das estratégias escolhidas, pois o pressuposto de normalidade não foi atingido ($W = 0.996$, $p = 0.058$), e não foram encontrados resultados significativos ($t(66) = -1.103$, $p = .274$), com um tamanho de efeito de $D = -0,2675$.

7.2.3 Efeito da intensidade emocional das imagens

Para testar se as evidências encontradas por Sheppes et al. (2011), se mantinham na amostra brasileira, foi aplicado um teste W de Wilcoxon pareado comparando todos os participantes nas condições de baixa e alta intensidade, visto que o pressuposto de normalidade não foi atingido ($W = 0.949$, $p = 0.008$). Os resultados encontrados são significativos, semelhantes ao do estudo original, ($t(67) = 323$, $p < 0.001$), com um tamanho de efeito de $D = 0.683$, com um alfa de 0,05 e poder estatístico de 97% calculados a posteriori. A tabela 52 demonstra as estatísticas descritivas do teste. Como pode se observar nos resultados, os participantes preferem utilizar mais a estratégia de distração na condição de visualizar imagens de alta intensidade (média = 8,97) e utilizam mais a estratégia de reavaliação nas imagens de baixa intensidade (média = 5,26). A diferença entre as médias pode ser visualizada na tabela x.

Tabela 52 -Estatística descritiva da frequência escolhida de acordo com a intensidade das imagens.

	N	Média	Mediana	Desvio-padrão	Erro-padrão
Baixa intensidade	68	5.26	4.00	4.32	0.524
Alta intensidade	68	8.97	10.50	4.40	0.534

Fonte: Extraído do JAMOVI e elaborado pelo autor

7.3 DISCUSSÃO GERAL DO ESTUDO 4

Antes de discutir os resultados gerais do experimento, é importante comentar sobre as limitações. A primeira limitação é referente ao formato de inclusão dos participantes. Para que pudéssemos avaliar corretamente os resultados, seria importante ter um tamanho de amostra semelhante entre religiosos e não religiosos e como foi observado apenas 14,7% dos participantes podem ser considerados não religiosos, o que gera um impacto nos resultados encontrados. Outra limitação importante, é que não foi utilizada nenhuma medida para acompanhar a fixação ocular na tela e nem foi avaliado o quanto os participantes conseguiram implementar a estratégia escolhida.

Como pode ser observado a hipótese 8, de que participantes religiosos tenderiam a escolher mais a estratégia de reavaliação cognitiva em detrimento da estratégia de distração em comparação com os não religiosos, não foi corroborada. Quando comparamos esses dados com os achados de Vishkin et al. (2019) que mostram evidências de que a religiosidade pode estar associada positivamente à reavaliação cognitiva ($r = 0,16$), podemos entender sobre várias perspectivas: A primeira delas, se insere no fato de que o experimento compara duas estratégias específicas e que, para alguns participantes, as imagens não geram demandas regulatórias, pois as fotos não geram emoções negativas; A segunda possibilidade tem relação com o fato de que a amostra é pequena e enviesada; e, terceiro, o estudo apresentou um baixo poder estatístico para apresentar essas conclusões, com o valor de 0.3414771 (alfa de 0,05). Por fim, vale ressaltar que os resultados de um experimento conduzido por Sheppes et al. (2014), mostram evidências de que quando participantes recebem uma descrição pronta de como fazer a reavaliação, eles tendem a utilizar mais a reavaliação em detrimento da distração, fornecendo indícios de um mecanismo que poderia explicar porque os religiosos tendem a utilizar mais a reavaliação do que não religioso.

Futuros estudos, deverão replicar esse experimento com uma amostra mais adequada, controlando os critérios de inclusão, utilizando medidas de rastreamento ocular para verificar a duração da fixação ocular do participante na tela, e medidas de eficácia da implementação da estratégia escolhida. Vale ressaltar também que outros protocolos podem ser aplicados utilizando manipulação de leitura de textos religiosos e não religiosos para verificar o efeito na escolha. Apesar de todas essas limitações, esse experimento mostrou um resultado de replicação do estudo conduzido por Sheppes et al. (2011), no qual os participantes, em

condições de visualização de imagens de baixa intensidade, preferem utilizar a estratégia de reavaliação, enquanto que na condição de visualizarem imagens de alta intensidade, preferem a utilização de imagens de alta intensidade.

PARTE 4 – CONCLUSÃO
CAPÍTULO 8 - DISCUSSÃO GERAL

8.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese central deste trabalho é referente às diferenças entre a frequência relatada de estados afetivos e estratégias de regulação emocional utilizadas por participantes religiosos e não religiosos, e assim verificar um possível efeito mediador desses componentes afetivos em relação à satisfação com a vida. Por meio das diferentes hipóteses testadas, foi possível perceber que: Q1) Existe uma relação positiva entre a religiosidade e frequência de estados afetivos positivos reportados pelos participantes ($\beta = 1.6279$, $SE = 0.5193$, $p = .045$), mesmo controlado para sexo e idade (H1); Q2) Foi identificado um efeito mediador dos afetos positivos na relação entre religiosidade e satisfação com a vida com as seguintes proporções de um efeito indireto da CRS na SWLS (H1: $\beta = 0.452$, $z = 5.71$, $p < 0,001$), um efeito total da CRS na SWLS ($\beta = 1.194$, $z = 6.66$, $p < 0,001$) e mesmo com a inclusão do mediador, o efeito direto do CRS no SWLS ainda foi significativo ($\beta = 0.742$, $z = 4.42$, $p < 0,001$), convergindo com os achados de mediação encontrados por Van Cappellen et al. (2016) ($r = 0,24$, $p < 0,05$); Q3) a existência de uma diferença entre participantes religiosos e não religiosos na forma como certas estratégias de regulação emocional são usadas, especificamente para a reavaliação cognitiva (H3.1) ($\beta = 0.7079$, $SE = 0.15420$, $p < .001$) e para o controle excitatório ou relaxamento ($\beta = 0.65250$, $SE = 0.1577$, $p < .001$). Porém, não foram identificadas diferenças significativas referente a supressão expressiva (H3.2) ($\beta = -0.1766$, $SE = 0.13138$, $p = 0.198$), engajamento expressivo (H3.3) ($\beta = 0.12055$, $SE = 0.11851$, $p = 0.330$), ruminação (H3.4) ($\beta = -0.1912$, $SE = 0.12136$, $p = 0.157$) e na distração (H5.3) ($\beta = 0.12169$, $SE = 0.10098$, $p = 0.228$). Inclusive, podemos afirmar em função do teste de equivalência que o efeito da religiosidade na utilização da distração e no engajamento expressivo podem ser considerados nulo nesta amostra; 4) Podemos entender que o modelo criado para testar a hipótese (H6.1) demonstra que a religiosidade parece afetar a frequência de reavaliação cognitiva e os afetos positivos, que, por consequência, afetam os afetos negativos e positivos e que sequencialmente afetam a satisfação com a vida, explicando o papel da reavaliação cognitiva na relação entre religiosidade e satisfação com a vida. Visto que esse resultado foi encontrado em outros estudos (Vishkin et al., 2019; Vishkin et al., 2016). Desta forma, podemos incluir a reavaliação cognitiva com um dos possíveis mecanismos explicativos da influência da religião na saúde, além de outros mecanismos já propostos como suporte social, estilos de vida mais saudáveis, estratégias de

enfrentamento, emoções positivas, reavaliação do stress, etc. (Seybold & Hill, 2001; Moreira-Almeida et al., 2006); 5) Também foram encontradas evidências do efeito negativo da mudança de identidade religiosa no afeto positivo (H7.1) (T de Welch = 3.29, GL = 5.68, P = 0.001, CI: 0.645 - 2.561, D = 0.223), mostrando uma redução na média de quem mudou de identidade religiosa em comparação com quem afirmou não ter mudado de religião, e na satisfação com a vida (H7.2) (T de Welch = 3.81, GL = 5.63, P = 0.001, CI: 0.940 - 2.940; D = 0.271), em que a média de quem mudou de identidade religiosa foi de 15,9 (DP = 16) e de quem não mudou foi de 17.8 (DP = 18). Neste sentido, mudar de identidade religiosa parece estar associado a menores pontuações em estados afetivos positivos e na satisfação com a vida

Não foram identificados resultados estatisticamente significante para o modelo testado que inclui a supressão expressiva (H6.2), pois, neste modelo, os mecanismos propostos não explicavam a influência da religiosidade na satisfação com a vida, visto que o efeito da religiosidade na supressão expressiva não foi significativo ($\beta = -0.094$, SE= -0.033 ,p = 0.317), divergindo dos achados de Vishkin et al. (2019). A hipótese 8, referente a previsão de que participantes religiosos tenderiam a escolher mais a estratégia de reavaliação cognitiva em detrimento da estratégia de distração em comparação com os não religiosos numa situação experimental, não foi corroborada ($F(2, 65) = 0.347$, p = 0.708, $N2p = 0.011$), ou seja, não há diferenças entre os grupos de religiosos e não religiosos no padrão da escolha numa situação experimental. É importante perceber as limitações deste estudo experimental em termos de tamanho da amostra, inclusão dos participantes (apenas 14,7% dos participantes podem ser considerados não religiosos) e a utilização de outras medidas de controle, como fixação ocular na tela e eficácia dos participantes na implementação da estratégia escolhida. Entretanto, o estudo possibilitou replicar os achados de Sheppes et al. (2011) na população brasileira, em que participantes preferem, em média, utilizar a reavaliação cognitiva quando são expostos a imagens de baixa intensidade e preferem utilizar a distração quando expostos a imagens de alta intensidade ($t(67) = 323$, p < 0.001), com um tamanho de efeito de D = 0.683.

Quando analisamos o papel da religião como uma fonte de variação na experiência das emoções ou estados afetivos (Q4) ou papel dos ensinamentos religiosos na forma com as pessoas imaginam que os estados afetivos devem ser regulados (Q5), encontramos resultados semelhantes aos propostos por Kim-Prieto & Diener (2009) (Wilks's A = 0.82663, $F(7, 140) = 6076.2$, p = 0.02093) e Wilken & Miyamoto (2020) (Wilks's A = 0.70687, $F(7,140) = 5670.9$, p < 0.001), porém a direção do efeito encontrada nas análises de comparação

múltiplas para cada um dos estados afetivos reportados e dos comportamentos regulatórios sugeridos pela afiliação religiosa, os achados se mostraram diferentes dos demonstrados por esses autores. Esses dados precisam ser considerados com bastante cautela, visto que tanto H4 como H5 precisam ser replicados com amostras, instrumentos e métodos mais robustos para tirar conclusões mais precisas, pois existe um certo enviesamento metodológico. Diante dessas limitações, foram constatadas diferenças significativas entre os cristãos e não religiosos na frequência reportada dos estados afetivos “com medo” e “Determinado(a)”. Foi identificado nas análises que indivíduos não religiosos tendem a julgar que a identidade não religiosa os estimulam a não influenciarem seus afetos positivos ou negativos, em contraste com indivíduos que se identificam com a categoria outra religião ou cristãos, em que a identidade religiosa os encoraja, de certo modo, a aumentar estados afetivos positivos e desencoraja estados afetivos negativos. As informações expostas acima corroboram com o modelo proposto por Silberman et al. (2003; 2005) em que a religião prescreve diretamente ou desencoraja emoções apropriadas a um determinado contexto e seu nível de intensidade. Entretanto, quando correlacionados a frequência dos estados afetivos que participantes afirmaram ter vivenciado na última semana e a forma como eles acreditam que esses estados afetivos deveriam ser regulados de acordo com sua identidade religiosa, a maioria dos resultados desta correlação podem ser considerados fracos ou não significativos.

De maneira geral, podemos retirar algumas reflexões profundas dessa tese para o entendimento do comportamento humano e práticas terapêuticas. Por exemplo, os impactos das mudanças na identidade religiosa podem gerar considerações sobre as implicações terapêuticas ou cuidados necessários quando psicólogos analisam a história de vida do paciente referente a sua trajetória de mudança religiosa. Nossos resultados corroboram com a proposição de que a religião potencialmente fomenta o uso de estratégias de regulação emocional que envolvam a construção de significado (Vishkin et al., 2019), como a reavaliação cognitiva. Todavia, de que forma podemos entender os impactos desses achados nos não religiosos e quais são os mecanismos que explicam este aumento da frequência da utilização da reavaliação cognitiva de acordo com a religiosidade. Por exemplo, será que essa frequência de reavaliação é maior, em média, nos religiosos porque grupos ou doutrinas religiosas oferecem exemplos de reavaliação simples e prontos para utilização no dia a dia. Neste sentido, Sheppes et al. (2014) mostram evidências de que quando participantes recebem uma descrição pronta de como fazer a reavaliação, eles tendem a utilizar mais a reavaliação

em detrimento da distração numa tarefa experimental. Outra reflexão importante pode ser sobre a forma e conteúdo gerados quando indivíduos de diferentes grupos religiosos aplicam a reavaliação cognitiva. Será que existem diferenças entre você reavaliar uma situação pensando que Deus tem um propósito maior ou que determinada situação é uma oportunidade de resolver um conflito existente numa vida passada. Estudos sobre enfrentamento religioso mostram que a forma com o indivíduo utiliza o enfrentamento religioso pode definir seus impactos na saúde, por exemplo, um padrão de reavaliação em que considera um Deus punitivo ou um Deus que perdoa pode influenciar os resultados do enfrentamento religioso na saúde mental (Pargament et al. 1998). Essas reflexões possibilitam o surgimento de novos estudos. Apesar de a reavaliação cognitiva ser considerada uma estratégia de regulação emocional considerada benéfica (Aldao et al., 2010), também é interessante considerar o suporte empírico existente para a suposição de que uma adaptação bem-sucedida pode estar ligada à capacidade de utilizar estratégias de modo flexível, alternado entre as diferentes formas de regulação (Bonanno et al., 2004).

Essa tese gerou outras contribuições como a tradução, adaptação e validação do Questionário de Regulação de Sistemas Emocionais e o desenvolvimento de um codebook com 879 termos referentes à identidade religiosa. O Questionário de Regulação de Sistemas Emocionais foi validado em dois formatos, o RESS-24 e o RESS-18, ambos com propriedades que permitem sua utilização na população brasileira. No RESS-24, a estrutura fatorial apresentou índices de ajuste adequados ($\chi^2 = 816$ gl=227, $p < 0,001$; $\chi^2 / gl = 3,591$; RMSEA = .0537; SRMR = .0624 ; CFI = .950; TLI = .938), com níveis de alfa de Cronbach variando de 0,76 a 0,90. A estrutura do RESS-18 se mostrou ainda mais adequada ($\chi^2 = 358$ gl=120, $p < 0,001$; $\chi^2 / gl = 2,58$; RMSEA = 0.0471; SRMR = 0.0383 ; CFI = 0.972; TLI = 0.964), com níveis de alfa de Cronbach variando de 0,811 à 0,911. Algumas limitações deste estudo estão relacionadas ao fato de não utilizar outras medidas e procedimentos de validação e verificação da estabilidade da medida.

O *codebook* com os termos que caracterizam possíveis identidades religiosas foi construído utilizando informações da base de dados da *Association of Religion Data Archives - ARDA* (2021), da *Encyclopedia Religions of the World* organizada por Melton e Baumann (2010), e percebemos que para contemplar outras religiões, fizemos inclusões aleatórias por meio de especialistas e do *wikipedia*. O *codebook* possui 879 termos que podem ser categorizados em 7 dimensões. Após a construção do *codebook*, os termos foram utilizados

em uma pergunta com uma função *autocomplete*, que possibilita ao participante encontrar o termo procurado ao digitar algumas letras, e foi comparado com outra resposta fornecida pelo participante para uma pergunta referente a afiliação religiosa composta por 8 termos específicos (Cristianismo, Judaísmo, Islam, Hinduísmo, Budismo, Outra religião, Nenhuma religião, Não sei). Por conta da comparação de respostas obtidas num questionário online foi perceptível que oferecer poucas categorias de resposta pode induzir a erros de interpretação. Contrastando as duas opções de pergunta sobre a identidade religiosa, os participantes preferiram o formato com mais opções de itens em comparação com o formato que possuía apenas 8 termos, não foram observadas diferenças significativas entre a clareza e a facilidade de busca avaliada nas duas opções de pergunta pelos participantes. A segunda pergunta que contém o *codebook* e a opção de *autocomplete* foi avaliada como uma opção mais inclusiva ($t(64) = 146^a$, $p = 0.006$, $D = -0.537$). Essa ferramenta pode possibilitar um desenvolvimento do campo dos estudos sobre identidade religiosa, de modo que seja possível analisar as inidiosincrasias de modo quantitativo.

Por fim, é importante ter em mente algumas limitações deste estudo referem-se à diversidade religiosa abarcada pelas coletas de dados empreendidas, o controle das condições socioeconômicas e educacionais dos participantes nas análises realizadas, das deficiências de algumas medidas e procedimentos utilizados, e por fim, dos tamanhos de efeito encontrados nas hipóteses testadas. Para um leitor pouco acostumado com as análises estatísticas, é possível correr o risco de reduzir os achados encontrados afirmando que religiosos são mais felizes e reinterpretam mais os eventos negativos. Entretanto, as diferenças encontradas são pequenas em termos de efeitos na comparação entre os grupos. Quando foram mensurados estados afetivos específicos, sejam eles reportados pelos participantes ou sobre como a religião pode influenciá-los, foram utilizados os 20 itens do PANAS. Todavia, essa escala, contém um conjunto de palavras afetivas que não contempla as emoções auto transcendentas (admiração, inspiração, elevação, amor), visto que Van Cappellen et al. (2013) argumenta que elas são promotoras da espiritualidade, o que, de certa forma, limita a diferença entre religiosos e não religiosos. Futuros estudos podem utilizar também abordagens mais ecológicas, acompanhando os participantes em suas rotinas diárias, avaliando a forma como a reavaliação é implementada pelos diferentes grupos em termos de conteúdo expressos pelos indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrams, D.M., Yapple, H.A., and Wiener, R.J. (2011). Dynamics of social group competition: Modeling the decline of religious affiliation. *Physical Review Letters* 107(8): 088701. doi:10.1103/PhysRevLett.107.088701.
- Adlaf, E. M., & Smart, R. G. (1985). Drug use and religious affiliation, feelings and behaviour. *British Journal of Addiction*, 80(2), 163-171.
- Albuquerque, F. J. B., Rodrigues, C. F. F., Gouveia, C. N. N. A., Martins, C. R., & Neves, M. T. S. (2007). Validação de uma Escala de Satisfação com a Vida para Idosos de Baixa Renda na Paraíba. III Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica e XII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, João Pessoa – PB. Disponível em: <<http://www.ibapnet.org.br/congresso2007/index.html>>. Acesso em: 12 out. 2009
- Aldao, A., Nolen-Hoeksema, S., & Schweizer, S. (2010). Emotion-regulation strategies across psychopathology: A meta-analytic review. *Clinical psychology review*, 30(2), 217-237.
- Allen, V. L. and Wilder, D.A. 1975. Categorization, Belief-similarity and intergroup discrimination. *Journal of Personality and Social Psychology*, 32, 971-7.
- Almeida, A. M. (2004). Fenomenologia das experiências mediúnicas: perfil e psicopatologia de médiuns espíritas. Tese de Doutorado. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
- Altamirano, L. J., Miyake, A., & Whitmer, A. J. (2010). When mental flexibility facilitates cognitive control: Beneficial side effects of ruminative tendencies on goal maintenance. *Psychological Science*, 21, 1377–1382.
- Alvarado, C. S., Machado, F. R., Zangari, W., & Zingrone, N. L. (2007). Perspectivas históricas da influência da mediunidade na construção de idéias psicológicas e psiquiátricas. *Rev Psiq Clín*, 34(Suppl 1), 42-53.
- Allport, G. W., & Ross, J. M. (1967). Personal religious orientation and prejudice. *Journal of personality and social psychology*, 5(4), 432.
- Amorim, L. D. A. F., Fiaccone, R., Santos, C., Moraes, L., Oliveira, N., Oliveira, S., & Santos, T. N. L. D. (2012). Modelagem com equações estruturais: princípios básicos e aplicações.
- ARDA - Association of Religion Data Archives (2021). Measurement Wizard/Denomination, Affiliation to. disponível em https://www.thearda.com/MAWizard/Concepts/MW_38.asp , acessado em 26/06/2022.
- Arriaga, P., Almeida, G.(2010). Fábrica de emoções: A eficácia da exposição a excertos de filmes na indução de emoções. *Laboratório de Psicologia*, 8(1): 63-80 (2010). © 2010, I.S.P.A.

- Averill, J. R. (1980). A constructivist view of emotion. In *Theories of emotion* (pp. 305-339). Academic Press.
- Averill, J. R. (2005). Emotions as mediators and as products of creative activity. In J. Kaufman & J. Baer (Eds.), *Creativity across domains: Faces of the muse* (pp. 225–243). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Averill, J. R. (2012). The future of social constructionism: Introduction to a special section of emotion review. *Emotion Review*, 4(3), 215-220.
- Augustine, A. A., & Hemenover, S. H. (2009). On the relative effectiveness of affect regulation strategies: A meta-analysis. *Cognition and Emotion*, 23(6), 1181-1220.
- Australian Bureau of Statistics. (2016). Australian Standard Classification of Religious Groups. disponível em: <https://www.abs.gov.au/statistics/classifications/australian-standard-classification-religious-groups/latest-release#data-download> , acessado em 26/06/2022.
- Azari, N. P., Missimer, J., & Seitz, R. J. (2005). RESEARCH:" Religious Experience and Emotion: Evidence for Distinctive Cognitive Neural Patterns". *The international journal for the psychology of religion*, 15(4), 263-281.
- Bagozzi, R. P., & Pieters, R. (1998). Goal-directed emotions. *Cognition & Emotion*, 12(1), 1-26.
- Bailey, J. M., & Sood, J. (1993). The effects of religious affiliation on consumer behavior: A preliminary investigation. *Journal of Managerial Issues*.
- Baker, J.O. and Smith, B.G. (2009). The nones: Social characteristics of the religiously unaffiliated. *Social Forces* 87(3): 1251–1263. doi:10.1353/sof.0.0181.
- Barber, N. (2012). Why atheism will replace religion: The triumph of earthly pleasures over pie in the sky. (1er)
- Bard, P. (1928). A diencephalic mechanism for the expression of rage with special reference to the central nervous system. *American Journal of Physiology*, 84, 490–513.
- Bard, P., & Rioch, D. M. (1937). A study of four cats deprived of neocortex and additional portions of the forebrain. *Johns Hopkins Medical Journal*, 60, 73–153
- Bharmal, N. H., McCarthy, W. J., Gadgil, M. D., Kandula, N. R., & Kanaya, A. M. (2018). The Association of Religious Affiliation with overweight/obesity among south Asians: the mediators of atherosclerosis in south Asians living in America (MASALA) study. *Journal of religion and health*, 57(1), 33-46.
- Barnes, D. M., & Meyer, I. H. (2012). Religious affiliation, internalized homophobia, and mental health in lesbians, gay men, and bisexuals. *American Journal of Orthopsychiatry*, 82(4), 505.
- Barrett, L. F. (2017). The theory of constructed emotion: an active inference account of interoception and categorization. *Social cognitive and affective neuroscience*, 12(1), 1-23.

- Bastide, R., (1968) *Sociologia Das doenças Mentais*, , Lisboa: Publicações Europa-América.
- Bastos Jr, M. A. V., Bastos, P. R. H. D. O., Gonçalves, L. M., Osório, I. H. S., & Lucchetti, G. (2015). Mediumship: review of quantitative studies published in the 21st century. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*,42(5), 129-138.
- Batson, C. D., Shaw, L. L. & Olsean, K.C. (1992). Differentiating affect, mood, and emotion. In M. S. Clark (Ed.), *Review of Personality and Social Psychology* (Vol.11, pp.294-326). Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Ben-Shachar, M. S., Makowski, D., Lüdtke, D., Kelley, K., & Stanley, D. (2021). Package ‘effectsize’.
- Ben Ze’ev, A. (2002). *The subtlety of the emotions*. New York: Cambridge University Press.
- Bergan, A., & McConatha, J. T. (2001). Religiosity and life satisfaction. *Activities, Adaptation & Aging*, 24(3), 23-34.
- Berking, M., & Wupperman, P. (2012). Emotion regulation and mental health: recent findings, current challenges, and future directions. *Current opinion in psychiatry*, 25(2), 128-134.
- Boian, A. C., Soares, D. S. M., & Silva, J. (2009). Questionário de Regulação Emocional adaptado para a população brasileira. Retrieved December 15, 2010, from http://spl.stanford.edu/pdfs/erq_portuguese_brazilian.pdf
- Boiger, M., & Mesquita, B. (2012). The construction of emotion in interactions, relationships, and cultures. *Emotion review*, 4(3), 221-229.
- Bonanno, G. A., Papa, A., Lalande, K., Westphal, M., & Coifman, K. (2004). The importance of being flexible: The ability to both enhance and suppress emotional expression predicts long-term adjustment. *Psychological Science*, 15, 482– 487. doi:10.1111/j.0956-7976.2004.00705.x
- Bonelli, R. M., & Koenig, H. G. (2013). Mental disorders, religion and spirituality 1990 to 2010: a systematic evidence-based review. *Journal of religion and health*, 52(2), 657-673.
- Bonomi, A. E., Cella, D. F., Hahn, E. A., Bjordal, K., Sperner-Unterweger, B., Gangeri, L., et al. (1996). Multilingual translation of the Functional Assessment of Cancer Therapy (FACT) quality of life measurement system. *Quality of Life Research*, 5, 309-320.
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(53), 423-432.
- Braam, A. W., & Koenig, H. G. (2019). Religion, spirituality and depression in prospective studies: A systematic review. *Journal of Affective Disorders*, 257, 428-438.

- Bradley, M. M., & Lang, P. J. (1994). Measuring emotion: the self-assessment manikin and the semantic differential. *Journal of behavior therapy and experimental psychiatry*, 25(1), 49-59.
- Bradley, M. M., Codispoti, M., Sabatinelli, D., & Lang, P. J. (2001). Emotion and motivation II: Sex differences in picture processing. *Emotion*, 1, 300 –319. doi:10.1037/1528-3542.1.3.300
- Brenner, P. S. (2017). How Religious Identity Shapes Survey Responses. *Faithful Measures: New Methods in the Measurement of Religion*, 21.
- Bridges, L., Denham, S. A., & Ganiban, J. (2004). Definitional issues in emotion regulation research. *Child Development*, 75, 340–345.
- Brislin, R. W. (1980). Translation and content analysis of oral and written materials. In H. C. Triandis & J. W. Berry (Eds.), *Handbook of cross-cultural psychology* (Vol. 2, pp. 389-444). Boston: Allyn & Bacon.
- Burris, C. T., & Petrican, R. (2011). Hearts strangely warmed (and cooled): Emotional experience in religious and atheistic individuals. *International Journal for the Psychology of Religion*, 21(3), 183-197.
- Butler, E. A., Lee, T. L., & Gross, J. J. (2007). Emotion regulation and culture: Are the social consequences of emotion suppression culture specific? *Emotion*, 7, 30 – 48
- Cameron, L. D., & Overall, N. C. (2018). Suppression and expression as distinct emotion-regulation processes in daily interactions: Longitudinal and meta-analyses. *Emotion*, 18, 465.
- Campos, J. F., & David, H. M. S. L. (2014). Análise de cortisol salivar como biomarcador de estresse ocupacional em trabalhadores de enfermagem. *Rev. enferm. UERJ*, 22(4), 447-453.
- Campos, J. J., Frankel, C. B., & Camras, L. (2004). On the nature of emotion regulation. *Child Development*, 75(2), 377-394.
- Cannon, W. B. (1927). The James-Lange theory of emotions: A critical examination and an alternative theory. *American Journal of Psychology*, 39, 106–124
- Cannon, W. B. (1931). Again the James-Lange and the thalamic theories of emotions. *Psychological Review*, 38, 281–295.
- Carlson, E. B. & Putnam, F. W. (1993). An update on the dissociative experiences scale. *Dissociation*, 6(1), 16-27.
- Carlson, J. G., & Hatfield, E. (1992). *Psychology of emotion*. New York: Harcourt, Brace, Jovanovich.
- Carvalho, H. W. D., Andreoli, S. B., Lara, D. R., Patrick, C. J., Quintana, M. I., Bressan, R. A., ... & Jorge, M. R. (2013). Structural validity and reliability of the Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): evidence from a large Brazilian community sample. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 35(2), 169-172.

- Castro, M., & Moreira, A. C. (2003). Análise crítica do cortisol salivar na avaliação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal. *Arq. bras. endocrinol. metab*, 47(4), 358-367.
- Ciampa, A. D. C. (1998). Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno. *Interações estud. pesqui. psicol*, 3(6), 87-101.
- Clore, G. L. (1992). Cognitive phenomenology: Feelings and the construction of judgment. In L.L. Martin & A. Tesser (Eds.), *The construction of social judgments* (pp.133-163). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Inc.
- Clore, G. L., & Ortony, A. (2008). Appraisal theories: How cognition shapes affect into emotion.
- Cole, P. M., Martin, S. E., & Dennis, T. A. (2004). Emotion regulation as a scientific construct: Methodological challenges and directions for child development research. *Child Development*, 75, 317-333
- Colombetti, G. (2009). From affect programs to dynamical discrete emotions. *Philosophical Psychology*, 22(4), 407-425.
- Compas, B. E., Jaser, S. S., Dunbar, J. P., Watson, K. H., Bettis, A. H., Gruhn, M. A., & Williams, E. K. (2014). Coping and emotion regulation from childhood to early adulthood: Points of convergence and divergence. *Australian journal of psychology*, 66(2), 71-81.
- Cotton, S., Zebracki, K., Rosenthal, S. L., Tsevat, J., & Drotar, D. (2006). Religion/spirituality and adolescent health outcomes: A review. *Journal of Adolescent Health*, 38(4), 472-480.
- Costa, R. B., de Freitas, C. P. P., Damásio, B. F., & Martins, L. F. (2021). ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA ESCALA DE AUTOEFICÁCIA CRIATIVA PARA ORGANIZAÇÕES. *Revista Pretexto*.
- Costello, A. B., & Osborne, J. (2005). Best practices in exploratory factor analysis: Four recommendations for getting the most from your analysis. *Practical assessment, research, and evaluation*, 10(1), 7.
- Dalgalarrondo, P. (2007). Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. *Revista de Psiquiatria Clínica*.
- Dalgleish, T., Dunn, B. D., & Mobbs, D. (2009). Affective neuroscience: Past, present, and future. *Emotion Review*, 1(4), 355-368.
- Damasio, A. R. (1999). *The feeling of what happens: Body and emotion in the making of consciousness*. New York, NY: Harcourt Brace.
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 11(2), 213-228.

- Davidson, R. J., Dunne, J., Eccles, J. S., Engle, A., Greenberg, M., Jennings, P., ... & Roeser, R. W. (2012). Contemplative practices and mental training: Prospects for American education. *Child Development Perspectives*, 6(2), 146-153.
- Davidson, R. J., Ekman, P., Frijda, N. H., Goldsmith, H. H., Kagan, J., Lazarus, R., ... & Clark, L. A. (1994). How are emotions distinguished from moods, temperament, and other related affective constructs?.
- De France, K., & Hollenstein, T. (2017). Assessing emotion regulation repertoires: The Regulation of Emotion Systems Survey. *Personality and Individual Differences*, 119, 204–215. doi:10.1016/j.paid.2017.07.018
- de la Rubia, J. M. (2011). La escala de afecto positivo y negativo (PANAS) en parejas casadas mexicanas. *CIENCIA ergo-sum*, 18(2), 117-125.
- de Paiva, G. J. (2007). Identidade psicossocial e pessoal como questão contemporânea. *Psico*, 38(1), 8.
- De Prince AP, Freyd JJ. Dissociative tendencies, attention, and memory. *Psychological Science* 1999;10 (5):449–452
- DeCuir-Gunby, J. T., Marshall, P. L., & McCulloch, A. W. (2011). Developing and using a codebook for the analysis of interview data: An example from a professional development research project. *Field methods*, 23(2), 136-155.
- Delmonte, R., Lucchetti, G., Moreira-Almeida, A., & Farias, M. (2016). Can the DSM-5 differentiate between nonpathological possession and dissociative identity disorder? A case study from an Afro-Brazilian religion. *Journal of Trauma & Dissociation*, 17(3), 322-337.
- Demmrich, S., & Huber, S. (2019). Multidimensionality of spirituality: A qualitative study among secular individuals. *Religions*, 10(11), 613.
- Derogatis, L. R. (1994). Symptom Checklist-90-R (SCL-90-R). Administration, Scoring and Procedures Manual. Minneapolis: National Computer Systems, USA.
- Dervic, K., Oquendo, M. A., Grunebaum, M. F., Ellis, S., Burke, A. K., & Mann, J. J. (2004). Religious affiliation and suicide attempt. *American Journal of Psychiatry*, 161(12), 2303-2308.
- Dew, R. E., Daniel, S. S., Armstrong, T. D., Goldston, D. B., Triplett, M. F., & Koenig, H. G. (2008). Religion/spirituality and adolescent psychiatric symptoms: A review. *Child psychiatry and human development*, 39(4), 381-398.
- Diefendorff, J. M., Hall, R. J., Lord, R. G., & Streat, M. L. (2000). Action-state orientation: Construct validity of a revised measure and its relationship to work-related variables. *Journal of Applied Psychology*, 85, 250263.
- Diener, E. D., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of personality assessment*, 49(1), 71-75.

- Diener, E., & Clifton, D. (2002). Life satisfaction and religiosity in broad probability samples. *Psychological Inquiry*, 13, 206–209.
- Diener, E., Sandvik, E., & Pavot, W. (1991). Happiness is the frequency, not the intensity, of positive versus negative affect. In F. Strack (Ed.), *Subjective well-being: An interdisciplinary perspective* (119-139). Oxford, England: Pergamon Press
- Diener, E., Tay, L., & Myers, D. G. (2011). The religion paradox: If religion makes people happy, why are so many dropping out?. *Journal of personality and social psychology*, 101(6), 1278.
- Disorders DSM-5 (5th Ed.). Washington D.C. & London: American Psychiatric Publishing.
- Dougherty, K. D., Johnson, B. R., & Polson, E. C. (2007). Recovering the lost: Remeasuring US religious affiliation. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 46(4), 483-499.
- Duprez, C., Christophe, V., Rime, B., Congard, A., & Antoine, P. (2015). Motives for the social sharing of an emotional experience. *Journal of Social and Personal Relationships*, 32(6), 757-787.
- Duriez, B., & Hutsebaut, D. (2001). Approaches To Religion and the Moods and Emotions Associa Ted With Religion. *Journal of Empirical Theology*, 14(2), 75-84.
- Eaves, L. J., Martin, N. G., & Heath, A. C. (1990). Religious affiliation in twins and their parents: Testing a model of cultural inheritance. *Behavior Genetics*, 20, 1–22
- Eisenberg, N, & Spinard, T. L. (2004). Emotion-related regulation: Sharpening the definition. *Child Development*, 75, 334-339.
- Ekman, P. (1999). Basic emotions, chapter 3. *Handbook of Cognition and Emotion*. Sussex, UK: John Wiley & Sons, Ltd.
- Emmons, R. A. (2005). Emotion and religion. *Handbook of the psychology of religion and spirituality*, 235-252.
- Emmons, R. A., & Paloutzian, R. F. (2003). The psychology of religion. *Annual review of psychology*, 54(1), 377-402.
- Epskamp, S. (2017). *semPlot: Path Diagrams and Visual Analysis of Various SEM Packages' Output*. [R package]. Retrieved from <https://cran.r-project.org/package=semPlot>.
- Eremenco, S. L., Cella, D., & Arnold, B. J. (2005). A comprehensive method for the translation and cross-cultural validation of health status questionnaires. *Evaluation & the health professions*, 28(2), 212-232.
- Esperandio, M. R. G., August, H., Viacava, J. J. C., Huber, S., & Fernandes, M. L. (2019). Brazilian Validation of Centrality of Religiosity Scale (CRS-10BR and CRS-5BR). *Religions*, 10(9), 508.

- Espírito-Santo, H. M. A. & Pio-Abreu, J. (2007). Dissociative disorders and other psychopathological groups: exploring the differences through the Somatoform Dissociation Questionnaire (SDQ-20). *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 29(4).
- European Social Survey European Research Infrastructure (ESS ERIC). (2021). ESS9 - integrated file, edition 3.1 [Data set]. Sikt - Norwegian Agency for Shared Services in Education and Research. https://doi.org/10.21338/ESS9E03_1
- Fane, R. S. (1999). Is self-assigned religious affiliation socially significant. *Sociology, theology and the curriculum*, 113-124.
- Faul, F., Erdfelder, E., Lang, A.-G., & Buchner, A. (2007). G*Power 3: A flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences. *Behavior Research Methods*, 39, 175-191.
- Feldman, G., Hayes, A., Kumar, S., Greeson, J., & Laurenceau, J. P. (2007). Mindfulness and emotion regulation: The development and initial validation of the Cognitive and Affective Mindfulness Scale-Revised (CAMS-R). *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 29(3), 177-190.
- Fenelon, A., & Danielsen, S. (2016). Leaving my religion: Understanding the relationship between religious disaffiliation, health, and well-being. *Social science research*, 57, 49-62.
- Finke, R., & Adamczyk, A. (2008). The Association of Religion Data Archives (ARDA): Online Research Data, Tools, and References. *Politics and religion*, 1(3), 456.
- Finke, R., Bader, C. D., & Polson, E. C. (2007). A GROWING WEB OF RESOURCES: THE ASSOCIATION OF RELIGION DATA ARCHIVES (ARDA) [www. TheARDA. com](http://www.TheARDA.com). *Review of Religious Research*, 49(1).
- Finlay, B., & Walther, C. S. (2003). The relation of religious affiliation, service attendance, and other factors to homophobic attitudes among university students. *Review of Religious Research*, 370-393.
- Forbes, E. E., & Dahl, R. E. (2005). Neural systems of positive affect: relevance to understanding child and adolescent depression? *Development and psychopathology*, 17(3), 827-850.
- Forgas, J. P. (2001). Affect and Social Perception: Research Evidence and an Integrative Theory. *European Review of Social Psychology*
- Fredrickson, B. L. (2001). The role of positive emotions in positive psychology: The broaden-and-build theory of positive emotions. *American psychologist*, 56(3), 218.
- Frijda, N. H. (1993). The place of appraisal in emotion. *Cognition & Emotion*, 7(3-4), 357-387.
- Fridja, N. ti. (1994). Varieties of affect: emotion and episodes, moods and sentiments. In P. Ekman, & R.J. Davidson (Eds.), *The Nature of emotion. Fundamental questions. Series in affective science*. New York: Oxford University Press.

- Frijda, N.H. (1986). *The Emotions*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Garcia-Marques, T. (2001). A dimensão afectiva: distinguindo afecto, emoção, estado de espírito e sentimento. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 6 (2) 253-268
- Garnefski, N., Kraaij, V., & Spinhoven, P. (2002). *Manual for the use of the Cognitive Emotion Regulation Questionnaire*. Leiderdorp, The Netherlands: DATEC.
- Gärtner, A., Jawinski, P., & Strobel, A. (2022). Individual differences in inhibitory control are not related to downregulation of negative emotion via distancing. *Emotion*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/emo0001135>
- Garsen, B., Visser, A., & Pool, G. (2021). Does spirituality or religion positively affect mental health? Meta-analysis of longitudinal studies. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 31(1), 4-20.
- George, D. & Mallery, P. (2003). *SPSS for Windows step by step: A simple guide and reference*. 11.0 update (4th ed.). Boston: Allyn & Bacon.
- Glock, C. Y. (1973). *Religion in sociological perspective: Essays in the empirical study of religion*. Wadsworth.
- Gopinath, D., Agrawal, M., Murray, L., Horng, S., Karger, D., & Sontag, D. (2020). Fast, structured clinical documentation via contextual autocomplete. In *Machine Learning for Healthcare Conference* (pp. 842-870). PMLR.
- Gouveia, V. V., Guerra, V. M., Santos, W. S., Rivera, G. A., & Singelis, T. M. (2007). Escala de Contágio Emocional: Adaptação ao contexto brasileiro. *Psico*, 38(1), 5.
- Gratz, K.L. & Roemer, L. (2004). Multidimensional Assessment of Emotion Regulation and Dysregulation: Development, Factor Structure, and Initial Validation of the Difficulties in Emotion Regulation Scale, *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26(1), 41-54
- Gray, E., Watson, D., Payne, R., & Cooper, C. (2001). Emotion, mood, and temperament: Similarities, differences, and a synthesis. *Emotions at work: Theory, research and applications for management*, 21-43.
- Green, D. P., & Salovey, P. (1999). In what sense are positive and negative affect independent? A reply to Tellegen, Watson, and Clark. *Psychological science*, 10(4), 304-306.
- Grewal, D., Brackett, M., & Salovey, P. (2008). *Emotion regulation in couples and families: Pathways to dysfunction and health*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Gross, J. J. (1998). Antecedent- and response-focused emotion regulation: Divergent consequences for experience, expression, and physiology. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(1), 224-237
- Gross, J. J. (1998). The emerging field of emotion regulation: an integrative review. *Review of general psychology*, 2(3), 271.

- Gross, J. J. (1999). Emotion regulation: Past, present, future. *Cognition and Emotions*, 13(5), 551– 573
- Gross, J. J. (2001). Emotion regulation in adulthood: Timing is everything. *Current Directions in Psychological Science*, 10, 214-219.
- Gross, J. J. (2015). Emotion regulation: Current status and future prospects. *Psychological inquiry*, 26(1), 1-26.
- Gross, J. J., & Barrett, L. F. (2011). Emotion generation and emotion regulation: One or two depends on your point of view. *Emotion review*, 3(1), 8-16.
- Gross, J. J., & John, O. P. (2003). Individual differences in two emotion regulation processes: Implications for affect, relationships, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85, 348-362.
- Gross, J. J., & Levenson, R. W. (1993). Emotional suppression: Physiology, self-report, and expressive behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64(6), 970-986. doi:10.1037//0022-3514.64.6.970
- Gross, J. J., & Levenson, R. W. (1995). Emotion elicitation using films. *Cognition & emotion*, 9(1), 87-108.
- Gross, J. J., & Muñoz, R. F. (1995). Emotion regulation and mental health. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 2, 151-164
- Gross, J. J., Sheppes, G., & Urry, H. L. (2011). Cognition and emotion lecture at the 2010 SPSP Emotion Preconference: Emotion generation and emotion regulation: A distinction we should make (carefully). *Cognition & Emotion*, 25(5), 765-781.
- Gross, J. J., Sheppes, G., & Urry, H. L. (2011). Taking one's lumps while doing the splits: A big tent perspective on emotion generation and emotion regulation. *Cognition & Emotion*, 25(5), 789-793.
- Hackett, C. (2014). Seven things to consider when measuring religious identity. *Religion*, 44(3), 396-413.
- Hackett, C., Grim, B.J., Stonawski, M., Skirbekk, V., Potančoková, M., and Abel, G. (2012). The global religious landscape: A report on the size and distribution of the world's major religious groups as of 2010. Washington, DC, Pew Research Center.
- Hackett, Conrad, Brian Grim, Marcin Stonawski, Vegard Skirbekk, and Michaela Potančoková. 2012. The Global Religious Landscape. Pew Research Center. <http://www.pewforum.org/2012/12/18/globalreligious-landscape-exec/>
- Hackney, C. H., & Sanders, G. S. (2003). Religiosity and mental health: A meta-analysis of recent studies. *Journal for the scientific study of religion*, 42(1), 43-55.

- Haga, S. M., Kraft, P., & Corby, E. K. (2009). Emotion regulation: Antecedents and well-being outcomes of cognitive reappraisal and expressive suppression in cross-cultural samples. *Journal of Happiness Studies*, 10(3), 271-291.
- Haidt, J. (2003). The moral emotions. *Handbook of affective sciences*, 11, 852-870.
- Haidt, J., & Morris, J. P. (2009). Finding the self in self-transcendent emotions. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 106(19), 7687-7688.
- Harris, P. A., Taylor, R., Thielke, R., Payne, J., Gonzalez, N., & Conde, J. G. (2009). Research electronic data capture (REDCap)—a metadata-driven methodology and workflow process for providing translational research informatics support. *Journal of biomedical informatics*, 42(2), 377-381.
- Harris, P. A., Taylor, R., Minor, B. L., Elliott, V., Fernandez, M., O'Neal, L., ... & REDCap Consortium. (2019). The REDCap consortium: Building an international community of software platform partners. *Journal of biomedical informatics*, 95, 103208.
- Harrison, M., Koenig, H. G., Hays, J. C., Eme-Akwari, A. G., & Pargament, K. I. (2001). The epidemiology of religious coping: A review of recent literature. *International review of psychiatry*, 13(2), 86-93.
- Hayes, A. M., & Feldman, G. (2004). Clarifying the construct of mindfulness in the context of emotion regulation and the process of change in therapy. *Clinical Psychology: science and practice*, 11(3), 255-262.
- Henrich, J., Bauer, M., Cassar, A., Chytilová, J., & Purzycki, B. G. (2019). War increases religiosity. *Nature human behaviour*, 3(2), 129-135.
- Herzog, P. S., King, D. P., Khader, R. A., Strohmeier, A., & Williams, A. L. (2020). Studying religiosity and spirituality: A review of macro, micro, and meso-level approaches. *Religions*, 11(9), 437.
- Hirschberg, J., & Manning, C. D. (2015). Advances in natural language processing. *Science*, 349(6245), 261-266.
- Hogg, M. A., & Williams, K. D. (2000). From I to we: Social identity and the collective self. *Group dynamics: Theory, research, and practice*, 4(1), 81.
- Holdcroft, B. B. (2006). What is religiosity. *Catholic Education: A Journal of inquiry and practice*, 10(1).
- Hornsey, M. J. (2008). Social identity theory and self-categorization theory: A historical review. *Social and Personality Psychology Compass*, 2(1), 204-222.
- Hout, M. and Fischer, C.S. (2002). Why more Americans have no religious preference: Politics and generations. *American Sociological Review* 67(2): 165. doi:10.2307/3088891.

- Hu, L. T., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6, 1-55.
- Huber, S., & Huber, O. W. (2012). The centrality of religiosity scale (CRS). *Religions*, 3(3), 710-724.
- Hutcheson, G. D. & Sofroniou, N. (1999). *The multivariate social scientist: Introductory statistics using generalized linear models*. London: Sage Publications.
- IBGE, C. D. (2012). Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em 04/01/2019: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf
- Inglehart, R., C. Haerpfer, A. Moreno, C. Welzel, K. Kizilova, J. Diez-Medrano, M. Lagos, P. Norris, E. Ponarin & B. Puranen et al. (eds.). 2014. *World Values Survey: Round Six - Country-Pooled Datafile* Version: <https://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWV6.jsp>. Madrid: JD Systems Institute.
- Izard, C. E. (1992). Basic emotions, relations among emotions, and emotion-cognition relations. *Psychological Review*, 99(3), 561-565.
- Izard, C. E. (2007). Basic Emotions, Natural Kinds, Emotion Schemas, and a New Paradigm. *Perspectives On Psychological Science*, 2(3), 260-280.
- Jacob, C. R. (2003). *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil (Vol. 7)*. Edições Loyola.
- James W. II.—What is an emotion?. *Mind*. 1884 Apr 1(34):188-205.
- JAMES, W., & da Experiência Religiosa, A. V. (1991). *Um Estudo Sobre a Natureza Humana*.
- Kalokerinos, E. K., Greenaway, K. H., & Casey, J. P. (2016). Context shapes social judgments of positive emotion suppression and expression. *Emotion*, 17(1), 169-186. doi:10.1037/emo0000222
- Kaptein, M. C., Nass, C., & Markopoulos, P. (2010, April). Powerful and consistent analysis of likert-type rating scales. In *Proceedings of the SIGCHI conference on human factors in computing systems* (pp. 2391-2394).
- Kashdan, T. B., & Rottenberg, J. (2010). Psychological flexibility as a fundamental aspect of health. *Clinical Psychology Review*, 30, 865– 878
- Kaufmann, E. (2010). *Shall the religious inherit the Earth?* London: Profile Books
- Keltner, D., & Haidt, J. (2003). Approaching awe, a moral, spiritual, and aesthetic emotion. *Cognition & emotion*, 17(2), 297-314.

- Keltner, D., Sauter, D., Tracy, J., & Cowen, A. (2019). Emotional expression: Advances in basic emotion theory. *Journal of nonverbal behavior*, 43(2), 133-160.
- Kemper, T. D. (1987). How many emotions are there? Wedding the social and the autonomic components. *American journal of Sociology*, 263-289.
- Kendler, K. S., Gardner, C. O., & Prescott, C. A. (1997). Religion, psychopathology, and substance use and abuse: A multi-measure, genetic-epidemiologic study. *The American Journal of Psychiatry*, 154, 322–329.
- Kim-Prieto, C., & Diener, E. (2009). Religion as a source of variation in the experience of positive and negative emotions. *The Journal of Positive Psychology*, 4(6), 447-460.
- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation modeling* (2nd ed.). New York: The Guilford Press.
- Kluver, H., & Bucy, P. C. (1937). “Psychic blindness” and other symptoms following bilateral temporal lobectomy. *American Journal of Physiology*, 119, 254–284.
- Koenig, H. G. (2009). Research on religion, spirituality, and mental health: A review. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 54(5), 283-291.
- Koenig, H. G., & Larson, D. B. (1998). Use of hospital services, religious attendance, and religious affiliation. *Southern Medical Journal*, 91(10), 925-932.
- Koenig, H.G.; Meador, K.; Parkerson, G. - Religion Index for Psychiatric Research: a 5-item Measure for Use in Health Outcome Studies. *Am J Psychiatry* 154: 885-886, 1997.
- Koole, S. L. (2009). The psychology of emotion regulation: An integrative review. *Cognition and emotion*, 23(1), 4-41.
- Kring, A. M., Smith, D. A., & Neale, J. M. (1994). Individual differences in dispositional expressiveness: Development and validation of the Emotional Expressivity Scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66(5), 934-949.
- Krippner, S., Wickramasekera, I., & Tartz, R. (2000). Scoring thick and scoring thin: the boundaries of psychic claimants. *Subtle Energies & Energy Medicine Journal Archives*, 11(1).
- Krippner, S., Wickramasekera, I., & Wickramasekera, J. (1998). Working with Ramtha: is it a “high risk” procedure?. In *Proceedings of Presented Papers: The Parapsychological Association 41" Annual Convention* (pp. 50-63).
- Kristin, R. H., Stålsett, G., Hegstad, H., & Danboltd, L. J. (2017). Emotional Forecasting of Happiness: Emotion Regulation Strategies Among Members of End-Time Focused Jehovah’s Witnesses. *Archive for the Psychology of Religion*, 39(3), 312-343.
- Kross, E. (2015). Emotion regulation growth points: Three more to consider. *Psychological Inquiry*, 26(1), 69-71. doi:10.1080/1047840X.2015.964157

- Kross, E., & Ayduk, O. (2008). Facilitating adaptive emotional analysis: Distinguishing distanced-analysis of depressive experiences from immersed-analysis and distraction. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 34(7), 924-938.
- Kumle, L., Või, M. L. H., & Draschkow, D. (2021). Estimating power in (generalized) linear mixed models: An open introduction and tutorial in R. *Behavior research methods*, 53(6), 2528-2543.
- Kvande, M. N., Reidunsdatter, R. J., Løhre, A., Nielsen, M. E., & Espnes, G. A. (2014). Religiousness and social support: A study in secular Norway. *Review of Religious Research*, 56, 1-23. doi:10.1007/s13644-014-0171-4
- Lakens, D., Scheel, A. M., & Isager, P. M. (2018). Equivalence testing for psychological research: A tutorial. *Advances in Methods and Practices in Psychological Science*, 1(2), 259-269.
- Lakens, D. (2017). TOSTER: Two one-sided tests (TOST) equivalence testing. R package version 0.2, 5, 624.
- Laloni, D. T. (2001). Escala de Avaliação de Sintomas-90-R (SCL-90-R): Adaptação, Precisão e Validade. 234f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da PUC, Campinas.
- Lang, P. J., Bradley, B. N., & Cuthbert, B. N. (2008). International Affective Picture System (IAPS): Affective ratings of pictures and instruction manual [Technical Rep. A-8]. Gainesville: University of Florida.
- Lasaitis, C., Ribeiro, R. L., & Bueno, O. F. A. (2008). Brazilian norms for the International Affective Picture System (IAPS): comparison of the affective ratings for new stimuli between Brazilian and North-American subjects. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 57(4), 270-275.
- Lasaitis, C., Ribeiro, R. L., Freire, M. V., & Bueno, O. F. A. (2008). Update of the Brazilian norms for the International Affective Picture System (IAPS). *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 30(3), 230-235.
- Le Maléfan, P. (1999). *Folie et Spiritisme: Histoire du Discourse Psychopathologique sur la Pratique du Spiritisme, ses Abords et ses Avatars (1850–1950)*. Paris: L'Harmattan.
- Lee, B. Y., & Newberg, A. B. (2005). Religion and health: a review and critical analysis. *Zygon*, 40(2), 443-468.
- Leotti, L. A., Iyengar, S. S., & Ochsner, K. N. (2010). Born to choose: The origins and value of the need for control. *Trends in cognitive sciences*, 14(10), 457-463.
- Levenson, R. W. (2011). Basic Emotion Questions. *Emotion Review*, 3(4), 1–8.
- Lewis, C. A., & Cruise, S. M. (2006). Religion and happiness: Consensus, contradictions, comments and concerns. *Mental health, religion and culture*, 9(03), 213-225.

- Liedhegener, A., & Odermatt, A. (2018). Religious affiliation as a baseline for religious diversity in contemporary Europe. Making sense of numbers, wordings, and cultural meanings. Working paper 02/2018. <https://www.smre-data.ch/en/content/download/159>.
- Lim, Chaeyoon, Carol Ann MacGregor, and Robert Putnam. 2010. "Secular and Liminal: Discovering Heterogeneity Among Religious Nones." *Journal for the Scientific Study of Religion* 49 (4): 596–618.
- Lin, H. (2019). Effect size converter. escal.site.
- Lindeman, M., Heywood, B., Riekkari, T., & Makkonen, T. (2014). Atheists become emotionally aroused when daring God to do terrible things. *International Journal for the Psychology of Religion*, 24(2), 124-132.
- Lindquist, K. A. (2013). Emotions emerge from more basic psychological ingredients: A modern psychological constructionist model. *Emotion Review*, 5(4), 356-368.
- Lorenzo-Seva, U., Timmerman, M. E. & Kiers, H. A. (2011). The hull method for selecting the number of common factors. *Multivariate Behavioral Research*, 46(2), 340-364.
- Luders, E., Toga, A. W., Lepore, N., & Gaser, C. (2009). The underlying anatomical correlates of long-term meditation: larger hippocampal and frontal volumes of gray matter. *Neuroimage*, 45(3), 672-678.
- Macavei, B., & Miclea, M. (2008). AN EMPIRICAL INVESTIGATION OF THE RELATIONSHIP BETWEEN RELIGIOUS BELIEFS, IRRATIONAL BELIEFS, AND NEGATIVE EMOTIONS. *Journal of Cognitive & Behavioral Psychotherapies*, 8(1).
- MacLean, P. D. (1949). Psychosomatic disease and the "visceral brain": Recent developments bearing on the Papez theory of emotion. *Psychosomatic Medicine*, 11, 338–353.
- MacLean, P. D. (1952). Some psychiatric implications of physiological studies on frontotemporal portion of limbic system (visceral brain). *Electroencephalography and Clinical Neurophysiology*, 4, 407–418.
- MacLean, P. D. (1970). The triune brain, emotion, and scientific bias. In F. O. Schmidt (Ed.), *The neurosciences. Second study program* (pp. 336–349). New York: Rockefeller University Press.
- MacQueen, K. M., McLellan, E., Kay, K., & Milstein, B. (1998). Codebook development for team-based qualitative analysis. *Cam Journal*, 10(2), 31-36.
- Makowski, D., Ben-Shachar, M. S., & Lüdtke, D. (2019). bayestestR: Describing effects and their uncertainty, existence and significance within the Bayesian framework. *Journal of Open Source Software*, 4(40), 1541.
- Makowski, D., Lüdtke, D., Ben-Shachar, M. S., Wilson, M. D., Bürkner, P. C., & Mahr, T. (2020). Package 'bayestestR'. last viewed August, 20, 2020.

- Maraldi, E. D. O. (2011). *Metamorfoses do espírito: usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médiuns espíritas* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- Maraldi, E. D. O., & Zangari, W. (2012). Funções projetivas e terapêuticas das práticas dissociativas em contexto religioso. *Bol. Acad. Paulista de Psicologia, São Paulo, Brasil - V. 32, no 83, p. 424-452.*
- Maraldi, E. D. O., & Zangari, W. (2016). Evidências de validade da Escala de Experiências Dissociativas em amostra não clínica. *Avaliação Psicológica, 15(1), 93-104.*
- Maraldi, E. D. O., Machado, F. R., & Zangari, W. (2010). Importance of a psychosocial approach for a comprehensive understanding of mediumship. *J Sci Explor, 24(2), 181-196.*
- Maraldi, E. O. (2011). *Metamorfoses do espírito: usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médiuns espíritas.* (Pp. 454). Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Maraldi, E. O., & Krippner, S. (2013). A biopsychosocial approach to creative dissociation: remarks on a case of mediumistic painting. *NeuroQuantology, 11(4).*
- Martínez Ortega, R. M., Tuya Pendás, L. C., Martínez Ortega, M., Pérez Abreu, A., & Cánovas, A. M. (2009). El coeficiente de correlación de los rangos de Spearman caracterización. *Revista Habanera de Ciencias Médicas, 8(2), 0-0.*
- Matthews, M., Webb, T. L., Shafir, R., Snow, M., & Sheppes, G. (2021). Identifying the determinants of emotion regulation choice: a systematic review with meta-analysis. *Cognition and Emotion, 35(6), 1056-1084.*
- Matsumoto, D. (2006). Are cultural differences in emotion regulation mediated by personality traits?. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 37(4), 421-437.*
- Matsumoto, D., Yoo, S. H., & Nakagawa, S. (2008). Culture, emotion regulation, and adjustment. *Journal of personality and social psychology, 94(6), 925.*
- Mauss, I. B., & Gross, J. J. (2002, May). Emotion suppression and cardiovascular disease. In *Journal of Psychosomatic Research* (Vol. 52, No. 5, pp. 349-350). THE BOULEVARD, LANGFORD LANE, KIDLINGTON, OXFORD OX5 1GB, ENGLAND: PERGAMON-ELSEVIER SCIENCE LTD.
- Mayer, J. D. (1994). Emotion over time within a religious culture: A lexical analysis of the Old Testament. *Journal of Psychohistory, 22, 235-248.*
- McRae, K., Ciesielski, B., & Gross, J. J. (2012). Unpacking cognitive reappraisal: goals, tactics, and outcomes. *Emotion, 12(2), 250.*
- McRae, K., & Gross, J. J. (2020). Emotion regulation. *Emotion, 20(1), 1.*

- Mehta, A., Young, G., Wicker, A., Barber, S., & Suri, G. (2017). Emotion regulation choice: Differences in US and Indian populations. *International Journal of Indian Psychology*, 4, 203-219.
- Melton, J. G., & Baumann, M. (Eds.). (2010). *Religions of the World: A Comprehensive Encyclopedia of Beliefs and Practices*, [6 volumes]. abc-clio.
- Meneghini, A. M., Colledani, D., Morandini, S., De France, K., & Hollenstein, T. (2022). Emotional Engagement and Caring Relationships: The Assessment of Emotion Regulation Repertoires of Nurses. *Psychological Reports*, 00332941221110548.
- Menesini, E., Sánchez, V., Fonzi, A., Ortega, R., Costabile, A., & Lo Feudo, G. (2003). Moral emotions and bullying: A cross-national comparison of differences between bullies, victims and outsiders. *Aggressive Behavior*, 29(6), 515-530.
- Michael, S.T., Crowther, M.R., Schmid, B., & Allen, R.S. (2003). Widowhood and spirituality: Coping responses to bereavement. *Journal of Women and Aging*, 15, 145–165.
- Miles, M. B., and A. M. Huberman. 1994. *Qualitative data analysis: An expanded sourcebook*. 2nd ed. Thousand Oaks, CA: SAGE.
- Moore, S. A., Zoellner, L. A., & Mollenholt, N. (2008). Are expressive suppression and cognitive reappraisal associated with stress-related symptoms?. *Behaviour research and therapy*, 46(9), 993-1000.
- Moors, A., Ellsworth, P. C., Scherer, K. R., & Frijda, N. H. (2013). Appraisal theories of emotion: State of the art and future development. *Emotion Review*, 5(2), 119-124.
- Moreira-Almeida, A., Lotufo Neto, F., & Koenig, H. G. (2006). Religiousness and mental health: a review. *Revista brasileira de psiquiatria*, 28(3), 242-250.
- Moreira-Almeida, A., Peres, M. F., Aloe, F., Lotufo Neto, F., & Koenig, H. G. (2008). Versão em português da Escala de Religiosidade da Duke: DUREL. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 35(1), 31-32.
- Moreira-Almeida, A., Pinsky, I., Zaleski, M., & Laranjeira, R. (2010). Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. *Rev Psiq Clín*, 37(1), 12-5.
- Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson (2007). *The Role of the Family Context in the Development of Emotion Regulation*. Blackwell Publishing Ltd. 2007.
- Murray, S. L. (2005). Regulating the risks of closeness: A relationship-specific sense of felt security. *Current Directions in Psychological Science*, 14, 74-78.
- Muthén, L. K., & Muthén, B. O. (2012). *Mplus: Statistical analysis with latent variables. User's guide*. Los Angeles: Muthén & Muthén.
- Myers, G. E. (1985). William James on Emotion and Religion. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, 21(4), 463-484.

- Nakamura, J. S., Delaney, S. W., Diener, E., VanderWeele, T. J., & Kim, E. S. (2022). Are all domains of life satisfaction equal? Differential associations with health and well-being in older adults. *Quality of Life Research*, 31(4), 1043-1056.
- Navarro-Haro, M. V., Wessman, I., Botella, C., & García-Palacios, A. (2015). The role of emotion regulation strategies and dissociation in non-suicidal self-injury for women with borderline personality disorder and comorbid eating disorder. *Comprehensive psychiatry*, 63, 123-130.
- Negro Jr, P. J., Palladino-Negro, P., & Louzã, M. R. (2002). Do religious mediumship dissociative experiences conform to the sociocognitive theory of dissociation?. *Journal of Trauma & Dissociation*, 3(1), 51-73.
- Niedenthal, P. M. (2007). Embodying emotion. *Science*, 316(5827), 1002.
- Nijenhuis, E. R., Spinhoven, P., van Dyck, R., van der Hart, O., Vanderlinden, J. (1996). The development and psychometric characteristics of the Somatoform Dissociation Questionnaire (SDQ20). *Journal of Nervous and Mental Disease*, 184(11), 688-94.
- Nolen-Hoeksema, S. (1991). Responses to depression and their effects on the duration of depressive episodes. *Journal of Abnormal Psychology*, 100, 569–582.
- Nolen-Hoeksema, S., Wisco, B. E., & Lyubomirsky, S. (2008). Rethinking rumination. *Perspectives on Psychological Science*, 3, 400 – 424. doi: 10.1111/j.1745-6924.2008.00088.x
- Norenzayan, A., & Hansen, I.G. (2006). Belief in supernatural agents in the face of death. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32, 174–187.
- Norris, P. and Inglehart, R. (2004). *Sacred and secular: Religion and politics worldwide*. Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO978 0511791017.
- Nyklíček, I. (2011). Mindfulness, emotion regulation, and well-being. In *Emotion regulation and well-being* (pp. 101-118). Springer New York.
- O'Connor, K. V. (1996). Reconfiguring the emotions in the psychology of religion. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 6(3), 165-173.
- Oathes, D. J., & Ray, W. J. (2008). Dissociative tendencies and facilitated emotional processing. *Emotion*, 8(5), 653.
- Осин, Е. Н. (2012). Измерение позитивных и негативных эмоций: разработка русскоязычного аналога методики PANAS. *Психология. Журнал Высшей школы экономики*, 9(4), 91-110.
- Oman, D., & Syme, S. L. (2018). Weighing the evidence: What is revealed by 100+ meta-analyses and systematic reviews of religion/spirituality and health?. *Why religion and spirituality matter for public health*, 261-281.

- Opitz, P., Gross, J. J., & Urry, H. L. (2012). Selection, optimization, and compensation in the domain of emotion regulation: Applications to adolescence, older age, and major depressive disorder. *Social and Personality Psychology*
- Ottenbreit, N. D., & Dobson, K. S. (2004). Avoidance and depression: The construction of the Cognitive-Behavioural Avoidance Scale. *Behaviour Research and Therapy* 42, 293-313.
- Papez, J. W. (1937). A proposed mechanism of emotion. *Archives of Neurology and Psychiatry*, 38, 725–743.
- Para Hackett (2014) de acordo com a pergunta, hora e contexto de uma entrevista, as pessoas podem relatar diferentes identidades religiosas, podendo a identidade atual variar em outros tempos e na atribuição realizada pelos outros.
- Pargament, K. I. (1996). Religious methods of coping: Resources for the conservation and transformation of significance.
- Pargament, K. I., Smith, B. W., Koenig, H. G., & Perez, L. (1998). Patterns of positive and negative religious coping with major life stressors. *Journal for the scientific study of religion*, 710-724.
- Parkinson, B., & Totterdell, P. (1999). Classifying affect regulation strategies. *Cognition & Emotion*, 13, 277–303. doi:10.1080/026999399379285
- Pasquali, L. (1999). *Análise fatorial: um manual teórico-prático*. Brasília: Editora UnB.
- Pell, G. (2005). Use and misuse of Likert scales. *Medical Education*, 39(9), 970-author.
- Pituch, K. A., & Stevens, J. P. (2015). *Applied multivariate statistics for the social sciences: Analyses with SAS and IBM's SPSS*. Routledge.
- Pornprasertmanit, S., Miller, P., Schoemann, A., Quick, C., Jorgensen, T., & Pornprasertmanit, M. S. (2016). Package 'simsem'. Recuperado de <https://cran.r-project.org>.
- Posner, J., Russell, J. A., & Peterson, B. S. (2005). The circumplex model of affect: An integrative approach to affective neuroscience, cognitive development, and psychopathology. *Development and psychopathology*, 17(3), 715-734.
- R Core Team (2021). R: A Language and environment for statistical computing. (Version 4.1) [Computer software]. Retrieved from <https://cran.r-project.org>. (R packages retrieved from MRAN snapshot 2022-01-01).
- Reisenzein, R., & Stephan, A. (2014). More on James and the physical basis of emotion. *Emotion Review*, 6(1), 35-46.
- Revelle, W. (2019). psych: Procedures for Psychological, Psychometric, and Personality Research. [R package]. Retrieved from <https://cran.r-project.org/package=psych>.
- Ribeiro, R. N. (2015) (Id) entidades: aspectos psicossociais das variedades da experiência mediúnica (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

- Rimé, B. (2007). The social sharing of emotion as an interface between individual and collective processes in the construction of emotional climates. *Journal of Social Issues*, 63(2), 307-322.
- Robertson, R. E., Jiang, S., Lazer, D., & Wilson, C. (2019). Auditing autocomplete: Suggestion networks and recursive algorithm interrogation. In *Proceedings of the 10th ACM Conference on Web Science* (pp. 235-244).
- Rosseel, Y., et al. (2018). lavaan: Latent Variable Analysis. [R package]. Retrieved from <https://cran.r-project.org/package=lavaan>.
- Russell, J. A.(2009). Emotion, core affect, and psychological construction. *COGNITION AND EMOTION*. 2009, 23(7), 1259-1283.
- Russell, J. A., & Barrett, L. F. (1999). Core affect, prototypical emotional episodes, and other things called emotion: Dissecting the elephant. *Journal of personality and social psychology*, 76(5), 805.
- Salsman, J. M., Brown, T. L., Brechting, E. H., & Carlson, C. R. (2005). The link between religion and spirituality and psychological adjustment: The mediating role of optimism and social support. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, 522–535
- Salsman, J. M., Pustejovsky, J. E., Jim, H. S., Munoz, A. R., Merluzzi, T. V., Park, C. L., ... & Fitchett, G. (2015). A meta-analytic approach to examining the correlation between religion/spirituality and mental health in cancer. *Cancer*, 121(21), 3769-3778.
- Sander, D., Grandjean, D., & Scherer, K. R. (2005). A systems approach to appraisal mechanisms in emotion. *Neural networks*, 18(4), 317-352.
- Sander, D., Grandjean, D., & Scherer, K. R. (2018). An appraisal-driven componential approach to the emotional brain. *Emotion Review*, 10(3), 219-231.
- Sapolsky, R. M. (2007). Stress, stress-related disease, and emotional regulation. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation*. New York: Guilford Press.
- Saroglou, V., Buxant, C., & Tilquin, J. (2008). Positive emotions as leading to religion and spirituality. *The Journal of Positive Psychology*, 3(3), 165-173.
- Schachter, S., & Singer, J. E. (1962). Cognitive, social, and physiological determinants of emotional state. *Psychological Review*, 69, 379–399.
- Scherer, K. R. (2001). Appraisal considered as a process of multi-level sequential checking. In K. R. Scherer, A. Schorr, & T. Johnstone (Eds.), *Appraisal processes in emotion: Theory, methods, research* (pp. 92–120). New York: Oxford University Press, 92–120.
- Scherer, K. R. (2005). What are emotions? And how can they be measured?. *Social science information*, 44(4), 695-729.
- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55, 5-14.

- Seligman, R. (2005). Distress, dissociation, and embodied experience: Reconsidering the pathways to mediumship and mental health. *Ethos*, 33(1), 71-99.
- Semplonius, T., Good, M., & Willoughby, T. (2015). Religious and Non-religious Activity Engagement as Assets in Promoting Social Ties Throughout University: The Role of Emotion Regulation. *Journal of youth and adolescence*, 44(8), 1592-1606.
- Seybold, K. S., & Hill, P. C. (2001). The role of religion and spirituality in mental and physical health. *Current Directions in Psychological Science*, 10(1), 21-24.
- Shariff, A. F., Willard, A. K., Muthukrishna, M., Kramer, S. R., & Henrich, J. (2016). What is the association between religious affiliation and children's altruism?. *Current Biology*, 26(15), R699-R700.
- Shaw, A., Joseph, S., & Linley, P. A. (2005). Religion, spirituality, and posttraumatic growth: A systematic review. *Mental Health, Religion & Culture*, 8(1), 1-11.
- Sheppes, G., Scheibe, S., Suri, G., Radu, P., Blechert, J., & Gross, J. J. (2014). Emotion regulation choice: A conceptual framework and supporting evidence. *Journal of Experimental Psychology: General*, 143(1), 163.
- Silberman, I (2003). Religion as a meaning system. *J. Soc. Issues*. In press
- Silberman, I. (2005). Religion as a meaning system: Implications for the new millennium. *Journal of social issues*, 61(4), 641-663.
- Smith, C. A., & Ellsworth, P. C. (1985). Patterns of cognitive appraisal in emotion. *Journal of personality and social psychology*, 48(4), 813.
- Souza, A. C. D., Alexandre, N. M. C., & Guirardello, E. D. B. (2017). Psychometric properties in instruments evaluation of reliability and validity. *Epidemiologia e servicos de saude*, 26, 649-659.
- Spilka, B., Hood, R.W., Hunsberger, B., & Gorsuch, R. (2003). *The psychology of religion: An empirical approach*, (3rd ed.). New York: Guilford Press.
- Stark, R., & Glock, C. Y. (1968). *American piety: The nature of religious commitment* (Vol. 1). Univ of California Press.
- Steketee, G., Quay, S., & White, K. (1991). Religion and guilt in OCD patients. *Journal of Anxiety Disorders*, 5(4), 359-367.
- Storbeck, J. ; Clore, Gerald L.(2008). Affective Arousal as Information: How Affective Arousal Influences Judgments, Learning, and Memory. *Social and Personality Psychology Compass*, 2(5), 1824-1843.
- Tajfel, H. (1982). *Social identity and intergroup relations* (European studies in social psychology). Editions de la Maison des sciences de l'homme. xv) Cambridge University Press, Cambridge (United Kingdom), 528.

- Tamir, M. (2009). What do people want to feel and why? Pleasure and utility in emotion regulation. *Current Directions in Psychological Science*, 18, 101–105. doi:10.1111/j.1467-8721.2009.01617.x
- Tamir, M. (2011). The maturing field of emotion regulation. *Emotion Review*, 3, 3–7. doi:10.1177/1754073910388685
- Tellegen, A. (1985). Structures of mood and personality and their relevance to assessing anxiety, with an emphasis on self-report.
- Terraciano, A., McCrae, R. R., & Costa Jr, P. T. (2003). Factorial and construct validity of the Italian Positive and Negative Affect Schedule (PANAS). *European journal of psychological assessment*, 19(2), 131.
- The jamovi project (2022). jamovi. (Version 2.3) [Computer Software]. Retrieved from <https://www.jamovi.org>.
- Trapnell, P. D. & Campbell, J. D. (1999). Private Self-Consciousness and the Five-Factor Model of personality: Distinguishing rumination from reflection. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 284-304.
- Tsai, J. L. (2007). Ideal affect: Cultural causes and behavioral consequences. *Perspectives on Psychological Science*, 2(3), 242-259.
- Tsai, J. L., Koopmann-Holm, B., Miyazaki, M., & Ochs, C. (2014). The religious shaping of feeling: Implications of affect valuation theory.
- Tsai, J.L., Knutson, B.K., & Fung, H.H. (2006). Cultural variation in affect valuation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90, 288–307
- Tsai, J.L., Levenson, R., & McCoy, K. (2006). Cultural and temperamental variation in emotional response. *Emotion*, 6, 484–497
- Tsai, J.L., Louie, J., Chen, E., & Uchida, Y. (2007). Learning what feelings to desire: Socialization of ideal affect through children’s storybooks. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33, 17– 30.
- Tsai, J.L., Miao, F.F., & Seppala, E. (2007). Good feelings in Christianity and Buddhism: Religious differences in ideal affect. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33, 409–421
- Turner, J. C. (1982). Towards a cognitive redefinition of the social group. *Social identity and intergroup relations*, 15-40.
- Turner, J. C., & Oakes, P. J. (1986). The significance of the social identity concept for social psychology with reference to individualism, interactionism and social influence. *British Journal of Social Psychology*, 25(3), 237-252.
- UK: Cambridge University Press.
- Vaillant, G. E. (2013). Psychiatry, religion, positive emotions and spirituality. *Asian journal of psychiatry*, 6(6), 590-594.

- Van Cappellen, P., Saroglou, V., Iweins, C., Piovesana, M., & Fredrickson, B. L. (2013). Self-transcendent positive emotions increase spirituality through basic world assumptions. *Cognition & emotion*, 27(8), 1378-1394.
- Van Cappellen, P., Toth-Gauthier, M., Saroglou, V., & Fredrickson, B. L. (2015). Religion and well-being: The mediating role of positive emotions. *Journal of Happiness Studies*, 1-21.
- Van Dillen, L. F., & Koole, S. L. (2007). Clearing the mind: A working memory model of distraction from negative mood. *Emotion*, 7, 715–723. doi:10.1037/1528-3542.7.4.715
- Veloso, M., Gouveia, J. P., & Dinis, A. (2011). Estudos de validação com a versão portuguesa da Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (EDRE). *Psychologica*, (54), 87-110.
- Vishkin, A., Bigman, Y. E., Porat, R., Solak, N., Halperin, E., & Tamir, M. (2016). God rest our hearts: Religiosity and cognitive reappraisal. *Emotion*, 16(2), 252.
- Vishkin, A., Ben-Nun Bloom, P., & Tamir, M. (2019). Always look on the bright side of life: religiosity, emotion regulation and well-being in a Jewish and Christian sample. *Journal of Happiness Studies*, 20(2), 427-447.
- Voas, David. 2014. "Afterword: Some Reflections on Numbers in the Study of Religion." *Diskus* 16 (2): 116–24.
- Wallace, B. A. (2009). *Contemplative science: Where Buddhism and neuroscience converge*. Columbia University Press.
- Wallace, L. E., Anthony, R., End, C. M., & Way, B. M. (2019). Does Religion Stave Off the Grave? Religious Affiliation in One's Obituary and Longevity. *Social Psychological and Personality Science*, 10(5), 662-670.
- Wang, K., Goldenberg, A., Dorison, C., Miller, J., Lerner, J., & Gross, J. (2020). A global test of brief reappraisal interventions on emotions during the COVID-19 pandemic.
- Watkins, E. R., & Roberts, H. (2020). Reflecting on rumination: Consequences, causes, mechanisms and treatment of rumination. *Behaviour Research and Therapy*, 127, 103573.
- Watson, D., & Clark, L. A. (1994). Emotions, Moods, Traits, And temperaments: Conceptual distinctions and empirical findings. In P. Ekman & R. J. Davidson (Eds.), *The nature of emotion: Fundamental questions* (pp. 89-93). New York: Oxford University Press
- Watson, D., & Tellegen, A. (1985). Toward a consensual structure of mood. *Psychological bulletin*, 98(2), 219.
- Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of Positive and Negative Affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(6), 1063-1070.
- Watts, F. (1996). Emotion and religion revisited: a response to O'Connor and Averill. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 6(3), 175-179.

- Watts, F. N. (1996). Psychological and religious perspectives on emotion. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 6, 71–87.
- Watts, F. N., & Williams, M. (1988). *The psychology of religious knowing*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Webb, T. L., Miles, E., & Sheeran, P. (2012). Dealing with feeling: A meta-analysis of the effectiveness of strategies derived from the process model of emotion regulation. *Psychological Bulletin*, 138(4), 775-808.
- Westermann, R., Spies, K., Stahl, G., & Hesse, F. W. (1996). Relative effectiveness and validity of mood induction procedures: A meta-analysis. *European Journal of Social Psychology*, 26, 557- 580
- Wild, D., Grove, A., Martin, M., Eremenco, S., McElroy, S., Verjee-Lorenz, A., & Erikson, P. (2005). Principles of good practice for the translation and cultural adaptation process for patient-reported outcomes (PRO) measures: report of the ISPOR Task Force for Translation and Cultural Adaptation. *Value in health*, 8(2), 94-104.
- Willander, E., & Willander, E. (2020). Religions and Society in Tension. Unity, Division and the Religious Mainstream in Sweden, 23-42.
- Wilken, B., & Miyamoto, Y. (2020). Protestant and Buddhist differences in noninfluence strategies of emotion regulation and their links to depressive symptoms. *Emotion*, 20(5), 804.
- Wimberley, D.W. (1984). Socioeconomic deprivation and religious salience: A cognitive behavioral approach. *The Sociological Quarterly*, 25, 223–238.
- Wulff, D.M. (1991). *Psychology of religion: Classic and contemporary views*. New York: John Wiley & Sons.
- Wulff, D.M. (1997). *Psychology of religion: Classic & contemporary*. New York: John Wiley & Sons.
- Yaden, D. B., Batz-Barbarich, C. L., Ng, V., Vaziri, H., Gladstone, J. N., Pawelski, J. O., & Tay, L. (2022). A Meta-Analysis of Religion/Spirituality and Life Satisfaction. *Journal of Happiness Studies*, 1-17.
- Zanon, C., & Teixeira, M. A. P. (2006). Adaptação do Questionário de Ruminação e Reflexão (QRR) para estudantes universitários brasileiros. *Interação em Psicologia*, 10(1).
- Zeman, J., Cassano, M., Perry-Parrish, C., & Stegall, S. (2006). Emotion regulation in children and adolescents. *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*, 27(2), 155-168.
- Zeman, J., Shipman, K., & Suveg, C. (2002). Anger and sadness regulation: Predictions to internalizing and externalizing symptoms in children. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 3(31), 393–398.

APÊNDICES

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO E QUESTIONÁRIO ONLINE (Estudo 3)

PORTUGUÊS

Idioma
Inglês
Português
Espanhol
Italiano
Russo
Qual dispositivo você está usando para responder a esta pesquisa?
1, Computador, Notebook, tablet etc.
2, Celular, smartphome etc
Termo de consentimento Livre e Esclarecido
O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa " A relação entre emoção e religião: Um estudo comparativo dos estados afetivos e das estratégias de regulação emocional em pessoas religiosas e não religiosas ". Neste estudo pretendemos mapear os estados afetivos e estratégias de regulação emocional utilizadas por religiosos e não religiosos e conhecer seus impactos no bem-estar subjetivo.
O motivo que nos leva a estudar este tema é a ausência de pesquisas que entendam como religiosos e não religiosos processam as experiências emocionais no cotidiano.
A pesquisa tem como objetivo realizar um levantamento por meio de um formulário online com instrumentos validados para medir afiliação religiosa, religiosidade, estados afetivos positivos e negativos, estratégias de regulação emocional, bem-estar subjetivo e dados sociodemográficos.

<p>Pretende-se compreender as diferenças entre os participantes religiosos e não religiosos na frequência relatada de determinados estados afetivos ao longo do mês e forma como utilizam determinadas estratégias de regulação emocional cotidianamente.</p>
<p>Os dados referentes à sua pessoa serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 466/2012 do CONEP - Conselho Nacional de Saúde, podendo o (a) senhor (a) solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.</p>
<p>Sua participação consistirá em responder a um questionário online que aborda uma série de aspectos relacionados à sua vida. O preenchimento tem o tempo estimado em 25 minutos, e será realizado no local de sua conveniência.</p> <p>Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Caso você, participante, sofra algum dano decorrente dessa pesquisa, os pesquisadores garantem indenizá-lo por todo e qualquer gasto ou prejuízo de acordo com os termos da lei. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador.</p>
<p>Ao preencher o questionário, você poderá, eventualmente, sentir algum desconforto ou reflexão sobre a vida. Nestes casos, terá acolhimento e atendimento imediato pelo pesquisador e, havendo necessidade (na sua perspectiva e/ou do pesquisador) e se desejar, poderá ser encaminhado para receber apoio psicoterapêutico gratuito posterior até que as circunstâncias retornem à regularidade.</p>
<p>Com relação aos benefícios deste estudo, é colaborar por meio da presente pesquisa na ampliação de conhecimentos acerca da relação entre experiências religiosas e estados afetivos, além de validar dados sobre as propriedades psicométricas de um instrumento de investigação sobre a utilização de estratégias de regulação emocional, contribuindo assim para os conhecimentos da área psicológica.</p>
<p>A coleta de dados será realizada pelo pesquisador assistente Adriano da Silva Costa, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob supervisão do pesquisador responsável Prof. Dr. Wellington Zangari. Em caso de dúvida, poderá contatar os pesquisadores pelos seguintes endereços de e-mail: adriano.scosta@usp.br e w.z@usp.br ou pelo telefone: (11) 96865-0517. Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721, sala 111, Cidade Universitária, USP, CEP 05508-900 - São Paulo, SP. Se preferir, você também pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH) do Instituto de Psicologia da USP: Av. Professor Mello Moraes, 1721 – Bloco G, 2º andar, sala 27. Telefone: (11)3091-4182, e-mail: ceph.ip@usp.br</p>
<p>O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.</p>
<p>Todos os materiais, questionários e documentos resultantes da pesquisa ficarão arquivados no Instituto de Psicologia da USP, no InterPsi - Laboratório de Estudos Psicossociais: crença, subjetividade, cultura & saúde, cujo endereço encontra-se no final deste termo de consentimento.</p>
<p>Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Os resultados do estudo poderão ser publicados em meios científicos.</p>

Consentimento Informado
Após ter sido informado (a) sobre a finalidade da pesquisa ” A relação entre emoção e religião: Um estudo comparativo das estratégias de regulação emocional utilizadas e dos estados afetivos em pessoas religiosas e não religiosas ” e após ter lido os esclarecimentos no presente Termo de Consentimento livre e Esclarecido, eu estou plenamente de acordo em participar do presente estudo, permitindo que os dados obtidos sejam utilizados para os fins da pesquisa, estando ciente que os resultados serão publicados para difusão e progresso do conhecimento científico e que minha identidade será preservada. Caso você concorde com esse termo de consentimento marque a opção “eu concordo em participar” para começar o questionário
Eu concordo em participar
Não concordo em participar
Contato dos pesquisadores responsáveis: Adriano da Silva Costa (Adriano.scosta@usp.br) Wellington Zangari (w.z@usp.br) Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721, sala 111, Cidade Universitária, USP, CEP 05508-900 - São Paulo, SP/Brasil
CERTIFIQUE-SE, POR GENTILEZA, DE HAVER FINALIZADO TODO O QUESTIONÁRIO. CASO CONTRÁRIO, SEUS DADOS NÃO SERÃO ENVIADOS AO PESQUISADOR. AGRADECEMOS ANTECIPADAMENTE A SUA COLABORAÇÃO.
Questões demográficas
Qual foi o sexo registrado na sua certidão de nascimento original?
Masculino
Feminino
Eu prefiro não divulgar
Identidade de gênero (Opcional; escolha todos os itens que se aplicam):
Agênero
Andrógeno
Demigênero
Queer ou Gênero fluído
Homem
Não tenho certeza
Homem trans
Mulher trans
Mulher
categoria / identidade de gênero adicional:
Eu prefiro não divulgar
Orientação sexual (Opcional; escolha todos os itens que se aplicam):

assexual
bissexual
Gay
heterossexual
lésbica
pansexual
queer
Não tenho certeza
same-gender loving
Uma identidade não listada
Eu prefiro não divulgar
Em que ano você nasceu?
Quantos anos você tem?
Qual é o maior grau educacional que você atingiu?
1 Não frequentou a escola
2 Ensino fundamental incompleto
3 Ensino fundamental completo
4 Ensino médio profissionalizante incompleto
5 Ensino médio profissionalizante completo
6 Ensino médio incompleto
7 Ensino médio completo
8 Ensino superior incompleto
9 Ensino superior completo
Atualmente, você está:
1 Casado(a)
2 União estável
3 Divorciado(a)
4 Separado(a)
5 Viúvo(a)
6 Solteiro(a)
Atualmente, você está empregado ? Se sim, tem emprego remunerado, quantas horas por semana?
1 - Emprego de período integral (30h por semana ou mais)
2 - Emprego de meio-período (Menos de 30h por semana)
3 - Autônomo
4 - Aposentado(a) ou pensionista
5 - Dona ou dono de casa não remunerada.
6 - Estudante
7 - Desempregado(a)

8 - Outro
Em que medida você está satisfeito com a situação da renda de sua família?
1 - Completamente insatisfeito
10 - Completamente satisfeito
A qual das seguintes religiões você pertence?
Cristianismo
Judaísmo
Islam
Hinduísmo
Budismo
Outra religião
Nenhuma religião
Não sei
Nos últimos 12 meses, com que frequência você ou sua família
1 - Frequentemente
2 - Algumas vezes
3 - Raramente
4 - Nunca
V188. Ficou sem comida suficiente
V189. Sentiu-se inseguro na sua casa
V190. Ficou sem remédios ou tratamento médico
V191. Ficou sem renda
Algumas pessoas pensam que têm total liberdade de escolha e controle total sobre suas vidas; outras pensam que o que elas fazem não tem nenhuma influência sobre o que acontece em sua vida. Por favor, use essa escala, em que 1 quer dizer “nenhuma liberdade de escolha” e 10 quer dizer “total liberdade de escolha”, quanto de liberdade de escolha e controle o(a) Sr.(a) acha que tem sobre o que acontece em sua vida?
1 - Nenhuma Liberdade de escolha
10 - Total Liberdade de escolha
País
Cidade
Qual a frase que melhor descreve o local onde você vive?
Uma grande cidade
Os subúrbios ou arredores de uma grande cidade
Uma vila ou uma pequena cidade
Uma aldeia
Uma fazenda ou uma casa no campo

Não sei
A sua mãe e seu pai são imigrantes neste país?
Imigrante
Não é imigrante
V243. Mãe
V244. Pai
V245. Você nasceu neste País ou é imigrante?
Eu nasci neste País
Eu sou imigrante neste País
V246. Você é um cidadão deste País?
1 Sim, eu sou um cidadão deste País
2 Não, eu não sou um cidadão deste País.
Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo (PANAS)
Essa escala consiste de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Leia cada item e então marque a resposta apropriada no espaço ao lado da palavra. Indique o quanto você se sentiu assim durante a última semana.
Muito pouco ou nada
Um pouco
Moderadamente
Muito
Excessivamente
Interessado(a)
Aflito(a)
Empolgado(a)
Chateado(a)
Forte
Culpado(a)
Com medo
Agressivo(a)
Entusiasmado(a)
Orgulhoso(a) (de algo)
Irritável
Alerta
Envergonhado(a)
Inspirado(a)
Nervoso(a)

Determinado(a)
Atento(a)
Agitado(a)
Ativo(a)
Apavorado(a)
Escala de Satisfação com a Vida
Abaixo você encontrará cinco afirmações com as quais pode ou não concordar. Usando a escala de resposta a seguir, que vai de 1 a 7, indique o quanto concorda ou discorda com cada uma; escreva um número no espaço ao lado da afirmação, segundo sua opinião. Por favor, seja o mais sincero possível nas suas respostas.
7 - Concordo totalmente
6 - Concordo
5 - Concordo ligeiramente
4 - Nem concordo nem discordo
3 - Discordo ligeiramente
2 - Discordo
1 - Discordo totalmente
Na maioria dos aspectos, minha vida é próxima ao meu ideal.
As condições da minha vida são excelentes.
Estou satisfeito(a) com minha vida.
Dentro do possível, tenho conseguido as coisas importantes que quero da vida.
Se pudesse viver uma segunda vez, não mudaria quase nada na minha vida.
Questionário de Regulação Emocional (ERQ)
Gostaríamos de fazer algumas questões sobre a sua vida emocional, em particular, como controla as suas emoções (isto é, como regula e conduz). As questões abaixo envolvem duas situações diferentes sobre sua vida emocional. A primeira refere-se a sua experiência emocional, isto é, o modo como se sente. A segunda refere-se a expressão emocional, ou seja, a forma como demonstra as suas emoções, ao falar, gesticular ou atuar. Apesar de algumas questões parecerem semelhantes, diferem-se em importantes aspectos. Para cada item, por favor responda utilizando a seguinte escala:
1 – Discordo totalmente
4 – Não concordo nem discordo
7 – Concordo totalmente
Quando quero sentir mais emoções positivas (como alegria ou contentamento), mudo o que estou pensando.
Eu conservo as minhas emoções para mim.
Quando quero sentir menos emoções negativas (como tristeza ou raiva)

mudo o que estou pensando.
Quando estou sentindo emoções positivas, tenho cuidado para não expressá-las.
Quando estou perante uma situação estressante, procuro pensar de uma forma que me ajude a ficar calmo.
Eu controlo as minhas emoções não as expressando.
Quando quero sentir mais emoções positivas, eu mudo o que estou pensando em relação à situação.
Eu controlo as minhas emoções modificando a forma de pensar sobre a situação em que me encontro.
Quando estou sentindo emoções negativas, tento não expressá-las.
Quando eu quero sentir menos emoções negativas, mudo à forma como estou pensando em relação à situação.
Questionário de Regulação de Sistemas Emocionais (RESS-24)
Por favor, indique como você reage assim que emoções negativas lhe aparecem . Para cada uma das afirmações apresentadas abaixo, marque a opção para indicar o quão frequentemente você fez as seguintes ações em consequência de uma emoção negativa, como raiva, tristeza ou estresse. Escolha suas respostas cuidadosamente em função do modo como você <i>realmente reage</i> , e não como você acha que deveria ou desejaria fazer. Não há respostas "certas" ou "erradas", de modo que você deve dar a resposta mais precisa possível para VOCÊ, e não o que você acha que a "maioria das pessoas" diria ou faria. Por gentileza, responda todos os itens
No momento que sinto uma emoção negativa, normalmente, eu <u>imediatamente</u> respondo...
Nunca
Às vezes
Metade das vezes
A Maioria das vezes
Sempre
Pensando repetidamente no que estava me incomodando
Mostrando por meio de expressões faciais que eu estava chateado(a)
Pensando em outras maneiras de interpretar a situação
Agindo como se eu não estivesse chateado(a)
Dizendo como eu estava me sentindo
Concentrando-me em fazer minha frequência cardíaca e minha respiração diminuírem
Trabalhando imediatamente em algo para me manter ocupado(a)
Pensando continuamente no que estava me incomodando
Certificando-me de que ninguém poderia perceber o que eu estava sentindo

Fazendo qualquer outra coisa para me distrair
Deixando minhas emoções aparecerem
Tentando ver o acontecimento de uma perspectiva diferente
Fingindo que eu não estava chateado(a)
Remoendo o acontecimento em minha mente
Olhando para o acontecimento de uma perspectiva diferente
Tentando diminuir minha frequência cardíaca e minha respiração
Envolvendo-me em alguma outra coisa para me manter ocupado(a)
Escondendo meus sentimentos
Respirando fundo
Mostrando meus sentimentos
Tentando repetidamente chegar à conclusão do que deu errado
Participando de atividades para me distrair
Buscando outras formas de ver a situação
Diminuindo a tensão no meu corpo
Escala de centralidade da experiência religiosa (CRS)
Com que frequência você pensa sobre questões religiosas?
Nunca.
Raramente.
Ocasionalmente.
Muitas vezes.
Frequentemente
Até que ponto você acredita em vida após a morte – por exemplo, imortalidade da alma, ressurreição ou reencarnação?
Nem um pouco.
Um pouco.
Mais ou menos.
Bastante.
Muitíssimo
Com que frequência você costuma participar de serviços religiosos (cultos, missas, sessões, estudos bíblicos, reuniões, grupos de oração, etc.)?
Nunca.
Uma vez por ano.
Algumas vezes por ano.
Uma vez por mês.
A cada 14 dias.

Uma vez por semana.
Várias vezes por semana.
Com que frequência você normalmente ora/reza?
Nunca.
Uma vez ao ano.
Algumas vezes ao ano.
Cerca de uma vez por mês.
A cada 14 dias.
Cerca de uma vez por semana.
Várias vezes por semana.
Cerca de uma vez por dia
Várias vezes ao dia
Com que frequência você passa por situações nas quais tem o sentimento de que Deus ou ser superior intervém em sua vida?
Nunca.
Raramente.
Ocasionalmente.
Muitas vezes.
Frequentemente
Quanto você se interessa em aprender mais sobre assuntos religiosos?
Nunca.
Raramente.
Ocasionalmente.
Muitas vezes.
Frequentemente
Até que ponto você acredita em vida após a morte – por exemplo, imortalidade da alma, ressurreição ou reencarnação?
Nem um pouco.
Um pouco.
Mais ou menos.
Bastante.
Muitíssimo
Que importância tem para você a participação em atividades religiosas (cultos, missas, rituais religiosos, sessões; reuniões)?
Nem um pouco.
Um pouco.
Mais ou menos.
Bastante.

Muitíssimo
Qual é a importância da oração pessoal para você?
Nem um pouco.
Um pouco.
Mais ou menos.
Bastante.
Muitíssimo
Com que frequência você passa por situações nas quais tem o sentimento de que Deus ou alguma coisa divina quer se comunicar ou revelar alguma coisa para você?
Nunca.
Raramente.
Ocasionalmente.
Muitas vezes.
Frequentemente
Ensinamentos religiosos sobre regulação das emoções.
Imagine que você está sentindo cada um dos estados afetivos abaixo e você deverá responder cada um dos itens imaginando qual seria a reação desejável de acordo com os ensinamentos ou entendimento da sua afiliação, crença, religião e/ou posição religiosa ou não-religiosa.
De acordo com a minha crença, religião e/ou posição religiosa ou não-religiosa, é desejável?
Aumentar esse estado afetivo
Manter esse estado afetivo
Diminuir esse estado afetivo
Não influenciar esse estado afetivo
Interessado(a)
Aflito(a)
Empolgado(a)
Chateado(a)
Forte
Culpado(a)
Com medo
Agressivo(a)
Entusiasmado(a)
Orgulhoso(a) (de algo)
Irritável
Alerta
Envergonhado(a)
Inspirado(a)
Nervoso(a)

Determinado(a)
Atento(a)
Agitado(a)
Ativo(a)
Apavorado(a)
Identidade religiosa
Qual das seguintes afirmações ou termos melhor descreve sua identidade, crença ou denominação religiosa (não religiosa)? (Você pode selecionar mais de uma alternativa, se necessário)
Você pode pesquisar o termo que melhor se adapta à sua identidade religiosa, digitando algumas letras na caixa vazia abaixo e o formulário mostrará algumas opções para você. Caso você não encontre algo que corresponda à sua identidade religiosa, por favor, selecione a opção "Outros" e teremos o maior prazer em incluir esta opção em pesquisas futuras.
Há quanto tempo você se percebe pertencente a essa religião ou tendo essa identidade, crença ou denominação religiosa (não religiosa)?
há menos de 6 meses
entre 6 meses e 1 ano
entre 1 ano e 2 anos
entre 2 anos e 5 anos
entre 5 e 10 anos
entre 10 e 20 anos
há mais de 20 anos
Você se considera pertencente a mais de uma denominação ou afiliação religiosa?
Sim
Não
Indique o seu grau de concordância com a seguinte frase: "Cresci em um lar onde a religião ou crenças espirituais faziam parte da vida familiar".
Discordo totalmente
Discordo parcialmente
Não concordo nem discordo
Concordo parcialmente
Totalmente de acordo
Qual das seguintes afirmações ou termos descreve melhor a identidade, crença ou denominação religiosa (não religiosa) em sua casa ou no ambiente onde você cresceu? (Você pode selecionar

mais de uma alternativa, se necessário)
Você frequenta alguma instituição religiosa regularmente?
Sim
Não
Qual é o nome desta instituição religiosa que você frequenta regularmente? (Esta questão não é obrigatória)
Qual das seguintes afirmações ou termos melhor descreve a afiliação religiosa desta instituição?
Há quanto tempo você frequenta esta instituição?
há menos de 6 meses
entre 6 meses e 1 ano
entre 1 ano e 2 anos
entre 2 anos e 5 anos
entre 5 e 10 anos
entre 10 e 20 anos
há mais de 20 anos
Em média, quantas pessoas comparecem a serviços religiosos / rituais / celebrações / orações e outras atividades em seu local de culto atual?
Quão próximo você é de outros membros desta instituição religiosa?
Nada próximo
Não muito
Moderadamente
Bastante
Muito
Nessa instituição que você frequenta regularmente, como você caracterizaria o seu envolvimento?
Frequentador (Participa das atividades que são conduzidas por outros integrantes dessa instituição religiosa)
Trabalhador (Responsável por conduzir ou desenvolver atividades para outros frequentadores ou para a organização de maneira geral, auxiliando no funcionamento da mesma)
Ambos
Com que frequência você participa das atividades dessa instituição religiosa?
Nunca.
Uma vez ao ano.
Algumas vezes ao ano.
Algumas vezes por mês.

Cerca de uma vez por mês.
Algumas vezes por semana.
Uma vez por semana.
Algumas vezes por dia
Você já passou por algum processo de mudança de crença / religião / posição religiosa ou não-religiosa?
Sim
Não
Você considera que possui crenças e práticas provenientes de outras religiões, diferentemente de tua crença / religião / posição religiosa ou não-religiosa principal?
Sim
Não
Você gostaria de participar de outra pesquisa no futuro?
Sim
Não sei
Não
Caso você queira ou possa participar de pesquisas futuras, escreva seu e-mail. (Não é obrigatório)
<p>Obrigado por responder esta pesquisa.</p> <p>Nós realmente valorizamos as informações que você forneceu. Suas respostas contribuirão para nossas análises sobre a relação entre religião e experiências afetivas.</p> <p>Se você tiver algum comentário sobre a pesquisa, entre em contato pelo e-mail: adriano.costa@usp.br.</p> <p>Atenciosamente,</p>

**ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO EXPERIMENTO
(Estudo 4)**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



INSTITUTO DE PSICOLOGIA



Eu, _____, CPF _____, RG _____, aceito participar como voluntário(a) na pesquisa **REGULAÇÃO EMOCIONAL E ESTADOS AFETIVOS**. Após ler e me esclarecer sobre as informações a seguir, no caso de fazer parte do estudo, assinarei este documento nesta folha e na seguinte (que contém similar declaração), que está em duas vias; uma delas é minha e a outra do pesquisador. Minha participação nesta pesquisa, porém, não é obrigatória. A qualquer momento posso desistir de participar e retirar meu consentimento. Minha recusa não trará nenhum prejuízo em minha relação com o pesquisador ou com a instituição. Em caso de dúvida, posso procurar o pesquisador Adriano da Silva Costa, telefone: (11) 96865-0517, e-mail: adriano.scosta@usp.br. Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721, sala 111, Cidade Universitária, USP, CEP 05508-900 - São Paulo, SP. Posso também procurar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: Av. Prof. Mello Moraes, 1.721 - Bloco G, 2º andar, sala 27 - CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo, SP, e-mail: ceph.ip@usp.br, telefone: (11) 3091-4182. (CAAE 29106219.1.0000.5561)

Assinatura do pesquisador: _____

Assinatura do participante da pesquisa: _____

Prezado Participante,

Este é um convite para você participar voluntariamente em uma pesquisa para compreendermos melhor os processos relacionados com a regulação emocional.

Estamos à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas em relação à pesquisa antes e durante a sua participação nela.

Leia as informações abaixo antes de concordar ou não em participar da pesquisa.

1. Para quê serve a pesquisa?

A pesquisa nos ajudará a compreender os processos psicológicos associados à regulação emocional e seus efeitos nos estados afetivos, analisados em conjunto com outras variáveis sociodemográficas.

2. Como será a pesquisa?

Os voluntários serão submetidos a um experimento psicológico realizado no computador onde serão treinados em duas técnicas de regulação emocional (distração e reavaliação cognitiva); Após o treino, o voluntário realizará uma tarefa em que imagens com um conteúdo emocional de valência negativa serão expostas continuamente e deverão escolher uma das duas técnicas ensinadas para diminuir o impacto emocional da imagem. Depois de finalizar a tarefa, você deverá preencher um formulário com algumas questões pessoais. A duração completa desse estudo é de 15 minutos.

3. Quais são os riscos e danos envolvidos?

Os procedimentos desta pesquisa são considerados de risco mínimo, considerando como inconvenientes que você precisará dispor de tempo para responder e poderá se sentir cansado ou estão associados ao fato de você estar exposto a imagens com um conteúdo emocional de valência negativa. Caso as imagens incitem emoções desagradáveis, você poderá interromper o estudo quando desejar.

4. Quem está fazendo esta pesquisa?

A pesquisa é feita pelo pesquisador de doutorado ADRIANO DA SILVA COSTA e seu orientador, o professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo (USP) WELLINGTON ZANGARI. Os testes serão aplicados pelo pesquisador, que os conhece bem.

5. Onde será feita a pesquisa?

A pesquisa será feita nas dependências do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso ou remotamente, em um dia e hora combinados com cada um.

6. Participação voluntária e sem pagamento

Você não recebe nenhum pagamento do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da USP, do supervisor, do pesquisador ou de qualquer pessoa ou agência. Também, não é garantido o ressarcimento por eventuais despesas de transporte decorrentes de sua participação na pesquisa. Embora não haja pagamento pela sua participação na pesquisa, você poderá ser de grande valia para a expansão do conhecimento científico acerca dos temas abordados neste projeto.

7. Você pode não participar ou desistir durante os testes?

Como sua participação é voluntária, você poderá desistir de fazer os testes antes ou depois de começar, sem qualquer problema para você ou para qualquer pessoa ou instituição.

8. Quem fica sabendo dos resultados dos seus testes e de sua entrevista?

Somente você e a pessoa que aplicou os testes saberão seus resultados. Os resultados de todos os participantes, incluindo os seus, serão usados em trabalhos científicos, apresentados em palestras e revistas sem dizer o seu nome e sem dar qualquer informação que revele quem você é. O sigilo é totalmente garantido e vale para todas as etapas da pesquisa.

9. Quais as vantagens em você participar da pesquisa?

No final da pesquisa, o pesquisador que aplicou os testes em você poderá informar seus resultados e o que achou dos seus testes por escrito ou apenas falando. A escolha é sua. Quando os resultados gerais dos testes forem comparados e publicados, as pessoas em geral, incluindo você, poderão entender melhor como funciona a Regulação emocional. Além disso, psicólogos e cientistas de áreas afins poderão entender melhor esse tema e os processos envolvidos.

Obrigado por colaborar!

Atenciosamente,

Adriano da Silva Costa

Doutorando em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo Av. Prof. Mello

Moraes, 1721

Cidade Universitária, USP

05508-900 - São Paulo, SP – Brasil

Tel (0xx11) 96865-0517; e-mail: adriano.scosta@usp.br

Prof. Dr. Wellington Zangari

Supervisor da Pesquisa

Professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo

Av. Prof. Mello Moraes, 1721

Cidade Universitária, USP

05508-900 - São Paulo, SP – Brasil

Eu, _____, CPF _____, RG _____, aceito participar como voluntário(a) na pesquisa REGULAÇÃO EMOCIONAL E ESTADOS AFETIVOS. Após ler e me esclarecer sobre as informações a seguir, no caso de fazer parte do estudo, assinarei este documento nesta folha e na seguinte (que contém similar declaração), que está em duas vias; uma delas é minha e a outra do pesquisador. Minha participação nesta pesquisa, porém, não é obrigatória. A qualquer momento posso desistir de participar e retirar meu consentimento. Minha recusa não trará nenhum prejuízo em minha relação com o pesquisador ou com a instituição. Em caso de dúvida, posso procurar o pesquisador Adriano da Silva Costa, telefone: (11) 96865-0517, e-mail: adriano.scosta@usp.br . Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721, sala 111, Cidade Universitária, USP, CEP 05508-900 - São Paulo, SP. Posso também procurar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: Av. Prof. Mello Moraes, 1.721 - Bloco G, 2º andar, sala 27 - CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo, SP, e-mail: ceph.ip@usp.br , telefone: (11) 3091-4182.	
Assinatura do pesquisador: _____	Assinatura do participante da pesquisa: _____
_____	_____ de _____ de _____

ANEXO C - VERSÃO FINAL DO RESS - 38 (PORTUGUÊS)

Questionário de Regulação de Sistemas Emocionais

Por favor, indique como você **reage assim que emoções negativas lhe aparecem**. Para cada uma das afirmações apresentadas abaixo, marque a opção para indicar o quão frequentemente você fez as seguintes ações em consequência de uma emoção negativa, como raiva, tristeza ou estresse. Escolha suas respostas cuidadosamente em função do modo como você *realmente* reage, e não como você acha que deveria ou desejaria fazer. Não há respostas "certas" ou "erradas", de modo que você deve dar a resposta mais precisa possível para VOCÊ, e não o que você acha que a "maioria das pessoas" diria ou faria. Por gentileza, responda *todos* os itens.

No momento que sinto uma emoção negativa, normalmente, eu imediatamente respondo...

	Nunca	Às vezes	Metade das vezes	A Maioria das vezes	Sempre
1. Pensando repetidamente no que estava me incomodando.	1	2	3	4	5
2. Mostrando por meio de expressões faciais que eu estava chateado(a)	1	2	3	4	5
3. Agindo como se eu não estivesse chateado(a)	1	2	3	4	5
4. Deixando minhas emoções aparecerem	1	2	3	4	5
5. Dizendo como eu estava me sentindo.	1	2	3	4	5
6. Concentrando-me em fazer minha frequência cardíaca e minha respiração diminuírem.	1	2	3	4	5
7. Mostrando meus sentimentos	1	2	3	4	5
8. Tentando diminuir minha frequência cardíaca e minha respiração	1	2	3	4	5
9. Trabalhando imediatamente em algo para me manter ocupado(a)	1	2	3	4	5
10. Pensando continuamente no que estava me incomodando	1	2	3	4	5
11. Mostrando externamente o que eu estava sentindo	1	2	3	4	5
12. Certificando-me de que ninguém poderia perceber o que eu estava sentindo	1	2	3	4	5
13. Fazendo qualquer outra coisa para me distrair	1	2	3	4	5
14. Tentando ver o acontecimento de uma perspectiva diferente	1	2	3	4	5
15. Fingindo que eu não estava chateado(a)	1	2	3	4	5
16. Contando aos outros exatamente como eu me senti	1	2	3	4	5
17. Remoendo o acontecimento em minha mente	1	2	3	4	5
18. Olhando para o acontecimento de uma perspectiva diferente	1	2	3	4	5
19. Expressando meus sentimentos	1	2	3	4	5
20. Buscando outras formas de ver a situação	1	2	3	4	5
21. Pensando em outras maneiras de interpretar a situação	1	2	3	4	5
22. Envolvendo-me em alguma outra coisa para me manter ocupado(a)	1	2	3	4	5
23. Mostrando que eu estava chateado(a)	1	2	3	4	5
24. Olhando a situação de vários ângulos diferentes	1	2	3	4	5
25. Escondendo meus sentimentos	1	2	3	4	5
26. Certificando-me de esconder meus sentimentos	1	2	3	4	5

27. Respirando fundo	1	2	3	4	5
28. Tentando repetidamente chegar à conclusão do que deu errado	1	2	3	4	5
29. Participando de atividades para me distrair	1	2	3	4	5
30. Diminuindo a tensão no meu corpo	1	2	3	4	5
31. Fazendo um esforço para esconder meus sentimentos	1	2	3	4	5
32. Ocultando como eu estava me sentindo	1	2	3	4	5
33. Pensando no acontecimento repetidamente em minha mente	1	2	3	4	5
34. Pensando repetidamente no que deu errado	1	2	3	4	5
35. Tentando fingir que não estava chateado(a)	1	2	3	4	5
36. Pensando em maneiras alternativas de ver a situação	1	2	3	4	5
37. Tentando pensar no acontecimento de um modo mais positivo	1	2	3	4	5
38. Tentando ver a situação de uma forma mais positiva	1	2	3	4	5

Scoring:

Ruminação: 1, 10, 17, 28, 33, 34

Envolvimento: 2, 4, 5, 7, 11, 16, 19, 23

Supressão: 3, 12, 15, 25, 26, 31, 32, 35

Relaxamento: 6, 8, 27, 30

Distração: 9, 13, 22, 29,

Reavaliação: 14, 18, 20, 21, 24, 36, 37, 38

ANEXO D - VERSÃO FINAL DO RESS - 24 (PORTUGUÊS)

Questionário de Regulação de Sistemas Emocionais

Por favor, indique como você **reage assim que emoções negativas lhe aparecem**. Para cada uma das afirmações apresentadas abaixo, marque a opção para indicar o quão frequentemente você fez as seguintes ações em consequência de uma emoção negativa, como raiva, tristeza ou estresse. Escolha suas respostas cuidadosamente em função do modo como você *realmente* reage, e não como você acha que deveria ou desejaria fazer. Não há respostas "certas" ou "erradas", de modo que você deve dar a resposta mais precisa possível para VOCÊ, e não o que você acha que a "maioria das pessoas" diria ou faria. Por gentileza, responda *todos* os itens.

No momento que sinto uma emoção negativa, normalmente, eu imediatamente respondo...

	Nunca	Às vezes	Metade das vezes	A Maioria das vezes	Sempre
1. Pensando repetidamente no que estava me incomodando	1	2	3	4	5
2. Mostrando por meio de expressões faciais que eu estava chateado(a)	1	2	3	4	5
3. Pensando em outras maneiras de interpretar a situação	1	2	3	4	5
4. Agindo como se eu não estivesse chateado(a)	1	2	3	4	5
5. Dizendo como eu estava me sentindo	1	2	3	4	5
6. Concentrando-me em fazer minha frequência cardíaca e minha respiração diminuírem	1	2	3	4	5
7. Trabalhando imediatamente em algo para me manter ocupado(a)	1	2	3	4	5
8. Pensando continuamente no que estava me incomodando	1	2	3	4	5
9. Certificando-me de que ninguém poderia perceber o que eu estava sentindo	1	2	3	4	5
10. Fazendo qualquer outra coisa para me distrair	1	2	3	4	5
11. Deixando minhas emoções aparecerem	1	2	3	4	5
12. Tentando ver o acontecimento de uma perspectiva diferente	1	2	3	4	5
13. Fingindo que eu não estava chateado(a)	1	2	3	4	5
14. Remoendo o acontecimento em minha mente	1	2	3	4	5
15. Olhando para o acontecimento de uma perspectiva diferente	1	2	3	4	5
16. Tentando diminuir minha frequência cardíaca e minha respiração	1	2	3	4	5
17. Envolvendo-me em alguma outra coisa para me manter ocupado(a)	1	2	3	4	5
18. Escondendo meus sentimentos	1	2	3	4	5
19. Respirando fundo	1	2	3	4	5
20. Mostrando meus sentimentos	1	2	3	4	5
21. Tentando repetidamente chegar à conclusão do que deu errado	1	2	3	4	5
22. Participando de atividades para me distrair	1	2	3	4	5
23. Buscando outras formas de ver a situação	1	2	3	4	5
24. Diminuindo a tensão no meu corpo	1	2	3	4	5

Ruminação (itens 1, 8, 14 e 21),
Engajamento (itens 2, 5, 11 e 20),
Reavaliação (3, 12, 15 e 23),
Supressão (Itens 4, 9, 13 e 18),
Relaxamento (itens 6, 16, 19 e 24)
Distração (itens 7, 10, 17 e 22)

ANEXO E - VERSÃO FINAL DO RESS - 18 (PORTUGUÊS)

Questionário de Regulação de Sistemas Emocionais

Por favor, indique como você **reage assim que emoções negativas lhe aparecem**. Para cada uma das afirmações apresentadas abaixo, marque a opção para indicar o quão frequentemente você fez as seguintes ações em consequência de uma emoção negativa, como raiva, tristeza ou estresse. Escolha suas respostas cuidadosamente em função do modo como você *realmente* reage, e não como você acha que deveria ou desejaria fazer. Não há respostas "certas" ou "erradas", de modo que você deve dar a resposta mais precisa possível para VOCÊ, e não o que você acha que a "maioria das pessoas" diria ou faria. Por gentileza, responda *todos* os itens.

No momento que sinto uma emoção negativa, normalmente, eu imediatamente respondo...

	Nunca	Às vezes	Metade das vezes	A Maioria das vezes	Sempre
1. Pensando repetidamente no que estava me incomodando	1	2	3	4	5
2. Dizendo como eu estava me sentindo	1	2	3	4	5
3. Concentrando-me em fazer minha frequência cardíaca e minha respiração diminuírem	1	2	3	4	5
4. Trabalhando imediatamente em algo para me manter ocupado(a)	1	2	3	4	5
5. Pensando continuamente no que estava me incomodando	1	2	3	4	5
6. Certificando-me de que ninguém poderia perceber o que eu estava sentindo	1	2	3	4	5
7. Deixando minhas emoções aparecerem	1	2	3	4	5
8. Tentando ver o acontecimento de uma perspectiva diferente	1	2	3	4	5
9. Fingindo que eu não estava chateado(a)	1	2	3	4	5
10. Remoendo o acontecimento em minha mente	1	2	3	4	5
11. Olhando para o acontecimento de uma perspectiva diferente	1	2	3	4	5
12. Tentando diminuir minha frequência cardíaca e minha respiração	1	2	3	4	5
13. Envolvendo-me em alguma outra coisa para me manter ocupado(a)	1	2	3	4	5
14. Escondendo meus sentimentos	1	2	3	4	5
15. Respirando fundo	1	2	3	4	5
16. Mostrando meus sentimentos	1	2	3	4	5
17. Participando de atividades para me distrair	1	2	3	4	5
18. Buscando outras formas de ver a situação	1	2	3	4	5

Ruminação (itens 1, 8, 14 e 21),

Engajamento (itens 2, 5, 11 e 20),

Reavaliação (3, 12, 15 e 23),

Supressão (Itens 4, 9, 13 e 18),

Relaxamento (itens 6, 16, 19 e 24)

Distração (itens 7, 10, 17 e 22)

ANEXO F - VERSÃO ORIGINAL DO RESS - 38 (INGLÊS)

Regulation of Emotion Systems Survey

Please indicate how you respond **right away to negative emotions as they arise**. Do not choose your answers based on what you think you should do or wish you do. Instead, choose your answers thoughtfully, and make your answers about what you *actually* do. Please answer *every* item. There are no “right” and “wrong” answers, so choose the most accurate answer for YOU – not what you think “most people” would say or do. For each statement below, please circle the appropriate number to indicate how frequently you did the following things in response to feeling a negative emotion, such as anger, sadness, or stress.

At the time I experience a negative emotion, I usually respond to it right away by...

	Never	Some times	Half of the time	Most of the time	Always
1. Thinking repeatedly about what was bothering me	1	2	3	4	5
2. Using facial expressions to show that I was upset	1	2	3	4	5
3. Acting like I was not upset	1	2	3	4	5
4. Letting my emotions show	1	2	3	4	5
5. Vocalizing how I was feeling	1	2	3	4	5
6. Focusing on slowing my heart rate and breathing	1	2	3	4	5
7. Showing my feelings	1	2	3	4	5
8. Trying to slow my heart rate and breathing	1	2	3	4	5
9. Immediately working on something to keep myself busy	1	2	3	4	5
10. Continually thinking about what was bothering me	1	2	3	4	5
11. Outwardly showing what I was feeling	1	2	3	4	5
12. Making sure no one could tell what I was feeling	1	2	3	4	5
13. Doing something else to distract myself	1	2	3	4	5
14. Trying to see the emotional event from a different perspective	1	2	3	4	5
15. Pretending I was not upset	1	2	3	4	5
16. Telling others exactly how I felt	1	2	3	4	5
17. Going over the emotional event again and again in my mind	1	2	3	4	5
18. Looking at the emotional event from a different perspective	1	2	3	4	5
19. Expressing my feelings	1	2	3	4	5
20. Identifying different angles to see the situation	1	2	3	4	5
21. Thinking of other ways to interpret the situation	1	2	3	4	5
22. Engaging in something else to keep busy	1	2	3	4	5
23. Showing that I was upset	1	2	3	4	5
24. Looking at the situation from several different angles	1	2	3	4	5
25. Hiding my feelings	1	2	3	4	5
26. Being sure to hide what I was feeling	1	2	3	4	5
27. Taking deep breaths	1	2	3	4	5
28. Continually trying to decide what went wrong	1	2	3	4	5
29. Engaging in activities to distract myself	1	2	3	4	5
30. Decreasing the tension in my body	1	2	3	4	5
31. Making an effort to hide my feelings	1	2	3	4	5
32. Concealing how I was feeling	1	2	3	4	5

33. Thinking about the emotional event again and again in my mind	1	2	3	4	5
34. Thinking again and again about what went wrong	1	2	3	4	5
35. Trying to pretend I wasn't upset	1	2	3	4	5
36. Thinking of alternate ways to see the situation	1	2	3	4	5
37. Trying to think of the emotional event in a more positive light	1	2	3	4	5
38. Trying to see the situation in a more positive light	1	2	3	4	5

Scoring:

Rumination: 1, 10, 17, 28, 33, 34

Engagement: 2, 4, 5, 7, 11, 16, 19, 23

Suppression: 3, 12, 15, 25, 26, 31, 32, 35

Relaxation: 6, 8, 27, 30

Distraction: 9, 13, 22, 29,

Reappraisal: 14, 18, 20, 21, 24, 36, 37, 38

ANEXO G - VERSÃO ORIGINAL DO RESS - 24 (INGLÊS)

Regulation Of Emotion Systems Survey

Please indicate how you respond right away to negative emotions as they arise. Do not choose your answers based on what you think you should do or wish you do. Instead, choose your answers thoughtfully, and make your answers about what you actually do. Please answer every item. There are no "right" and "wrong" answers, so choose the most accurate answer for YOU – not what you think "most people" would say or do. For each statement below, please click on the appropriate number to indicate how frequently you did the following things in response to feeling a negative emotion, such as anger, sadness, or stress.

	Never	Some times	Half of the time	Most of the time	Always
1. Thinking repeatedly about what was bothering me	1	2	3	4	5
2. Using facial expressions to show that I was upset	1	2	3	4	5
3. Thinking of other ways to interpret the situation	1	2	3	4	5
4. Acting like I was not upset	1	2	3	4	5
5. Vocalizing how I was feeling	1	2	3	4	5
6. Focusing on slowing my heart rate and breathing	1	2	3	4	5
7. Immediately working on something to keep myself busy	1	2	3	4	5
8. Continually thinking about what was bothering me	1	2	3	4	5
9. Making sure no one could tell what I was feeling	1	2	3	4	5
10. Doing something else to distract myself	1	2	3	4	5
11. Letting my emotions show	1	2	3	4	5
12. Trying to see the emotional event from a different perspective	1	2	3	4	5
13. Pretending I was not upset	1	2	3	4	5
14. Going over the emotional event again and again in my mind	1	2	3	4	5
15. Looking at the emotional event from a different perspective	1	2	3	4	5
16. Trying to slow my heart rate and breathing	1	2	3	4	5
17. Engaging in something else to keep busy	1	2	3	4	5
18. Hiding my feelings	1	2	3	4	5
19. Taking deep breaths	1	2	3	4	5
20. Showing my feelings	1	2	3	4	5
21. Continually trying to decide what went wrong	1	2	3	4	5
22. Engaging in activities to distract myself	1	2	3	4	5
23. Identifying different angles to see the situation	1	2	3	4	5
24. Decreasing the tension in my body	1	2	3	4	5

Scoring

Rumination: 1, 8, 14, 21

Engagement: 2, 5, 11, 20

Reappraisal: 3, 12, 15, 23

Suppression: 4, 9, 13, 18

Relaxation: 6, 16, 19, 24

Distraction: 7, 10, 17, 22

ANEXO H - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

USP- INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A relação entre emoção e religião: Um estudo comparativo das estratégias de regulação emocional utilizadas e dos estados afetivos em religiosos e não religiosos.

Pesquisador: ADRIANO DA SILVA COSTA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 29106219.1.0000.5561

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio
UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.968.615

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa de doutorado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP. A investigação trata da relação entre emoção e religião e compreende três estudos: 1. Tradução, adaptação e validação de uma escala de regulação emocional; 2. Estudo quantitativo e transversal para medir afiliação religiosa, religiosidade, estados afetivos positivos e negativos, estratégias de regulação emocional, dificuldades de regulação emocional e dados sociodemográficos; 3. Experimento em que os participantes religiosos e não religiosos serão instruídos sobre duas técnicas de regulação emocional (distração e reavaliação cognitiva) e serão expostos a um conjunto de imagens de valência negativa de alta e baixa intensidade continuamente em que deverão escolher entre uma das duas estratégias ensinadas para diminuir o efeito emocional da imagem. Posteriormente, os participantes serão expostos novamente a imagens de valência negativa e deverão aplicar somente a estratégia de reavaliação cognitiva e descrever como implementaram essa estratégia; essas respostas serão submetidas à análise de conteúdo.

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.ip@usp.br

Continuação do Parecer: 3.968.615

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo geral

Mapear a frequência dos estados afetivos e estratégias de regulação emocional utilizadas por participantes religiosos e não religiosos.

Objetivos secundários:

1. Quais são as diferenças entre os participantes religiosos e não religiosos na frequência relatada de determinados estados afetivos ao longo do mês?
2. Quais são as diferenças entre os participantes religiosos e não religiosos na forma como utilizam determinadas estratégias de regulação emocional?
3. Avaliar, numa simulação experimental, as diferenças na forma como os participantes religiosos e não religioso escolhem entre um conjunto de determinadas estratégias de regulação emocional.
4. Avaliar, numa simulação experimental, como os participantes religiosos e não religiosos avaliam a eficácia percebida da utilização das estratégias de reavaliação cognitiva e supressão emocional."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: são mencionados riscos mínimos. No estudo de aplicação de instrumentos por meio de formulário online, o pesquisador informa que poderá ocorrer algum desconforto, sofrimento e reflexão sobre a vida e que, nesse caso, o participante terá acolhimento e atendimento pelo pesquisador, bem como encaminhamento para receber apoio psicoterapêutico gratuito posterior. No estudo que será realizado no computador, menciona-se que o participante poderá sentir cansaço ou emoções desagradáveis com a exposição a imagens com conteúdo emocional de valência negativa, podendo nesse caso interromper o estudo quando desejar.

Como benefícios o pesquisador menciona "a ampliação de conhecimentos acerca da relação entre experiências religiosas e estados afetivos, além de validar dados sobre as propriedades psicométricas de um instrumento de investigação sobre a utilização de estratégias de regulação emocional, contribuindo assim para os conhecimentos da área psicológica."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto apresenta fundamentação teórica, justificativa e objetivos definidos. Compreende três estudos, com descrição detalhada da metodologia de cada um deles. O primeiro estudo trata da tradução, adaptação e validação do Questionário de Regulação de Sistemas Emocionais desenvolvido por De France & Hollenstein (2017), que será utilizado para caracterizar as

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.ip@usp.br

Continuação do Parecer: 3.968.615

estratégias utilizadas por religiosos e não religiosos. O segundo estudo refere-se ao levantamento por meio de formulário online com instrumentos validados para medir afiliação religiosa, religiosidade, estados afetivos positivos e negativos, estratégias de regulação emocional, dificuldades de regulação emocional e dados sociodemográficos. A mostra será composta por 1.309 participantes, de ambos os sexos, maiores de 18 anos, brasileiros ou estrangeiros residentes no Brasil que falem português fluente. A divulgação será feita em algumas mídias das diferentes capitais do Brasil, em comunidades específicas nas redes sociais de religiosos e não religiosos e algumas comunidades religiosas específicas. Será utilizada a Plataforma Google forms. O terceiro estudo compreende um experimento psicológico utilizando um computador, dividido em duas etapas, a ser realizado no Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais do IPUSP, com a participação de estudantes universitários (50 religiosos e 50 não religiosos) de ambos os sexos, maiores de 18 anos. Não descreve a forma de recrutamento.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os dois Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, um destinado aos participantes do estudo de levantamento de dados online e outro aos participantes do experimento no computador estão elaborados em forma de convite em conformidade com a Resolução 466/2012. No entanto, em ambos, há algumas observações apontadas para revisão/correção no item Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Recomendações:

Esclarecer o tamanho da amostra do terceiro estudo. No Formulário da Plataforma constam 100 participantes, 50 religiosos e 50 não religiosos e no Projeto de pesquisa constam 80 participantes, 40 religiosos e 40 não religiosos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Correções no TCLE destinado aos participantes do estudo online:

Página 1 - 3º parágrafo, 1ª linha – palavra “levanto”, seria “levantamento”?;

Página 3 - no parágrafo “Declaro que substituir o termo “cópia” por “via”; no espaço da data, atualizar o ano.

Revisão/Correção no TCLE destinado aos participantes do experimento:

Página 1 – última linha, item 6. Participação voluntária e sem pagamento. Rever a informação

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.ip@usp.br

Continuação do Parecer: 3.968.615

“Também, não é garantido o ressarcimento por eventuais despesas de transporte decorrentes de sua participação na pesquisa”. Na Resolução 466/2012 está previsto no capítulo IV, item IV.3 O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deverá conter obrigatoriamente: “g) explicitação da garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes;”

Além disso, informar que a primeira página deve conter as rubricas do participante e do pesquisador.

Considerações Finais a critério do CEP:

De acordo com a Resolução CNS nº 466 de 2012 e a Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, as pendências devem ser respondidas exclusivamente pelo pesquisador responsável no prazo de 30 dias, a partir da data de envio do parecer pelo CEP. Após esse prazo, o protocolo será arquivado.

Considerações finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se por aguardar o atendimento às questões acima para emissão de seu parecer final.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1489631.pdf	11/02/2020 15:07:05		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudo_2_EXPERIMENTO.docx	11/02/2020 15:06:32	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudo_1_Survey.docx	11/02/2020 15:05:20	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_DE_INFRAESTRUTURA.pdf	17/12/2019 15:49:24	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
Declaração de	DeclaracaoPesquisadorResponsavel.	17/12/2019	ADRIANO DA SILVA	Aceito

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030

UF: SP **Município:** SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.ip@usp.br

USP- INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO



Continuação do Parecer: 3.968.615

Pesquisadores	pdf	15:48:02	COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa.doc	17/12/2019 15:44:14	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	17/12/2019 15:42:42	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 13 de Abril de 2020

Assinado por:
Jose de Oliveira Siqueira
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 **E-mail:** ceph.ip@usp.br

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A relação entre emoção e religião: Um estudo comparativo das estratégias de regulação emocional utilizadas e dos estados afetivos em religiosos e não religiosos.

Pesquisador: ADRIANO DA SILVA COSTA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 29106219.1.0000.5561

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio
UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.021.167

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa de doutorado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP. A investigação trata da relação entre emoção e religião e compreende três estudos: 1. Tradução, adaptação e validação de uma escala de regulação emocional; 2. Estudo quantitativo e transversal para medir afiliação religiosa, religiosidade, estados afetivos positivos e negativos, estratégias de regulação emocional, dificuldades de regulação emocional e dados sociodemográficos; 3. Experimento em que os participantes religiosos e não religiosos serão instruídos sobre duas técnicas de regulação emocional (distração e reavaliação cognitiva) e serão expostos a um conjunto de imagens de valência negativa de alta e baixa intensidade continuamente em que deverão escolher entre uma das duas estratégias ensinadas para diminuir o efeito emocional da imagem. Posteriormente, os participantes serão expostos novamente a imagens de valência negativa e deverão aplicar somente a estratégia de reavaliação cognitiva e descrever como implementaram essa estratégia; essas respostas serão submetidas à análise de conteúdo.

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo geral

Mapear a frequência dos estados afetivos e estratégias de regulação emocional utilizadas por

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.ip@usp.br

Continuação do Parecer: 4.021.167

participantes religiosos e não religiosos.

Objetivos secundários:

1. Quais são as diferenças entre os participantes religiosos e não religiosos na frequência relatada de determinados estados afetivos ao longo do mês?
2. Quais são as diferenças entre os participantes religiosos e não religiosos na forma como utilizam determinadas estratégias de regulação emocional?
3. Avaliar, numa simulação experimental, as diferenças na forma como os participantes religiosos e não religioso escolhem entre um conjunto de determinadas estratégias de regulação emocional.
4. Avaliar, numa simulação experimental, como os participantes religiosos e não religiosos avaliam a eficácia percebida da utilização das estratégias de reavaliação cognitiva e supressão emocional."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: são mencionados riscos mínimos. No estudo de aplicação de instrumentos por meio de formulário online, o pesquisador informa que poderá ocorrer algum desconforto, sofrimento e reflexão sobre a vida e que, nesse caso, o participante terá acolhimento e atendimento pelo pesquisador, bem como encaminhamento para receber apoio psicoterapêutico gratuito posterior. No estudo que será realizado no computador, menciona-se que o participante poderá sentir cansaço ou emoções desagradáveis com a exposição a imagens com conteúdo emocional de valência negativa, podendo nesse caso interromper o estudo quando desejar.

Como benefícios o pesquisador menciona "a ampliação de conhecimentos acerca da relação entre experiências religiosas e estados afetivos, além de validar dados sobre as propriedades psicométricas de um instrumento de investigação sobre a utilização de estratégias de regulação emocional, contribuindo assim para os conhecimentos da área psicológica."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto apresenta fundamentação teórica, justificativa e objetivos definidos. Compreende três estudos, com descrição detalhada da metodologia de cada um deles. O primeiro estudo trata da tradução, adaptação e validação do Questionário de Regulação de Sistemas Emocionais desenvolvido por De France & Hollenstein (2017), que será utilizado para caracterizar as estratégias utilizadas por religiosos e não religiosos. O segundo estudo refere-se ao levantamento por meio de formulário online com instrumentos validados para medir afiliação religiosa, religiosidade, estados afetivos positivos e negativos, estratégias de regulação emocional,

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.ip@usp.br

Continuação do Parecer: 4.021.167

dificuldades de regulação emocional e dados sociodemográficos. A mostra será composta por 1.309 participantes, de ambos os sexos, maiores de 18 anos, brasileiros ou estrangeiros residentes no Brasil que falem português fluente. A divulgação será feita em algumas mídias das diferentes capitais do Brasil, em comunidades específicas nas redes sociais de religiosos e não religiosos e algumas comunidades religiosas específicas. Será utilizada a Plataforma Google forms. O terceiro estudo compreende um experimento psicológico utilizando um computador, dividido em duas etapas, a ser realizado no Laboratório de Psicologia Anomálica e Processos Psicossociais do IPUSP, com a participação de estudantes universitários (50 religiosos e 50 não religiosos) de ambos os sexos, maiores de 18 anos. No Projeto de pesquisa detalhado a amostra consta como 80 participantes (40 religiosos e 40 não religiosos). Não descreve a forma de recrutamento.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os dois Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, um destinado aos participantes do estudo de levantamento de dados online e outro aos participantes do experimento no computador estão elaborados em forma de convite em conformidade com a Resolução 466/2012.

As inadequações/correções apontadas no parecer anterior foram atendidas adequadamente. No entanto, considerando o ressarcimento de eventuais despesas aos participantes, faltou incluir os valores no orçamento financeiro na Plataforma Brasil.

Recomendações:

No parecer anterior foi solicitada esclarecimento quanto à diferença do tamanho da amostra registrada no Projeto de pesquisa detalhado e na Plataforma Brasil.

Adequar o cronograma de execução.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando que as pendências apontadas foram atendidas adequadamente o projeto poderá ser aprovado, devendo adequar o cronograma de execução e incluir o orçamento financeiro na Plataforma Brasil.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 **E-mail:** ceph.ip@usp.br

USP- INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO



Continuação do Parecer: 4.021.167

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1489631.pdf	27/04/2020 13:31:22		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudo_2_EXPERIMENTO.docx	27/04/2020 13:31:00	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudo_1_Survey.docx	27/04/2020 13:30:35	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_DE_INFRAESTRUTURA.pdf	17/12/2019 15:49:24	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaoPesquisadorResponsavel.pdf	17/12/2019 15:48:02	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa.doc	17/12/2019 15:44:14	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	17/12/2019 15:42:42	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 11 de Maio de 2020

Assinado por:
Jose de Oliveira Siqueira
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 **E-mail:** ceph.ip@usp.br

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: A relação entre emoção e religião: Um estudo comparativo dos estados afetivos e das estratégias de regulação emocional em pessoas religiosas e não religiosas

Pesquisador: ADRIANO DA SILVA COSTA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 29106219.1.0000.5561

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio
UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.273.234

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa de doutorado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP. A investigação trata da relação entre emoção e religião e compreende três estudos:

1. Tradução, adaptação e validação de uma escala de regulação emocional;
2. Estudo quantitativo e transversal para medir afiliação religiosa, religiosidade, estados afetivos positivos e negativos, estratégias de regulação emocional, dificuldades de regulação emocional e dados sociodemográficos;
3. Experimento em que os participantes religiosos e não religiosos serão instruídos sobre duas técnicas de regulação emocional (distração e reavaliação cognitiva) e serão expostos a um conjunto de imagens de valência negativa de alta e baixa intensidade continuamente em que deverão escolher entre uma das duas estratégias ensinadas para diminuir o efeito emocional da imagem. Posteriormente, os participantes serão expostos novamente a imagens de valência negativa e deverão aplicar somente a estratégia de reavaliação cognitiva e descrever como implementaram essa estratégia; essas respostas serão submetidas à análise de conteúdo.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.ip@usp.br

Continuação do Parecer: 4.273.234

Mapear a frequência dos estados afetivos e estratégias de regulação emocional utilizadas por participantes religiosos e não religiosos.

Objetivos secundários:

1. Quais são as diferenças entre os participantes religiosos e não religiosos na frequência relatada de determinados estados afetivos ao longo do mês?
2. Quais são as diferenças entre os participantes religiosos e não religiosos na forma como utilizam determinadas estratégias de regulação emocional?
3. Avaliar, numa simulação experimental, as diferenças na forma como os participantes religiosos e não religioso escolhem entre um conjunto de determinadas estratégias de regulação emocional.
4. Avaliar, numa simulação experimental, como os participantes religiosos e não religiosos avaliam a eficácia percebida da utilização das estratégias de reavaliação cognitiva e supressão emocional.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: são mencionados riscos mínimos. No estudo de aplicação de instrumentos por meio de formulário online, o pesquisador informa que poderá ocorrer algum desconforto, sofrimento e reflexão sobre a vida e que, nesse caso, o participante terá acolhimento e atendimento pelo pesquisador, bem como encaminhamento para receber apoio psicoterapêutico gratuito posterior. No estudo que será realizado no computador, menciona-se que o participante poderá sentir cansaço ou emoções desagradáveis com a exposição a imagens com conteúdo emocional de valência negativa, podendo nesse caso interromper o estudo quando desejar.

Como benefícios o pesquisador menciona “a ampliação de conhecimentos acerca da relação entre experiências religiosas e estados afetivos, além de validar dados sobre as propriedades psicométricas de um instrumento de investigação sobre a utilização de estratégias de regulação emocional, contribuindo assim para os conhecimentos da área psicológica.”

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Tamanho da Amostra: 1.309

País de Origem do Estudo Nº de participantes da pesquisa

Países de Recrutamento País

BRASIL 1.309

ESTADOS UNIDOS DA AMERICA 300

MEXICO 400

REINO UNIDO 200

RUSSIA, FEDERAÇÃO DA 100

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.ip@usp.br

Continuação do Parecer: 4.273.234

Tamanho da Amostra: 100

ID Grupo; Nº de Indivíduos; Intervenções a serem realizadas

Não religiosos; 50; Visualização de imagens de valência negativa - deverão escolher entre duas estratégias de regulação emocional, após um treino

Religiosos; 50; Visualização de imagens de valência negativa - deverão escolher entre duas estratégias de regulação emocional, após um treino.

Justificativa da Emenda:

A emenda proposta tem cinco objetivos de alterações:

- (1) modificar o cronograma da pesquisa;
- (2) transformar o estudo 2 em transcultural;
- (3) realizar pequenas adaptações no título do estudo para facilitar sua tradução em outros contextos;
- (4) retirada da Escala de Contágio Emocional (Doherty, 1997) e Escala de Religiosidade da Duke (Koenig, 1997);
- (5) Alteração dos itens 3.1 (Descrição dos participantes e critérios de recrutamento) e 3.2 (Procedimentos):
 - (1) Modificação do cronograma: Em função do Covid, algumas alterações serão necessárias no projeto e pretende-se estender o cronograma por 6 meses. O cronograma atualizado se encontra no Anexo A.
 - (2) Transforma o estudo QUANTITATIVO TRANSVERSAL em transcultural. A maioria das escalas utilizadas já estão traduzidas, adaptadas e validadas para outros contextos. O objetivo é adaptar inicialmente o questionário para Inglês, espanhol (México) e Russo. Para facilitar essa tradução e adaptação, as questões demográficas foram modificadas, utilizando como base as questões utilizadas pelo World Values Survey. O conteúdo completo do Survey está disponível no Anexo B (Inglês e português) ao final dessa emenda. Essas modificações não alteram os objetivos, hipóteses, instrumentos e procedimento descritos no projeto submetido. Para validar as adaptações realizadas e divulgações em outros países, pesquisadores e tradutores locais serão utilizados para assegurar a qualidade do procedimento.
 - (3) Adaptações no título do estudo para facilitar sua tradução em outros contextos: Modificar de: "A relação entre emoção e religião: Um estudo comparativo das estratégias de regulação emocional utilizadas e dos estados afetivos em religiosos e não religiosos." Para: "A relação entre

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.ip@usp.br

Continuação do Parecer: 4.273.234

emoção e religião: Um estudo comparativo dos estados afetivos e das estratégias de regulação emocional em pessoas religiosas e não religiosas”.

(4) Retirada da Escala de Contágio Emocional. (Doherty, 1997 e adaptada ao contexto brasileiro por Gouveia et al., 2007). Essa escala não está traduzida para outros idiomas e não contribui para a análise dos objetivos e hipótese. Ela foi colocada no projeto submetido com objetivos exploratórios. Retirada da Escala de Religiosidade da Duke – DUREL (Desenvolvida por Koenig (1997) e adaptada por Moreira-Almeida et. al. (2008)). Visto que já está prevista a utilização da escala de centralidade religiosa CS10, pretendemos diminuir o número de questões do questionário para melhorar a experiência dos participantes. Como os dados ainda não foram coletados, pretendemos assegurar todos os padrões internacionais de pesquisa, incluído um pré-registro bem delimitado da pesquisa conduzida.

(5) Alteração dos itens 3.1 (Descrição dos participantes e critérios de recrutamento) e 3.2 (Procedimentos):
3.1 Descrição dos participantes e critérios de recrutamento Modificar de: A mostra da população geral será de 1309 participantes de todo o Brasil (97% do nível de confiança e 3% de margem de erro), a amostragem será não probabilística, realizada por conveniência. Inicialmente, o questionário será divulgado de forma livre e serão selecionadas instituições religiosas para que compartilhem com seus membros o link do formulário. Para: A mostra da população será de 2309 participantes do Brasil, Estados Unidos, México, Reino Unido e Rússia, a amostragem será não probabilística, realizada por conveniência. Inicialmente, o questionário será divulgado de forma livre e serão selecionadas instituições religiosas para que compartilhem com seus membros o link do formulário. 3.2 - Procedimentos Modificar de: O formulário será divulgado livremente em algumas mídias das diferentes capitais do Brasil, em comunidades específicas nas redes sociais de religiosos e não religiosos e em algumas instituições religiosas específicas. As pessoas deverão responder por dispositivos móveis ou fixos, como celulares, notebooks, tablets ou computadores. Inicialmente, os participantes responderão o termo de consentimento.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os dois Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, um destinado aos participantes do estudo de levantamento de dados online e outro aos participantes do experimento no computador estão elaborados em forma de convite em conformidade com a Resolução 466/2012.

As inadequações/correções apontadas no parecer anterior foram atendidas adequadamente. No entanto, considerando o ressarcimento de eventuais despesas aos participantes, faltou incluir os

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 **E-mail:** ceph.ip@usp.br

USP- INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO



Continuação do Parecer: 4.273.234

valores no orçamento financeiro na Plataforma Brasil.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Considerações finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1609433 E1.pdf	07/08/2020 21:31:36		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudo_2_EXPERIMENTO.docx	27/04/2020 13:31:00	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudo_1_Survey.docx	27/04/2020 13:30:35	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_DE_INFRAESTRUTURA.pdf	17/12/2019 15:49:24	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaoPesquisadorResponsavel.pdf	17/12/2019 15:48:02	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa.doc	17/12/2019 15:44:14	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	17/12/2019 15:42:42	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.ip@usp.br

USP- INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO



Continuação do Parecer: 4.273.234

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 13 de Setembro de 2020

Assinado por:
Jose de Oliveira Siqueira
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 **E-mail:** ceph.ip@usp.br

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: A relação entre emoção e religião: Um estudo comparativo dos estados afetivos e das estratégias de regulação emocional em pessoas religiosas e não religiosas

Pesquisador: ADRIANO DA SILVA COSTA

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 29106219.1.0000.5561

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio
UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.900.515

Apresentação do Projeto:

Emenda a projeto aprovado anteriormente, com a seguinte justificativa:

"Inclusão da Itália no estudo transcultural: Modificação do cronograma: Em função do Covid, algumas alterações serão necessárias no projeto e pretende-se estender o cronograma por 2 anos. Ampliação do estudo QUANTITATIVO TRANSVERSAL em transcultural para o italiano. 2.1 Descrição dos participantes e critérios de recrutamento

Modificar de: A mostra da população será de 2309 participantes do Brasil, Estados Unidos, México, Reino Unido e Rússia, a amostragem será não probabilística, realizada por conveniência. Inicialmente, o questionário será divulgado de forma livre e serão selecionadas instituições

religiosas para que compartilhem com seus membros o link do formulário. Para: A mostra da população será de 2509 participantes do Brasil, Estados Unidos, Itália, México, Reino Unido e Rússia, a amostragem será não probabilística, realizada por conveniência. Inicialmente, o questionário será divulgado de forma livre e serão selecionadas instituições religiosas para que compartilhem com seus membros o link do formulário."

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo geral

Mapear a frequência dos estados afetivos e estratégias de regulação emocional utilizadas por

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: cep.ip@usp.br

Continuação do Parecer: 4.900.515

participantes religiosos e não religiosos."

A emenda inclui a Itália entre os países participantes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: são mencionados riscos mínimos. No estudo de aplicação de instrumentos por meio de formulário online, o pesquisador informa que poderá ocorrer algum desconforto, sofrimento e reflexão sobre a vida e que, nesse caso, o participante terá acolhimento e atendimento pelo pesquisador, bem como encaminhamento para receber apoio psicoterapêutico gratuito posterior. No estudo que será realizado no computador, menciona-se que o participante poderá sentir cansaço ou emoções desagradáveis com a exposição a imagens com conteúdo emocional de valência negativa, podendo nesse caso interromper o estudo quando desejar.

Como benefícios o pesquisador menciona "a ampliação de conhecimentos acerca da relação entre experiências religiosas e estados afetivos, além de validar dados sobre as propriedades psicométricas de um instrumento de investigação sobre a utilização de estratégias de regulação emocional, contribuindo assim para os conhecimentos da área psicológica."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A emenda não traz problemas éticos, pesquisa muito importante e relevante para a área envolvendo diversos países. Bem delimitada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos são adequadamente apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Emenda e projeto aprovados.

Considerações Finais a critério do CEP:

Considerações finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 **E-mail:** cep.ip@usp.br

USP- INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO



Continuação do Parecer: 4.900.515

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1650326_E2.pdf	28/07/2021 10:45:55		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudo_2_EXPERIMENTO.docx	27/04/2020 13:31:00	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudo_1_Survey.docx	27/04/2020 13:30:35	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_DE_INFRAESTRUTURA.pdf	17/12/2019 15:49:24	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaoPesquisadorResponsavel.pdf	17/12/2019 15:48:02	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa.doc	17/12/2019 15:44:14	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	17/12/2019 15:42:42	ADRIANO DA SILVA COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 11 de Agosto de 2021

Assinado por:

**Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo
(Coordenador(a))**

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030

UF: SP **Município:** SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: cep.ip@usp.br

ANEXO I - CODEBOOK

Termo Final English	Portuguese	Categorização 1 (Broad group - 1.1)	Categorização 2 (subgrupo)
1, Adventist/Seventh-Day Adventist	1, Adventista / Adventista do Sétimo Dia	Christian	Seventh-day Adventist
2, African Traditional Religion (ATR)	2, Religião tradicional africana	Other	African Ethnic Religion
3, Agnostic - I neither have faith nor disbelief in the existence of God or something transcendent.	3, Agnóstico(a) - Não tenho fé e nem descrença na existência de Deus ou em algo transcendente.	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Agnostic
4, Anglican	4, Anglicana	Christian	Anglican
5, Apostolic	5, Apostólico(a)	Christian	Pentecostal
6, Apostolic Faith	6, Fé Apostólica	Christian	Pentecostal
7, Assemblies of God	7, Assembleias de Deus	Christian	Pentecostal
8, Atheist - I don't believe in the existence of God or something transcendent.	8, Ateu - Eu não acredito na existência de Deus ou algo transcendente.	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Atheism
9, Baptist	9, Batista	Christian	Baptist
10, Bohras	10, Bohras	Islam	Sunni
11, Brahmoism	11, Brahmoísmo	Hindu	Brahmoism
12, Brethren / Brethren in Christ / Church of the Brethren	12, Igreja da Irmandade (Brethren Church)	Christian	Brethren
13, Buddhism	13, Budismo	Buddhism	Buddhism
14, Catholic (Roman)	14, Católico(a) romano(a) / Católico	Christian	Catholic
15, Catholic Apostolic Church	15, Igreja Católica Apostólica	Christian	Eastern Orthodox
16, Christian	16, Cristão	Christian	Other Christian
17, Church of God	17, Igreja de Deus	Christian	Pentecostal
18, Congregational or United Church of Christ	18, Igreja Unida de Cristo	Christian	Other Protestant
19, Disciples of Christ	19, Discípulos de Cristo	Christian	Churches of Christ

(Christian Church / Church of Christ)	(Igreja Cristã / Igreja de Cristo)		
20, Don't know / I Don't know (Dont know)	20, Não sei	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Other
21, Episcopalian (Episcopal Church)	21, Igreja Episcopal	Christian	Anglican
22, Ethnoreligions / Etnoreligion	22, Religiões Étnicas	Other	Etnoreligion
23, Evangelical	23, Evangélico(a)	Christian	Other Protestant
24, Foursquare/ Church of the Foursquare Gospel	24, Quadrangular / Igreja do Evangelho Quadrangular	Christian	Pentecostal
25, Fundamentalist	25, Fundamentalista	Christian	Other Protestant
26, Gnostic / Gnosticism	26, Gnosticismo	Christian	Other Christian
27, Hinduism	27, Hinduísmo	Hindu	Hindu
28, Islam/Muslim	28, Islamismo / muçulmano	Islam	Islam
29, Jehovah's Witnesses	29, Testemunhas de Jeová	Christian	Jehovah's Witnesses
30, Jewish	30, Judaico	Jewish	Other
31, Lutheran	31, Luterano(a)	Christian	Lutheran
32, Mahayana	32, Mahayana / Maaiana	Buddhism	Mahayana
33, Masorti / Conservative Judaism	33, Judaísmo conservador (Masorti)	Jewish	Conservative Judaism
34, Mennonite	34, Menonita	Christian	Other Protestant
35, Methodist	35, Metodista	Christian	Other Protestant
36, Modern Orthodoxy	36, Ortodoxia moderna	Jewish	Modern Orthodoxy
37, Moravian	37, Morávio (Moravian)	Christian	Other Protestant
38, Mormon (The Church of Latter Day Saints)	38, Mórmon (A Igreja dos Santos dos Últimos Dias)	Christian	Latter-day Saints
39, Muhakkima	39, Muhakkima	Islam	Muhakkima
40, New Age	40, Nova Era	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	New age

41, No religion / No particular faith	41, Sem religião / Sem fé particular	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	No religion
42, Non-Rabbinic Judaism	42, Judaísmo não Rabínico	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
43, Nondenominational (No denomination)	43, Não denominacional (sem denominação)	Christian	Other Christian
44, Old Catholicism	44, Catolicismo antigo	Christian	Other Christian
45, Orthodox	45, Ortodoxo(a)	Christian	Eastern Orthodox
46, Orthodox Judaism	46, Judaísmo Ortodoxo	Jewish	Orthodox Judaism
47, Other	47, Outros	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Other
48, Pentecostal	48, Pentecostal	Christian	Pentecostal
49, Presbyterian	49, Presbiteriano	Christian	Presbyterian and Reformed
50, Protestant	50, Protestante	Christian	Other Protestant
51, Quaker or Friends	51, Quaker ou amigos	Christian	Other Christian
52, Reformed (Reformed Church)	52, Reformada (Igreja reformada)	Christian	Presbyterian and Reformed
53, Shaivism / Saivism	53, Xivaísmo / Shivaísmo	Hindu	Shaivism / Saivism
54, Shia / Shi'ah	54, Shia / Shi'ah	Islam	Shia
55, Smartism	55, Smārta / Smartísmo	Hindu	Smartism
56, Sufism	56, Sufismo	Islam	Sufism
57, Sunni	57, Sunita	Islam	Sunni
58, Theosophists - (Theosophical Society)	58, Teosofistas - (Sociedade Teosófica)	Other	Miscellaneous Religions
59, Theravada	59, Theravada	Buddhism	Theravada
60, Tibetan Buddhism	60, Budismo Tibetano	Buddhism	Tibetan
61, UFO Religions	61, UFO (OVNI)	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	UFO religion

62, Unitarian - Universalist	62, Unitário-Universalismo (UUismo)	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Universalist
63, Vaishnavism/Vixnuism	63, Vixenuísmo / vixnuísmo / vaixnavismo	Hindu	Vaishnavism/Vixnuism
64, Yoga	64, Yoga / Ioga	Other	Miscellaneous Religions
65, Zen	65, Zen	Buddhism	Zen
66, A M E Church	66, Igreja Metodista Episcopal Africana (A M E)	Christian	Other Protestant
67, Abakuá / Nañigo	67, Abacua / Abacuá / Abakuá (Nañigo)	Other	African Diaspora religion
68, Aboriginal Cult of Maria Lionza	68, Culto de María Lionza	Other	Etnoreligion
69, Aboriginal Religions	69, Religiões aborígenes	Other	Etnoreligion
70, Adidam	70, Adidam	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	New age
71, Adventism	71, Adventismo	Christian	Seventh-day Adventist
72, Africa Inland Church	72, Missão para o Interior da África	Christian	Other Protestant
73, African Brotherhood Church	73, African Brotherhood Church	Christian	Other Protestant
74, African Church	74, Igreja Africana	Christian	Other Protestant
75, African Church of the Holy Spirit	75, Igreja Africana do Espírito Santo	Christian	Other Protestant
76, African Independent Church/ African Initiated Church	76, Cristão Independente Africano	Christian	Other Protestant
77, African Israel Church Nineveh	77, Igreja Nínive de Israel na África	Christian	Other Protestant
78, African Orthodox Church	78, Igreja Ortodoxa Africana	Christian	Anglican
79, Afro-Brazilian	79, Afrobrasileiro(a)	Other	African Diaspora religion
80, Aglipayan Church	80, Igreja Aglipayan	Christian	Other Christian

	(Igreja Independente das Filipinas)		
81, Agonshu	81, Agonshu	Other	Agonshu
82, Ahl al-Qur'an	82, Povo do Alcorão	Islam	Other
83, Ahmadiyya	83, Ahmadiyya	Islam	Ahmadiyya
84, Ahom	84, Ahom	Other	Etnoreligion
85, Ainu / Aynu / Ezo	85, Ainu / Aynu / Ezo	Other	Etnoreligion
86, Ajivika	86, Ajivika	Other	Miscellaneous Religions
87, Ajñāna	87, Ajñāna	Other	Miscellaneous Religions
88, Akbari	88, Akbari	Islam	Sufism
89, Akhbari	89, Akhbari	Islam	Shia
90, Aladura (Christ Apostolic Church/Churches of the lord)	90, Igrejas Aladura	Christian	Pentecostal
91, Alavi / Alawi	91, Alavi	Islam	Shia
92, Albanian Greek Catholic Church	92, Igreja Greco-Católica Albanesa	Christian	Eastern Catholic Churches
93, Aleut	93, Aleútes	Other	Etnoreligion
94, Alevism	94, Alevismo	Islam	Shia
95, Alians	95, Alians	Islam	Shia
96, Allahdad	96, Allahdad	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
97, Ambedkar	97, Ambedkar - Budismo	Buddhism	Navayana / Neo-Buddhism
98, Amish	98, Amish	Christian	Other Protestant
99, Amitabha	99, Amitabha	Buddhism	Amitabha Buddhist Societies
100, Anabaptist	100, Anabatista	Christian	Other Protestant
101, Ananda Marga Yoga Society	101, Sociedade Ananda Marga Yoga	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	New age
102, Ancestral worship	102, Culto aos ancestrais	Other	Ancestral worship
103, Ancient Church of the East	103, Igreja Antiga do Oriente	Christian	Assyrian Apostolic
104, Anthroposophical Society	104, Sociedade Antroposófica	Other	Anthroposophical Society

105, Anusim	105, Anusim	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
106, Apihicanian	106, Apihicanian	Christian	Pentecostal
107, Apostles of Infinite Love	107, Apóstolos do Amor Infinito	Christian	Pentecostal
108, Apostolic Sabbath Church of God	108, Apostolic Sabbath Church of God	Christian	Pentecostal
109, Arará	109, Arará	Other	African Diaspora religion
110, Arcane School	110, Escola Arcana	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	New age
111, Arés Pilgrims	111, Peregrinos de Arès	Other	Miscellaneous Religions
112, Ari / the Ari Gaing	112, Ari / Ari Gaing	Buddhism	Vajrayana
113, Ari-Acharya	113, Ari-Acharya	Buddhism	Vajrayana
114, Arianism / Arius	114, Arianismo / Ário	Christian	Other Christian
115, Armenian Apostolic (Etchmiadzin)	115, Apostólica Armênia (Etchmiadzin)	Christian	Oriental Orthodox
116, Armenian Catholic Church	116, Igreja Católica Armênia	Christian	Oriental Orthodox
117, Army of Mary	117, Exército de Maria	Christian	Other Christian
118, Aro gTér	118, Aro gTér	Buddhism	Nyingma
119, Arsha Vidya Gurukulam	119, Arsha Vidya Gurukulam	Hindu	Arsha Vidya Gurukulam
120, Art of Living Foundation	120, Fundação Arte de Viver	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	New age
121, Arya Samaj	121, Arya Samaj	Hindu	secta reformista
122, Asceticism	122, Ascetismo	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Other
123, Ash'arism	123, Ash'arism	Islam	Sunni
124, Ashanti / asante / Asanteman	124, Ashanti / asante / Asanteman	Other	African Ethnic Religion
125, Ashrafia	125, Ashrafia	Islam	Sufism

126, Asian folk religion	126, Religião folclórica asiática	Other	Asian folk religion
127, Assemblies of Yahweh	127, Assembleias de Yahweh	Christian	Other Christian
128, Assembly Church of Jesus Christ Full Gospel	128, Igreja Assembleia de Jesus Cristo Evangelho Pleno	Christian	Pentecostal
129, Assembly of Christian Churches	129, Assembleia de Igrejas Cristãs	Christian	Baptist
130, Association for Research and Enlightenment	130, Association for Research and Enlightenment	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	New age
131, Assyrian Church of the East	131, Igreja Assíria do Oriente	Christian	Assyrian Apostolic
132, Atba-I Malak	132, Atba-I Malak	Islam	Bohra
133, Augustinians	133, Agostinianos	Christian	Other Christian
134, Aum Shinrikyô/Aleph	134, Aum Shinrikyô/Aleph	Other	Japanese Religion
135, Aumist Religion	135, Religião Aumista	Other	Miscellaneous Religions
136, Ayahuasca	136, Ayahuasca	Other	Ayahuasca
137, Azariqah	137, Azariqah	Islam	Muhakkima
138, Azeemia / Azeemiyya	138, Azeemia / Azeemiyya	Islam	Sufism
139, Azhaliism	139, Azhalismo	Buddhism	Vajrayana
140, Azzabas	140, Azzabas	Islam	Muhakkima
141, Ba'Alawi	141, Ba'Alawi	Islam	Sufism
142, Babaçuê	142, Babaçuê	Other	African Diaspora religion
143, Badawi	143, Badawi	Islam	Sufism
144, Baha'i Faith	144, Fé bahá'í	Other	Bahá'í Faith
145, Bai / Benzhuism	145, Bai / Benzhuismo	Other	Etnoreligion
146, Barelvi	146, Barelvi	Islam	Sunni
147, Barquinha	147, Barquinha	Other	Ayuhasca
148, Batak Christian Community Church	148, Igreja da Comunidade Cristã Batak	Christian	Lutheran
149, Bathouism	149, Batuísmo	Other	Etnoreligion

150, Batini	150, Batini	Islam	Shia
151, Batuque	151, Batuque	Other	African Diaspora religion
152, Bayrami	152, Bayrami	Islam	Sufism
153, Bektashi	153, Bektashi	Islam	Sufism
154, Bektashi Bektashism (Bektashive)	154, Bektashi Bektashism (Bektashive)	Islam	Shia
155, Belarusian Greek Catholic Church	155, Igreja Greco-Católica Bielorrussa	Christian	Eastern Catholic Churches
156, Believe in God but not organized religion	156, Acredita em Deus mas não é de uma organização religiosa	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Agnostic
157, Bene Israel	157, Bene Israel	Jewish	Other
158, Benedictines	158, Beneditinos	Christian	Catholic
159, Beta Abraham	159, Beta Abraham	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
160, Beta Israel	160, Beta Israel	Jewish	Other
161, Bible Church/Bible Believing	161, Igreja Bíblica / Crente na Bíblia	Christian	Other Christian
162, Bible Sabbath/Sabbatarians	162, Sábado da Bíblia / Sabatistas	Christian	Other Christian
163, Bimoism	163, Bimoismo	Other	Etnoreligion
164, Black Hebrew Israelites	164, Israelitas hebreus negros	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
165, Black Judaism	165, Judaísmo negro	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
166, Bobo Ashanti	166, Bobo Ashanti	Other	African Diaspora religion
167, Bocheonism	167, Bocheonism	Other	Miscellaneous Religions
168, Bodongpa / Bodong	168, Bodongpa / Bodong	Buddhism	Tibetan
169, Bön (Buddhist)	169, Bön (Budista)	Buddhism	Bon
170, Bon / Bön Religion	170, Religião Bon / Bön	Other	Etnoreligion
171, Bonkó	171, Bonkó	Other	African Diaspora religion
172, Born-again Christian	172, Cristão nascido de novo	Christian	Other Christian
173, Brahma Kumaris	173, Brahma Kumaris	Hindu	Brahmoism

174, Brahma Samaj	174, Brahma Samaj	Hindu	Brahmoism
175, Branch Davidians	175, Rama Davidiana	Christian	Seventh-day Adventist
176, Branham Tabernacle / Gospel Tabernacle Church and Related Assemblies	176, Tabernáculo Branham/ Igreja do Tabernáculo do Evangelho e Assembléias Relacionadas	Christian	Baptist
177, British Forest Sangha	177, British Forest Sangha	Buddhism	Theravada
178, British Israelism	178, Israelismo britânico	Christian	Other Christian
179, Brotherhood of the Cross and Star	179, Irmandade da Cruz e Estrela	Christian	Other Christian
180, Buddhasasananuggaha Association	180, Associação Buddha Sasana Nuggaha	Buddhism	Theravada
181, Builders of the Adytum	181, Construtores do Adytum	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	New age
182, Bulgarian Greek Catholic Church	182, Igreja Greco-Católica Búlgara	Christian	Eastern Catholic Churches
183, Bulgarian Orthodox Church	183, Igreja Ortodoxa Búlgara	Christian	Eastern Orthodox
184, Burmese	184, Birmanês	Other	Etnoreligion
185, Bushongo / Kuba religion (Children of Woot)	185, Religião Bushongo / Kuba (filhos de Woot)	Other	African Ethnic Religion
186, Bwiti	186, Bwiti	Other	Bwiti
187, Byakko Shinko Kai	187, Byakko Shinko Kai	Other	Japanese Religion
188, Cabula	188, Cabula	Other	African Diaspora religion
189, Calvary Chapel	189, Calvary Chapel	Christian	Other Protestant
190, Calvinism	190, Calvinismo	Christian	Other Protestant
191, Candomblé	191, Candomblé	Other	African Diaspora religion
192, Caodaism / Đại Đạo Tam Kỳ Phổ Độ / The Great Faith (for the) Third Universal Redemption	192, Caodaismo / A Grande Fé (para a) Terceira Redenção Universal	Other	Miscellaneous Religions
193, Capuchins	193, Capuchinhos	Christian	Catholic
194, Carlebach movement	194, Movimento Carlebach	Jewish	Modern Orthodoxy

195, Catch The Fire	195, Catch The Fire	Christian	Other Protestant
196, Catimbó	196, Catimbó	Other	African Diaspora religion
197, Celestial Church of Christ	197, Igreja Celestial de Cristo	Christian	Other Christian
198, Celtic/ Reconstructionist/ Pagan	198, Céltico / reconstrucionista / pagão	Other	Miscellaneous Religions
199, Central American Mission	199, Missão da América Central	Christian	Other Protestant
200, Central Christian	200, Cristão Central	Christian	Other Protestant
201, Chala (Jews)	201, Chala (judeus)	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
202, Chaldean Catholic Church	202, Igreja Católica Caldeia	Christian	Eastern Catholic Churches
203, Chan / Chan / Chán Buddhism	203, Budismo Chan / Chan / Chán	Buddhism	Mahayana
204, Charismatic	204, Carismático(a)	Christian	Other Christian
205, Charvaka / Lokāyata	205, Charvaka / Lokāyata	Other	Hinduism
206, Chen Tao	206, Chen Tao	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	UFO religion
207, Cheondoism / Chondoism / Donghak	207, Cheondoísmo / Chondoísmo / Donghak	Other	Miscellaneous Religions
208, Cherry Hill Seminary	208, Seminário Cherry Hill	Other	Nature Religion
209, Cherubim or Seraphim	209, Querubim ou Serafim	Christian	Other Christian
210, Chiesa Ortodossa in Italia	210, Igreja Ortodoxa na Itália	Christian	Eastern Orthodox
211, Children of God (Family Intemational. The)	211, Meninos de Deus (A Família Internacional)	Christian	Other Christian
212, Chinese Folk Religion	212, Religião popular chinesa	Other	Chinese Religion
213, Chistiñiyya (chishti)	213, Chistiñiyya (chishti)	Islam	Sufism
214, Chogye Order	214, Ordem Jogye (Chogye)	Buddhism	Korean
215, Chondogyo	215, Cheondoísmo	Other	Miscellaneous Religions

216, Chrishti	216, Chrishti	Islam	Sufism
217, Christ Apostolic Church	217, Igreja Apostólica de Cristo	Christian	Other Protestant
218, Christadelphians	218, Cristadelfianos(as)	Christian	Other Christian
219, Christian & Missionary Alliance (CMA)	219, Aliança Cristã e Missionária	Christian	Other Protestant
220, Christian Biblical Church	220, Igreja Bíblica Cristã	Christian	Pentecostal
221, Christian Community (Movement for Religious Renewal)	221, Comunidade Cristã (Movimento de Renovação Religiosa)	Christian	Other Christian
222, Christian Congregation	222, Congregação Cristã	Christian	Pentecostal
223, Christian cowboy	223, Christian cowboy	Christian	Other Protestant
224, Christian Evangelistic Assemblies	224, Assembleias Evangelísticas Cristãs	Christian	Other Protestant
225, Christian mysticism	225, Misticismo cristão	Christian	Other Christian
226, Christian Science (Church of Christ / Scientist)	226, Ciência Cristã (Igreja de Cristo / Cientista)	Christian	Other Christian
227, Chukchi	227, Chukchi	Other	Etnoreligion
228, Church of Bangladesh	228, Igreja de Bangladesh	Christian	Other Protestant
229, Church of Pakistan	229, Igreja do Paquistão	Christian	Other Protestant
230, Church of Satan	230, Igreja de Satanás	Other	Miscellaneous Religions
231, Church of South India	231, Igreja do Sul da Índia	Christian	Other Protestant
232, Church of the First Born	232, A Igreja dos Primogênitos	Christian	Latter-day Saints
233, Church of the Kingdom of God	233, Igreja do Reino de Deus	Christian	Pentecostal
234, Church of the Lamb of God	234, Igreja do Cordeiro de Deus	Christian	Latter-day Saints
235, Church of the Living God (La Luz del Mundo)	235, Igreja do Deus Vivo (La Luz del Mundo)	Christian	Other Protestant
236, Church of the Lord	236, Igreja do Senhor	Christian	Other Protestant
237, Church of the Lord Jesus Christ of the Apostolic Faith	237, Igreja do Senhor Jesus Cristo da Fé Apostólica	Christian	Pentecostal
238, Church of the	238, Igreja do Nazareno	Christian	Other Protestant

Nazarene			
239, Church of Tuvalu	239, Igreja de Tuvalu	Christian	Other Protestant
240, Church of World Messianity (Sekai Kyuseikyo)	240, Igreja da Messiânica Mundial (Sekai Kyuseikyo)	Other	Japanese Religion
241, Church Universal and Triumphant	241, Igreja universal e triunfante	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	New age
242, Churches of Christ	242, Igrejas de Cristo	Christian	Churches of Christ
243, Churches of West Africa (Winning All)	243, Igrejas da África Ocidental	Christian	Other Protestant
244, Chuvans	244, Chuvans	Other	Etnoreligion
245, Cistercians	245, Cistercienses	Christian	Catholic
246, Clan of Ausrans	246, Clã de Ausrans	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	New age
247, Clapham Sect	247, Seita Clapham	Christian	Other Christian
248, Cochin Jews	248, Judeus Cochin	Jewish	Cochin Jews
249, Comfa	249, Comfa	Other	African Diaspora religion
250, Community of Christ	250, Comunidade de Cristo	Christian	Latter-day Saints
251, Companions of the Prophet	251, Companheiros do Profeta	Islam	Other
252, Confucianism	252, Confucionismo	Other	Confucianism
253, Conservadox	253, Conservadox	Jewish	Conservative Judaism
254, Converso	254, Converso	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
255, Convince / Bongo / Flenke	255, Convince / Bongo / Flenke	Other	African Diaspora religion
256, Cook Islands Christian Church	256, Igreja Cristã das Ilhas Cook	Christian	Other Protestant
257, Coptic Catholic Church	257, Igreja Católica Copta	Christian	Oriental Orthodox
258, Coptic Orthodox Church	258, Igreja Copta Ortodoxa	Christian	Oriental Orthodox
259, Covenant Church	259, Igreja da Aliança	Christian	Other Protestant

260, Creole Voodoo / New Orleans / Louisiana Voodoo	260, Vodou Crioulo / New Orleans / Louisiana Vodou	Other	African Diaspora religion
261, Crypto-Judaism	261, Criptojudaísmo	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
262, Cuban Vodú	262, Vodou Cubano	Other	African Diaspora religion
263, Culto a Egungun	263, Culto a Egungun	Other	African Diaspora religion
264, Culto a Ifá	264, Culto a Ifá	Other	African Diaspora religion
265, Daejongism / Dangunism / Daejonggyo / Taejongkyo	265, Daejongismo / Dangunismo / Daejonggyo / Taejongkyo	Other	Miscellaneous Religions
266, Daesun Jinrihoe	266, Daesun Jinrihoe	Other	Miscellaneous Religions
267, DahnHak	267, DahnHak	Other	Taoism
268, Đạo Bửu Sơn Kỳ Hương / Way of the Strange Fragrance from the Precious Mountain	268, Dao Buu Son Ky Huong / Caminho da Fragrância Estranha da Montanha Preciosa	Other	Miscellaneous Religions
269, Đạo Dừa / Coconut Religion	269, Religião do coco (Đạo Dừa)	Other	Miscellaneous Religions
270, Đạo Hòa Hảo / Hoahaoism	270, Hoa Hao / Hoahaoísmo	Buddhism	Other
271, Đạo Mẫu	271, Đạo Mẫu	Other	Miscellaneous Religions
272, Daoism/ Daoist	272, Daoísmo / Daoísta	Other	Taoism
273, Darqawi	273, Darqawi	Islam	Sufism
274, Dawoodi / Da'udi	274, Dawoodi / Da'udi	Islam	Shia
275, Deeper Christian Life Ministry	275, Ministério de Vida Cristã Mais Profundo	Christian	Pentecostal
276, Deima/ Déima or Dahima.	276, Deima / Déima ou Dahima	Christian	Other Christian
277, Deist	277, Deísta	Other	Miscellaneous Religions
278, Deoband	278, Deoband	Islam	Sunni
279, Desuqi	279, Desuqi	Islam	Sufism
280, Dhammakaya	280, Dhammakaya	Buddhism	Theravada
281, Dharma Drum Mountain	281, Montanha Dharma Drum	Buddhism	Mahayana
282, Diamond Way	282, Diamond Way	Buddhism	Vajrayana

Buddhism	Buddhism		
283, Dīn-i-Ilāhī / Tawḥīd-i-Ilāhī	283, Dīn-i-Ilāhī / Tawḥīd-i-Ilāhī	Other	Miscellaneous Religions
284, Dinka	284, Dinka	Other	African Ethnic Religion
285, Divine Life Society	285, Sociedade da Vida Divina	Hindu	Divine Life Society
286, Divine Light Mission	286, Missão Luz Divina	Hindu	Other
287, Divine Science	287, Ciência Divina	Other	Miscellaneous Religions
288, Dogon	288, Dogon	Other	Dogon Religion
289, Dominicans	289, Dominicanos	Christian	Catholic
290, Dönmeḥ	290, Dönmeḥ	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
291, Donyi-Polo / Donyi-Poloism	291, Donyi-Polo / Donyi-Poloismo	Other	Etnoreligion
292, Dor Daim / Dardaim	292, Dor Daim / Dardaim	Jewish	Orthodox Judaism
293, Doukhobors	293, Doukhobors ou Dukhobors	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Spiritual Christians
294, Dravidian	294, Dravidianos ou drávidas	Other	Etnoreligion
295, Druidism	295, Druidismo	Other	Nature Religion
296, Druze	296, Drusos	Islam	Shia
297, Dutch Reformed	297, Igreja Reformada Neerlandesa	Christian	Other Protestant
298, Earth Religions / Earth-centered religion	298, Religião centrada na Terra	Other	Miscellaneous Religions
299, Eastern Orthodox	299, Igreja Ortodoxa	Christian	Eastern Orthodox
300, ECKANKAR	300, ECKANKAR	Other	Miscellaneous Religions
301, Ecumenical	301, Ecumênico(a)	Other	Ecumenical
302, Edah HaChareidis	302, Edah HaChareidis	Jewish	Orthodox Judaism
303, Efik	303, Efiques (Efik)	Other	African Ethnic Religion
304, Egalitarianism	304, Igualitarismo	Other	Chinese Religion
305, Ekalesia Niue	305, Ekalesia Niue	Christian	Other Protestant
306, Elim	306, Elim	Christian	Pentecostal
307, Emergent church	307, Igreja emergente	Christian	Other Protestant

308, Emissaries (emissaries of divine light)	308, Emissaries (emissaries of divine light)	Other	Miscellaneous Religions
309, Encantaria	309, Encantaria	Other	African Diaspora religion
310, Enets / Yenetses / Entsy / Entsi / Yenisei / Yenisey	310, Enets / Yenetses / Entsy / Entsi / Yenisei / Yenisey	Other	Etnoreligion
311, Ennôkyô	311, Ennôkyô	Other	Japanese Religion
312, Episcopal/Anglican/Church of England	312, Episcopal / Anglicana / Igreja da Inglaterra	Christian	Anglican
313, Eritrean Orthodox Tewahedo Church	313, Igreja Ortodoxa Eritreia Tewahedo	Christian	Oriental Orthodox
314, Esoteric Buddhism in Maritime Southeast Asia	314, Budismo Esotérico no Sudeste Asiático Marítimo	Buddhism	Vajrayana
315, Estonian Apostolic Orthodox Church	315, Igreja Ortodoxa Apostólica da Estônia	Christian	Other Christian
316, Estonian Orthodox Church of Moscow Patriarchate	316, Igreja Ortodoxa da Estônia do Patriarcado de Moscou	Christian	Eastern Orthodox
317, Ethiopian Orthodox Church	317, Igreja Ortodoxa Etíope	Christian	Oriental Orthodox
318, Evangelical Synod of Syria and Lebanon	318, Sínodo Evangélica Nacional da Síria e do Líbano	Christian	Presbyterian and Reformed
319, Evenks	319, Evenkis	Other	Etnoreligion
320, Evens	320, Evens	Other	Etnoreligion
321, Falun Gong / Falun Dafa	321, Falun Gong / Falun Dafa	Other	Chinese Religion
322, Faradian N.O.I (Nation of Islam)	322, Faradian N.O.I (Nação do Islam)	Islam	Mahdi'ist
323, Fellowship of Isis	323, Irmandade de Ísis	Other	Miscellaneous Religions
324, Finnish Orthodox Church	324, Igreja Ortodoxa Finlandesa	Christian	Eastern Orthodox
325, First Christian church	325, Primeira igreja cristã	Christian	Other Protestant
326, Foguangshan	326, Foguangshan	Buddhism	Mahayana
327, Franciscans	327, Franciscanos	Christian	Catholic

328, Fraternité Blanche Universelle	328, Irmandade Branca Universal	Other	Miscellaneous Religions
329, Fraternity/Society of Saint Pius X	329, Fraternidade Sacerdotal de São Pio X	Christian	Catholic
330, Free Christian	330, Free Christian	Christian	Other Christian
331, Free Church	331, Igreja Livre	Christian	Other Protestant
332, Freemasonry	332, Maçonaria	Other	Miscellaneous Religions
333, Fultali	333, Fultali	Islam	Sufism
334, Galibi	334, Galibi	Islam	Sufism
335, Gardnerian	335, Gardnerianismo	Other	Nature Religion
336, Garifuna	336, Garifuna	Other	Miscellaneous Religions
337, Gasin / Gasin Faith	337, Gasin / Fé Gasin	Other	Miscellaneous Religions
338, Gaudiya Math	338, Gaudiya Math	Hindu	Other
339, Gedatsu Kai	339, Gedatsu Kai	Other	Japanese Religion
340, Gelugpa / Gelug	340, Guelupa / Gelug ou Gedanpa	Buddhism	Vajrayana
341, General Church of the New Jerusalem	341, Igreja Geral da Nova Jerusalém	Christian	Other
342, Georgian Orthodox Church	342, Igreja Ortodoxa Georgiana	Christian	Eastern Orthodox
343, Gereja Kristen Protestan Simalungun	343, Gereja Kristen Protestan Simalungun	Christian	Lutheran
344, Gospel Lighthouse	344, Gospel Lighthouse	Christian	Pentecostal
345, Grail Movement	345, Movimento Graal	Other	Miscellaneous Religions
346, Great White Brotherhood	346, Grande Fraternidade Branca	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Theosophy and New Age
347, Greek Byzantine Catholic Church	347, Igreja Católica Bizantina Grega	Christian	Eastern Catholic Churches
348, Greek Catholic Church	348, Igreja Greco-Católica	Christian	Eastern Catholic Churches
349, Greek Evangelical Church	349, Igreja Evangélica Grega	Christian	Presbyterian and Reformed
350, Greek Orthodox	350, Igreja Ortodoxa	Christian	Eastern Orthodox

	Grega		
351, Guanyin Famen / Ching Hai	351, Guanyin Famen / Ching Hai	Buddhism	Mahayana
352, Gurdjieff Foundations	352, Fundação Gurdjieff	Other	Miscellaneous Religions
353, Gush Emumin	353, Gush Emumin	Jewish	Other
354, Hafizi	354, Hafizi	Islam	Shia
355, Hanafi	355, Hanafi	Islam	Sunni
356, Hanbali	356, Hambalismo (Hanbali)	Islam	Sunni
357, Haqqani Anjuman	357, Haqqani Anjuman	Islam	Sufism
358, Hardal	358, Hardal	Jewish	Orthodox Judaism
359, Hare Krishna	359, Hare Krishna	Hindu	Hare Krishna
360, Haredi burqa sect	360, Seita da Burca Haredi	Jewish	Orthodox Judaism
361, Harrist Church	361, Harrist Church	Christian	Churches of Christ
362, Hashkafa	362, Hashkafa	Jewish	Orthodox Judaism
363, Hasidic / Hasidism	363, Chassídico(a) / Hassídico(a)	Jewish	Orthodox Judaism
364, Havurah movement	364, Movimento Havurah	Jewish	Other Rabbinic
365, Haymanot	365, Haymanot	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
366, Healing Tao	366, Healing Tao	Other	Chinese Religion
367, Heathenry / Heathenism	367, Paganismo	Other	Nature Religion
368, Hebitahs	368, Hebitahs	Islam	Bohra
369, Heraka	369, Heraka	Other	Miscellaneous Religions
370, Hoa Hao Buddhism	370, Đạo Hòa Hảo (Hoahaoísmo)	Buddhism	Other
371, Holiness; Church of Holiness	371, Movimento de Santidade	Christian	Pentecostal
372, Holy Daime / Santo Daime	372, Santo Daime	Other	Etnoreligion
373, Holy Ghost Fathers	373, Congregação do Espírito Santo	Christian	Catholic
374, Holy Orthodox Church in Japan	374, Santa Igreja Ortodoxa no Japão	Christian	Eastern Orthodox
375, Honmichi	375, Honmichi	Other	Japanese Religion

376, Hoodoo	376, Hudu ou Hodu	Other	African Diaspora religion
377, Huayan or Flower Garland	377, Huayan	Buddhism	Vajrayana
378, Humanism	378, Humanismo	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Humanism
379, Humanistic Judaism	379, Judaísmo humanístico	Jewish	Other Rabbinic
380, Hungarian Greek Catholic Church	380, Igreja Católica Bizantina Húngara	Christian	Eastern Catholic Churches
381, Hurufi / Hurufism	381, Hurufismo	Islam	Sufism
382, Hutterites	382, Huteritas	Christian	Other Protestant
383, Hybrid	383, Híbrido	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Other
384, I AM (Religious Activity)	384, Movimento Eu Sou ("I AM" Activity)	Christian	Other Christian
385, I don't have any religion but I believe in the existence of God or something transcendent.	385, Não tenho religião mas acredito na existência de Deus ou em algo transcendente.	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Agnostic
386, I don't know - nothing in particular.	386, Eu não sei - nada em particular	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Agnostic
387, Ibadyya / Ibadyyah	387, Ibadismo	Islam	Khawanj
388, Idrisi	388, Idrisi	Islam	Sufism
389, Iglesia ni Cristo	389, Iglesia ni Cristo	Christian	Other Christian
390, Imje	390, Imje	Buddhism	Zen
391, Independent Bible Fellowship	391, Independent Bible Fellowship	Christian	Other Christian
392, Independent Church of Australia	392, Igreja Independente da Australia	Christian	Other Christian
393, Independent minyan	393, Minyan independente	Jewish	Other Rabbinic
394, Indigenous Religions	394, Religiões Indígenas	Other	Etnoreligion

395, Insight Meditation Society	395, Insight Meditation Society	Buddhism	Theravada
396, Interdenominational	396, Interdenominacional	Christian	Other Christian
397, International Old Catholic Bishops' Conference	397, Conferência Internacional dos Antigos Bispos Católicos	Christian	Catholic
398, International Pentecostal Holiness Church	398, Igreja Internacional Pentecostal de Santidade	Christian	Pentecostal
399, Irvingian	399, Irvingian	Christian	Catholic
400, Isma'ili / Ismaili	400, Ismaelismo	Islam	Shia
401, Isoko	401, Isoko	Other	African Ethnic Religion
402, Issawiyya	402, Issawiyya	Islam	Sufism
403, Italo-Albanian Catholic Church	403, Igreja Católica Ítalo-Albanesa	Christian	Eastern Catholic Churches
404, Itelmeni	404, Itelmens	Other	Etnoreligion
405, Izumo Ōyashirokyō	405, Izumo Ōyashirokyō	Other	Japanese Religion
406, Jafan	406, Jafan	Islam	Bohra
407, Jafri	407, Jafri	Islam	Shia
408, Ja'faris	408, Ja'faris	Islam	Shia
409, Jainism	409, Jainismo	Other	Miscellaneous Religions
410, Jamaat-e-Islami	410, Jamaat-e-Islami	Islam	Islam
411, Japan Buddhist	411, Budismo Japonês	Buddhism	Japanese Buddhism
412, Javanese Church	412, Igreja Javanesa	Christian	Presbyterian and Reformed
413, Jelveti	413, Jelveti	Islam	Sufism
414, Jerrahi	414, Jerrahi	Islam	Sufism
415, Jesuits	415, Jesuitas	Christian	Catholic
416, Jesus Centered Church	416, Igreja Centrada em Jesus	Christian	Other Protestant
417, Jeung San Do / Jeungsanism	417, Jeung San Do / Jeung Sans	Other	Miscellaneous Religions
418, Jewish Buddhist (JewBu)	418, Judeu budista	Jewish	Non-Rabbinic Judaism

419, Jewish Renewal	419, Renovação Judaica	Jewish	Other Rabbinic
420, Jewish Science	420, Ciência Judaica	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
421, Jodo-shinshu	421, Jōdo Shinshū / Budismo Shin / Budismo da Terra Pura Verdadeira	Buddhism	Mahayana
422, Jodo-shu	422, Jōdo-shū / Terra Pura	Buddhism	Mahayana
423, Johane Marange Church	423, Johane Marange Church	Christian	Other Protestant
424, John of God Movement	424, Movimento João de Deus	Other	Miscellaneous Religions
425, Jonang	425, Jonang	Buddhism	Tibetan
426, Judaism/ Jewish	426, Judaísmo	Jewish	Jewish
427, Jurema Sagrada	427, Jurema Sagrada	Other	African Diaspora religion
428, Kabbalah	428, Cabala	Other	Miscellaneous Religions
429, Kadam	429, Kadam	Buddhism	Tibetan
430, Kadampa	430, Kadampa	Buddhism	Mahayana
431, Kagyupa Tibetan Buddhism	431, Kagyü (Budismo Tibetano)	Buddhism	Tibetan
432, Kaifeng Jews	432, Judeus de Kaifeng	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
433, kalām / mutakallim	433, Ilmal calâm	Islam	Sunni
434, Kamba Cuá	434, Kamba Cuá	Other	African Diaspora religion
435, Kamba/ Akamba	435, Kamba/ Akamba	Other	African Ethnic Religion
436, Karaites	436, Caraísmo (Karaites)	Jewish	Karaites
437, Kardecist - Spiritism	437, Espiritismo Kardecista	Other	Miscellaneous Religions
438, Karma-Kagyü (Tibetan Buddhism)	438, Karma-Kagyü (budismo tibetano)	Buddhism	Tibetan
439, Karo Batak Protestant Church	439, Igreja Protestante Karo Batak	Christian	Other Protestant
440, Kejawèn / Javanism	440, Kejawèn / Javanismo	Other	Miscellaneous Religions
441, Kélé	441, Kélé	Other	African Diaspora religion
442, Ket / Ostyaks	442, Ket / Ostyaks	Other	Etnoreligion
443, Khalidiyya	443, Khalidiyya	Islam	Sufism

444, Khalwati	444, Khalwati	Islam	Sufism
445, Khanti / Khande / Kantek (Khanty)	445, Khanti / Khande / Kantek (Khanty)	Other	Etnoreligion
446, Khawarij	446, Khawarij	Islam	Muhakkima
447, Khilafat	447, Khilafat	Islam	Indian Muslimam
448, Khoekhoen/ Khoikhoi	448, Khoekhoen / Khoikhoi	Other	African Ethnic Religion
449, Khoja	449, Khoja	Islam	Shia
450, Khyentse Foundation	450, Fundação Khyentse	Buddhism	Tibetan
451, Kimbanguist	451, Kimbanguista	Christian	Other Protestant
452, Kirat Mundum / Kirati Mundum / Kiratism	452, Kirat Mundum / Kirati Mundum / Kiratismo	Other	Etnoreligion
453, Ko-Shintō	453, Ko-Shintō	Other	Japanese Religion
454, Kôdô Kyôdan	454, Kôdô Kyôdan	Other	Japanese Religion
455, Kofuku no Kagaku (Institute for Research in Human hapiness)	455, Kofuku no Kagaku (Instituto de Pesquisa da Felicidade Humana)	Other	Japanese Religion
456, Kokuchu-Kai	456, Kokuchu-Kai	Buddhism	Japanese Buddhism
457, Konkokyo	457, Konkokyo	Other	Japanese Religion
458, Korean Buddhism	458, Budismo Coreano	Buddhism	Korean
459, Korean Christian Church	459, Igreja Cristã Coreana	Christian	Presbyterian and Reformed
460, Koryaks	460, Koryaks	Other	Etnoreligion
461, Krishnamurti Foundations	461, Fundações Krishnamurti	Other	Miscellaneous Religions
462, Kubrawi / Kubrawiya	462, Kubrawi / Kubrawiya	Islam	Sufism
463, Kumfu/ Kromanti (Jamaican Maroon religion)	463, Kumfu / Kromanti (religião maroon jamaicana)	Other	African Diaspora religion
464, Kumina	464, Kumina	Other	African Diaspora religion
465, Kurozumikyô	465, Kurozumikyô	Other	Japanese Religion
466, Kwan Um School of Zen	466, Escola Zen Kwan Um	Buddhism	Zen
467, Lakota	467, Lakota	Other	Etnoreligion
468, Lam-Te	468, Lam-Te	Buddhism	Zen
469, Lao Buddhist Sangha	469, Sangha budista de Laos	Buddhism	Theravada

470, Las 21 Divisiones (Dominican Vodú/ 21 Divisions)	470, Las 21 Divisiones (Vodu dominicano / 21 Divisões)	Other	African Diaspora religion
471, Lectorium Rosicrucianum	471, Lectorium Rosicrucianum	Other	Gnosticism
472, Legion of Mary	472, Legião de Maria	Christian	Catholic
473, Lev Tahor	473, Lev Tahor	Jewish	Orthodox Judaism
474, Liberal Catholic Church	474, Igreja Católica Liberal	Christian	Catholic
475, Liberal Protestant	475, Protestante Liberal	Christian	Other Protestant
476, Light of the World Church	476, Igreja Luz do Mundo	Christian	Pentecostal
477, Lin-Chi	477, Lin-Chi	Buddhism	Zen
478, Living Church of God	478, Igreja Viva de Deus	Christian	Pentecostal
479, Lozi	479, Lozi	Other	African Ethnic Religion
480, Lugbara	480, Lugbara	Other	African Ethnic Religion
481, Luodao / Luoism / Wuweiism	481, Luodao / Luoísmo / Wuweiism	Other	Chinese Religion
482, Maasai	482, Maasai	Other	African Ethnic Religion
483, Macedonian Greek Catholic Church	483, Igreja Greco-Católica Macedónia	Christian	Eastern Catholic Churches
484, Macumba	484, Macumba	Other	African Diaspora religion
485, Madari	485, Madari	Islam	Sufism
486, Madhyamaka	486, Madhyamaka	Buddhism	Vajrayana
487, Maha Bodhi	487, Maha Bodhi	Buddhism	Other
488, Mahdavia	488, Mahdavia	Islam	Mahdi'ist
489, Mahdi'ist	489, Mahdi'ist	Islam	Mahdi'ist
490, Mai Chaza Church/City of Jehovah	490, Igreja Mai Chaza / Cidade de Jeová	Christian	Other Christian
491, Maizbhandari	491, Maizbhandari	Islam	Sufism
492, Malamati	492, Malamati	Islam	Sufism
493, Malankara Orthodox Syrian Church	493, Igreja Ortodoxa Siríaca Malankara	Christian	Oriental Orthodox
494, Maliki	494, Maliki	Islam	Sunni
495, Malikite School	495, Maliquismo	Islam	Malikite School of Islam
496, Manavta Mandir	496, Manavta Mandir	Other	Miscellaneous

			Religions
497, Manchu / Manchu Shamanism	497, Manchu / Manchu Xamanismo	Other	Chinese Religion
498, Mandaean	498, Mandeus / Mandeísmo	Other	Gnosticism
499, Mansi	499, Mansi	Other	Etnoreligion
500, Maohi Church	500, Igreja Maohi	Christian	Presbyterian and Reformed
501, Maori Religion	501, Religião Maori	Other	Etnoreligion
502, Mar Thoma Syrian Church of Malabar	502, Igreja Síria Mar Thoma de Malabar	Christian	Oriental Orthodox
503, Mara Church	503, Igreja de Mara	Christian	Other Protestant
504, Mari Native Religion / Mari Paganism	504, Religião Nativa Mari / Paganismo Mari	Other	Nature Religion
505, Maronite Church	505, Igreja Maronita	Christian	Catholic
506, Marrano	506, Marrano	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
507, Martinism	507, Martinismo	Christian	Other Christian
508, Maryknoll	508, Maryknoll	Christian	Catholic
509, Mashhadi Jews	509, Judeus Mashhadi	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
510, Mata Amritanandamayi Math	510, Mata Amritanandamayi Math	Hindu	Other
511, Maturidism	511, Maturidismo	Islam	Sunni
512, Mawlawi/ Mawlawai	512, Mawlawi / Mawlawai	Islam	Sufism
513, Mayan Traditional Religion	513, Maia / Maya - Religião Tradicional Maia	Other	Miscellaneous Religions
514, Mazdaznan	514, Mazdaznan	Other	Miscellaneous Religions
515, Mbuti / Bambuti / Pygmies	515, Mbuti / Bambuti / Pygmies	Other	African Ethnic Religion
516, Meitei / Manipuri / Kanglei	516, Meitei / Manipuri / Kanglei	Other	Etnoreligion
517, Meivazhi	517, Meivazhi	Islam	Sufism
518, Melkite Greek Catholic Church	518, Igreja Católica Grega Melquita	Christian	Eastern Catholic Churches
519, Messianic Judaism	519, Judaísmo Messiânico	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
520, Metropolitan Community Church	520, Igreja da Comunidade	Christian	Other Protestant

	Metropolitana		
521, Mevlevi	521, Mevlevi	Islam	Sufism
522, Misnagdim (Lithuanian)	522, Mitnagdim / Misnagdim	Jewish	Orthodox Judaism
523, Missionaries of Charity	523, Missionários de Caridade	Christian	Catholic
524, Missionary Church	524, Igreja Missionária	Christian	Other Protestant
525, Missione - Luigia Puparelli	525, Missione - Luigia Puparelli	Christian	Other Christian
526, Mita Congregation	526, Congregação Mita	Christian	Other Protestant
527, Mo / Moism	527, Mo / Moismo	Other	Chinese Religion
528, Molokans	528, Molokans	Christian	Other Christian
529, Monotheism	529, Monoteísmo	Other	Miscellaneous Religions
530, Montamentu	530, Montamentu	Other	African Diaspora religion
531, Moorish	531, Mouro (Moorish)	Islam	Other
532, Moshoeshoe Berean Bible Readers Church (MBBRC)	532, Moshoeshoe Berean Bible Readers Church (MBBRC)	Christian	Other Christian
533, Mother Meera (Disciples of)	533, Mãe Meera (Discípulas de)	Hindu	Other
534, Mouride brotherhood / Mouridi / al-Murīdiyyah	534, Irmandade Mouride / Mouridi / al-Murīdiyyah	Islam	Sufism
535, Movement of Spiritual Inner Awareness	535, Movimento de Consciência Espiritual Interior	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Multireligious
536, Mun / Munism / Bongthingism	536, Mun / Munismo / Bongthingism	Other	Miscellaneous Religions
537, Muridīyya	537, Muridīyya	Islam	Muridīyya
538, Musama Diseo Christo Church	538, Igreja Musama Diseo Christo	Christian	Other Christian
539, Musar movement	539, Movimento Musar	Jewish	Orthodox Judaism
540, Muslim Brotherhood	540, Irmandade muçulmana	Islam	Muslim Brotherhood
541, Musta'li	541, Musta'li	Islam	Shia
542, Mutima Walowa Wa Mukumbi	542, Mutima Walowa Wa Mukumbi	Christian	Other

543, Myal	543, Myal	Other	African Diaspora religion
544, Myôchikai Kyôdan	544, Myôchikai Kyôdan	Other	Japanese Religion
545, Mystic	545, Místico	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Mystic
546, Nagshbandiya Sufi Order	546, Ordem Sufi de Naqshbandi	Islam	Sufism
547, Najdat	547, Najdat	Islam	Muhakkima
548, Nanais	548, Nanais	Other	Etnoreligion
549, Naqshbandi	549, Naqshbandi	Islam	Sufism
550, Nara Buddhist	550, Nara Budista	Buddhism	Japanese Buddhism
551, Nation of Islam	551, Nação do Islã	Islam	Nation of Islam
552, Nation of Yahweh	552, Nação de Yahweh	Other	Miscellaneous Religions
553, Native American Church	553, Igreja Nativa Americana	Other	Miscellaneous Religions
554, Native American Religion	554, Religião Nativa Americana	Other	Etnoreligion
555, Navajo	555, Navajo	Other	Etnoreligion
556, Nazarene (Church of the Nazarene)	556, Nazareno (Igreja do Nazareno)	Christian	Other Christian
557, Nenets	557, Nenets	Other	Etnoreligion
558, Neo-Hussite	558, Neo-Hussita	Christian	Other Christian
559, Neo-Orthodoxy	559, Neo-ortodoxia	Jewish	Modern Orthodoxy
560, Neofiti	560, Neofiti	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
561, Neolog Judaism	561, Judaísmo Neologista	Jewish	Conservative Judaism
562, Neturei Karta	562, Neturei Karta	Jewish	Orthodox Judaism
563, New Acropolis	563, Nova Acrópole	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Philosophy
564, New Apostolic	564, Nova Apostólica	Christian	Other Christian
565, New Kadampa Tradition (NKT-IKBU)	565, Nova Tradição Kadampa (NKT — IKBU)	Buddhism	Vajrayana

566, New Pentecostal	566, Neopentecostal	Christian	Other Christian
567, New Testament Church of God	567, Igreja de Deus do Novo Testamento	Christian	Pentecostal
568, New Thought	568, Novo Pensamento	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	New age
569, Newar	569, Newar	Buddhism	Vajrayana
570, Nganasans	570, Nganasans	Other	Etnoreligion
571, Ngunzist Churches (Congo)	571, Igrejas Ngunzistas (Congo)	Christian	Other
572, Ni'matullāhī	572, Ni'matullāhī	Islam	Sufism
573, Nichiren Shoshu	573, Nichiren Shoshu	Buddhism	Mahayana
574, Nichiren Shu	574, Nichiren Shu	Buddhism	Mahayana
575, Nipponzan Myohoji	575, Nipponzan Myohoji	Buddhism	Mahayana
576, Nivkhs	576, Nivkhs	Other	Etnoreligion
577, Nizari	577, Nizari	Islam	Shia
578, Noahidism	578, Noahidismo	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
579, Nomiya Luo Church	579, Igreja Nomiya Luo	Christian	Other Christian
580, Noorbakshia / Nurbakshia	580, Noorbakshia / Nurbakshia	Islam	Sufism
581, Nukkar / Nukkari	581, Nukkar / Nukkari	Islam	Khawanj
582, Nuo	582, Nuo	Other	Chinese Religion
583, Nuqtavi	583, Nuqtavi	Islam	Sufism
584, Nyabinghi / Nyabingi	584, Nyabinghi / Nyabingi	Other	African Diaspora religion
585, Nyingma	585, Nyingma	Buddhism	Tibetan
586, Obeah	586, Obeah	Other	African Diaspora religion
587, Occultism	587, Ocultismo	Other	Miscellaneous Religions
588, Odinani (Igbo traditional religion)	588, Odinani (religião tradicional Igbo)	Other	African Ethnic Religion
589, Old Catholic Church of Mariavites/Catholic Church of Mariavites	589, Antiga Igreja Católica de Mariavites / Igreja Católica de Mariavites	Christian	Other Christian
590, Omolokô	590, Omolokô	Other	African Diaspora

			religion
591, Omoto	591, Omoto	Other	Japanese Religion
592, Ontakekyo	592, Ontakekyo	Other	Japanese Religion
593, Open Orthodoxy	593, Ortodoxia Aberta	Jewish	Modern Orthodoxy
594, Ordo Templi Orientis	594, Ordo Templi Orientis	Other	Miscellaneous Religions
595, Orochs	595, Orochs	Other	Etnoreligion
596, Oroks	596, Oroks	Other	Etnoreligion
597, Orthodox Presbyterian	597, Presbiteriana Ortodoxa	Christian	Presbyterian and Reformed
598, Osho Movement	598, Movimento Osho	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	New age
599, Otuho / Lotuko / Latuka	599, Otuho / Lotuko / Latuka	Other	African Ethnic Religion
600, Oveysi / Oveyssi (Uwaiysi)	600, Oveysi / Oveyssi (Uwaiysi)	Islam	Sufism
601, Paganism	601, Paganismo	Other	Miscellaneous Religions
602, Palo / Palo Monte	602, Palo / Palo Monte	Other	African Diaspora religion
603, Palo Mayombe	603, Palo Mayombe	Other	African Diaspora religion
604, Pantheist (Pantheism)	604, Panteísta (panteísmo)	Other	Pantheist (Pantheism)
605, Parsis / Parsees	605, Parsis / Parsees	Other	Miscellaneous Religions
606, Pashupata	606, Pashupata	Hindu	Shaivism / Saivism
607, Pentecostal Assemblies	607, Assembléias Pentecostais	Christian	Pentecostal
608, Pentecostal Mission Church	608, Igreja da Missão Pentecostal	Christian	Pentecostal
609, Perennialism	609, Perennialismo	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	perspective in philosophy and spirituality
610, Perfect Liberty (P.L. Kyodan)	610, Perfect Liberty (P.L. Kyodan)	Other	Japanese Religion

611, Philippine Independent Church	611, Igreja Independente das Filipinas	Christian	Other Christian
612, Pietist	612, Pietista	Christian	Lutheran
613, Pilgrim Holiness	613, Pilgrim Holiness	Christian	Pentecostal
614, Plymouth Brethren	614, Assembleias dos Irmãos (Plymouth Brethren)	Christian	Brethren
615, Polish National Catholic Church/Polish Catholic Church	615, Igreja Católica Nacional Polonesa / Igreja Católica Polonesa	Christian	Other Christian
616, Pomun Order of Korean Buddhism (Pomum-Jung)	616, Pomum-Jung - Ordem Pomun do Budismo Coreano	Buddhism	Korean
617, Priory of Sion	617, Priorado de Sião	Other	Priory of Sion
618, Pure Land Buddhism	618, Budismo Terra Pura	Buddhism	Mahayana
619, Qadiriyyah / Qadiri / Qadiriyya	619, Qadiri / Qadiriyya	Islam	Sufism
620, Qalandari	620, Qalandari	Islam	Sufism
621, Qaramita	621, Qaramita	Islam	Shia
622, Qigong / Qiang	622, Qigong / Qiang	Other	Taoism
623, Qizilbash	623, Qizilbash	Islam	Shia
624, Quanzhen	624, Quanzhen	Other	Daoism
625, Quimbanda	625, Quimbanda	Other	African Diaspora religion
626, Quraniyoo	626, Quraniyoo	Islam	Other
627, Rabbinic Judaism / Rabbinism / Rabbinicism	627, Judaísmo Rabínico / Rabbinismo / Rabinismo	Jewish	Rabbinic
628, Rada Religion	628, Rada	Other	African Diaspora religion
629, Radhasoami	629, Radhasoami	Other	Miscellaneous Religions
630, Raelian	630, Raeliano / Raelianismo	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	UFO religion
631, Rahmani	631, Rahmani	Islam	Sufism

632, Ramtha's School of Enlightenment	632, Escola de Iluminação de Ramtha	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	New age
633, Rastafari / Rastafarians	633, Rastafári / Rastafarianismo	Other	African Diaspora religion
634, Reconstructionist Judaism	634, Judaísmo reconstrucionista	Jewish	Reconstructionist
635, Reform Judaism	635, Judaísmo reformista	Jewish	Reform
636, Reform Zionism	636, Sionismo reformista	Jewish	Conservative Judaism
637, Reformed Episcopal Church	637, Igreja Episcopal Reformada	Christian	Presbyterian and Reformed
638, Reiha-no-Hikari	638, Reiha-no-Hikari	Other	Japanese Religion
639, Reiyukai	639, Reiyukai	Other	Japanese Buddhism
640, Religious Freedom	640, Liberdade Religiosa	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Religious Freedom
641, Religious Kibbutz Movement	641, Movimento dos Kibutz Religiosos	Jewish	Modern Orthodoxy
642, Religious Zionism (Datim)	642, Sionismo religioso (Datim)	Jewish	Modern Orthodoxy
643, Remonstrant Brotherhood	643, Irmandade Remonstrante	Christian	Other Protestant
644, Reorganized Church of Jesus Christ of Latter Day Saints	644, Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	Christian	Latter-day Saints
645, Rifa`i	645, Rifa`i	Islam	Sufism
646, Rigpa	646, Rigpa	Buddhism	Tibetan
647, Rimé	647, Rimé	Buddhism	Tibetan
648, Rinzai	648, Rinzai	Buddhism	Zen
649, Rissho Kosei-kai	649, Rissho Kosei-kai	Buddhism	Mahayana
650, Rodnoverý (Slavic Native Faith)	650, Rodnoverý (Fé Nativa Eslava)	Other	Etnoreligion
651, Rodzima Wiara	651, Rodzima Wiara	Other	Etnoreligion
652, Romanian Greek Catholic Church	652, Igreja Greco-Católica Romena	Christian	Eastern Catholic Churches

653, Romanian Orthodox Church	653, Igreja Ortodoxa Romena	Christian	Eastern Orthodox
654, Romuva	654, Romuva	Other	Pagan
655, Rosae Crucis	655, Rosacruz	Other	Order Rosae Crucis
656, Ruhani Satsang	656, Ruhani Satsang	Other	Hindu
657, Russian Greek Catholic Church	657, Igreja Católica Grega Russa	Christian	Eastern Catholic Churches
658, Russian Orthodox Church	658, Igreja Ortodoxa Russa	Christian	Eastern Orthodox
659, Ruthenian Greek Catholic Church	659, Igreja Greco-Católica Rutena	Christian	Eastern Catholic Churches
660, Ryukyuan / Ryukyu Shintō / Nirai Kanai Shinkō / Utaki Shinkō	660, Ryukyuan / Ryukyu Shintō / Nirai Kanai Shinkō / Utaki Shinkō	Other	Miscellaneous Religions
661, Sacred Name Churches (Yahweh Assembly; Yahwists)	661, Igrejas do Nome Sagrado (Assembléia de Yahweh); Yahwists)	Christian	Other Christian
662, Safavi	662, Safavi	Islam	Sufism
663, Sakya / Sakyapa	663, Sakya / Sakyapa	Buddhism	Tibetan
664, Salesians	664, Salesianos	Christian	Catholic
665, Salihyya	665, Salihyya	Islam	Sufism
666, Salvation Army	666, Exército da Salvação	Christian	Other Protestant
667, Samaritanism (controversial)	667, Samaritanismo (controverso)	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
668, Samoyedic	668, Samoyedic	Other	Etnoreligion
669, San	669, San	Other	African Ethnic Religion
670, Sanamahism / Meitei religion / Manipuri religion / Kanglei religion	670, Sanamahismo / Religião Meitei / Religião Manipuri / Religião Kanglei	Other	Etnoreligion
671, Sanbo Kyodan	671, Sanbo Kyodan	Buddhism	Zen
672, Sānlùn	672, Sānlùn	Buddhism	Vajrayana
673, Sansé / Sanse	673, Sansé / Sanse	Other	African Diaspora religion
674, Sant Nirankari Mission	674, Missão Sant Nirankari	Other	Other
675, Santal / Santhal	675, Santal / Santhal	Other	Etnoreligion

676, Santeria	676, Santeria	Other	African Diaspora religion
677, Santi Asoke	677, Santi Asoke	Other	Miscellaneous Religions
678, Sapta Darma	678, Sapta Darma	Other	Sapta Darma
679, Sarnaism / Sarna	679, Sarnaism / Sarna	Other	Etnoreligion
680, Sarvodaya	680, Sarvodaya	Other	Miscellaneous Religions
681, Satanism	681, Satanismo	Other	Miscellaneous Religions
682, Sathya Sai Baba Movement	682, Movimento Sathya Sai Baba	Hindu	Other
683, Satmar Hasidism	683, Satmar Hasidismo	Jewish	Hasidic / Hasidism
684, Satpanth	684, Satpanth	Islam	Shia
685, Satsana Phi / Ban Phi	685, Satsana Phi / Ban Phi	Other	Etnoreligion
686, Satsang Network	686, Satsang Network	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	New age
687, Scientology (Church of Scientology)	687, Cientologia / Igreja da Cientologia (Scientology)	Other	Miscellaneous Religions
688, Secular humanist	688, Humanista secular	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Secular humanist
689, Seicho-No-le	689, Seicho-No-le	Other	Japanese Religion
690, Sekai Kyusei Kyo (Church of World Messianity)	690, Sekai Kyusei Kyo (Igreja Messiânica Mundial)	Other	Japanese Religion
691, Self-Realization Fellowship	691, Self-Realization Fellowship	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Kriya Yoga
692, Selkup	692, Selkup	Other	Etnoreligion
693, Senussi / Senusi	693, Senussi / Sanussi	Islam	Sufism
694, Seon / Sōn Buddhism	694, Budismo Seon / Sōn	Buddhism	Mahayana
695, Sephardic	695, Sefardita	Jewish	Other

696, Sephardic Bnei Anusim	696, Bnei Anusim	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
697, Sephardic Haredim	697, Sefarditas Haredim	Jewish	Orthodox Judaism
698, Serbian Orthodox Church	698, Igreja Ortodoxa da Sérvia	Christian	Eastern Orthodox
699, Serpent Handlers	699, Manipuladores de serpentes	Christian	Pentecostal
700, Servites (Order of)	700, Servitas (Ordem de)	Christian	Catholic
701, Shadhili / Shadhiliyya / Shadhilis	701, Shadhili / Shadhiliyya / Shadhilis	Islam	Sufism
702, Shadhiliyya Sufi Order	702, Ordem Sufi Shadhiliyya	Islam	Sufism
703, Shafi'i	703, Shafi'i	Islam	Sunni
704, Shafiite	704, Shafiite	Islam	Shafiite School of Islam
705, Shakers - United Society of Believers in Christ's Second Appearing	705, Shakers - Sociedade Unida dos Crentes na Segunda Aparição de Cristo	Christian	Other Christian
706, Shaktism	706, Shaktismo	Hindu	Shaktism
707, Shamanism	707, Xamanismo	Other	Nature Religion
708, Shambhala International	708, Shambhala International	Buddhism	Tibetan
709, Shattari	709, Shattariyya	Islam	Sufism
710, Shaykhi	710, Shaykhism	Islam	Shia
711, Shiah Fatimi Ismaili Tayyibi Dawoodi Bohra	711, Shiah Fatimi Ismaili Tayyibi Dawoodi Bohra	Islam	Bohra
712, Shingon	712, Shingon	Buddhism	Vajrayana
713, Shingon Buddhism	713, Budismo Shingon	Buddhism	Vajrayana
714, Shinism / Sinism / Shindo	714, Shinismo / Sinismo / Shindo	Other	Miscellaneous Religions
715, Shinnyoen	715, Shinnyoen	Buddhism	Mahayana
716, Shinto / Shintoism	716, Xintoísmo	Other	Japanese Religion
717, Shri Ram Chandra Mission	717, Missão Shri Ram Chandra	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Yoga
718, Shugendo	718, Shugendo	Buddhism	Japanese Buddhism
719, Shugendō	719, Shugendō	Other	Japanese Religion

720, Siddha Yoga	720, Siddha Yoga	Hindu	Yoga
721, Sikhism	721, Siquismo	Other	Miscellaneous Religions
722, Silesian Evangelical Church of the Augsburg Confession	722, Igreja Evangélica da Silésia da Confissão de Augsburg	Christian	Lutheran
723, Slovak Greek Catholic Church	723, Igreja Greco-Católica Eslovaca	Christian	Eastern Catholic Churches
724, Smarta Tradition	724, Tradição Smarta	Hindu	Smartism
725, Socinianism	725, Socinianismo	Other	Miscellaneous Religions
726, Soka Gakkai International	726, Soka Gakkai International	Other	Japanese Religion
727, Soldiers of the Cross	727, Soldados da Cruz	Christian	Other Protestant
728, Something else	728, Outros	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Something else
729, Soto Zen	729, Soto Zen	Buddhism	Zen
730, Spiritism	730, Espiritismo	Other	Miscellaneous Religions
731, Spiritual Baptists	731, Batistas Espirituais	Other	African Diaspora religion
732, Spiritual Churches	732, Igrejas Espirituais	Christian	Other Christian
733, Spiritual Healing Church	733, Igreja de cura espiritual	Christian	Other Christian
734, Spiritualism / Spiritualist	734, Espiritualismo / Espiritualista	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Spiritualist
735, Spiritualist Churches	735, Igrejas espíritas	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Spiritualist
736, Śramaṇa	736, Śramaṇa	Other	Miscellaneous Religions

737, Sri Aurobindo Ashram	737, Sri Aurobindo Ashram	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Yoga
738, Sri Chinmoy Centre	738, Centro Sri Chinmoy	Other	Miscellaneous Religions
739, Stella Maris Gnostic Church	739, Igreja Gnóstica Stella Maris	Other	Gnosticism
740, Sthanakavasi	740, Sthanakavasi	Other	Miscellaneous Religions
741, Subbotniks	741, Subbotniks	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
742, Subud	742, Subud	Other	Miscellaneous Religions
743, Sudan Interior Church	743, Igreja do Interior do Sudão	Christian	Baptist
744, Sufriyyah	744, Sufris / Sufriyyah	Islam	Muhakkima
745, Suhrawardiyya / Suhrawardi	745, Suhrawardiyya / Suhrawardi	Islam	Sufism
746, Sukyo Mahikari	746, Sukyo Mahikari	Other	Japanese Religion
747, Sulawesi church	747, Igreja de Sulawesi	Christian	Presbyterian and Reformed
748, Sulaymani / Sulaimani	748, Sulaymani / Sulaimani	Islam	Bohra
749, Sülaymaniyya	749, Sülaymaniyya	Islam	Sufism
750, Süleymani	750, Süleymani	Islam	Sufism
751, Sulpicians	751, Sulpicianos	Christian	Catholic
752, Sumarah	752, Sumarah	Other	Miscellaneous Religions
753, Suwunism / Suunism	753, Suunismo	Other	Suwunism / Suunism
754, Swaminarayan	754, Swaminarayan	Hindu	Swaminarayan
755, Swedenborgian	755, Swedenborgianismo / Nova Igreja	Christian	Other Christian
756, Syncretic	756, Sincrético	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
757, Syrian Orthodox Church / Thozhiyur Sabah	757, Igreja Ortodoxa Síria / Thozhiyur Sabah	Christian	Oriental Orthodox
758, Syro Malabar Catholic	758, Igreja Católica Siro-Malabar	Christian	Catholic
759, Taliban	759, Talibā	Islam	Taliban
760, Tambor-de-Mina	760, Tambor-de-Mina	Other	African Diaspora

			religion
761, Tamil Shaivism	761, Tamil Shivaísmo	Hindu	Shaivism / Saivism
762, Tangmi	762, Tangmi	Buddhism	Vajrayana
763, Tantrism	763, Tantrismo	Hindu	Tantrism
764, Taoism	764, Taoísmo	Other	Taoism
765, Tayyibi	765, Tayyibi	Islam	Shia
766, Tendai Lotus School	766, Tendai	Buddhism	Vajrayana
767, Tengrism (Tengriism / Tengerism / Tengrianism)	767, Tengriismo	Other	Etnoreligion
768, Tenrikyo	768, Tenrikyo	Other	Japanese Religion
769, Tensho Kotai Jingukyo	769, Tensho Kotai Jingukyo	Other	Japanese Religion
770, Terapanth Svetambara	770, Svetambara Terapanth	Other	Miscellaneous Religions
771, Terecô	771, Terecô	Other	African Diaspora religion
772, Thai Forest Monks	772, Thai Forest Monks	Buddhism	Buddhism
773, Thelema	773, Thelema	Other	Miscellaneous Religions
774, Thich Nhat Hanh	774, Thich Nhat Hanh	Buddhism	Vajrayana
775, Three-Self Patriotic Movement	775, Movimento Patriótico das Três Autonomias	Christian	Other Protestant
776, Tian Dao	776, Tian Dao	Other	Chinese Religion
777, Tian Tai/ Tiantai or T'ien-t'ai /Tendai Buddhism	777, Tendai - TianTai (Budismo)	Buddhism	Theravada
778, Tijani / Tijaniyyah /Tijaniyya	778, Tijani / Tijaniyyah /Tijaniyya	Islam	Sufism
779, Tocoism / Tocoist	779, Tocoísmo / Tocoísta	Christian	Other Protestant
780, Tofalar / Karagas	780, Tofalar / Karagas	Other	Etnoreligion
781, Toraja Church	781, Toraja Church	Christian	Presbyterian and Reformed
782, Traditional Tribal	782, Tribal Tradicional	Other	Etnoreligion
783, Trinidad Orisha / Shango	783, Trinidad Orisha / Shango	Other	African Diaspora religion
784, True Buddha School	784, True Buddha School	Buddhism	Vajrayana
785, True Jesus Church	785, Verdadeira Igreja de Jesus	Christian	Other Protestant

786, Tumbuka/ Kamanga/ Batumbuka / Matumbuka	786, Tumbuka / Kamanga / Batumbuka / Matumbuka	Other	African Ethnic Religion
787, Tuvans	787, Tuvano / Tuviniano (Tuvans)	Other	Etnoreligion
788, Twelve Tribes of Israel	788, As Doze Tribos de Israel (Twelve Tribes of Israel)	Other	African Diaspora religion
789, Twelvers	789, Twelvers	Islam	Shia
790, Tzu Chi	790, Tzu Chi	Buddhism	Other
791, Udege	791, Udege	Other	Etnoreligion
792, Ukrainian Greek Catholic Church	792, Igreja Greco-Católica Ucrâniana	Christian	Eastern Catholic Churches
793, Ukrainian Orthodox	793, Igreja Ortodoxa Ucrâniana	Christian	Eastern Orthodox
794, Ulchs	794, Ulch / Olcha	Other	Etnoreligion
795, Umbanda	795, Umbanda	Other	African Diaspora religion
796, Umbandaime	796, Umbandaime	Other	African Diaspora religion
797, Unarius	797, Unarius	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	UFO religion
798, Unbelief	798, Descrentes	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Unbelief
799, União do Vegetal	799, União do Vegetal	Other	Etnoreligion
800, Unification Church	800, Igreja de Unificação	Christian	Other Christian
801, Unified Buddhist Church	801, Igreja Budista Unificada	Buddhism	Zen
802, Union of Welsh Independents	802, União dos Independentes Galeses	Christian	Presbyterian and Reformed
803, United Church of God	803, Igreja de Deus Unida	Christian	Other Christian
804, United Free Church of Scotland	804, Igreja Livre Unida da Escócia	Christian	Presbyterian and Reformed

805, United House of Prayer for All People	805, Casa de Oração Unida para Todas as Pessoas	Christian	Other Protestant
806, United Pentecostal Church International	806, Igreja Pentecostal Unida Internacional	Christian	Pentecostal
807, Uniting Church	807, Igreja Unida	Christian	Other Protestant
808, Uniting Reformed Church in South Africa	808, Uniting Reformed Church in South Africa	Christian	Presbyterian and Reformed
809, Unity Church	809, Igreja da UNIDADE	Christian	Other Christian
810, Unity School of Christianity/Association of Unity Churches	810, Escola da Unidade de Cristianismo / Associação Unidade de Cristianismo	Christian	Other Christian
811, Universal Church of the Kingdom of God	811, Igreja Universal do Reino de Deus	Christian	Pentecostal
812, Universal Faithists of Kosmon	812, Fiéis Universais de Kosmon (Universal Faithists of Kosmon)	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	New age
813, Universal Great Brotherhood	813, Grande Fraternidade Universal	Other	Universal Great Brotherhood
814, Universal Life	814, Vida Universal	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	New age
815, Universal Soul	815, Alma Universal	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	New age
816, Universalist	816, Universalista	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Universalist
817, Unorthodox	817, Não ortodoxo	Christian	Other Christian
818, Uralic Neopaganism	818, Uralic (Neopaganismo)	Other	Etnoreligion
819, URANTIA	819, Urântia / URANTIA	Other	Miscellaneous Religions

820, Ursulines	820, Ursulinas	Christian	Catholic
821, USPG - United Society Partners in the Gospel	821, USPG - Parceiros da Sociedade Unida no Evangelho	Christian	Anglican
822, Usuli	822, Usuli	Islam	Shia
823, Uwaisi	823, Uwaisi	Islam	Sufism
824, Vajrayana	824, Vajrayana	Buddhism	Vajrayana
825, Vedanta	825, Vedanta	Hindu	Ramakrishna Mission
826, Victory in Christ	826, Vitória em cristo	Christian	Other Protestant
827, Vineyard	827, Vineyard	Christian	Other Protestant
828, Vipassana	828, Vipassana	Buddhism	Theravada
829, Virasaivism	829, Virasaivism	Hindu	Virasaivism
830, Vishwa Hindu Parishad	830, Vishwa Hindu Parishad	Hindu	Vaishnavism/Vixnuism
831, Vodou	831, Vodum / vudu / vodu	Other	African Etnic Religion
832, Vodouists/ vodouisants / sèvitè	832, Vodouists/ vodouisants / sèvitè	Other	African Diaspora religion
833, Vrinda	833, Vrinda	Hindu	vrinda
834, Wahhabi / Wahbiyyah	834, Wahhabi / Wahbiyyah	Islam	Sunni
835, Waldensian	835, Valdense	Christian	Other Protestant
836, Wang Hao-te / Wang Hao Demir / Great Way of Maitreya / Maitreya Great Tao	836, Wang Hao-te / Wang Hao Demir / Grande Caminho de Maitreya	Other	Chinese Religion
837, Watchtower	837, Sociedade Torre de Vigia	Christian	Jehovah's Witnesses
838, Wesleyan	838, Wesleyano(a)	Christian	Pentecostal
839, Western Buddhist Order	839, Ordem Budista Ocidental (OBO)	Buddhism	Mahayana
840, Western esotericism	840, Esoterismo ocidental	Other	Miscellaneous Religions
841, White Brotherhood	841, Grande Fraternidade Branca	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Theosophy and New Age
842, White Eagle Lodge	842, White Eagle Lodge	Other	Miscellaneous Religions

843, White Fathers	843, Padres Brancos (Sociedade dos Missionários da África)	Christian	Catholic
844, White Plum Asanga	844, White Plum Asanga	SECULAR BELIEFS AND OTHER SPIRITUAL BELIEFS AND NO RELIGIOUS AFFILIATION	Zen
845, White Sisters/Missionary Sisters of Our Lady of Africa	845, Irmãs Brancas / Irmãs Missionárias de Nossa Senhora da África	Christian	Catholic
846, Wiccan	846, Wicca	Other	Nature Religion
847, Winti	847, Winti	Other	African Diaspora religion
848, Witchcraft	848, Bruxaria (Witchcraft)	Other	Nature Religion
849, Won	849, Won	Buddhism	Won
850, Word of Life Church	850, Igreja Palavra da Vida	Christian	Pentecostal
851, World Brotherhood Union Mevlana Supreme Foundation	851, World Brotherhood Union Mevlana Supreme Foundation	Other	Miscellaneous Religions
852, World Mission Society Church of God	852, Igreja de Deus da Sociedade Missionária Mundial	Christian	Pentecostal
853, Wuism	853, Wuísmo	Other	Chinese Religion
854, Xambá	854, Xambá (Nação Xambá)	Other	African Diaspora religion
855, Xangô	855, Xangô	Other	African Diaspora religion
856, Xiantian dao / Tiandao	856, Xiantian dao / Tiandao	Other	Chinese Religion
857, Xueta	857, Chueta / Xueta	Jewish	Non-Rabbinic Judaism
858, Yao / Yao Taoism	858, Yao / Yao Taoísmo	Other	Taoism
859, Yemenite Judaism	859, Iemenita (judaísmo)	Jewish	Orthodox Judaism
860, Yeridis	860, Yeridis / iazidis / Yazidis / êzidis / Yazdanis	Islam	Yeridis.
861, Yiguandao / I-Kuan Tao	861, I-Kuan Tao (Yiguandao)	Other	Chinese Religion
862, Yogacara	862, Yogacara	Buddhism	Vajrayana
863, Yoido Full Gospel	863, Igreja do Evangelho	Christian	Pentecostal

	Pleno de Yoido		
864, Yora / Amahuaca/ Arara / shawādawa	864, Yora / Amahuaca/ Arara / shawādawa	Other	Etnoreligion
865, Yoruba	865, Yoruba	Other	African Ethnic Religion
866, Young Israel	866, Jovem Israel (Young Israel)	Jewish	Other
867, Yup'ik / Yupik	867, Yup'ik / Yupik	Other	Etnoreligion
868, Zahedi	868, Zahedi	Islam	Sufism
869, Zaidyah / Zaydi	869, Zaidyah / Zaydi	Islam	Shia
870, Zaydites	870, Zaydites	Islam	Shia
871, Zhengyi Daoism	871, Zhengyi (Taoísmo)	Other	Taoism
872, Zhenyan	872, Zhenyan	Buddhism	Vajrayana
873, Zhong Gong	873, Zhong Gong	Other	Taoism
874, Zikri / Zikris	874, Zikri / Zikris	Islam	Mahdi'ist
875, Zion Christian Church	875, Igreja Cristã de Sião (Zion)	Christian	Other Protestant
876, Zionism	876, Sionismo (Zionism)	Jewish	Zionism
877, Zoroastrianism	877, Zoroastrismo	Other	Miscellaneous Religions
878, Zulu (Religion)	878, Zulu (Religião)	Other	Zulu Religion
879, Zwingly-Unity	879, Zwinglianismo (Zwingly-Unity)	Christian	Other Protestant